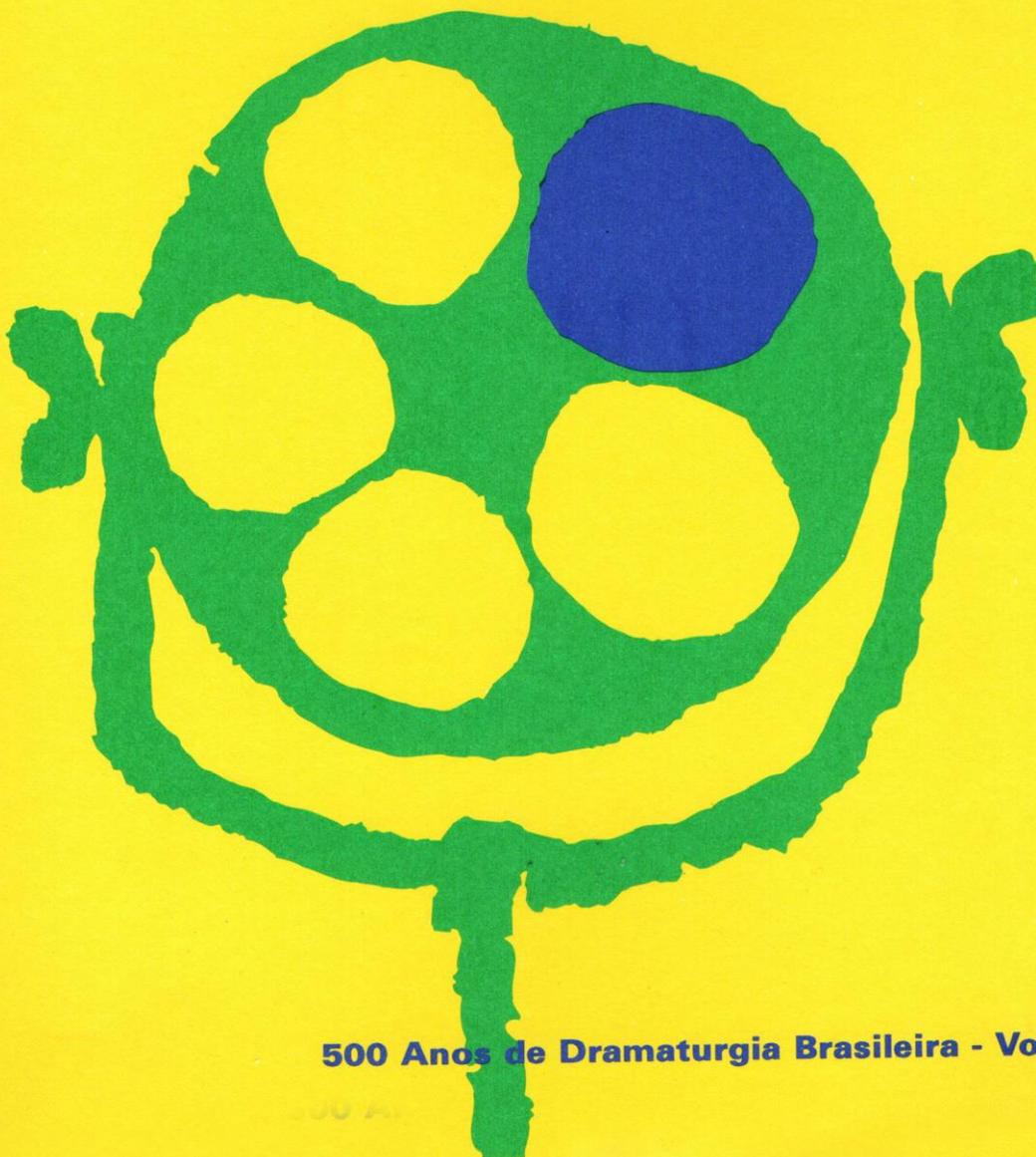


teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



500 Anos de Dramaturgia Brasileira - Vol V - Nº 27

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 4 - número 27 -Dezembro de 1999

Supervisão geral: Tatiana Belinky
Editora: Erné Vaz Fregni
Revisão: Eliana Rocha
Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos
Editoração eletrônica: Peter Kompier
Consultoria: Prof. Milton Andrade
Capa: Flávio Império (in memoriam.)
Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp
Tiragem: 7 mil exemplares
Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01108-907

Nessa emocionante viagem no tempo através da dramaturgia, nos “500 Anos de Dramaturgia Brasileira”, pouco a pouco vamos descortinando os hábitos, os valores, o jeito de ser e de falar de nossos conterrâneos no início do século... Em plena virada do milênio, estamos redescobrimo o Brasil. E, como só se ama o que se conhece, a oportunidade nos faz amar nosso país cada vez mais.

Nesta edição, você encontrará três preciosas peças daquele período: *Manhãs de sol*, de Oduvaldo Viana, representada pela primeira vez em 1921, *As noivas*, de Paulo Gonçalves, em 1923, e *Cala a boca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, em 1925.

Se Oduvaldo Viana segue por um caminho poético de uma vida idealizada com paixões juvenis e conversas caseiras no fundo do quintal durante belas manhãs de sol, em *As noivas* Paulo Gonçalves consegue adicionar romance e humor a uma das temáticas mais dramáticas do país: a migração rural provocada pela pobreza. Já Armando Gonzaga faz de seu texto cômico um reflexo das pretensões da pequena burguesia carioca e da classe menos favorecida, representada por Etelvina, a empregada espevitada.

Estas três peças têm o mérito de, embora em ligeiras pinceladas, apresentarem uma dramaturgia que começa a desprender-se do teatro europeu e antecipa o moderno teatro brasileiro.

Quem assina a *Apresentação* dos textos dessa edição é a crítica de teatro Mariângela Alves de Lima, que, desde 1972, escreve para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Como novidade, estamos apresentando na terceira capa uma lista de todas as peças publicadas na *TEATRO DA JUVENTUDE*. Solicitamos que toda e qualquer montagem dessas peças (com exceção das de domínio público) tenha a autorização do autor ou da SBAT. Veja o “Aviso Importante” no final desta edição.

Feliz ano 2000 e até a próxima.

Erné Vaz Fregni

APRESENTAÇÃO

A MORINGA E O BIBELÔ	9
Mariangela Alves de Lima	

TEXTOS

MANHÃS DE SOL	11
Oduvaldo Vianna	

AS NOIVAS	55
Paulo Gonçalves	

CALA A BOCA, ETELVINA!... ..	81
Armando Gonzaga	

A MORINGA E O BIBELÔ

Ao retratar a vida na roça, nos salões da capital, ou ainda o êxodo rural, a dramaturgia nacional da primeira metade do século precede o moderno teatro brasileiro e, embora em modestas proporções, começa a desprender-se do teatro europeu.

Mariangela Alves de Lima *

“Não foi um grande ano para o teatro falado”, escreveu o crítico e historiador carioca Mário Nunes sobre a temporada de 1925. Todas as esperanças de qualidade artística depositavam-se então sobre o teatro de prosa, porque, no Rio de Janeiro e nos centros urbanos que o espalhavam, as formas teatrais mais prestigiadas pelo público eram o teatro de variedades ou os gêneros musicais, como a revista e a burleta. Na perspectiva crítica dos que desejavam um teatro artisticamente mais ambicioso, a peça arquitetada sobre uma situação em desenvolvimento, com personagens definidas por uma relação dialógica, significava um grande avanço em relação à formalização descontínua do teatro apoiado em “números”.

É preciso portanto ponderar o meio cultural em que vicejou a dramaturgia da primeira metade do século para poder identificar nessas criações que hoje nos parecem singelas a faísca de estímulo intelectual que ofereceram aos observadores mais exigentes de sua época. Tateante na procura da expressão da vida brasileira, feita às pressas sob encomenda de donos de companhia que não distinguiam a arte do ofício, a dramaturgia que precede o moderno teatro brasileiro conseguiu, em proporção modesta, desprender-se da matriz do teatro europeu. Avança um pouco, vai além da humilde emulação e da paródia e contribui para animar as casas de espetáculo e, sobretudo, para manter no pedestal da imaginação do público grandes e cultuados intérpretes. Algumas peças resistem mais à passagem do tempo e à transformação da linguagem do espetáculo, mas, no conjunto, os dramaturgos que trabalharam vinculados a uma companhia, produzindo a toque de caixa, fabricando papéis moldados ao corpo do intérprete, foram esquecidos assim que os intérpretes que os inspiraram e comandaram foram aposentados do leme do teatro brasileiro.

Há um movimento próprio da cultura brasileira, quase uma cicatriz de origem, que a faz eliminar a

memória do que já foi para erigir o novo sobre escombros. Pois é possível que, reexaminada, rediscutida e, sobretudo, veiculada sob a forma de novas edições, essa copiosa produção das três primeiras décadas do século revele às novas gerações de artistas qualidades suficientes para estimular novas encenações. Mesmo nas peças em que o valor artístico é um resíduo mínimo, resta o testemunho, o documento social e histórico, registrando uma forma de ver o mundo e de atribuir-lhe sentido.

Exemplarmente, duas das peças que aqui se republicam, encarnam uma e outra possibilidade. A peça de Paulo Gonçalves⁽¹⁾, autor cuja vida breve não lhe permitiu ser mais do que uma promessa aos olhos de seus contemporâneos, tem um equilíbrio nos seus elementos de composição que a torna compatível com a concepção contemporânea de um teatro em que todas as personagens se somam para compor uma unidade imagética. Quanto à comédia de Armando Gonzaga⁽²⁾, simples elo de uma linha de montagem na obra de um dramaturgo que escreveu mais de cinquenta peças, vale pela comprovação de uma forma persistente e útil de estruturar o texto, pelo que tem informativo sobre a simbiose entre ator e autor. Mas vale também pela visão de mundo que nos apresenta, uma espécie de sociologia sumária da classe média urbana. Ambas as peças indicam que, no mesmo período e sob as mesmas condições de produção, conviveram atitudes autorais quase opostas, como a elevação do texto dramático à categoria de experiência estética e sua eficiente acomodação à função de objeto lúdico. Não foi um bloco, não foi uma só coisa a dramaturgia brasileira antes da indiscutível genialidade de Nelson Rodrigues. Talvez valha a pena reexaminá-la sob a ótica de uma outra visão do espetáculo.

Em *As noivas*, por exemplo, o crítico Sábado Magaldi já havia reconhecido, em 1962, uma espécie de parentesco espiritual com a dramaturgia de Tchecov. De fato, a peça, denominada pelo autor de “comédia

romântica”, tem pequenos laivos de comicidade, que mais convidam ao sorriso do que ao riso, e um débito insignificante aos corolários românticos, porque os sentimentos que a animam não têm o pulso e a velocidade dos impulsos românticos. Em vez da turbulência e da desordem progressiva, a peça acompanha, com uma lentidão inusitada para o ativismo do teatro da época, o lento desmoronar das esperanças de uma família de pequenos fazendeiros, dos seus vizinhos e agregados.

Na primeira cena, temos uma situação de equilíbrio e harmonia cênicos. Três moças rendeiras declamam, à guisa de prólogo, mas enquanto desempenham ações cotidianas, um poema sobre princesas e trovadores, tal como os que ainda sobrevivem no cancionário popular nordestino. Figuras expectantes, essas jovens do interior do Piauí aguardarão os noivos que foram para São Paulo em busca de um meio de sobrevivência. A partida iminente de dois moços (um dos noivos já foi) mescla a esse retrato idílico da vida rural um tom de tristeza. É simplesmente uma rotina sair do seu lugar para tentar sobreviver, porque, como diz o fazendeiro Silvestre: “Aqui não há recursos para que um rapaz desses se case. Aqui também se trabalha, mas para ganhar dinheiro!!!”

Outros autores, como Gastão Tojeiro e Oduvaldo Vianna, tratariam da vida campestre com um tom mais otimista e com o mesmo carinho com que a reveste Paulo Gonçalves. O alpendre da fazenda, a moringa de barro, o relato da lida com os bois têm inúmeras analogias na dramaturgia brasileira dos anos posteriores, porque na vida rural parecem persistir a pureza de coração e a beleza da tranquilidade.

“Havia sol, havia manhãs naquele tempo!” Com essa galante exclamação introdutória em que se mesclam saudade e ironia, o crítico Décio de Almeida Prado comentava, em 1966, uma encenação de *Manhãs de sol*, de Oduvaldo Viana⁽³⁾, dirigida por Osmar Rodrigues Cruz. Ponderava em seguida as profundas transformações do país e da estética teatral desde a estréia da peça em 1921. Fazendo uma leitura insuperável dessa peça, que foi, a seu tempo, desprezioso entretenimento, o crítico ressalta a acuidade de Oduvaldo Viana para registrar “a nossa conversinha caseira e familiar de fundo de quintal, intraduzível para o estrangeiro, uma brincadeira perpétua em que nunca ninguém está realmente falando a sério.”

Como o fizeram outros dramaturgos de sua época, inclusive Armando Gonzaga, Oduvaldo Viana

confere ao universo agrário a pátina de um espaço poético. Prestes a tornar-se passado, na medida em que a economia agrária será suplantada pela atividade econômica industrial, o mundo rural transmuda-se também nos seus valores. *Manhãs de sol* é escrita nesse momento de transição, e sentimos na sua delicada atenção ao fato corriqueiro o suspiro da saudade.

Entretanto, esse espaço idealizado guarda lugar para uma espécie de realismo que é a captação da língua falada. Oduvaldo Viana escreveu peças “paulistas” e “cariocas”, ou seja, observou a conformação lingüística e os hábitos dos lugares onde ambientou as tramas. Há nas suas peças o sabor, o efeito estético de vocábulos e usos gramaticais expurgados da língua escrita. A fala caipira reproduzida nesta peça é o modo como a literatura dramática abre-se (como já fizera a literatura naturalista) para a diversidade geográfica e cultural do país.

Mudaram muito a língua e os hábitos familiares. Pouco a pouco, o diferente torna-se o mesmo sob o efeito dos meios de comunicação de massa. No entanto, a relação amena com a natureza e a mansidão da convivência que esta peça retrata são, mais do que nunca, projeções ideais da vida contemporânea.

Enquanto isso, em Paulo Gonçalves se percebe o êxodo rural como um movimento irreversível e destrutivo. Está presente o elemento dramático, de significado social, da migração provocada pela pobreza. Há na peça a antevisão de uma perda cultural e ética. Antes mesmo que as jovens esposas partam, acompanhando os maridos em busca de oportunidades de sobrevivência, um deles adverte: “Você não vá me soltar esse ‘vexada’ lá no sul! Isso é preguiça de falar”. No sul, serão, à força, civilizadas. Serão outras.

Escrita em meio à resistência do movimento simbolista, *As noivas* tem uma formalização incomum no sistema textual do período. A lentidão das conversas, o gosto pelos símbolos, como as rendas e o vaga-lume que entra em cena no segundo ato, e a abertura poética, com sua referência à fábula do trovador e da princesa, são indícios de que a ação dramática não depende de incidentes, mas do estado de espírito das personagens.

Dois anos separam a representação de *As noivas* (1923) da estréia de *Cala a boca, Etevínia!* em 1925. A peça de Armando Gonzaga é, contudo, filiada a uma tradição cômica mais antiga e mais recorrente no sistema textual do período. Sua fonte é o *vaudeville*

francês, pautado pelo quíproquó, pela velocidade do ritmo e pela graça injetada nos diálogos. Sem nenhuma pretensão de originalidade, o comediógrafo utiliza uma estrutura convencional e capta, através dela e quase como um acidente de percurso, certos traços peculiares do comportamento de uma família de pequenos burgueses.

É a linguagem das personagens, diferindo de acordo com sua posição na escala social, que localiza o texto na cultura brasileira. Alçada temporariamente à condição de patroa, a criada Etelvina expressa-se através de uma torrente de vocábulos desconhecidos para os que não saem da sala de estar. Sua origem de classe é definida, mais do que pelo comportamento, pela sintaxe e pelo vocabulário. “A Etelvina fala de um jeito que a gente quase não entende”, queixa-se o velho tio.

Na tradição cômica ocidental, sintetizada pela criação de Sganarello, cabe ao criado manifestar sem pudor o desejo de satisfação física. As agruras do espírito são luxos da abundância. Fiel a essa tradição, Etelvina deseja boa comida, belos vestidos e uma polpuda gratificação.

A criadinha de Armando Gonzaga não é, contudo, submissa à nobreza ou à alta burguesia. Está dentro do universo da classe média carioca, no qual os padrões também vivem a perigo e são, pode-se dizer, farinha do mesmo saco.

Na sua relativa liberdade de criatura espontânea diante de uma chance imprevista, a criada não faz mais do que reproduzir, com nitidez, os valores e a situação dos seus empregadores. Todos mentem para agradar a amigos e familiares e para obter, no futuro, alguma vantagem financeira. Etelvina é, talvez, um pouco mais desfrutável, porque goza de uma liberdade amorosa maior. Podemos vê-la em cena aos beijos e abraços com seu noivo jardineiro. Quando o pai da patroa e um hóspede a cortejam, não há sinais de indignação moral. Parece lícito e previsível avançar sobre as criadas.

Sem dúvida, a espevitada Etelvina é o grande papel da peça, e foi representada com enorme sucesso pela atriz Ítala Ferreira. Tendo a dramaturgia como profissão, Armando Gonzaga escrevia objetivando não só a vivacidade da trama, mas também a relevância dos papéis e sua adequação aos intérpretes.

Escrever papéis não é a mesma coisa que conceber personagens, e os atributos físicos e técnicos do ator são orientações para a feitura do texto. É assim que o papel de Libório, interpretado por Procópio Ferreira,

é estruturado para funcionar como o condutor da trama. Cabe-lhe conceber e controlar a tramóia, esforçando-se ao máximo para minimizar o efeito do imprevisível e a expansividade da criada. É um papel para Procópio, porque, como observa Décio de Almeida Prado, ele é um ator desprovido da beleza convencional das suas personagens.

Para avaliar a ascendência do intérprete sobre o dramaturgo, basta lembrar que o dono da companhia sentia-se no direito de rescrever o texto, suprimindo personagens ou falas quando fosse conveniente fazer versões mais compactas ou contratar novos atores.

E é exatamente pela sua falta de ambição artística, pela sua absoluta subordinação às condições de produção do teatro da sua época, que *Cala a boca, Etelvina!* é uma peça de inegável valor documental. Testemunha uma despreocupação social impensável a partir dos anos 40. Assim que se vê no centro do poder doméstico, Etelvina aplica à criada que a substitui um tratamento um pouco menos delicado do que o que lhe aplicava sua patroa: “Não fiz nada demais. A Maria saiu fora da linha e eu sapequei-lhe o braço... Foi só isso”. Na sala de visitas da pequena burguesia carioca vive ainda, como um espectro do século XIX, o ânimo escravagista. É o realismo insinuando-se entre os bibelôs da comédia de salão.

Notas

(1) *Paulo Gonçalves* (Santos, SP 1897 - idem 1927). Escritor, poeta e autor de teatro, escreveu três peças em prosa e cinco em verso. Foi representado, em vida, por intérpretes prestigiados pelo público e pela crítica. A *Companhia Iracema de Alencar* e a *Companhia Abigail Maia* representaram duas de suas peças.

(2) *Armando Gonzaga* (Rio de Janeiro, RJ 1889 - Niterói, RJ 1954). Dramaturgo, escreveu mais de 50 comédias de costumes para as mais importantes companhias brasileiras. Fez imenso sucesso até o final da década de 30 e exercitou quase todas as variações do cômico: comédias em um ato, cenas cômicas, burletas e comédias em três atos. A mais conhecida é *Cala a boca, Etelvina!* (1925).

(3) *Oduvaldo Viana* (São Paulo, SP 1892 - Rio de Janeiro, RJ 1973). Dramaturgo, cineasta e radialista. Escreveu operetas, teatro de revista, comédias e mais de 100 radionovelas. Um dos mais bem-sucedidos dramaturgos de seu tempo, foi encenado pelas companhias de *Procópio Ferreira* e *Dulcina de Moraes*. Autor de *Vendedor de ilusão* (1930), *Amor* (1933), *Feitiço* (1938), foi um dos fundadores da *Rádio Panamericana* e diretor da *Rádio São Paulo* e da *Rádio Difusora de São Paulo*.

* *Mariângela Alves de Lima* é crítica de teatro do jornal *O Estado de S. Paulo* desde 1972. Foi pesquisadora da Divisão de Pesquisa do Centro Cultural São Paulo (IDART) e da Fundação Nacional de Artes Cênicas.

MANHÃS DE SOL

COMÉDIA EM TRÊS ATOS
Oduvaldo Vianna

PERSONAGENS:

Leonor
Irmã Gabriela
Sinhá
Pequitota
Nhanhã
Renato
Mestre Domingos
Chiquinho
Dr. Álvaro de Alencar
Nitinho Franco
Firmino
Zezé
Criada
Criado
Filha mais velha
Filha mais nova

PRIMEIRO ATO

(Estamos em Guararema, uma vila no interior de São Paulo, que arrasta a sua pasmaceira por entre as águas caudalosas do Paraíba e o atraso rotineiro dos habitantes. A cena representa um quintal. O muro, praticável, parte de um forno de tijolos e, da esquerda baixa, vai até a esquerda alta, onde, formando um ângulo reto, se estendo por todo o fundo, para terminar na direita alta, confinando com os fundos da casinha roceira que toma toda a direita alta. Na esquerda média, logo depois do forno, um portãozinho de ripas que dá para a horta e o galinheiro. Ao fundo médio, um portão mais largo, de madeira maciça, bem no meio do muro, abrindo-se para uma pequena passagem, de onde sai um escada que sobe para a porta de uma casa mais alta, praticável, que se abre para a cena. Perspectiva de outras casas iguais. À direita, a casinha de porta (direita baixa) e janela (direita média). Dois degraus toscos, de tijolo, praticáveis. No meio da cena, um poço, com balde, corda e enroladeira. Um caixão à guisa de banco. Os galos anunciam o dia que começa a surgir. Mugidos longínquos...

Sobe o pano. Nhanhã, a dona da casa, aparece. É uma velha cheia de banhas, de nervos e de fé nos padres. Está indignada. É que as filhas, Sinhá e Pequitota, acordaram tarde. Ela entra da esquerda média, da horta, com o avental cheio de verduras. Coloca-se no poço. Vai ao forno. Abre-o, espia. Apesar da enxúndia, ela anda depressa, fala depressa, autoritária e decidida. Fecha

novamente o forno e grita, fortemente, chamando em direção à casa da direita.

NHANHÃ

Sinhá! Pequitota! *(Ligeira pausa, que ela aproveita para apanhar uma pá de cabo comprido e um tabuleiro de madeira encostado ao poço.)* Sinhá! Pequitota! *(Outra pausa. Ela dirige-se novamente ao forno. Abre-o e tira com a pá o primeiro pão, que joga no tabuleiro, a seus pés.)* Sinhá! Pequitota! *(Enfia de novo a pá no forno, enquanto continua a chamar, cada vez mais alto.)* Sinhá! Pequitota! *(Vira o segundo pão. Segura-o, queima as mãos. Apanha-o com o avental. A dor da queimadura aumenta-lhe a raiva e os gritos que se tornam estridentes, repetidos, terminando em falsetes desesperados.)* Sinhá! Pequitota! Sinhá! Pequitota! Sinhá! Pequitotaaaaaa! *(Abre-se a porta da casinha da D. Assomam por ela duas carinhas assustadas: as de Sinhá e Pequitota. Ambas usam tranças, vestidinhos simples de mocinhas do interior. Estão atônitas. Sinhá vem com um pé descalço, outro calçado, abotoando ainda o vestido. Pequitota entra de meias, com os sapatos nas mãos, a cabeça cheia de papelotes.)*

SINHÁ E PEQUITOTA

(À porta) Senhora, mamãe!

NHANHÃ

(Porém, não pára de chamar pelas filhas. Colérica, vermelha, a ponto de estourar, grita até perder o fôlego.) Sinhá! Pequitota! Sinháaaaa! Pequitotaaaaa!

SINHÁ

(Enquanto Pequitota, atarantada, senta-se no topo da escada e calça os sapatos) Já estou aqui, mamãe!

NHANHÃ

(Arremedando-lhe a maneira molenga de falar) Já estou aqui, mamãe! (Numa rebentina de bilis acumulada) Pamonha! Mosca-morta! (Sinhá desata a chorar. É um pranto sincero, mas demasiado infantil para os seus dezoito anos.) Pronto! Derreteu a manteiga! Songamongas! Sabem que o trem passa pouco depois das cinco e levam não sei quantas horas para se vestirem! Princesas! Rainhas de Sabá! Vênus de Milo! Estrelas de cinema! (Ordenando num tom que não admite réplica) Vamos: lavem esses focinhos!

SINHÁ

(Chorando mais alto) Ahn!... Ahn!... Vamos, Pequitota, lavar os nossos focinhos.
(As duas deixam cair o balde dentro do poço, retirando-o cheio de água, que despejam numa bacia de ágata. Lavam os rostos enquanto Nanhã, vociferando coisas que só ela entende, continua a retirar o pão do forno. O sol, muito claro, surge de todo. Sinhá soluça ainda. Da casa do fundo, um solo de violoncelo envolve a cena. Nanhã, sem se deter no seu trabalho, emenda ao seu resanfoninar, entre indignada e irônica.)

NHANHÃ

Mais um músico para o concerto! É o moço triste do rabeção. E se o outro maluco não estivesse dormindo, teríamos também uma rabequinha às cinco horas da manhã! Uma beleza! (Dirigindo-se com o tabuleiro de pão para a D.) Desgraçados que não têm nada que fazer! (Já no topo da pequena escada, voltando-se para as filhas) E vocês andem com isso, ouviram? Quero só que o trem chegue e vocês ainda estejam aí, esfregando as fuças, para ver!

SINHÁ

(Ofendida com "as fuças", desata, novamente, o pranto) Ahn! Ahn! Ahn!...

NHANHÃ

(Arfando de raiva e de cansaço de falar tanto e tão depressa, sai, arrebatadamente, pela casinha da D., batendo a porta com estrondo. Sinhá, de soslaio, olha para a porta. Limpa os olhos. Vai, depois, à D., põe a língua de fora, num desabafo natural, num "Ahn!"... desafortado, ao mesmo tempo que Renato, rapazelho quase imberbe, assoma à porta da casa do fundo, de roupão de banho e saboneteira em punho. Traz os cabelos em desalinho como quem acaba de levantar-se. Espreguiça-se. Começa a descer a escada.)

PEQUITOTA

Cuidado! Ela já foi? (Renato pára no meio da escada e faz-se espectador do que se passa no quintal vizinho.)

SINHÁ

Foi. Um dia eu não sei não! Pego um revólver, ponho no ouvido e...

RENATO

(Imitando um tiro) Pum!...

SINHÁ

(Assustando-se, corre, abraçando-se a Pequitota.) Jesus!

RENATO

(Numa gargalhada ruidosa, de perder o fôlego) Ah! ah! ah! ah!

SINHÁ

(Voltando, a medo, os olhos para o fundo e, vendo Renato, desata a chorar.) Ahn! ahn! ahn!

PEQUITOTA

(Refeita do susto) Não chore, boba. É isso mesmo que ele quer!

SINHÁ

(Recortando a frase de soluços) Que-susto-que-ele-me-pregooooou!...

RENATO

(Imitando-a) Que-susto-que-ele-me-pregooooou!...

PEQUITOTA

(Entre zangada e sorridente) Seu Renato!

SINHÁ

(Limpando os olhos e esboçando um sorriso de disfarçada simpatia, formula uma pergunta um tanto forçada, no intuito ingênuo de puxar conversa.) O doutor Álvaro já se levantou, não já?

PEQUITOTA

(Respondendo à irmã) Já. Você não ouviu o rabeção?

RENATO

Rabeção o seu nariz! Violoncelo. (Pequitota cora.) Desculpe. Estou brincando. (Fixando o olhar nas duas, que acabam de enxugar o rosto) Vocês vão a alguma festa hoje?

SINHÁ E PEQUITOTA

(De costas para Renato, retorcendo a toalha e o corpo) Não, senhor.

RENATO

Ah! Vão fazer a primeira comunhão?

SINHÁ E PEQUITOTA

Não, senhor.

SINHÁ

(Curiosa, olhando-o de soslaio) Por quê, seu Renato, por quê, heim?

RENATO

Estão lavando a cara... (Ri ruidosamente.)

SINHÁ

(Fazendo cara de choro) Ah! Também!...

PEQUITOTA

Boba, é isso mesmo que ele quer!

RENATO

É mesmo! Você fica bonitinha quando chora!... (Descendo mais dois degraus) Mas aonde é que vocês vão a estas horas?

PEQUITOTA

Vamos à estação esperar uma tia.

SINHÁ

À tia Gabriela.

PEQUITOTA

Irmã de mamãe.

RENATO

Irmã de caridade e irmã de sua mãe?! Bem se diz que os extremos se tocam... (Uma galinha cacareja.)

SINHÁ

Foi a minha carijó! Vou buscar o ovo. (Sai a correr pela E. M.)

PEQUITOTA

(Para a irmã que sai) Não se demore. Olhe mamãe!

SINHÁ

(De dentro) Já vou!

RENATO*(Em tom de burla)* Essa tia Gabriela é bonita como o resto da família?**PEQUITOTA***(Sempre ingênua)* Não sei. Faz seis anos que não vejo ela.**RENATO**

Ela mora longe daqui?

PEQUITOTA

Muito!...

RENATO

Na China?

PEQUITOTA

Mais longe! No Rio de Janeiro!... O senhor também mora lá, não mora?

RENATO

Moro.

PEQUITOTA

E não conhece a tia Gabriela!?

RENATO

Muito!...

PEQUITOTA

E a Leonor também?

RENATO

A Leonor nem se fala!...

PEQUITOTA

É nossa prima. Tem dezessete anos. Quando saiu daqui tinha oito. Ela lhe falava de nós?

RENATO

Falava. Todos os domingos à tarde, sentados num banquinho do jardim público da Rua do Ouvidor, íamos ouvir a banda de música local no coreto da esquina da Rua da Carioca com a Avenida Atlântica...

PEQUITOTA

É?

RENATO

É. E ela então falava muito de vocês todos! Ela chega, também, hoje?

PEQUITOTA

Chega.

SINHÁ*(Entrando, a saltar como uma cabrita)* Olhe o ovo! Olhe o ovo! Está quentinho ainda!... *(Encosta-o no rosto de Pequitota.)* Veja!**RENATO**

Se eu pedisse esse ovo, vocês me davam?

SINHÁ E PEQUITOTA*(Com dengue)* Não.**RENATO**

É receita médica...

SINHÁ E PEQUITOTA

Não...

RENATO

Por quê?

SINHÁ

Peça pra Ester...

RENATO

Está com ciúme? Eu não gosto dela...

SINHÁ*(Com esperança de uma declaração, cada vez mais**dengosa)* De quem é que o senhor gosta, então? Quem o senhor prefere?**RENATO**

Entre você e a Ester, prefiro...

SINHÁ*(Não cabendo em si)* Prefere?**RENATO**

Prefiro... o ovo.

SINHÁ*(Num muxoxo)* Ah! *(Renato ri. A pequena, com raiva, arremessa o ovo no chão.)***NHANHÁ***(Que assoma à porta)* Que é isso, menina? *(Renato desce, a correr, a escada. As duas pequenas, atônitas, não sabem o que fazer. Nanhã avança para elas, que correm, as mãos levantadas em forma de defesa.)* Suas assanhadas! Sapecas! Quebrando ovos e conversando com esse tringalhadas e o trem que fique à espera!**SINHÁ E PEQUITOTA***(Quase que simultaneamente)* Não, mamãe, não! Eu não faço mais! Não! *(Álvaro chega à janela da casa do F. D. É um rapaz de vinte e alguns anos, de fisionomia tristonha, mas atraente. A gritaria continua.)***SINHÁ**

Mamãe, não me bata!

PEQUITOTANão faço mais, juro. *(Beija os dedos em cruz.)***NHANHÁ***(Feroz, cercando as filhas, no intuito de bater-lhes)* Sim, vocês dizem sempre isso e não se emendam! Sapecas! Vão acabar de aprontar-se e zarpem para a estação, vamos! *(As duas pequenas, esgueirando-se, conseguem escapar à fúria da velha e entram para a casa da D., gritando e chorando. Nanhã vocifera, ainda, alguns desaforos.)* Sapecas! Assanhadas! *(E vai perseguir as filhas. Chegando à porta, porém, muda de idéia, e volta-se, olhando através do muro, à procura de alguém.)* Chiquinho! Ó Chiquinho! *(Pausa. Ela desespera-se novamente.)* Isto é de deixar uma criatura maluca! *(Chama outra vez, aos gritos.)* Ó Chiquinho dos quintos! Ó Chiquinho do diabo!**CHIQUINHO***(Fora de cena, da E. M.)* Senhora! Senhoraaa!**NHANHÁ**

Vem cá, condenado!

CHIQUINHO*(Entrando pela E. M.)* Já estou aqui, siá Nanhã! *(Chiquinho é um rapazinho do local, peão e cria da casa. Miúdo, de gestos rápidos, olhar vivo e resposta pronta, seria um verdadeiro diabrete se as pancadas não o fizessem adotar, de quando em quando, atitudes de anjo.)***NHANHÁ***(Sempre rápida, nervosa e alterada)* Onde é que você estava metido?**CHIQUINHO**

Eu estava no...

NHANHÁ

Não quero respostas! Cala a boca, peste! Vá ali à venda de nhô Nito Branco e veja quantas horas são. Depressa!

CHIQUINHO*(Saindo como uma bala)* Sim, sinhó!**NHANHÃ**

Venha cá, condenado!

CHIQUINHO*(Voltando)* Sim, sinhó!**NHANHÃ**

Veja se ele sabe a hora certa do trem chegar.

CHIQUINHOSim, sinhó... *(Nova saída.)***NHANHÃ**

Espere, bandido!

CHIQUINHO*(Voltando)* Sim, sinhó!**NHANHÃ**Se *O Estado de São Paulo* já tiver chegado, que me empreste um instantinho.**CHIQUINHO**Sim, sinhó. *(Sai, novamente, como um pé-de-vento.)***NHANHÃ***(Sempre no topo da escada)* Um pé lá, outro cá. Depressa! Depressa! *(Entra para a casa, resmungando.)* Vagabundo que não serve pra nada!... *(Pausa rápida. A medo, entreabre-se o portão do fundo. Chiquinho entra, cauteloso. Espreita, corre à porta da direita. Cerra os punhos trêmulos de raiva, agita-os no ar, numa ameaça.)***CHIQUINHO**

Jararaca!

ÁLVARO*(Da janela, chama-o.)* Chiquinho! *(O peãozinho assustase. Volta-se rápido, num "ai" angustioso, e cai sentado no chão.)* Sou eu!**CHIQUINHO***(Volta a cabeça, vê Álvaro.)* Que susto! *(Leva as mãos ao coração, que quer saltar-lhe do peito, e desata a rir, sem fôlego, numa crise de nervos.)***ÁLVARO**

Que tens?

CHIQUINHO

Nervoso. O senhor me pregou um susto!...

ÁLVARO

Desculpe, não foi minha intenção. Queria só poupar-lhe o trabalho da caminhada. Tenho horas certas e sei o horário do trem.

RENATO*(Aparecendo na escada, de volta do banho)* Onde estão os ovos?**CHIQUINHO***(Levantando-se, assustadíssimo)* Grite mais baixo, seu Renato, grite mais baixo! Não me comprometa!**RENATO**

Ou me dá os ovos frescos ou o dinheiro que lhe dei ontem!

NHANHÃ*(De dentro)* Chiquinho! Ó Chiquinho!**CHIQUINHO***(Atarantadíssimo)* Ih, meu Deus! Me veja a hora, seu Álvaro.**ÁLVARO***(Consultando o relógio de pulso)* Cinco e trinta e oito.**CHIQUINHO**

É a que hora o trem chega?

ÁLVARO

Às cinco e quarenta e dois.

CHIQUINHO*(Levando as mãos a cabeça)* E *O Estado de São Paulo*, meu Deus!**NHANHÃ***(De dentro)* Chiquinho! Ó Chiquinho! *(O rapazelho, como um doido, precipita-se pelo portão do fundo. Ela chega à porta.)* Chiquinho! Chiquinho!**CHIQUINHO***(Abrindo o portão novamente e entrando, com a língua de fora, como se tivesse ido e voltado numa carreira só)* Pronto, siá Nhanhã! Estou que não posso nem falá. *(Noutro tom)* São cinco e trinta e oito.**NHANHÃ**

E o trem?

CHIQUINHO*(Olhando para a janela, onde os rapazes, a sorrir, assistem à cena e agora tentam ajudá-lo, fazendo-lhe sinais com os dedos)* O trem... o trem... O trem passa às cinco... às cinco e... e... *(Compreendendo mal os sinais)* Às cinco e vinte.**NHANHÃ**

Então já passou?

CHIQUINHO

Passou...

NHANHÃ*(Alçando os punhos)* Ah!**CHIQUINHO**Não, não passou. *(Compreendendo, enfim, os sinais)* Passa às cinco e quarenta e dois.**NHANHÃ**

É o jornal?

CHIQUINHO

O jornal?! Pois é... Ah! Nhô Nito mandô dizê que a casa não empresta mais jorná. Quem quisê lê que compre!

NHANHÃ*(Como uma fúria, descendo as escadas com a intenção de ir tomar satisfações do vendeiro)* Ele disse isso? Vou lá e ele... *(Ouve-se o apito do trem.)***ÁLVARO, RENATO E CHIQUINHO***(Os dois primeiros para salvar o último e este por instinto de conservação)* O trem!**NHANHÃ***(Retrocedendo, grita, dirigindo-se para a casa.)* Sinhá! Pequitota! Já estão prontas? *(Sai pela D. e sua voz se perde.)* Pamonhas! Moscas-mortas! Depressa!**RENATO**

Se você não me trouxe os ovos conto tudo já!

CHIQUINHO

Levo uma dúzia!

RENATO

Quero duas!

CHIQUINHO

Levo três!

NHANHÃ*(Cuja voz vem se aproximando de dentro, de mistura com o choro de Sinhá)* Pamonhas! Depressa! Depressa! *(Empurra as pequenas.)* Se chegarem tarde, vão ver!

SINHÁ

(Acabando de vestir um casaco muito curto, sempre a chorar) Ahnnnn! Anda depressa, Pequitota!

PEQUITOTA

(Terminando de ajeitar um xale) Anda você, sua molenga! (Sinhá chora mais alto.) Manteiga! (Saem pelo F. Ouvem-se os soluços da pequena. Nhanhã, que empurrou as filhas até o portão, volta à porta. Ouvem-se os guizos dos cavalos de um trole, que se põe em movimento. A velha lembra-se de algo e grita muito alto.)

NHANHÃ

Chiquinho!

CHIQUINHO

(Junto dela) Sinhá!

NHANHÃ

Que faz aí, condenado? Corra atrás do trole e vá com elas para trazer as malas! (Chiquinho sai a correr pelo fundo. Ela fica à porta, como quem acompanha com os olhos o trole que se perde na distância e a carreira de Chiquinho para alcançá-lo.)

RENATO

(Depois de olhar, ora para o trole, ora para a velha, com amabilidade exagerada) Bons dias.

NHANHÃ

(Asperamente, tirando a mão que levava aos olhos à guisa de viseira) Bons dias. (E como Renato continua a fitá-la) Deseja alguma coisa?

RENATO

Desejo expressar-lhe a nossa grande admiração pela sua infinita bondade em agüentar esse moleque... (Refere-se ao Chiquinho.)

NHANHÃ

(Sensibilizada) Ó, muito obrigada. (A Álvaro) O senhor está passando melhor?

ÁLVARO

Não tenho tossido tanto...

RENATO

(Depois de pequena pausa) Por que a senhora não mata, de uma vez, o Chiquinho?

NHANHÃ

(Rindo) Ele bem merece. É uma peste! É um mal-agrado. (Como quem conta um benefício feito) Tirei-o do juiz de órfãos!...

RENATO

(Fingindo estupefação) É?! (Olha para Álvaro) Que ingrato!

NHANHÃ

(Animada, valorizando o que diz) Há dez anos! Era deste tamanho! Criei-o!

RENATO

(A Álvaro) Que coração!

NHANHÃ

Mas não se pode ser caridosa neste mundo! O senhor vê o que ele me faz?

RENATO

Vejo, indignado! Vejo todos os dias esse bandido bater desapidadamente com a cara nas mãos da senhora!

NHANHÃ

Heim?! (A Álvaro, com voz alterada) Com licença.

RENATO

(Imitando-a) Tem toda. (Ela entra e fecha a porta com estrondo. Renato ri. Álvaro reprova-lhe o procedimento com a cabeça, não podendo, porém, deixar de sorrir.) Não engulo essa velha! (Passa a mão num violino que está numa mesa, junto à janela.)

ÁLVARO

(Com um toque de tristeza) Ela é como as outras: mulher... (Depois de uma pausa, em que Renato dá um acorde no violino) Deixa-me ver o arco aí. (E os dois, de costas para a janela, começam a tocar Réverie de Schumann. Logo depois um criado, a um sinal de Renato, fecha a janela. A música quase se extingue. Ouve-se o apito de um trem que parte. Ao mesmo tempo, entreabrindo o portão do fundo, aparece a figura alquebrada de Mestre Domingos - "Omingos", como ele próprio se chama. É um preto velho. Tem cento e alguns anos. É caduco. Sua cabeça é um floco de algodão. Quase não anda, arrasta-se. Pede esmola. Fala sozinho. Cantarola sempre toadas afro-brasileiras, acompanhando-as com uma sanfona de sons inarticulados, quase tão velha quanto ele, e anda sempre acompanhado ou em companhia de "Saci Pererê"... A sua voz vem do fundo.)

MESTRE DOMINGOS

Arimandolá, oué!

Arimandolá, ouá!

Eh! Ah!

(Entra apoiado a um pedaço de pau.) "Suns Cristo!" (Beija o poço. Benze-se, volta, abre o portão como se falasse a alguém.) Entra, Saci! (Caminhando em direção ao poço) Cangoetê. Moanuami cunda! Gananzabu amena! (Larga a sanfona sobre o poço, apanha o balde e bebe um longo trago de água. Oferece depois ao seu invisível companheiro.) Bebe, Saci. (Dá-lhe de beber.) Não qué bebê mais? Pru quê, Saci? Pai "Omingos" dá. (Dirigindo-se para a D. B.) Mofidalofé uá bô ô loque! Esbegi, mori, ocurincan! (Oferecendo o banco ao Saci) Senta, Saci!... Espera! (Limpa o banco com a fralda da camisa.) Senta, agora, Saci! (Senta-se também e canta, tocando sanfona.)

Arimandolá, oué!

Arimandolá, ouá!

Assacarila-assakará!

Uó! Eó!

Eh! Ah!

(Levanta-se) Vem dançá, Saci! (Como se segurasse alguém, começa a dançar. Ouvem-se, então, os guizos dos cavalos do trole que se aproxima e logo depois gargalhadas das moças que cobrem a voz do preto velho. Renato abre a janela. Álvaro surge à porta da casa do fundo. Nhanhã sai da casa da D. a correr, enquanto cresce o vozerio lá fora e as gargalhadas de Leonor redobram.)

NHANHÃ

(Já no portão do F., abrindo-o) Entrem! Entrem! (Entra Leonor. É um sol feita mulher. Mocidade. Alegria. Sedução. Tudo se reúne nessa figurinha encantadora de adolescente, cuja voz, o gesto, o olhar são um hino de encantamento. Entra, dentro de um uniforme de colegial, beija estouvadamente a tia no portão, quase a fazendo cair, e corre pela cena toda, enchendo-a com a sua juventude. Irmã Gabriela, já velha, abraça e beija

Nhanhã ainda mal refeita do susto que teve com o estouvamento da sobrinha.)

GABRIELA

Deus te proteja, minha irmã!

NHANHÃ

(Com os olhos pregados em Leonor, que mexe em tudo) Amém! (Chiquinho entra carregado de malas para o interior da casa da D. As duas irmãs estão abraçadas. Leonor já está sobre o poço, saltando, alegremente, entre Sinhá e Pequitota, que entraram a correr.)

LEONOR

Como tudo isto é bonito! Campos, flores, céu, pássaros e... até esta casinha feia, como é bonita, Jesus! Deus, quando castigou Adão, esqueceu-se deste pedaço de paraíso!... *(Álvaro, da porta da casa, olha-a com marcado interesse.)*

NHANHÃ

(Escandalizada) Que é isso, Leonor?

MESTRE DOMINGOS

"Suns Cristo", Sinhá!

LEONOR

(Que só agora o nota) Quem é?

PEQUITOTA

É o Mestre Domingos, não se lembra dele?

LEONOR

(Fazendo força para recordar-se) O Mestre Domingos? (Salta do poço e toma-lhe a sanfona.) Deixa-me tocar um pouco de sanfona? (Senta-se no banquinho.)

MESTRE DOMINGOS

(Num grito roufenho) Num!

LEONOR

(Assustando-se, deixa cair a sanfona e foge.) Ai! (Abraça-se a Gabriela.)

TODOS

Que foi?

MESTRE DOMINGOS

Saci Pererê, meu tumpanhelo, castiga mulhé que deixa home, está sentado aí.

LEONOR

Onde? *(Sinhá e Pequitota riem e segredam qualquer coisa ao ouvido de Leonor, enquanto Nhanhã, num gesto, diz a Gabriela que o preto é louco.)*

LEONOR

(Carinhosamente, apanhando a sanfona e entregando-lha) Desculpe, Mestre Domingos, não vi que seu amigo estava sentado ali. (Domingos afasta-se, resanfoninando. Há uma pausa de piedade.) Coitado!...

NHANHÃ

Bem, vamos entrar. Vocês não querem mudar de roupa?

LEONOR

(Novamente alegre) Vamos! Vamos! Vamos ver quem chega primeiro. (Sai a correr pela D., acompanhada por Pequitota e Sinhá. Nhanhã e Gabriela encaminham-se para a porta, esta última meneando a cabeça em reprovação ao estouvamento da sobrinha. Álvaro e Renato, desaparecidas as pequenas, desaparecem também no interior da casa do fundo.)

MESTRE DOMINGOS

(Aproximando-se de Nhanhã) Sinhá! Num tlem nada seu preto véio?

NHANHÃ

Entre *(Aponta o portãozinho da esquerda.)* e apanhe as laranjas que estiverem no chão.

MESTRE DOMINGOS

"Suns Cristo"! Vem, Saci. *(Sai pela E. M.)*

GABRIELA

(Contemplando, piedosamente, a figura alquebrada de Domingos) Deus ainda não se lembrou desse pobre homem!

NHANHÃ

Dizem que ele tem cento e vinte anos! Dizem que ele ficou assim desde que a mulher lhe fugiu. Sem-vergonha! *(Outro tom) A que missa você vai?*

GABRIELA

A das sete, não é?

NHANHÃ

É. Vamos entrando. *(Encaminham-se para a D.)* A Leonor está uma moça!

GABRIELA

É de uma alegria!...

NHANHÃ

Alegre demais, não é? Menina rica, em colégio, tem liberdade demais, não acha?

GABRIELA

Não, Nhanhã. Perdeu os pais muito criança, mas ela é boa como o seu estouvamento. Aquela alma não tem uma nódoa de maldade.

NHANHÃ

Vamos entrar. Estas meninas de hoje!... *(Vão entrar, quando se ouve bater no portão do fundo. Param.)* Quem será, meu Deus? Vá, Gabriela, eu já vou. *(Gabriela entra. Ela volta-se, na escada.)* Entre quem é. *(Abre-se o portão. Aparecem Nitinho Franco, nhô Firmino e José dos Prazeres, Zezé. O primeiro é farmacêutico e sacristão local, tipo do provinciano pernóstico, metido a espirituoso. Traz um pano preto em um dos olhos. O segundo é simples, ingênuo e bebedor de pinga. O terceiro é um retardado mental. Fala por monossílabos e pisca a todo instante, rematando tudo com um riso de cretino. Ri, sempre, de tudo e de todos. Tanto o primeiro como o último são adoradores das filhas de Nhanhã e procuram sempre um pretexto para penetrar a casa de suas Julietas.)*

NITINHO

Dá licença para um triângulo? Somos três...

NHANHÃ

Já disse que entrem. *(Eles aproximam-se e param perto de Nhanhã, cada um por sua vez, saudando a dona da casa.)*

NITINHO

Bons dias.

FIRMINO

Bons dias.

ZEZÉ

Bons dias. *(Ri.)* Ahn! ahn! ahn!... *(Torce o chapéu nas mãos. Pausa.)*

NHANHÃ

Desejam falar comigo?

NITINHO

Desejamos.

FIRMINO

Desejamos.

ZEZÉDesejamos. Ahn, ahn, ahn, ahn... *(Pausa.)***NHANHÃ***(Impaciente, mas contendo-se e procurando ser amável)*

Querem entrar?

NITINHO

"Agardecido". Nós "estemo" bem aqui...

FIRMINO

"Estemo" bem aqui...

ZEZÉBem aqui. *(Ri.)* Ahn, ahn, ahn, ahn...**NHANHÃ***(Já impaciente)* Mas afinal que desejam de mim? *(Eles entreolham-se. Afinal, Nitinho, resolve-se.)***NITINHO**

Vou falar. Uão lhe parece?

FIRMINO*(Baixando os olhos)* Este nhô Nitinho é levado!...**ZEZÉ***(Ri.)* Ahn, ahn, ahn...**NHANHÃ**

Afinal?...

NITINHO

Vou falar. Não lhe parece? O Firmino está com vontade de "se amarrar-se" e queria que a senhora fosse madrinha desse consórcio "matrimoniá".

FIRMINO*(Numa exclamação de entusiasmo)* Êta nhô Nitinho dos Quintos! Fala que parece uma cachoeira! Nasceu pra deputado este desgraçado, com o perdão da palavra. Pois... eu sou noivo há uns par de ano...**NITINHO**

Há uns vinte...

FIRMINO

Há mais. Muito mais! Há uns "dezasseis" ano já. Há mais de dez ano que o enxová da Silóca tá preparado!

NHANHÃ

E por que não se casou antes?

FIRMINO

Por farta de emprego...

NHANHÃ

Quem bebe, como você, não pode arranjar emprego.

FIRMINO

Pelo contrário: pranta que não é moiada é que não dá fruta...

NITINHO

Ele ainda não se casou por um caso de convicção política, não lhe parece?

FIRMINO

É. Só me serve emprego público...

NITINHO

E votou sempre na oposição...

FIRMINO

Agora bandiei de partido... Por isso arresorvi apressá o casamento pro fim do ano que vem, mas se vancê achá muito perto eu trans... trans... trans...

NITINHO*(Socorrendo-o, dá-lhe o termo que lhe escapa.)* Transfiro...**FIRMINO**

Isso! Eu "transpiro" ele pra mais tarde.

NHANHÃ*(Bastante impaciente)* Muito bem. Serei sua madrinha. É só?**NITINHO**

O padrinho sou eu. Está bem. Não lhe parece?

NHANHÃMuito bem. Mas, agora, se me dão licença... *(Faz menção de entrar. Nessa mesma ocasião, Pequitota assoma à janela. Nitinho e Zezé saúdam-na com visível prazer.)***NITINHO**

Bons dias, dona Pequitota!

PEQUITOTA

Bom dia.

SINHÁ*(Pondo a cabeça fora da janela)* Quem é, heim? *(Vendo os visitantes)* Bom dia, seu Zezé.**ZEZÉ***(Melosamente)* Bom dia... Ahn, ahn, ahn...**LEONOR***(De dentro)* Zezé? É o seu namorado? Quero ver! *(Aparece por sobre a cabeça das duas primas. Constrangimento dos caipiras, que se entreolham.)***NHANHÃ***(Enérgica)* Menina! Que modos são esses? *(Há um ligeiro silêncio de embarço. Leonor sai da janela, com a mão na boca para não rir. Gabriela aparece à porta da D.)***GABRIELA**Estamos na hora da missa. *(Reparando nos caipiras)* Bom dia. *(Eles respondem.)***NHANHÃ**

Não pude ainda ir me arranjar! Já volto. Conhece todos, não se lembra?

NITINHO

Eu sou o Nito.

NHANHÃCom licença. *(Sai pela D. M.)***NITINHO***(Apontando)* O Firmino Borba, o Zezé dos Prazeres.**GABRIELA***(Procurando lembrar-se)* Nito...**NITINHO**

Nito. Nito Franco. O Nitinho da farmácia e sacristão no tempo do padre Bartolo, filho da dona Cassiana...

GABRIELA*(Lembrando-se)* Ah! Está um homem!**NITINHO**

Graças a Deus, não lhe parece? Este é o Zezé, não se lembra? Filho da dona Maria, a viúva...

FIRMINO

O que teve a desgraça de nascê dois anos depois de o pai ter morrido, se lembra?

GABRIELA*(Contendo discretamente o riso)* Como vai você, Zezé? E sua mãe? *(A cada pergunta Zezé responde com um "bem" acompanhado de sua clássica risada de bobo. Leonor aparece à porta da casa.)*

FIRMINO

(Notando que Gabriela dirige para ele o seu olhar, descobre-se, respeitosamente, aproximando-se, ajoelha-se a seus pés, beija-lhe o hábito e benze-se.) A bênção.

GABRIELA

Que é isso? Levante-se. Deus o abençoe. Como vai você? E a Silóca? Quantos filhos tem?

FIRMINO

Fios? Num sei ainda.

GABRIELA

Não sabe?

FIRMINO

Eles ainda não nasceram como é que eu vou saber quantos são?

NITINHO

Ele ainda não se casou, irmã, não lhe parece?

FIRMINO

Continuemos noivos. Faz dezasseis anos. É um pouquinho muito, não é?

LEONOR

(À escada, não pode conter-se e explode numa gargalhada sonora e moça.) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! (Zezé e Nitinho, que desde o aparecimento de Sinhá e Pequitota à janela estão a deitar olhares ternos às duas e faziam justamente sinais para lhes entregar uma carta, assustam-se com a gargalhada da pequena. Escondem a carta. Depois, sem saberem por quê, riem também, sem vontade.)

GABRIELA

(Sem poder conter o riso) Que é isso, Leonor?

LEONOR

(Aproximando-se) Nada, titia. Lembrei-me de uma coisa e comecei a rir... Uma coisa (imitando a maneira de falar de Firmino) um "pouquinho muito engraçada", num é? (Os caipiras entreolham-se desconfiados.)

GABRIELA

(Procurando contornar a situação) Vocês não se lembram desta menina?

FIRMINO

Não me alembro, não.

GABRIELA

É a Leonor.

FIRMINO

(Não acreditando no que vê) Siá Leonor? Num diga, dona do céu! Aquela que eu conheci pequetitinha assim?! Mas tá um monstro de grande!

NITINHO

(Apertando-lhe a mão, cavalheiresco) Tenho muita "sastifação" em revê-la.

LEONOR

(Imitando-lhe a voz e a mesura) A "sastifação" é toda minha, não lhe parece? (Nitinho choca-se ligeiramente com a imitação.)

GABRIELA

(Baixo, repreendendo-a suavemente, apesar da graça que lhe acha) Leonor!

LEONOR

(Ainda a Nitinho) Está sentindo frio?

NITINHO

Não, senhorita. Por quê?

LEONOR

(Apontando-lhe o pano preto do olho) Está com uma janela fechada...

NITINHO

Janela?

ZEZÉ

Jinela é tapa-oio, num é? Ahn! ahn! ahn! ahn!

LEONOR

(Imitando-o) Jinela? Ahn! ahn! ahn!... É sim, senhor... (Zezé fica subitamente sério, chocando-se com o gracejo.)

GABRIELA

(Baixo, a Leonor, entre zangada e risonha) Minha filha, essa gente é muito desconfiada... (A elas) Não levem a mal. Ela gosta muito de brincar.

NHANHÃ

(Aparece à porta da D. Traz uma mantilha à cabeça e um livro de missa nas mãos.) Estou pronta, Gabriela. (Às meninas que estão na janela) Muito juízo, heim? Façam o Chiquinho varrer e limpar tudo. Vocês vão à missa das dez. (A Leonor) Quer ir agora, Leonor?

LEONOR

Vou com elas, titia...

NHANHÃ

Está bem. Até logo e muito cuidado! (A Chiquinho) E o "senhor" veja lá como se porta!

GABRIELA

(Beijando Leonor) Que Deus fique contigo, filha.

FIRMINO

(Benzendo-se) E comigo.

NHANHÃ

Heim? Vocês vão também!

FIRMINO

Então vamos com Deus...

NITINHO

(Despedindo-se) Inté logo, senhoritas. (Ao apertar as mãos, deixa-lhes uma carta que Zezé lhe passa. A Leonor) Senhorita? Nitinho Franco. Farmácio do Povo.

LEONOR

Muito prazer, senhor Farmácio do Povo... Quero dizer, Nitinho Franco.

ZEZÉ

(Estendendo-lhe a mão) Muito gosto... Ahn, ahn, ahn!...

LEONOR

O mesmo, ahn, ahn, ahn!...

FIRMINO

Inté logo, pra mecês todos!... (Sai.)

AS MENINAS

Até logo! Até logo!

NHANHÃ

(Simultaneamente) Juízo, heim?

GABRIELA

(Idem) Até logo, filhas. (Saem Gabriela, Nitinho e Zezé, que jogam olhares para as pequenas, Firmino e por fim Nanhã.)

LEONOR

(Que foi até ao portão certificar-se de que se haviam ido os que saíram, olhando maliciosamente para as duas primas e repuxando o olho com o indicador esquerdo) Olhem!...

SINHÁ E PEQUITOTA

(Fazendo-se de desentendidas) Que é?

LEONOR

Quando vocês iam eu já tinha voltado há muito tempo!...

PEQUITOTA

Não entendo...

SINHÁ

Você tem cada coisa!... Que é?

LEONOR

Que duas artistas de cinema! A carta que o olho-tapado entregou a vocês?

SINHÁ E PEQUITOTA

(Como se cantassem em coro, num esforço de simulação) Carta!... Que carta?!...

SINHÁ

(Beijando os dedos em cruz) Juro por tudo quanto é mais sagrado!... *(Chora.)* Ahnnnn!

CHIQUINHO

Pronto! Derreteu a manteiga! Quando Nhanhã chegar eu vou contá.

LEONOR

Não conta nada!

CHIQUINHO

Conto. Não quero namoro aqui. *(Pequena pausa de malícia)* É. Namoro aqui é só comigo...

LEONOR

(A Pequitota, que saiu da janela e está em pé na soleira da porta) Não chore. Não seja boba! Que tem receber uma carta?

SINHÁ

(Transformando o choro em sorriso) Você não conta nada? *(Desce a escada.)*

LEONOR

(Dedos em cruz) Por esta luz!

SINHÁ

(Resolutamente) Pequitota, dá a carta.

PEQUITOTA

Carta? *(Leonor corre para agarrá-la na janela. Ela sai rapidamente, e entra em cena pela porta, onde Sinhá a segura.)*

SINHÁ E LEONOR

(Revistando-a) A carta! A carta! A carta!

PEQUITOTA

(Resolvida) Esperem aí. Esperem aí. *(Desvencilhando-se de ambas, senta-se no degrau da sacada, tira o sapato e de dentro dele o bilhete.)*

LEONOR

Vamos ler!

PEQUITOTA

Não!

LEONOR

(Arrebatando-lhe o bilhete das mãos) Vamos sim, vamos. *(Corre, abre o bilhete, perseguida pelas duas pequenas.)*

CHIQUINHO

(Correndo também) Não leia, siá Leonor, não leia. Depois quem entra na vara de marmelo sou eu!

LEONOR

Não amole, Chiquinho! Não amolem. *(Sobe no poço e começa a ler. Rindo das asneiras gramaticais que encontra)*

“Nois precisemo” falar com “ambas as duas”. “Nois esperemos-lhes na farmácia durante a missa. Nóis...”

CHIQUINHO

(De um salto, arrebatando o papel da mão de Leonor) Não leia mais, pronto! *(Rasgando o bilhete e correndo)* Depois quem paga o pato sou eu!

SINHÁ

(Chorando e avançando para o moleque) Intrrometido! Adulador! Ahnnn!...

PEQUITOTA

(Idem, ao mesmo tempo) Atrevido! Sem-vergonha! *(E as três, como três pequenas Fúrias, conseguem agarrar o criado, dando-lhe formidável surra, gritando sempre “Descarado! Atrevido! Adulador! Que vais ganhar com isso?” Chiquinho berra “Ai! Ai! Me larguem! Me larguem! Acudam! Vou contar!” Renato e Álvaro, atraídos pela algazarra, abrem, respectivamente, a porta e a janela da casa do fundo.)*

ÁLVARO

Que é isso?

RENATO

(Fingindo que apita) Prrr! Prrr! Polícia! Polícia! *(Sinhá chora mais forte. Pequitota disfarça como se não tivesse nada com a coisa. Apenas Leonor segura ainda o peão.)*

RENATO

(Enérgico) Que é isso?

CHIQUINHO

Esta menina pensa que eu sou tábuia de bater roupa! *(Desvencilha-se das mãos da garota.)*

LEONOR

Comigo é assim: contou prosa, apanha.

RENATO

É por acaso filha do Al Capone?

LEONOR

Não. Sou o Lampião disfarçado.

RENATO

Disfarçada de malcriada?

LEONOR

Não, para não me confundirem com o senhor...

ÁLVARO

Não seria possível. Ele não é bonitinho assim...

LEONOR

E o senhor tem alguma coisa com isso?

RENATO

Nem tão bonitinho, nem tão mal-educadinho...

LEONOR

Pelo menos não ando bisbilhotando o que se passa no quintal dos vizinhos...

RENATO

Nós estamos na nossa casa...

LEONOR

E nós na nossa e não metemos o nariz onde não somos chamadas!

SINHÁ

(Escandalizada) Leonor!

PEQUITOTA

(Idem, ao mesmo tempo) Que é isso?

RENATO

Está bem, desculpe. Gente bonita, zangada, fica feia. Sofro de bichas e morro de medo de gente feia...

LEONOR

E não há espelhos nessa casa?

ÁLVARO*(Rindo)* Não. Ele nunca olhou para um espelho...**LEONOR**

E nunca tomou banho também?

ÁLVARO*(Estranhando a pergunta)* Banho?**LEONOR**Pois pode ver-se na água e morrerá na certa... *(Renato fica sério. Álvaro ri. Ela ri também.)***ÁLVARO**

Ela já está nossa amiga. Está se rindo...

LEONOR

Estou rindo de você...

ÁLVARO

De mim? Por quê?

LEONORPor você estar se rindo dele ser feio... *(Álvaro fica sério e Renato ri perdidamente, caçoando do amigo. Ela também ri muito.)***RENATO***(Com intenção de gozar mais o amigo)* E agora, de quem se ri? Dele ou de mim?**LEONOR**Dos dois... *(Riem todos, inclusive Sinhá, Pequitota e Chiquinho.)***ÁLVARO**

Agora sim. Tudo acabou bem. Não está mais zangadinha conosco?

LEONOR

Faz muita questão de saber?

ÁLVARO

Muita.

LEONOR

Estou.

RENATO

Está?

LEONOREstou... E só faço as pazes se vocês tocarem alguma coisa para nós dançarmos. *(Às primas)* Não são esses que tocam? *(Gesto de passar o arco do violino. Afirmativa de cabeça das interrogadas.)***CHIQUINHO**Não toquem! Depois quem vai dançar *(Gesto de pancada)* sou eu...**RENATO**Não amole. *(A Leonor)* Que quer que toquemos?**LEONOR***Lambert walk (Fazendo o gesto clássico de dança, com o polegar para trás)* Oi!**MESTRE DOMINGOS***(Entrando da E. M. a mastigar uma fruta e a cantarolar sua canção)*

Arimandolá, oué!

Arimandolá, ouá!

Eh! Ah!

RENATO

Que toque o Mestre Domingos e dançaremos nós todos!

CHIQUINHONossa mãe! Como eu vou dançar!... *(Como se lhe batessem, grita a exclamação da dança em tom dolorido de pessoa que apanha.)* Ui!...**LEONOR**

Toque, Mestre Domingos.

MESTRE DOMINGOSMestre Omingos nu toca nada! *(Sinhá e Pequitota, pé ante pé, aproveitando-se do desespero de Chiquinho, abrem o portão e saem.)***LEONOR**

Toque! Toque!

CHIQUINHO

Não toque! Não toque!

LEONOR

Não precisa gritar que ele não toca mesmo.

CHIQUINHO

Eu conheço ele. Se lhe derem dois mil réis, ele toca.

LEONOR*(Alegre)* Dois mil réis. *(Procura o dinheiro.)***CHIQUINHO***(Indignado com ele mesmo)* Burro! Burro! Burro! *(Dando uma pancada com o polegar na própria cabeça, como na dança americana)* Oi!**RENATO***(Que tirou a moeda do bolso)* Tome. *(Vai atirar.)***LEONOR**Espere. Não atire. Jogue pra mim. *(Corre para o muro de um salto e, para galgá-lo, põe a mão sobre ele. Dá um grito de dor.)* Ai!**RENATO, ÁLVARO E CHIQUINHO**

Que foi? Que foi?

LEONOR*(Apontando para o muro)* Era um pedacinho de vidro. *(E os dois amigos descem precipitadamente a escada. Leonor senta-se no poço.)***CHIQUINHO***(Dando ao acidente proporções de catástrofe, desesperadamente, levando as mãos à cabeça)* Meu Deus! Sangue! Socorro! Socorro! Acudam!**RENATO***(Que entra com Álvaro pelo portão do F.)* Que é isso, rapaz, que é isso?**ÁLVARO***(A Leonor)* Machucou-se muito?**LEONOR**Não. Não é nada... *(Álvaro e Renato lavam o dedo da pequena com água do balde.)***CHIQUINHO***(Parando imediatamente de gritar e já risonho)* Não é nada? Graças a Deus!**LEONOR***(Agradecida)* Tanta aflição por mim, Chiquinho?**CHIQUINHO**Não é pela senhora, é por mim. Se fosse grave, olhe. *(Estala os dedos para indicar pancada. Há um silêncio. Chiquinho acompanha, risonho, o curativo. De repente, sente a falta das pequenas. Fica sério. Olha, a medo, de um lado para outro. Dá um grito.)* Meu Deus! *(Os três se assustam.)* “Que foi?” “Que há?” “Que aconteceu?” -

perguntam.) As meninas! (*Procurando*) As meninas!... Onde estão as meninas? Seu Renato, o senhor não viu as meninas?

RENATO
Sei lá. Não sou guarda-meninas.

CHIQUINHO
(*Chorando e chamando enquanto os três sorriem do desespero dele*) Sinhá! Pequitota! Sinhá! (*Para os três, fazendo uma pausa no choro, com certa importância*) Estão vendo? É por isso que eu não gosto de ficar tomando conta da casa. Não me respeitam!... (*Sai, chorando, novamente, pela D. M.*)

ÁLVARO
(*A Leonor, tirando um lenço do bolso*) Agora vamos envolver o dedinho em gaze. (*Rasga o lenço.*)

LEONOR
O senhor não tem muito jeito para médico...

RENATO
(*Rindo-se*) Não. Pois ele é médico mesmo...

LEONOR
É? Desculpe. E tem muitos doentes?

RENATO
Um.

LEONOR
Um só?

ÁLVARO
Um só.

LEONOR
(*Apontando para Renato*) O senhor?

RENATO
Deus me livre! Sou moço, quero viver muito.

LEONOR
Quem é então o doente?

ÁLVARO
Eu.

LEONOR
É o doente e o médico...

ÁLVARO
Apenas o doente. O médico é este ar. (*Respira-o com força.*) Ele é o meu médico.

RENATO
(*Depois de respirar também*) Não cobra e não mata. (*Riem.*)

LEONOR
(*Cujo dedo está nas mãos de Álvaro, que o envolve*) Ai!

RENATO
... É nem machuca. (*Riem.*) Isso não é trilho de bonde. É dedo. Nem é dedo; é dedinho...

MESTRE DOMINGOS
(*Receitando*) Bota aí... anhambucuru... Bom... Bom... Anhambucuru sara... Pai Omingos diz... (*Os três se entrelham risonhamente porque não entendem nada.*)

RENATO
É bom?

MESTRE DOMINGOS
Bom!

RENATO
Então quando descobrirmos o que isso é, poremos no dedinho dela...

ÁLVARO
(*Dando por terminado o curativo*) Pronto.

LEONOR
Obrigada. E como é o seu lenço? Vai ficar só com a metade?

ÁLVARO
Vou. É a bandeira branca que fica hasteada entre nós. Não brigaremos mais...

CHIQUINHO
(*Saindo da casa da D.*) Minha Nossa Senhora da Aparecida! As meninas sumiram! (*Desce a escada.*) Quem vai pagar tudo sou eu! (*Chama.*) Sinhá! Pequi... (*Interrompendo-se, numa transição de lucidez*) Ah! Já sei! Estão na farmácia do Nito, namorando!

RENATO
(*Como se monologasse*) Namorando? (*Num interesse repentino, batendo nas costas de Álvaro*) Espere aí que já volto. (*Sai a correr pelo F.*)

CHIQUINHO
(*Batendo, com intimidade, nas costas de Álvaro, repete a frase com a mesma inflexão de Renato.*) Espere aí que eu já volto! (*E sai, a correr, atrás de Renato.*)

ÁLVARO
(*Depois de acompanhar os que saíram com o olhar*) Dois malucos.

LEONOR
Dois? E o senhor?

ÁLVARO
Eu?!

LEONOR
Tem muito juízo?

ÁLVARO
(*Sorrindo, pergunta também.*) Tenho?

LEONOR
(*Alegremente, negando com a palavra, a cabeça e o indicadorzinho*) Não!...

ÁLVARO
Não?

LEONOR
Não.

ÁLVARO
Tenho cara de louco?

LEONOR
Tem...

ÁLVARO
Heim?

LEONOR
Tem cara de bom...

ÁLVARO
De bom ou de louco?

LEONOR
De bom...

ÁLVARO
(*Satisfeito*) Ah!

LEONOR
(*Continuando*) ... e de louco...

ÁLVARO
Heim?

LEONOR
Todo louco é bom...

ÁLVARO*(Sorrindo amarelo)* Obrigado... E todo bom...?**LEONOR**

... é louco.

ÁLVARO

É? E se eu lhe disser que tenho juízo?

LEONOR

Não acredito. O senhor não tem cara de homem de juízo...

ÁLVARO

Pois tenho juízo, muito juízo.

LEONOR

Não tem. O senhor é louco. Se eu visse que tinha juízo teria fugido.

ÁLVARO

Fugido por quê?

LEONOR

De medo. Tenho medo, que me pelo, de quem tem juízo!... É a gente mais perigosa do mundo!

ÁLVARO

E os loucos?

LEONOR

É a melhor gente que conheço...

ÁLVARO

E conhece muitos?

LEONOR

De nome, uma infinidade. Todos os grandes homens foram loucos. De vista, o primeiro é o senhor...

ÁLVARO

Obrigado.

LEONOR

Não há de quê.

ÁLVARO

E de juízo...?

LEONOR

Conheço muita gente também...

ÁLVARO

De nome ou de vista?

LEONOR

De vista e de nome.

ÁLVARO

De vista...?

LEONOR

Minha tia Nhanhã...

ÁLVARO

Tem juízo?

LEONOR

Muito! Castiga sempre, espanca sempre, não perdoa nunca! Os que têm juízo não perdoam: prendem, guilhotinam, eletrocutam, bombardeiam, matam! O senhor já viu um louco fazer dessas coisas?

ÁLVARO*(Sincero, com uma ponta de admiração e sentindo aumentar a sua simpatia pela garota)* Não.**LEONOR**

Jesus matou ou perdoou?

ÁLVARO

Perdoou.

LEONORÉ então?...

ÁLVARO**ÁLVARO**

Então... quê?

LEONOR

Quer mesmo ter muito juízo?

ÁLVARO

Não. Prefiro ser louco.

LEONOR*(Batendo palmas alegremente)* Muito bem! Muito bem!**ÁLVARO**

E a senhora?

LEONOR*(Levantando-se do poço)* Sempre fui!**ÁLVARO**

Bravo!

LEONOR

E hoje duas vezes louca! Louca por ser louca e louca de alegria!

ÁLVARO

Por estar perto de mim?

LEONOR

Por estar longe de mim.

ÁLVARO

Longe de si?

LEONOR

Longe de tudo. Do mundo, entendeu? Do meu mundo.

ÁLVARO

E qual é o seu mundo?

LEONOR

O Rio de Janeiro!

ÁLVARO

O Rio é seu?

LEONOR

É, sim senhor.

ÁLVARO

Bem vi que tínhamos alguma coisa em comum: o Rio é meu, também.

LEONORÉ meu, é seu, é de todos e não é de ninguém. Tudo que é muito da gente geralmente é dos outros, não é? A nossa terra, o nosso bairro, a nossa rua, o nosso bonde e até a nossa casa... São sempre de outros, já notou? *(Pausa)* Em que está pensando?**ÁLVARO***(Entre jocoso e sentimental)* Em "meu" coração...**LEONOR***(Alegremente)* É de todos, como o Rio de Janeiro?**ÁLVARO**

Apenas não é meu...

LEONOR

... nem de ninguém, como as ruas, os bairros, e os bondes?

ÁLVARONão. Não é meu. Mas era. Até há muito pouco era inteiramente meu... *(Olham-se. Ligeira pausa embaraçosa. Um pássaro canta. Ela, reagindo, retoma o estouvamento, sobe, de um salto, para cima do poço.)***LEONOR***(Olhando para o alto como se visse um velho amigo)*Bom dia! Como vai você? *(Álvaro olha. Procura a pessoa com quem ela fala.)* Está bonzinho? Eu estou bem,

muito obrigada. Este é o... (A *Álvaro*) Como é o seu nome?

ÁLVARO
Álvaro.

LEONOR
(*Como se repetisse, a alguém, rápido*) *Álvaro*. (Pondo a mão no ouvido em forma de concha) De quê? (A *Álvaro*) De quê?

ÁLVARO
De Alencar.

LEONOR
(*Ao invisível*) De Alencar.

ÁLVARO
Mas com quem está falando?

LEONOR
Não vê?

ÁLVARO
Não vejo ninguém.

LEONOR
Com um passarinho... Aquele, vê? É meu amigo. (*Um trinado. Ela fala para o pássaro, em falsete, como se fosse um pássaro que cantasse.*) Este. (*Aponta Álvaro.*) Também é meu amigo. (*A Álvaro, em voz natural*) Disse: muito prazer em conhecê-lo. (*Outro trinado. Ela, para o passarinho, como se compreendesse, afinando a voz:*) Muito obrigada.

ÁLVARO
Que disse ele agora?

LEONOR
Que o senhor é muito simpático.

ÁLVARO
Muito obrigado, Leonor.

LEONOR
(*Rápida*) Não fui eu quem disse, foi o passarinho... (*Ao passarinho*) Diz que obrigado. (*Trinado. A Álvaro, interpretando o trinado com voz de pássaro:*) Não há de quê. (*Trinado. Ela novamente ao pássaro hipotético*) Não. Conheci-o hoje, como a você. (*Trinado. Outro trinado. Ela volta-se como se fosse apresentada a outros pássaros.*) Muito prazer. (*Vários trinados*) Muito prazer. Muito prazer. Muito prazer! (*Um trinado longo*) Não, nunca. (*Outro trinado*) Ele também, nunca. (*Outro trinado. A Álvaro com voz natural:*) Pergunta se já fomos pássaros. (*Trinado*) Ah! Sim! Tínhamos vontade de ser! É bom? (*Vários trinados. Ela leva as mãos aos ouvidos.*) Não falem todos ao mesmo tempo. Um de cada vez. (*Vários trinados*) Ah sim? (*Ouve.*) Lindo! (*Trinados longos e variados. Ela, enlevada, como se estivesse vendo e ouvindo os pássaros e fosse, à proporção que eles cantam, reproduzindo o que eles dizem, uma das mãos levantadas como a pedir pausas para que ela possa falar*) Árvores... montanhas... rios... estradas!... No inverno podemos voar até junto do sol!... No verão baixamos até a sombra das árvores, na relva verde que margeia os regatos de água fresca!... De manhã, o céu abre sobre nós o chuveiro do orvalho... De noite... acende a lâmpada da lua e, para dormirmos, os anjos cantam baixinho pela boca de ouro das estrelas!... Tudo é nosso: o que cai do céu e o que sobe da terra: a luz dos astros e o perfume das flores. O ar, o espaço, as plantas, os frutos. Não pagamos impostos, não temos fronteiras.

Não compramos; não vendemos; vivemos! Não plantamos, porque não somos ambiciosos, colhemos o que há e que é de todos! Voamos quando queremos voar; amamos quando nos apetece amar; cantamos quando temos vontade de cantar!... Cantamos! Cantamos! Cantamos! (*Pausa. Gorjeio de pássaros. Ela vocaliza.*) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! (*Gorjeio. Vocalização. Gorjeio. Vocalização.*) E cantamos! (*Álvaro, boquiaberto, enlevado, comovido, vai se aproximando dela.*) E enquanto os homens, uivando, rugindo, se envenenam, se inutilizam, se digladiam, se devoram, se destroem, se matam, nós... voamos!... Amamos!... Cantamos!... (*Vocaliza longamente. Álvaro contempla-a, enamorado. Ela vocaliza, alternando com os pássaros, alheia a tudo. Afinal, ele baixa os olhos. Passa os dedos pelos olhos umedecidos. Ela não canta mais. Ouve-se, ao longe, o sino da igreja repicar. Só, então, parece, ela volta a si e volta-se para o médico.*) Como o tempo passou depressa! A missa está acabando!... (*Repara.*) Que é isso? (*Álvaro desvia o rosto.*) Está triste? Está chorando?

ÁLVARO
Não é nada. (*Sorri.*) Deixe-me ver o dedinho. (*Toma-lhe novamente a mão.*) Está melhor?

LEONOR
Estou. Mas que tem?

ÁLVARO
(*Acariciando-lhe a mãozinha*) Pergunte ao passarinho. (*Pausa. Os olhos de ambos se encontram. Ela retira a mão, num repente.*)

LEONOR
Estamos sós aqui! Minhas primas saíram! (*E sai a correr, entrando pela D. M. Os pássaros continuam a gorjear. Mestre Domingos, que durante todo o tempo comeu frutas, resmungando, parece rezar, curvando o busto até bater a fronte no chão. Álvaro contempla, por um momento, a porta que se fechou atrás daquela figurinha de mulher. Limpa, discretamente, uma lágrima mais discreta ainda. Vai sair. Abre-se a janela.*)

LEONOR
(*Chamando*) Êêêêê.

ÁLVARO
(*Voltando-se do portão do F.*) Que é?

LEONOR
Desculpe. Avisei-o: sou meio maluquinha...

ÁLVARO
(*Procurando ser indiferente*) Ah! (*Menção de ir-se*)

LEONOR
Já vai?

ÁLVARO
Já.

LEONOR
Espere um pouco. (*Apanha um cravo de um vaso que está na floreira que acompanha o parapeito da janela e entrega-o ao médico, que vai buscá-lo. Ele leva a flor à altura do rosto. Aspira-a. De repente, bruscamente, joga a flor ao chão.*)

ÁLVARO
Não. Não quero. Não posso, não devo aceitar. Não quero. (*Sai arrebatadamente pelo F. Leonor, chocada, sai da janela como uma bala. Chega ao quintal. Ergue o*

cravo. Corre ao portão, indignada pelo insulto, e ameaça arremessá-lo sobre Álvaro, que sobe a escada da casa do F. Arrepende-se. Volta. Dá um chute desprezivo na flor, como quem diz: “não me importa”. Álvaro entra na casa do F. Os pássaros cantam ainda. Ela dirige-se ao Mestre Domingos. Tira-lhe a sanfona, dizendo:)

LEONOR

Acho que sei tocar isso. No colégio eu tocava harmônio... *(Vai sentar-se ao poço. Toca algumas notas desarticuladas. Álvaro entreabre a janela e espia. Ela volta a cabeça de repente para o F.)* Está me espiando? *(Ele bate a janela com força. Ela assusta-se e deixa cair a sanfona. Faz cara de choro. Sorri. Apanha a sanfona. Corre ao preto velho que resmunga. Ouve-o.)* Heim? Quê? *(Como se compreendesse)* Ah! *(Volta-se para a janela e chama.)* Moço? Ô moçoóóó!... Olhe! Escute o que o Mestre Domingos está dizendo. *(Álvaro abre a janela.)* O Mestre Domingos diz que foi assim que ele começou. *(Gira o dedo na testa para indicar loucura.)* Batendo janelas. *(Ri. Álvaro bate, novamente, a janela. Os pássaros param, aos poucos, de cantar. Ela ri. Dirige-se para o poço. Senta-se. Ri até chorar, infantilmente, sem preocupação de comover. Um pássaro gorjeia alto e mais perto. Ela levanta a cabeça, ainda chorando, e responde como se o pássaro lhe houvesse falado.)* Passarinho? *(Gorjeio)* Tens razão, meu amiguinho: a vida conduz à morte. A estrada é curta. Devemos cantar e rir. Viver a vida! *(Olha para a casa de F. Limpa os olhos. Toca a sanfona fortemente. Mestre Domingos dança. E ela ri e canta a um tempo. Os pássaros trinam em coro. E o pano cai devagar.)*

SEGUNDO ATO

(O mesmo cenário do primeiro ato. É à tardinha. Primavera. Há muitas flores nas árvores e nos vasos. Trepadeiras floridas nas paredes e nos muros. Ao subir o pano, estão em cena: Leonor, Sinhá e Pequitota. Sentadas no chão, brincam de “uma, duas angolinhas”. Sentado sobre o parapeito da janela da casinha da D., Chiquinho areia talheres, interessado no brinquedo das meninas.)

LEONOR

(A cada palavra que pronuncia, espeta o dedo indicador no peito de um dos seis pés ali estendidos.) “Uma, duas angolinhas, tira o pé das pompolinhas. O rapaz que jogo faz? Faz o jogo do papão, e retire o seu pezinho que lá vai um be-lis-cão!” *(Belisca um dos pés de Sinhá, onde, por acaso aparente, termina a última sílaba.)*

SINHÁ

(Dando um gritinho agudo) Ai! *(Retira o pé e acaricia-o.)* Coitado do meu pezinho! *(A Leonor, queixosa)* Você belisca com muita força!

CHIQUINHO

(Rindo, em tom de caçoada) Ih! ih! ih!...

PEQUITOTA

Você acaba apanhando hoje! Mamãe está com as cadeias viradas. É melhor ir arear os talheres lá na cozinha!

CHIQUINHO

(A Leonor) Tenha a palavra a minha advogada!

LEONOR

(A Pequitota) Você acha que ele não tem, ao menos, o direito de nos ver brincar, enquanto trabalha para nós mesmas?

PEQUITOTA

Acho, mas não sei se mamãe acha...

LEONOR

Se não achar que coma menos... *(Chiquinho ri perdidamente. Sinhá e Pequitota, assustadíssimas, olham para a porta da casinha.)*

SINHÁ

Leonor!

PEQUITOTA

Chiquinho!...

LEONOR

Não sejam medrosas que é feio.

CHIQUINHO

Eu não tenho medo de nada!

LEONOR

Olhe a titia aí!...

CHIQUINHO

(Assustado, dá um grito, levanta a mão à guisa de defesa, como escudo, e dá um salto da janela para o quintal, suplicando:) Perdão! Eu não faço mais! *(Leonor ri. As pequenas também. O peão olha a medo para a janela. As risadas redobram. Ele, percebendo a brincadeira, sobe novamente à janela, fulminando as pequenas com o olhar.)*

LEONOR

(Imitando-o) Perdão! Eu não faço mais!...

SINHÁ

Medroso!

CHIQUINHO

Olhe quem fala!...

SINHÁ

(Levantando-se para responder a Chiquinho) Eu? Medo de quem? Medo de quem?

CHIQUINHO

De sua mãe!

SINHÁ

Medo de mamãe? Pois, sim!

LEONOR

(Que se levantou e, pé ante pé, foi postar-se atrás da prima, imitando Nhanhã.) Não tens medo de mim?

CHIQUINHO

(Fingindo-se apavorado) Não lhe bata com esse pau!

SINHÁ

(Cheia de medo, voltando-se) Mamãe, eu ju... *(Dá com Leonor. Chora. Os outros riem.)*

CHIQUINHO

Olhe a chorona!

PEQUITOTA

Abriu o berrador!

LEONOR

Não chore. Estamos brincando. Você parece que tem uma torneira em cada olho!...

SINHÁ

(Desvencilhando-se bruscamente de Leonor) Ora, também!...

LEONOR

(*Chora*) Ahn, ahn, ahn, ahn...

SINHÁ

(*Parando de chorar*) Que tem você, Leonor? Ofendi-a?

LEONOR

(*Chorando*) Nãooooo!

SINHÁ

Então por que está chorando?

LEONOR

(*Chorando sempre*) Para mostrar como você fica feia quando chora. (*Ri. Chiquinho e Pequitota, que levaram a sério o choro de Leonor, riem também.*)

SINHÁ

(*Sorri. Olha para todos, que riem, e resolve chorar outra vez.*) Ahn, ahn, ahn, ahn!... (*O riso dos outros aumenta. De repente ouve-se, vindo da casa do fundo, um trecho da Réverie de Schumann. Leonor ouve. Perturba-se. Faz sinal para que não façam ruído. O riso de Pequitota e Chiquinho morre aos poucos. Sinhá diminui o choro. Dá, porém, ainda um soluço quase imperceptível depois de uma pausa.*)

LEONOR

(*Nervosa*) Psiu! Fique quieta, menina!... (*Silêncio. Leonor, sonhadora, dirige-se para o poço. Senta-se. Fecha os olhos. Ouve. Sinhá e Pequitota se entreolham com inteligência.*) Lindo!... (*Pausa*)

CHIQUINHO

(*De repente*) Bonito, não é? (*Pausa*) Fui eu que ensinei ele a tocar isso!

LEONOR

Cale a boca!... (*Ouve. Depois, sentimental, como se estivesse longe dali, em completo alheamento objetivo. Ela é toda recolhimento. É alma.*) Schumann! Como é bonita a Réverie de Schumann!... Bonita e eterna! Não morre nunca porque, morrendo quando se acaba, renasce quando recomeça, como a luz de cada dia, igual mas sempre nova! Eterna porque não é somente cérebro de um gênio, mas também alma de um artista! Alma enamorada que sonhou, cantando! Para ouvi-la, o vento não se mexe para não mover as folhas... os rios deslizam silenciosos... os insetos não piam... os pássaros não cantam!... (*Pausa. Violino. As companheiras e Chiquinho olham-se com certa estranheza, discretamente cômica.*) Fechem os olhos! (*Ela cerra os dela. Os outros, depois de se entreolharem, fecham também as pálpebras.*) Assim... (*Aperta-os. Os outros entreabrem um olho para ver o que Leonor faz e fecham novamente os olhos, apertando-os bem.*) Ouvindo Schumann com os olhos bem fechados é que a gente vê melhor. (*Pausa. Sinhá, Pequitota e Chiquinho apertam os olhos com força. Mas não vêem. Abrem-nos. Entreolham-se e tornam a fechá-los.*) Passam as sombras dos sonhos da nossa vida, cantando!... Quanta coisa bonita a gente vê de olhos fechados, ouvindo esta música! (*Silêncio. A música termina.*)

CHIQUINHO

(*Depois de apertar muito os olhos*) Siá Leonor? (*Leonor não responde.*) Siá Leonor?

SINHÁ

(*Abrindo apenas um olho, baixo*) Cale a boca!

CHIQUINHO

É que eu não vejo os talheres...

PEQUITOTA

Psiu!

CHIQUINHO

Preciso areá e não encontro nenhum. (*Tateia.*) Mais fechado do que isto não é possível. Já estou até com dor de cabeça de tanta força que eu estou fazendo e não vejo nada. Posso abrir os olhos? (*Sinhá e Pequitota riem, a princípio a medo, espremidamente, com a mão na boca. Leonor abre os olhos. Mira-as. Vê Chiquinho ainda de olhos fechados, à procura dos talheres. Sorri. As duas outras, então, riem francamente. Chiquinho, animado, abre os olhos. E ri também.*)

PEQUITOTA

(*Alegremente*) E agora vamos saber o que cada uma viu!

SINHÁ

Vi, por várias vezes... mamãe chegar e nos fazer ver estrelas. (*Risos*) E você, Chiquinho?

CHIQUINHO

Eu vi todas as três irem direitinho para um hospício... (*Risos*)

SINHÁ

E você, Leonor? (*Cessando de rir*) Mas que é isso? (*Rindo*) Está com os olhos cheios d'água!...

LEONOR

Mentirosa! (*Afasta-se para limpar, disfarçadamente, os olhos. Sinhá e Pequitota se entreolham. Avançam para Leonor, decididamente, com passos iguais, como se marchassem.*)

CHIQUINHO

(*Como se rufasse tambor*) Ra-ra-ta-plam, ra-ta-plam. (*As duas pequenas ladeiam Leonor.*)

SINHÁ

(*Chama-a, com energia fingida.*) Senhorita Leonor!

PEQUITOTA

Volte-se para nós!

CHIQUINHO

Meia-volta, volver! (*Leonor volta-se. Está sorridente.*)

SINHÁ

(*Ameaçando-a com o dedo indicador que marca as sílabas ditas destacadamente*) Vo-cê-es-ta-va-cho-ran-doôôô. (*Acentua a última sílaba.*)

LEONOR

(*Idem*) Não-es-ta-vaaa! (*Rápida*) Não tenha medo da concorrência. Você continuará a ser a única chorona da casa... (*Chiquinho ri.*)

SINHÁ

(*A Chiquinho, com cara de choro*) Chiquinho!...

CHIQUINHO

(*Apontando, a rir*) Ela vai chorar!...

PEQUITOTA

(*A irmã*) Sinhá! (*A Leonor, que ri*) E você não disfarce. (*Segura-a por uma orelha. Sinhá, já sorridente, faz o mesmo com a outra. E levam-na, assim, para um canto da cena, assobiando uma canção popular e dando aos corpos a cadência da música. Chiquinho, feliz com a brincadeira, canta e marca os compassos com palmas.*)

PEQUITOTA

Leonor, olhe bem para nós!

LEONOR

Não posso. Fico vesga. Uma está de um lado, outra está de outro... *(As duas se reúnem, de costas para Chiquinho.)*

SINHÁ

Olhe agora!

PEQUITOTA

Mas sem fechar os olhos.

LEONOR

Não estou fechando os olhos. Estou piscando...
Namorando o Chiquinho.

CHIQUINHO

(Importante) Vê lá se eu dou confiança!...

PEQUITOTA

Não disfarce. Olhe bem!

LEONOR

(Abrindo exageradamente os olhos e quase dando uma cabeçada na interlocutora) Pronto!

PEQUITOTA

Você tem coragem de negar que gosta do dr. Álvaro?

SINHÁ

(Afetando a sua simplicidade) E vice-versa?

LEONOR

(Que, embora compreendendo que se havia traído, procura salvar-se, mudando o curso da conversa.) E vice-versa? *(Caçoando)* A Sinhá está falando difícil! Repita. Quero tomar nota. Como é mesmo?

SINHÁ

(Com cara de choro) Isso é privilégio seu. O vento não se mexe... Os sonhos passam cantando... *(Ameaçando chorar)* Ahn...

PEQUITOTA

Sinhá, não derreta agora! *(Interessada, a Leonor)* Vamos, responda.

LEONOR

(Com ingenuidade estudada) Gosto...

PEQUITOTA

(Triunfante) Ah!...

LEONOR

... gosto de ouvi-lo tocar violoncelo.

SINHÁ

(Como se fosse um comissário de polícia procurando contradizer um criminoso) Isso era violino!

LEONOR

Eu sei. Não era ele. Ele não está em casa. Saiu cedinho... Quem tocava era o Renato, entendeu? *(Maliciosa)* O Renato...

SINHÁ

Não sei por que você me fala nesse sujeitinho desse modo...

LEONOR

Sujeitinho? Eu sei, meu chafariz ambulante...

CHIQUINHO

(Rindo) Chafariz ambulante, é boa!

SINHÁ

(Choramíngosa) Chiquinho! *(A Leonor)* Eu até tenho raiva desse não-sei-quê!

LEONOR

Raiva? E o retrato dele, recortado de uma revista, quem é que tem, debaixo do colchão da cama?

SINHÁ

Eu faço coleção de artistas de cinema...

LEONOR

Mas ele não é artista de cinema, é estudante de direito...

PEQUITOTA

Mas não estamos tratando de você...

SINHÁ

É de você... Das flores que ele manda a você...

PEQUITOTA

Das conversas ali por cima do muro...

SINHÁ

Dos olhares na novena...

CHIQUINHO

Ele só vai tocar violoncelo na igreja, agora, para agradecer a tia Gabriela...

SINHÁ

Ele chegou muito antes de vocês, com o outro maluco, para tratar-se. Não atendia a chamado de ninguém. *(A Pequitota)* Lembra-se? *(A Leonor, como se fosse Álvaro quem falasse)* "Sou doente. Não sou médico." Estava fraco. Vinha tomar ares. Não apanhava sereno nem chuva. Você chegou... ele apanha tudo para ir aonde você vai!

PEQUITOTA

Tia Gabriela teve um constipaçãozinha de nada, e ele, sem ninguém chamar, aparecia aqui não sei quantas vezes por dia...

SINHÁ

E você não é a mesma!

CHIQUINHO

Vê de olhos fechados!

SINHÁ

(Rápida, repreendendo) Chiquinho! *(A Leonor)* O vento passa cantando... Os sonhos não se movem...

PEQUITOTA

Chora à toa!

CHIQUINHO

Até parece a Sinhá...

LEONOR

E daí?

SINHÁ

Chiquinho!

PEQUITOTA

Confessa?

LEONOR

Vocês estão doidas!

SINHÁ

(Depois de piscar para Pequitota) Então desculpe. Não precisa zangar-se. Nosso intuito era só de prevenir você para estar preparada.

LEONOR

Preparada para quê?

SINHÁ

(A Leonor) Conto?

LEONOR

Conta, quê?

SINHÁ

(Como se desabafasse) Tia Gabriela sabe de tudo!

LEONOR

Sabe? Contaram-lhe ou ela viu alguma coisa?

PEQUITOTA

Caiu! Caiu! (*Chiquinho ri. Leonor leva a mão à boca, percebendo que se havia traído.*)

SINHÁ

(*Ao mesmo tempo*) Viu como é verdade?

LEONOR

Mas ela sabe mesmo?

SINHÁ

Ainda outro dia brincou com ele.

LEONOR

E ele?

SINHÁ

Ficou vermelho como um pimentão!...

NHANHÃ

(*Que se aproximou, de um rapelão violento, arranca Chiquinho, que está distraído, da janela.*) Ah, seu sem-vergonha!... Aqui é lugar de arear talheres?

CHIQUINHO

Não faço mais!

NHANHÃ

(*De dentro*) Sujando a sala toda! Vai me pagar. (*Ruído de bolo.*)

CHIQUINHO

(*De dentro*) Ai! ai! ai! (*Sinhá e Pequitota, acovardadas, correm para um canto.*)

LEONOR

(*Indignada, corre ao portão da E. e chama para o pomar*) Tia Gabriela? Venha cá!

CHIQUINHO

(*Descendo os degraus da escada da D., agarrado por Nhanhã, que o persegue, consegue desvencilhar-se das mãos da megera, que grita: “Descarado”, “Sem-vergonha” e, contornando o poço, vai ficar à esquerda do mesmo, sempre pedindo, sempre suplicando.*) Chega! Não faço mais! Não faço mais! (*Renato, que ia sair, pára no cimo da escada.*)

NHANHÃ

(*Feroz, empunhando uma palmatória*) Venha cá!

CHIQUINHO

(*Suplicante*) Pelo amor de Deus! (*Nhanhã atira-se sobre ele. Ele entrega-lhe a mão. Ela vai desferir o bolo.*)

LEONOR

(*Como se visse algo de anormal atrás da tia*) Meu Deus, olhe aí, titia!

NHANHÃ

Ai! (*Volta-se, assustada.*)

LEONOR

(*Rápida, a Chiquinho*) Fuja, bobo! (*Chiquinho, como uma bala, foge pelo portão do F. Nhanhã volta-se, como um relâmpago. É tarde. O peão perdeu-se na distância. Sinhá e Pequitota, olhos arregalados, contemplam com admiração a prima, e com pavor, a mãe. Renato sorri. Leonor, fazendo letras com o dedo na tampa do poço, em atitude entre precavida e desafiante, tem os lábios úmidos em bico, o nariz franzido e os olhos para o alto. Nhanhã, que, num relance, compreendeu que fora vítima de um truque da pequena, fulmina-a com o olhar. Gabriela entra, apressadamente, do portão da E. Isso tudo é passado quase que simultaneamente.*)

GABRIELA

Que é isso? Por que essa gritaria? (*Vendo a atitude da sobrinha e da irmã, indo ficar entre as duas*) Mas que foi, afinal, que aconteceu?

NHANHÃ

(*Bufando*) Pergunte à sua encantadora sobrinha.

LEONOR

(*A Gabriela, que se volta para ela*) Não precisa perguntar, tia Gabriela. Basta olhar: olhe. (*Aponta para a palmatória. Gabriela olha. Nhanhã perturba-se, afinal explica.*)

NHANHÃ

Aquele demônio veio arear os talheres na janela da sala de jantar. Desculpe, minha irmã! Mas aquilo é um demônio!

LEONOR

E titia, que é um anjo, resolveu espancar o demônio...

NHANHÃ

Espancá-lo, não!

LEONOR

Fazer-lhe mimos com a palmatória...

GABRIELA

(*Repreendendo-a*) Leonor!

LEONOR

Perdoa-me, tia!

NHANHÃ

Mais tarde ele há de me agradecer as pancadas! É assim que se educa, compreende? Você – aposto – nunca apanhou. Está se vendo...

LEONOR

E a senhora apanhou...

NHANHÃ

Graças a Deus!

LEONOR

Está se vendo também...

GABRIELA

(*Conciliatória*) Minha filha!...

LEONOR

(*Numa repentina indignação*) Isto revolta, titia!

NHANHÃ

E como quer que o eduque? Com torrões de açúcar?

LEONOR

Com torrões de açúcar. Até os animais se ensinam assim, nos circos. Com torrões de açúcar. Recompensando-os quando fazem o que se quer que eles façam.

NHANHÃ

E quando não fazem o que se quer?

LEONOR

Basta não lhe dar nada! Quando o Chiquinho faz o que deve fazer a senhora lhe dá alguma coisa? Portanto, quando não faz, também não pode dar-lhe pancada. É assim que se educa. Perdoando os erros, compensando os acertos.

NHANHÃ

(*Irônica*) Obrigada pela lição.

LEONOR

(*Sem se desconcertar*) Não há de quê. E se daqui por diante tornar a bater no Chiquinho...

NHANHÃ

Você me dá pancada?

LEONOR

Não. Não lhe dou açúcar... (Ri.)

NHANHÃ

Com licença. Não posso mais. Arrebento. (Sai.)

GABRIELA

Espere, Nhanhã. (Ela pára na porta da D. A. Para Leonor, enérgica:) Isso é demais! Vem cá! (Segura-a com força por um braço.)

NHANHÃ

Isso! Muito bem! É do que ela precisa! (Sai.)

GABRIELA

Leonor, pelo que fizeste!... (Olha para trás. Vê que a irmã já entrou. Completa, então, a frase, carinhosamente.)... mereces muitos beijinhos. Fizeste muito bem, filha. (Beija-a. Sinhá, Pequitota e Renato, rindo, aplaudem com palmas e “muito bem”. Gabriela impõe-lhes silêncio, sorrindo.) Psiu! (Alteia a voz, com energia, dirigindo-se para a porta, falando para dentro da casa para que a irmã a ouça.) E que isso nunca mais se repita, ouviu? Não quero que faça mais isso, senão... (Baixo, voltando-se para Leonor) E agora entra chorando. Vá fazer as pazes com ela. Ela não é má. É – coitada – ignorante. Vem. (Sai. As três meninas, em fila, a rir baixo, vão saindo na ponta dos pés. Sinhá joga olhares ternos a Renato, que lhe responde.)

LEONOR

(A Renato) Não olhe muito para Sinhá. (Mostrando-lhe a palmatória que Nhanhã deixou sobre o poço) Olhe o que lhe espera!

RENATO

(Rindo) Qual!... Isso não dá para o gasto da casa!...

LEONOR

Quer saber de uma coisa? (Olha para Sinhá.) Ela o chamou de “sujeitinho”.

SINHÁ

Ih! Que mentira, seu Renato!...

LEONOR

Chamou! Chamou! (Entra a correr, com Pequitota. Sinhá, distraída, fica a olhar o rapaz.)

RENATO

Deixe estar! Você vai para a lista negra! (Sinhá, sorridente, pára. Está enamorada. Olha-o sem dizer palavra. O rapaz põe-lhe a língua.) Ahn!... Nunca me viu?

SINHÁ

Nunca, pronto!

RENATO

Onde você arranjou essas trancinhas, heim?

SINHÁ

(Ri sem vontade.) Ah, ah, ah! Desculpe não rir mais, porque não achei graça, ouviu?

RENATO

Daqui a pouco eu digo uma das minhas e você abre a boca. (Imitando-a, quando chora) Ahn!...

SINHÁ

Ah! Não me amole. (Sai.)

RENATO

Sinhá! Ó Sinhá!

SINHÁ

(Voltando, risonha e curiosa) Que é, seu Renato?

RENATO

(Descendo a escada) Nunca me viu? (Põe-lhe a língua.) Ahn... (Enterra o chapéu na cabeça e desce a escada, correndo. A pequena faz um muxoxo e sai pela D. O Mestre Domingos, sempre resmungando a sua canção, aparece no portão do F. Sinhá volta trazendo um tricô.)

MESTRE DOMINGOS

Entra, Saci!

SINHÁ

(Sentando-se no degrau da escada para fazer tricô) Boa tarde, Mestre Domingos!

MESTRE DOMINGOS

Pode panhá laranja?

SINHÁ

Pode.

MESTRE DOMINGOS

Saci, também?

SINHÁ

Saci, também.

MESTRE DOMINGOS

Vem, Saci, vem. (Sai pelo portãozinho da E. M., cantarolando. Renato, sorrateiramente, enfia a cabeça no portão do F. Sinhá, sem vê-lo, boceja, espreguiçando-se. Depois, com a língua de fora, começa a trabalhar. Pausa.)

RENATO

(Chamando) Sinhá!

SINHÁ

(Assustando-se) Quem é?

RENATO

Você quer me fazer um favor?

SINHÁ

Não!

RENATO

(Insistindo) Faz! Camaradagem...

SINHÁ

Não.

RENATO

Então... até logo. (Sai.)

SINHÁ

Há mais tempo!

RENATO

(Abrindo o portão, de novo) Até logo. (Sai.)

SINHÁ

Pensei que estivesse longe...

RENATO

(Novamente, entrando) Adeus!

SINHÁ

Seu Renato, olhe que chamo mamãe!... (Renato foge, fingindo medo.) Ih! Medroso! Fugiu de medo!

RENATO

Então, não faz mesmo o favor?

SINHÁ

Não.

RENATO

Está bem. Deus é grande e o mundo muito pequeno: havemos de nos encontrar um dia!... (Fecha o portão. Pausa. Abre-o.) Sinhá!

SINHÁ*(Como quem diz: "outra vez!")* Que é, seu Renato!**RENATO**

Não pare de trabalhar para responder. Quer ou não fazer o favor?

SINHÁ*(Sempre fazendo o tricô)* Que favor é?**RENATO**

Faz?

SINHÁ*(Para ver-se livre dele)* Faça. Que é?**RENATO**

É... me emprestar um pedaço dessa língua para eu fechar uma carta, empresta?

SINHÁ*(Levantando-se)* Seu Renato! *(Ele sai a correr, fechando o portão. A pequena faz muxoxo. Depois sorri. Senta-se na beirada do poço. Volta a fazer tricô. Põe a língua de fora. Pega-a com a ponta dos dedos. Põe a língua para dentro. Trabalha. Volta a pôr, sem querer, a língua de fora. Repara no defeito. Torna a apalpá-la. Recolhe-a. Pensa: o único meio de fazer tricô, sem estar com a língua de fora da boca, é cantar. E cantarola uma velha canção. Um tempo. Renato aparece por cima do muro.)***RENATO***(Chamando)* Sinhá?**SINHÁ***(Assustada, levanta-se rápida, dá uma corrida para a esquerda.)* Ai!**RENATO**

Sou eu!

SINHÁ

Voltou?!

RENATO

Voltei como Ulisses, de Homero, atraído pelo canto da sereia. A sereia é você.

SINHÁ

Sereia?

RENATO

Não sabe o que é sereia?

SINHÁ*(Sei. É aquilo que faz! (Imita uma sirene.)***RENATO***(Admirado)* Sinhá, você não conhece o Ulisses, de Homero?**SINHÁ**

Pai e filho?

RENATO*(Escandalizado)* Sinhá!...**SINHÁ**

Não sei que admiração é essa. Só conheço gente daqui. Nunca fui ao Rio de Janeiro.

RENATO

Mas irá para o céu. Cristo disse: "Deles é o reino dos céus..." Pois eu sou o Ulisses, de Homero.

SINHÁ

Você?

RENATO

Sinhá! Você sabe o que é uma cobra?

SINHÁ**SINHÁ***(Admirada)* Sei!**RENATO**

Pois você é uma cobra.

SINHÁ

Heim?

RENATO

Só que, ao invés de atrair o passarinho com o olhar, atraiu com o canto, entendeu? Eu sou o passarinho.

SINHÁ

Passarinho ou Ulisses de Homero?

RENATO*(Como se dissesse uma amabilidade)* Ulisses de Homero, para os inteligentes; para você, passarinho.**SINHÁ***(Ingênua)* Muito obrigada... *(Faz ligeira pausa na última sílaba, como se refletisse, e pergunta, um pouco irritada:)* Como foi mesmo que o senhor disse?**RENATO**

Não tem importância. O que me interessa é que você saiba que voltei atraído por sua voz, como um passarinho pelo olhar de uma cobra.

SINHÁ*(Já reconciliada e envaidecida)* Muito obrigada, seu Renato.**RENATO**

Você tem uma voz linda! É uma Gali Cursi!

SINHÁ*(Derretida)* Acha, seu Renato!**RENATO**

Sua garganta é preciosa.

SINHÁ

Acha seu Renato?

RENATO

Acho. Tanto assim que trouxe um presente para essa garganta!

SINHÁ*(Não cabendo em si de contente)* Um presente?! Que é?**RENATO***(Mostrando-lhe um pedaço de corda que tem escondida nas mãos)* Uma corda. *(Gesto de apertar uma corda em pescoço. Imitando o estertor da morte)* Hurrurr!...**SINHÁ***(Desatando a chorar)* Ahn, ahn, ahn, ahn!... *(Vai entrar para a casa da D. Renato, lépido, salta o muro e vem cercá-la.)***RENATO**Não seja boba. Estou brincando. *(Segura-a. Limpa-lhe as lágrimas.)* Você é uma idiota!...**SINHÁ***(Recomeçando a manha)* Ahn!...**RENATO***(Tirando uma chave do bolso)* Espere. *(Coloca-lhe a chave na boca e dá uma volta, imitando o ruído da mesma ao dar a volta numa fechadura.)* Prrrr! Pronto. Fechei o "choreiro".**SINHÁ***(Parando de chorar, mas ainda com voz sentida)*

Choreiro?

RENATO

A máquina de chorar... (*Sinhá ri. Renato guarda a chave.*) Bem. Já está sorrindo. (*Dando-lhe a mão para despedir-se*) Até logo. (*Balança-lhe dengosamente a mão, como namorados ingênuos.*)

SINHÁ

(*Gostando do balanço*) Até logo.

RENATO

(*Encaminhando-se para o portão, sem deixar a mão da pequena e sempre balançando-a*) Até logo.

SINHÁ

(*Idem*) Até logo...

RENATO

Agora é sério. Faz um favor? (*Muito mimoso*) Faz?

SINHÁ

(*Completamente entregue*) Faço, sim. Que é?

RENATO

(*Tirando com a mão livre uma carta do bolso*) É entregar esta carta...

SINHÁ

(*Convencida de que a carta é para ela*) Pra quem, seu Renato, pra quem?

RENATO

Entrega?

SINHÁ

Entrego, sim. É... (*Envergonhada, como se dissesse: "é para mim?!"*) pra quem?

RENATO

(*No mesmo tom*) É... para a Ester.

SINHÁ

(*Puxando, bruscamente, a mão*) Heim?

RENATO

(*Justificando-se*) O velho hoje não saiu de casa...

SINHÁ

E o senhor pensa que sou onze letras? Não levo nada, pronto!

RENATO

Está com ciúmes?

SINHÁ

Eu?!

RENATO

Se você fosse rica, era com quem eu me casaria. Mas você é mais "pronta" do que eu!...

SINHÁ

(*Irônica*) Sim...

RENATO

É sério. Caso-me com outra contra a vontade, porque eu gosto é de você.

SINHÁ

Daquela moda!...

RENATO

Desde que cheguei a este bem-aventurado lugar. Você estava na estação. O trem parou, lembra-se? Pus o primeiro pé na plataforma. Vi você. Sabe o que fiz?

SINHÁ

(*Novamente ingênuo*) Não. Que foi?

RENATO

Pus o outro pé. (*Ri.*)

SINHÁ

(*Desiludida*) Ah!

RENATO

Então, não leva mesmo a carta?

SINHÁ

Não.

RENATO

Então até logo. (*Estende-lhe a mão.*)

SINHÁ

(*Recusando-a*) Não dou, pronto! (*Senta-se no poço.*)

RENATO

Olhe que você chora...

SINHÁ

(*Peremptória*) Hoje não há nada que me faça chorar.

RENATO

Não? (*Fingindo que vê Nhanhã à D. M.*) Boa tarde, dona Nhanhã!

SINHÁ

(*Levantando-se de um salto, a chorar*) Ahn, ahn, ahn...

RENATO

(*Rindo*) Chorou ou não chorou? (*Sinhá, percebendo a blague, olha-o com raiva.*) Bem... não leva a carta?

SINHÁ

Não!

RENATO

Levo eu. Até logo. (*Sinhá estende-lhe a mão.*) Agora não quero. (*Bate-lhe na mão estendida. Saindo, pára no portão.*) E não se esqueça da corda!... (*Sai. Sinhá vai ao portão. Olha, dolorosamente, para a rua. Depois volta-se. Fecha o portão. Encosta-se nele. Faz força para conter o pranto. Mas não pode. E chora, desta vez convulsivamente.*)

LEONOR

(*Chega e encosta-se, contemplativa, ao batente da porta da D. Ouve um soluço. Volta a cabeça. Contempla, por um tempo, a prima.*) Que é isso?

SINHÁ

(*Limpendo os olhos*) Nada.

LEONOR

(*Encaminhando-se para a chorona. Esta, riscando o muro com o dedo, procura desviar-se da inquirição. Leonor, contornando o poço, vai até junto de Sinhá, que pára e lhe sorri.*) Qual! Você anda sofrendo da bola!... Que tem você, Sinhá?

SINHÁ

(*Sorri, de novo, com evidente vontade de chorar. Continua a caminhar, riscando o muro. Leonor acompanha-a, admirada. De repente, a pequena não se contém mais.*) Que é que você quer comigo? Não tenho nada! (*Gritando*) Não tenho nada! (*Dá um soluço e sai, a correr, pela D. M., deixando cair o tricô e a agulha que tinha nas mãos. Leonor olha-a, coça a cabeça, apanha depois o que caiu e leva tudo para o banco da D. B.*)

CHIQUINHO

(*Pondo a cabeça pelo muro do lado esquerdo, medrosamente, chama com precaução.*) Siá Leonor! Siá Leonor! (*Esconde-se atrás do muro.*)

LEONOR

(*Voltando-se*) Quem é?

CHIQUINHO

(*Pondo a cabeça novamente*) Sou eu! (*Como vê que Leonor não o encontra*) Estou aqui.

LEONOR
(Descobrimo-o afinal) Ah!

CHIQUINHO
Ela está mais mansa?

LEONOR
Acho melhor não entrar já...

CHIQUINHO
Mas é que ainda não jantei...

LEONOR
~~Desça daí.~~ Vou ver se encontro alguma coisa na cozinha. (Sai a correr, pela D. M. Chiquinho, precavidamente, salta o muro e fica à espera, um olho na porta da casa, o outro no portão do pomar, como se fora um ladrão. A espera é curta, porque Leonor aparece.) Não encontrei nada. O que sobrou deram aos porcos. Só encontrei pão e assim mesmo duro.

CHIQUINHO
Se eu tivesse nascido porco!

LEONOR
(Sorrindo) Teria comido, Chiquinho...

CHIQUINHO
Ser porco é melhor do que ser gente!...

LEONOR
É e não é.

CHIQUINHO
Por quê?

LEONOR
Porque um porco não consegue nunca ser homem; e há muito homem que pode ser porco...

CHIQUINHO
É? Então eu quero virar porco, só para comer bastante!

LEONOR
Geralmente é para comer bastante que os homens viram porcos...

CHIQUINHO
O melhor é comer pão duro... Estou com uma fome que como até pau! (Vai levar o pão à boca.)

LEONOR
Não. Espere aí. Vou buscar dinheiro lá dentro... (Chiquinho joga o pão na saliência da boca do forno. Ela, ao voltar-se, dá com Álvaro, que começa a subir a sacada do F. com a preocupação mal disfarçada de evitá-la. Esquece-se do peão. Entre irônica e alegre) Doutor Álvaro!... Bons olhos o vejam!... (Álvaro, que não tem outro remédio, resolve descer a escada e vir saudá-la.) Tirou a sorte grande? Não quer falar aos pobres? (Chiquinho, sentindo-se esquecido, apanha de novo o pão e começa a comê-lo.)

ÁLVARO
(Abrindo o portão) Dá licença?

LEONOR
(Entre alegre e ressentida) Entre! Entre! Que fim levou hoje?

ÁLVARO
Fui à roça.

LEONOR
E não teve tempo de avisar-me?

ÁLVARO
Sentiu, então, muita falta?

LEONOR
(Novamente infantil) Tive uma saudade grande, grande!...

ÁLVARO
(Saindo, um pouco forçadamente, de seu tom reservado e procurando ser alegre) Do tamanho...?

LEONOR
(Alegremente, procurando uma comparação) Do tamanho... do tamanho...

CHIQUINHO
(Concluindo) Do tamanho da minha fome. (Risos)

ÁLVARO
(Galhofeiro) No Brasil ninguém passa fome, rapaz.

CHIQUINHO
No Brasil pode ser, mas aqui neste quintalzinho, não sei não!...

ÁLVARO
E por que não entra?

CHIQUINHO
Não posso ir lá dentro...

LEONOR
Pode. Mas se for, apanha.

CHIQUINHO
É o que digo: não posso...

ÁLVARO
Guerra?

LEONOR
Ele é um país desarmado... Apenas opressão do forte contra o fraco.

ÁLVARO
(Referindo-se a ela, Leonor) E a Inglaterra?...

LEONOR
Ia buscar dinheiro...

ÁLVARO
(Rindo) Dinheiro? Aqui não há restaurantes...

CHIQUINHO
Mas então hei de passar o dia todo sem comer?

LEONOR
(Rindo) Os camelos passam oito dias...

CHIQUINHO
Eu não sou camelo!

LEONOR
(Referindo-se a Nhanhã) Mas é da família...

ÁLVARO
Você vai comer lá em casa.

CHIQUINHO
(Alegremente) Não diga isso duas vezes, que vou mesmo!

ÁLVARO
Vá. Diga ao Benedito que lhe dê de comer. Eu irei logo.

CHIQUINHO
(Jogando fora, com desprezo, o pão que comia) Não posso comer pão seco!... (Sai a correr pelo portão do F. e galga de dois em dois os degraus da escada da casa de Álvaro. No cimo da escada, pára e volta-se para Leonor.) Siá Leonor, é servida de comer comigo? Se quer, não faça cerimônias. A casa é nossa... (Sai. Leonor e Álvaro riem-se. Depois, aos poucos, vão ficando sérios. Uma pausa.)

LEONOR
Estou muito zangada com você, Álvaro.

ÁLVARO
(Pretendendo desculpar-se, e, para evitar a cena, exagerando as precauções para que não sejam apanhados)

em colóquio) Leonor...

LEONOR

(Sem se preocupar de que a vejam) Decerto. Nem um bilhetezinho dizendo para onde ia...

ÁLVARO

É que eu... eu...

LEONOR

Não gagueje, não! (Com lágrimas na voz) Não faz mal!... Não posso obrigar você a gostar de mim...

ÁLVARO

Leonor, cuidado...

LEONOR

(Sem ouvi-lo, com uma ponta de revolta educada) Mas por que mudou assim? Que lhe fiz eu? (Quase chorando) Por que, de repente, você se tornou tão mau? Tão mau!

ÁLVARO

Mas, Leonor... quem te disse isso?

LEONOR

(Procurando disfarçar o seu ressentimento, retomando o seu tom jovial) Um passarinho... Aquele passarinho.

ÁLVARO

Mau, eu? Por quê?

LEONOR

(A princípio procurando ser brejeira, depois irônica. No fundo, sempre sentimental) Porque, logo que aqui cheguei, todas as manhãs... (Como se quisesse ridicularizar o próprio romantismo) A primavera tecia, para nós dois somente... (Rindo) – era o que você afirmava, não era? – manhãzinhas de sol... (Sem querer, vai aos poucos sentindo o que diz.) Fios de luz de sol... Renda de folhas... Perfume de flores... Tudo muito bem dosado! (Rindo novamente) A receita era sua... (Novamente se tornando sincera) Coloridos de penas... Ruídos de ninhos e asas... Cantos de aves que se aproximavam. (Imita um pássaro, assobiando.) Vozes de homens que se afastavam: Eh boi! Eeeeh booooo!... Lembra-se? (Pequena pausa, em que ela passa de saudosa a mordaz.) Misture e mande. Uma colherzinha de hora em hora... Era o preparo... O resto foi fácil... E o doutor (Acentuando a ironia), com mais uma poçãozinha de comentário musical de violoncelo. (Como num parêntese, rindo com evidente vontade de chorar) era mais teatral! Ali... (Aponta, acentuando, sem querer, o tom sentimental.) daquela janela... (Novamente irônica) sem uma palavra que o compromettesse, apenas com esses olhos... (Leva o indicador e o médio à altura dos olhos de Álvaro, para indigitá-los, mas com evidente vontade de vazá-los.) nestes olhos... (Indica os dela. Apesar da força que faz para conter-se, não consegue esconder a emoção que sente.) dizia-me tanta coisa, tanta!... Prometia-me tanto... tanto!... Dizia-me? Não! Repetia-me o que já me havia dito, quando pela primeira vez, aqui mesmo, os seus olhos falaram aos meus olhos... (Limpa uma lágrima) E eu (Procurando ser cômica), que menina boba! (Rindo para não chorar) Acreditei na mentira desses olhos...

ÁLVARO

(Pretendendo justificar-se) Leonor...

LEONOR

(Num gesto que diz: “não se justifique”, retomando o tom de ironia, que atinge, agora, quase à mordacidade) E foi além!... Tia Gabriela acabara de adormecer... Ambos (Brejeirice irônica) – não foi de propósito, foi? – tomamos o termômetro para ver a febre... (Emotiva) Suas mãos tocaram as minhas... (Novamente brejeira e irônica) Foi acaso, não foi? E a dúvida... foi dissipada. Você falou, enfim. Ouvi-lhe a voz: “não poderei viver sem você!...”

ÁLVARO

(Como um autômato) Não poderei viver sem você!...

LEONOR

(Numa revolta) Falso!

ÁLVARO

Leonor!

LEONOR

(Na esperança de que ele se justifique e perdendo, aos poucos, o vigor da revolta) Então, por que, agora, anda tão esquivo? Por que foge de mim? (Pequena pausa. Olha-o. Numa queixa, quase sorridente, com vontade de perdô-lo, de que tudo seja nada:) Evita-me sempre que pode... (Numa suave recriminação, certa de que, no fim, ele aclarará tudo. Apenas um pretexto para que ele repita que a ama. A voz amacia-se. Torna-se quase infantil. É mais a menina que a moça, que fala nessa menina-moça.) E eu acreditei nas coisa bonitas que você me dizia!... (Ameaçando-o com a mãozinha espalmada, como uma criança) Deixe estar... Nas cartas... No final da última carta... (Como quem procura recordar-se) “Contei todo o meu segredo ao passarinho, teu amigo. ‘Sabe? Estou curado’, lhe disse. ‘Preciso ir-me e não posso’. ‘Por causa dela?’ Que malicioso, não? ‘Não’, respondi. ‘Apenas por... tua causa, passarinho. Queria levar-te comigo, a ti e a tudo que vive nestas inolvidáveis manhãs de sol...’ E ele sorriu: ‘Leonor. Leva a Leonor contigo e levarás tudo, rapaz’. Sigo o conselho do passarinho: peço-te que sejas a minha mulherzinha para, ao sair daqui, levar comigo essas manhãs de sol. O sol na luz dos teus olhos, nas flores, no perfume dos teus cabelos; os pássaros cantando na tua voz, o mel das abelhas nos teus lábios, e o céu, e o campo e os ares que me fazem tão bem, na alegria moça e pura de tua alma!” (Voltando-se para ele, alegre com ela mesma, num tom de vitória tão ingênuo que se torna cômico) Viu? Decorei tudinho! (Pausa rápida. A alegria momentânea cede novamente lugar à queixa, desta vez chorosa, quase humilde.) Eu não merecia isso... Você foi cruel. Enganou-me!

ÁLVARO

Fui um insensato! Evitei quanto pude! Não sei como cheguei a dizer-lhe tudo isso...

LEONOR

Confessa que, apenas, se divertia...

ÁLVARO

Nunca fui tão sincero. (Num transporte incontido) Gosto de ti, Leonor, como se pode gostar na vida!

LEONOR

(Triunfante) Álvaro!...

ÁLVARO

(*Contendo-a*) Não. Não é possível! Não posso! Deixa-me. (*Afasta-se.*)

LEONOR

(*Pausa. Ofendida em seu amor próprio:*) Está bem.

CHIQUINHO

(*Assomando à janela do F.*) Seu dotô! A “bóia” está esfriando! Tem lá um viradinho de feijão! Ô virado!...

ÁLVARO

Até logo. (*Sai pelo F.*)

GABRIELA

(*Aparecendo ao portão da D. com uma pamonha envolta em palha de milho verde*) Leonor!... Queres um pouco de pamo... (*A expressão da fisionomia de Leonor, que não a ouve, nem a vê, a faz interromper a frase. Desce os degraus.*) Que tens, minha filha?

LEONOR

Nada... (*Gabriela volta o olhar para a casa do F. Álvaro sobe a escada, vagorosamente, desabado sobre si mesmo. No patamar, antes de entrar, deita um olhar a Leonor. Gabriela surpreende esse olhar. E compreende.*)

GABRIELA

Hum!...

LEONOR

(*Já senhora de si*) Que é, titia?

GABRIELA

Não quero prosa contigo.

LEONOR

Está mal comigo?

GABRIELA

Estou.

LEONOR

(*Brincalhona, infantil*) Então dê-me o dedinho. (*Estende o dedo mínimo como as crianças quando resolvem cortar relações. Gabriela não altera a austeridade da fisionomia.*) Isso é mesmo sério? (*Dá-lhe um beijo numa das faces.*) Ih, que cara feia! Se você soubesse como fica feia quando se zanga! (*Dá-lhe outro beijo noutra face.*) Não se riu ainda? Rindo fica bonita! Ria! (*Numa pirueta, passa para o lado contrário e beija a outra face da irmã de caridade.*) Não riu ainda? Está durinha, heim? (*Faz uma careta.*) Ria! Dou uma cambalhota. (*Ameaça a cambalhota. Gabriela continua séria.*) Faço cosquinhas... (*Realiza a ameaça e, com os dois indicadores em riste, avança, passando rápida e ágil de um lado para o outro, ameaçando cócegas em Gabriela.*) Sou o camundongo Mikey e você é o Pato Donald. Qui, qui, qui, qui. (*Como se fosse Gabriela, que falasse, imitando o pato*) Não faça isso! Estou danado da vida! All right! Não quero brincadeiras! O.K.! Não riu? Então não ameaço. Vou fazer mesmo. (*E faz.*) Qui, qui, qui, qui qui! (*Gabriela, que faz força para não rir, quando afinal sente que os dedos da garota começam a atingi-la, ri.*)

GABRIELA

(*Rindo*) Fica quieta, Leonor!

LEONOR

(*Triunfante*) Ah! Riu! Riu! Sou irresistível! (*Falando como se fora uma criança*) Atabou a zandinha? Sua sobrinha é boa, boazinha, boazinha!... Que foi que eu fiz?

GABRIELA

(*Severa e perscrutadora*) Não tens nada para me dizer?

LEONOR

(*Como se fosse uma napolitana*) Io? Per la madona! Niente, exelença, niente!

GABRIELA

Não me estás ocultando segredinho nenhum?

LEONOR

(*Com inflexões de galega*) Se lo juro, señora, mia! Nada, por la virgem Maria Santíssima!...

GABRIELA

Não digas isso, nem brincando! Perguntei, apenas, por perguntar. Não preciso que me respondas: estou vendo.

LEONOR

Vendo o quê?

GABRIELA

O que se passa em teu coração.

LEONOR

(*Com os dois indicadores em riste, apontando os olhos da tia*) Raios X?

GABRIELA

Idade... Experiência... Melhores que raios X. Não é de hoje que te observo. A ti e a ele. Vamos – conta-me.

LEONOR

(*Contando, a rir e a saltar como se estivesse pulando corda*) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, quem pular mais ganha biscoito! (*Pára de saltar e encara, brejeira, a irmã de caridade.*) Quer biscoito, salte.

GABRIELA

Não tens nada para me contar?

LEONOR

Nada, nada! (*Recomeçando a saltar*) Nove, dez, feijão com pastéis?

GABRIELA

Nada? Dá-me tua palavra?

LEONOR

(*Saltando na corda hipotética, a correr*) Onze, doze, treze, catorze, quinze, dezesseis... (*Não pode continuar a fingir aquela alegria que não sente. As lágrimas ameaçam traí-la. Não lhe molham os olhos, mas começam a envolver-lhe as palavras.*) dezessete, dezoito, dezenove, vinte... (*Explode em pranto. Cai, chorando, nos ombros de Gabriela.*) Quero voltar para o colégio, titia! As férias já terminaram. Vamos voltar, vamos sair daqui...

GABRIELA

(*Com muita emoção contida, apertando-a nos braços*) Compreendo, minha filha, compreendo... (*Pequena pausa. O violoncelo, no fundo, como um gemido humano, recomeça. As duas escutam e, vagorosamente, voltam-se para a casa do fundo. Depois, ao voltarem novamente os rostos, olham-se nos olhos. Pausa. E choram, em silêncio, ouvindo. Um tempo.*)

ZEZÉ

(*Entrando pelo portão do fundo, também embebido na música que ouve*) Bonita essa rabeca, não é? (*Ri como sempre.*) Ahn, ahn, ahn. (*Leonor e Gabriela limpam os olhos, ao mesmo tempo que se ouvem gargalhadas alegres como a mocidade. É Renato que chega, com Firmino e Nitinho.*)

RENATO

(*Ruidoso*) Entrem, entrem! Vamos contar a sensacional

novidade. (*Amável*) Boa tarde, tia Gabriela. Boa tarde. (*A Leonor. Gritando, novamente com a intenção preconcebida de fazer Sinhá chegar à janela*) Que venham todos, todos, que venham todos para ouvir a boa nova!...

PEQUITOTA
(*Chegando à janela*) Que aconteceu?

RENATO
Aconteceu que... (*Não tendo nada que contar, volta-se para a janela do fundo.*) Ó Álvaro, pare com isso! (*Num grito quase desesperado*) Pare com isso, homem triste! (*A Gabriela*) Só gosto de músicas alegres, não acha? Essa música faz mal a gente. (*Depois de fixar a vista em Leonor. Cessa a música.*) A Leonor até já está com cara de missa de sétimo dia!

LEONOR
(*Procurando ser alegre*) Naturalmente...

RENATO
(*Maldoso*) Será pela música ou pelo músico?

LEONOR
Por uma coisa nem outra. Fico assim sempre que vejo você... (*Ri alegremente, apontando para Renato, desapontado. Nitinho, Firmino, Zezé e Pequitota gozam a piada e a cara do rapaz.*)

GABRIELA
(*Sorrindo, encaminha-se para a porta.*) Vou indo...

RENATO
(*Reagindo e tomando o tom alegre de sempre*) Não quer ouvir a novidade? É sensacional!

GABRIELA
(*Referindo-se com bonomia, risonha e irônica, à resposta de Leonor*) Não, meu filho. A que ouvi me bastou. Até logo. (*Sai. Leonor e os outros riem, apontando para Renato, novamente desapontado.*)

RENATO
Mas será possível?! Hoje todos tomaram assinatura em cima de mim? (*Depois, refazendo-se, grita novamente.*) Cheguem todos! Venham ouvir a novidade! (*Gritando quase para dentro da casa*) Venham ouvir a grande novidade!

PEQUITOTA
(*Que saiu da janela, vindo ao encontro de Renato*) Não grite assim. Mamãe pode ouvir!

RENATO
(*Rápido*) Não ouve. Ela está na frente da casa. (*Repuxando o olho com o indicador*) Eu vi! (*Gritando*) Querem saber qual é a novidade? (*Curiosidade. Rodeiam-no, menos Leonor.*) Querem saber a novidade?

PEQUITOTA
Conte!

RENATO
(*Gritando sempre*) Vou contar a novidade. Querem saber o que aconteceu?

SINHÁ
(*Surgindo à porta*) Que foi que aconteceu, seu Renato? Que aconteceu?

RENATO
(*Que não tem nada de sensacional para contar*) Aconteceu... Aconteceu...

LEONOR
(*Brincalhona*) Não aconteceu nada. Ele queria apenas que você aparecesse.

RENATO
(*Cínico*) Foi. (*Risos*)

SINHÁ
Ê? Pois vou-me embora outra vez.

RENATO
Não vá. Aí vai a novidade sensacional. (*Sobe para o poço, como para um púlpito. Sinhá volta-se, curiosa.*) Meus amados irmãos. Guararema vai ter dois melhoramentos de alto valor! O primeiro, a fundação de uma filarmônica local. (*Apontando para Firmino*) Clarinete. (*Firmino, sempre regularmente embriagado, faz uma reverência. Renato indica Zezé.*) Trombone! (*Zezé ri, curvando-se. Renato indica Nitinho.*) Bombardão! (*Nitinho curva-se, também risonho*) Regente. (*Aponta para si próprio e faz uma reverência.*) Somos as figuras principais. Temos ainda o Mestre Domingos, o Cassiona da nhá Maria-do-Papo-Grande, o Formiga e vários outros. Vamos fazer hoje o primeiro ensaio e hoje mesmo viremos tocar aqui.

SINHÁ
E a outra novidade?

PEQUITOTA
A outra?

RENATO
A fundação de uma escola de métodos ultramodernos. Professor. (*Indica-se e curva-se.*) Alunos. (*Indica Nitinho, Firmino e Zezé, que fazem o mesmo.*) Ensino racional. (*Senta-se no poço.*) As lições são gratuitas, mas o testes são apostados. Processo moderníssimo. Desperta, a um tempo, a inteligência e o interesse do aluno, se for esperto. Já fiz experiências. Eles perderam, mas ganharão. Os progressos que demonstraram da segunda vez foram incríveis. Na terceira ganharão na certa. (*Como se fizesse um grande elogio*) São uns notáveis mentecaptos!

NITINHO
(*Lisonjeado*) Muito obrigado pela parte que me toca.

ZEZÉ
(*Modesto*) Isso é bondade sua... Não "semos" tanto assim... (*Pequitota, Sinhá e Renato riem, espremidamente, com a mão na boca, da ingenuidade dos caipiras. Leonor, que contempla tudo mais ou menos abstraída, sorri com dó dos coitados.*)

FIRMINO
(*De boa fé*) Por enquanto o mentecapto tem sido só o senhor...

ZEZÉ E NITINHO
(*Aplaudindo*) Muito bem! Muito bem!

LEONOR
(*Acompanhando os aplausos, irônica*) Bravo! Muito bem. (*As pequenas, agora, riem de Renato. Ele sorri amarelo. Reage.*)

RENATO
Muito obrigado! Muito obrigado! Vou fazer uma demonstração prática do meu processo de ensino. Atenção! (*Tirando uma nota de cinco mil réis do bolso*) Cinco mil réis cada um. (*Todos sacam cinco mil réis.*) Deposita-se aqui. (*Depositam.*) O teste é simples.

Sistema intuitivo. Resposta indireta. Exercício para a sagacidade dos alunos. Quem responder certo leva tudo. Todos puseram?

NITINHO

Todos. *(Leonor, mais interessada, aproxima-se do grupo.)*

RENATO

Um pintor, num andaime, pinta uma casa. Escorrega e cai. Cai contra quê? *(A Nitinho)* Depressa!

NITINHO

Contra o chão.

RENATO

Perdeu. *(Aponta para Zezé.)* Cai contra quê?

ZEZÉ

Contra a calçada, ahn, ahn, ahn.

RENATO

Perdeu. Ahn, ahn, ahn, ahn! *(A Firmino)* Cai contra quê?

FIRMINO

Cai contra... *(Coça a cabeça.)*

RENATO

Rápido, senão perde. A resposta é fácil. Cai contra quê?

FIRMINO

Cai contra um toldo que havia embaixo.

RENATO

Não. Perdeu. Perderam os três. Cai contra a vontade. *(Apanha o dinheiro.)* Por vontade dele, não cairia, não é isso?

OS TRÊS

(Uma frase para cada um ao mesmo tempo) É verdade! É isso mesmo! Como não me ocorreu isso!

RENATO

(Guardando o dinheiro) Viram? O método é prático e simples... E não cobra nada.

LEONOR

(Aos caipiras) Empestem-me cinqüenta mil réis. *(Os caipiras mexem prontamente os bolsos. Reúnem dinheiro. A Renato)* Ponha cinqüenta mil réis aí.

RENATO

Cinqüenta mil réis?

LEONOR

Sim, professor. Demonstre aos seus alunos como se ganha, respondendo. *(Renato saca os cinqüenta mil réis, de má vontade. Os caipiras reuniram o dinheiro e entregam a Leonor.)*

FIRMINO

Cinqüenta mil réis.

LEONOR

Obrigada. *(A Renato)* E os seus?

RENATO

Cinqüenta mil réis. *(Deposita-os.)*

LEONOR

Um homem todo de claro vai saltar uma valeta cheia de lama e cai dentro dela. Como é que ele sai? Depressa! *(Os caipiras assistem à prova, animados. Pequitota e Sinhá, também.)* Vamos, professor!

RENATO

(Triunfante) Sai sujo de lama?

LEONOR

(Mais triunfante ainda) Não. Sai danado da vida! *(Passa, rapidamente, a mão no dinheiro e entrega-o aos caipiras,*

que riem e aplaudem juntamente com as duas outras pequenas.) Tomem. Dividam entre vocês. Vão embora e não estudem mais por esse método. Vão-se embora. *(Os caipiras, rindo-se, saem, satisfeitos.)* Leonor corre para dentro, de costas, com o polegar na ponta do nariz a agitar os outros dedos. Pequitota acompanha-a, fazendo o mesmo. E Sinhá também. Todos riem do rapaz, absolutamente desapontado. Saem os caipiras pelo portão do fundo. Leonor e Pequitota, pela porta da D. M. Sinhá, que é a última a chegar à porta, condói-se do rapaz. Retira a mão da ponta do nariz. Pára de rir. Olha condoída para Renato. Dá um passo para aproximar-se dele. E chora.)

SINHÁ

Ahn, ahn, ahn, ahn.

RENATO

(Reanimando-se, de um salto, chega até a pequena e, como se passasse a chave numa fechadura, no caso a mão dele e a boca da garota, imita o ruído.) Prrr! *(Sinhá olha-o.)* Fique com a chave. Tome. *(Entrega-lhe a chave hipotética. Ela, entre chorosa e sorridente, apanha-a e guarda-a no seio.)*

SINHÁ

Obrigada.

RENATO

Você já perguntou a sua mãe se chovia quando você nasceu?

SINHÁ

(Num muxoxo) Ah!

RENATO

Por que chorou agora?

SINHÁ

(Querendo, ingenuamente, esconder a causa do pranto e confessando-a) Não foi por sua causa não, não pense!

RENATO

(Malicioso) É? Quem está pensando é você...

SINHÁ

Não estou pensando nada! Podem judiar do senhor, à vontade! Que-bem-me-importa! *(Destaca as sílabas.)*

RENATO

(Imitando-a) Que-bem-me-importa!

SINHÁ

(Arrufando-se) Seu Renato!...

RENATO

Confesse. Faça de conta que sou o capelão. Ajoelhe-se no confessionário. Aqui a meus pés. *(De mãos postas como um padre e afinando a voz como se fosse Sinhá)* Padre, confesso: tenho um "xodó" pelo Renato!...

SINHÁ

Pretensioso!... Sabe que mais? Vou-me embora. *(Encaminha-se para a porta da D., pisando duro.)*

RENATO

(Que, sorrindo, a deixou chegar até a porta) Sinhá.

SINHÁ

(Voltando-se rápida, demonstrando ter interesse em ficar) Que é, seu Renato?

RENATO

Vai mesmo?

SINHÁ

(Duramente) Vou. (Movimento de voltar-se para entrar. Como, porém, o rapaz não insiste, ela adocica a voz.) Por quê, heim?

RENATO

Porque... podia não ir e, se não fosse, ficava...

SINHÁ

(Descendo, como quem não quer, os degrauzinhos da escada, balançando os braços, cujas mãos se encontram várias vezes.) Não fico, tá aí. Pode pedir e rogar que não fico! Não tenho nada que conversar com o senhor, nem o senhor comigo... Se tivesse, eu ficava... (Senta-se à beira da tampa do poço.)

RENATO

(Sentando-se a seu lado) Gosto tanto de estar perto de você!...

SINHÁ

(Radiante, mas fingindo não acreditar) Mentiroso!...

RENATO

Perdi o ano por sua causa. Vim para passar dois meses e já estou aqui há quase quatro!...

SINHÁ

Não é por causa da Ester, não?

RENATO

(Meloso) Não...

SINHÁ

(Com um movimento requebrado de ombros, tentando provocar uma declaração) Então é a Vila...

RENATO

Não... A Vila é bonita, confesso. Bonita e divertida. As noites são tristes, as manhãs monótonas e as tardes aborrecidas. É verdade. Mas ao meio-dia tudo isso é compensado. Você não imagina como espero o meio-dia! Como me divirto ao meio-dia.

SINHÁ

Ao meio-dia?

RENATO

É. Não reparou ainda? Repare. Quando bate o meio-dia na matriz, fico sempre esperando... esperando...

SINHÁ

Quê?

RENATO

Que bata uma hora. É o melhor divertimento local! (Ri. Sinhá vai levantar-se do poço, desiludida. Ele segura-a.) Ouça a verdade. Estou aqui por sua causa. (Ela baixa os olhos. Renato saca uma carta do bolso exterior do casaco.) Gosto tanto, tanto de você... que a não poder falar... prefiro... (Põe-lhe a carta na mão.)

SINHÁ

(Não cabendo em si de contente, convencida de que a carta é para ela) Para que é isso, seu Renato?

RENATO

(Muito achegado a ela) Isso é para você... (Ela, com a carta entre as mãos, aperta-a amorosamente ao peito. Ele, porém, depois de longa reticência, completa rapidamente a frase)... para você... levar para a Ester.

SINHÁ

(Levantando-se de um salto e passando para o lado oposto do terreno) Ah! É pra Ester, é? Olhe aqui. (Indignada, rasga a carta.) Pra Ester!... (Junta as duas

metades e torna a rasgar.) Pra Ester!... (E vai rasgando sempre.) Pra Ester!... Pra Ester!... (E rasga os últimos pedacinhos. Amarrota-os e arremessa-os ao chão.) Pra Ester!... (Chora.) Ahn, ahn, ahn!...

RENATO

(Chegando-se a ela, carinhoso) Que é isso? Não seja boba. Está chorando mesmo de verdade? (Procura ver-lhe o rosto, como se somente agora descobrisse sinceridade no amor que a pequena lhe vota.) Mas você gosta mesmo de mim?

SINHÁ

(Num desabafo, chorando, sempre) Gosto, sim!

RENATO

(Com tom carinhoso, mas voltando a brincar, com medo de se prender seriamente a um compromisso que não lhe convém, a imitar a voz de choro da garota) Gosto, sim! (Mais carinhoso) Não chore. (Sincero) Também gosto muito de você. (Brincalhão, novamente, encostando a cabeça na da pequena, canta, como se fizesse calar um nenenzinho, imitando uma criança a falar)

Não “chole”, nenenzinho

Não “chole”, não, meu bem...

Papai compra um doce

Mamãe compra um trem...

PEQUITOTA

(À porta da D. M.) Muito bonitinho, heim?

CHIQUINHO

(Da janela do fundo) Seu Renato é um “bicho” pra desmamar crianças! (Situação)

PEQUITOTA

Vou contar...

SINHÁ

(Implorando) Pequitota!...

PEQUITOTA

(Com bonomia brejeira) Fez muito bem. Aproveite. Eu não faço o mesmo porque não tenho com quem...

RENATO

Muito bem. Vocês, depois que eu vim para cá, estão se civilizandando...

NHANHÃ

(De dentro) Meninas!

SINHÁ

Ih! Mamãe!

CHIQUINHO

(Fugindo da janela) A véia!

PEQUITOTA

(Empurrando Renato) Fuja! Fuja!

RENATO

(Resistindo aos empurrões, aos quais Sinhá se associou) Não! Não! Não cometi crime nenhum!

NHANHÃ

(À porta, já com bilis na voz) Meninas! (Elas, atarantadas, param de empurrar. Situação. A velha a Renato, sempre mal-humorada) Boa tarde.

RENATO

Boa tarde.

SINHÁ

(Atarantadíssima, sem saber o que fazer) Boa tarde. (Nhanhã fita-a. Ela leva a mão à boca. É tarde, porém, o boa-tarde havia saído, denunciando essa distração

característica dos medrosos quando pensam, apenas, nos meios de salvar-se.)

NHANHÃ

Já são quase horas da novena. Gabriela não está se sentindo bem. Leonor ficará para fazer-lhe companhia. Vocês vão comigo. Precisam rezar. *(Isso tudo é dito muito articulado, de pessoa que não pode explodir, mas quer que compreendam que está ameaçando. Continua, tomando a palmatória, que está sobre o poço.)* Vão pôr o fichu. Vamos. *(Avançando, vagarosa, enquanto as filhas se afastam. Está prestes a explodir toda aquela raiva concentrada.)* Passe, Pequitota!

RENATO

(Para ver se desarma o mau humor da velha e quebra a austeridade da cena, resolve fingir-se amalucado: faz-se de juiz de futebol.) Vou dar saída nesse jogo! *(Apita com a boca. A Pequitota, empurrando-a)* Vá. Já! Coragem. *(A pequena, enquanto a velha incha de raiva, resiste, medrosa. Depois anima-se. E passa numa corrida pela frente de Nanhã, que não consegue atingi-la com a palmatória no lugar onde se dão palmadas nas crianças. Renato continua a simulação alegremente.)* Gol! Um a zero! Ale-guá-guá-guá! *(A Sinhá)* Agora, você. Esse goal-keeper é fundo! Deixa passar. Entre. *(Empurra-a. Ela, empurrada, caminha alguns passos forçadamente e estaca, medrosa. Renato apita.)* Está off-side!

SINHÁ

(Afastando-se) Não amole, seu Renato.

RENATO

Dribla e entra. Vá. *(Empurra-a. Ela passa como uma bala, gritando, com a mão defendendo a nádega ameaçada, que também não é atingida pelo golpe vibrado com a palmatória. Renato, animado, avança alegremente.)* Gol! Dois a zero!

NHANHÃ

(Alcançando a palmatória) O senhor que pensa que isso aqui é?

RENATO

(Afastando-se até o forno, onde se encosta) Sou apenas juiz. Não posso entrar nesse jogo.

NHANHÃ

(Dando alguns passos para ele, que contorna a cena, no intuito de procurar o portão de saída. Está se vendo que o seu medo é fictício. É mais debique do que medo.) O senhor mora aqui? *(Renato, movendo a cabeça de um lado para outro, com discreto exagero de medroso, responde que não.)* Então, que faz metido aqui todo santo dia? *(Ele meneia apenas a cabeça, como quem diz: "Que hei de responder?")* Não sabe que minhas filhas são mocinhas solteiras e que isso não fica bem? *(Renato diz que sim com a cabeça.)* Não acha que tenho razão? *(Ele, com a mão espalmada, significa: assim, assim. Nanhã coloca a palmatória sobre o poço.)* Seu Renato, já não lhe disse que não quero que o senhor venha aqui quando eu não estiver?

RENATO

Pois é justamente quando gosto de vir.

NHANHÃ

Heim?

RENATO

(Dando uma corrida e sentando-se sobre a palmatória, cínico) Agora podemos conversar. *(Outro tom)* Deixe-me ver a mão.

NHANHÃ

Como?

RENATO

Toda a gente, por aí, diz que a senhora é má. Acho que não é. Sei ler as linhas da mão. Deixe-me vê-la: a senhora deve sofrer do fígado. Dê-me a mão. *(Nanhã, maquinalmente, entrega-lhe a mão.)* Não disse? Gosto muito da sua linha do coração. Mas aqui, está vendo? É o fígado.

NHANHÃ

Não gosta?

RENATO

Gosto... à veneziana.

NHANHÃ

O senhor está brincando? *(Pretende puxar a mão que Renato retém.)*

RENATO

Não. Não. Espere. Vou ler a sério.

CHIQUINHO

(Que chega à janela, vendo o rapaz agarrado a mão de Nanhã, com malícia, a Renato) Mas nem a velha escapa?!

NHANHÃ

(Ouvindo a voz de Chiquinho) Ah! Bandido! *(Consegue arrancar a palmatória sobre a qual Renato está sentado e, brandindo-a e vociferando, sem saber bem de onde saíra a voz, pois o peão se esconde logo depois da frase irreverente, encaminha-se, enfurecida, para o portão do fundo e dá com ela na cabeça de Zezé, que, sem saber de nada, vem entrando.)*

ZEZÉ

Que é isso? *(Foge.)*

NHANHÃ

Desculpe. Não era para o senhor. Entre.

ZEZÉ

(Entrando, desconfiado, com um trombone a tiracolo e a mão na testa) Dá licença? Ahn, ahn, ahn!...

RENATO

(A Nitinho e Firmino, que estão parados no portão, indecisos se devem entrar, devido a atitude de Nanhã) Entrem. Não tenham medo. Chegaram à hora.

NITINHO

(Empurrando um clarinete para os lados) Entrem.

FIRMINO

(Envolvido num bombardão, idem) Vão entrando. *(E entram vários músicos. Tipos bem compostos de provincianos. É a banda de Renato que invade o terreno de Nanhã, atônita.)*

NHANHÃ

Mas que é isso?

RENATO

(Rindo) É a minha Sociedade de Concertos Sinfônicos. Quer entrar para ela? Tocará bumbo. *(Gesto de dar pancada)* Não se zangue! Cure o fígado! A gente leva da vida a vida que a gente leva! Vamos viver com alegria, com música. Vamos divertir-nos! Estão todos prontos?

FIRMINO

Eu estou. Os últimos cinco mil réis perdi num teste com o Zezé.

ZEZÉ

Ahn, ahn, ahn, ahn.

NITINHO

Só falta o Mestre Domingos.

ZEZÉ

Ele está dormindo ali debaixo da “arvre”... Ahn, ahn, ahn!

RENATO

Então vamos acordá-lo com música. Atenção. *(Arrancando a palmatória da mão de Nhanhã e fazendo dela uma batuta)* Já! *(A banda toca uma velha e gasta melodia, regularmente desafinada. À porta e à janela aparecem, curiosas, Gabriela, Leonor, Pequitota e Sinhá, estas duas já com o fichu à cabeça, prontas para a novena. À janela do fundo, Álvaro, Chiquinho. Um criado à porta. O primeiro procura não ser visto por Nhanhã. O portão enche-se de curiosos.)*

RENATO

(Regendo e gritando) Que beleza esta estréia! É composição minha. Chama-se Sinhá. Agora vamos alegrar as ruas! *(Sai à frente dos músicos, regendo. O bombardão de Firmino dá notas incríveis, que ferem os ouvidos.)*

CHIQUINHO

(A Renato) Isso. Vá levando a palmatória! *(Nhanhã procura-o. Ele se esconde.)*

NHANHÃ

(Depois de se refazer, às filhas) Vamos embora, por esse lado. *(Aponta o lado contrário ao que saiu a banda.)* Até logo. Gabriela, Leonor, juízo! Se o Chiquinho aparecer, não o deixem sair. Quando eu voltar da igreja vou matar aquele diabo de pancada. Até logo. *(Sai com as duas filhas, beliscando-as. Pausa. Gabriela sorri, ainda ouvindo, já longe, a música desafinada de Renato e, sobretudo, o bombardão de Firmino em acordes que se destacam como trovoadas.)*

LEONOR

(Que está à janela com a tia) Está escurecendo. *(De fato, a noite começa a cair.)* Vamos entrar?

GABRIELA

Vamos. *(Leonor sai da janela. Gabriela vai fazer o mesmo. A porta da casa do fundo abre-se. O criado, violoncelo às costas, sai. Ela, curiosa, abre novamente a janela que ia fechar. Álvaro, a seguir, desce as escadas da casa.)*

GABRIELA

(A Álvaro) Boa tarde, doutor. Zangado com os pobres?

ÁLVARO

(Da escada) Eu?

GABRIELA

O senhor mesmo. Preocupava-se tanto com a saúde da sua doentinha. *(Refere-se a ela própria.)* e agora...

ÁLVARO

Muito trabalho... Mas não quero que faça mau juízo de mim. Está quase na hora de começar a novena, mas terei tempo ainda de ir ver a minha cliente. *(Sorri e desce.)*

MESTRE DOMINGOS

(Entrando, sempre dançando a música da canção que cantarola e mastigando uma fruta)

Arimandolá oué!

Arimandolá ouá! etc.

(Gabriela sai da janela para aparecer à porta justamente na ocasião em que Álvaro transpõe o portão do fundo.)

ÁLVARO

(Risonho e amável) Aqui estou. Não posso demorar-me porque sou o violoncelista da novena. Quero apenas cumprimentá-la como amigo.

GABRIELA

(Também sorrindo) E um amigo que, para não perder o hábito, faz visita de médico: apressada.

ÁLVARO

Vossa caridade não precisa mais de médico. Está radiosa de saúde...

GABRIELA

Mas talvez precise do amigo...

ÁLVARO

Estou às suas ordens. Continua bem, não é?

GABRIELA

E o senhor, como vai?

ÁLVARO

Quase bom...

GABRIELA

(Maliciosa) Não acredito...

ÁLVARO

(Sempre sorridente) Não?

GABRIELA

(Idem) O senhor, agora, é que está começando a ficar “doente”...

ÁLVARO

(Brincalhão) Não me assuste... E é grave?

GABRIELA

(Sempre sorrindo) Acho que não. Quer que eu seja seu médico?

ÁLVARO

Quer auscultar-me?

GABRIELA

Venho-o auscultando há muito tempo...

ÁLVARO

É o diagnóstico?

GABRIELA

Coração...

ÁLVARO

(Perturbado, perdendo o sorriso) Como? Ela?...

GABRIELA

... não me disse nada, filho. Mas não se esqueça que dentro deste hábito há uma mulher... e uma mulher experiente...

ÁLVARO

Mas que, desta vez, se enganou...

GABRIELA

Não... Mas não se perturbe assim. A moléstia não é grave. O remédio é conhecido. Receita? Tome nota e mande aviar o mais depressa possível: casamento.

ÁLVARO

(Depois de breve hesitação) Não é possível.

GABRIELA
Como?

ÁLVARO
(Resolvendo-se afinal) Sou... casado.

GABRIELA
(Apoiando-se no poço para não cair) Casado?

ÁLVARO
(Numa afirmação dolorosa) Casado.

GABRIELA
(Com uma ponta de indignação) Mas, pelo menos aqui, sou a primeira pessoa a quem o senhor faz essa revelação? (Álvaro baixa a cabeça. Gabriela, contendo-se, volta ao seu tom de doçura, de doçura amarga de quem faz força para que a emotividade que sente não molhe de lágrimas as suas palavras. Como se mudasse de assunto e começasse a tratar de coisas que dizem respeito a outras pessoas, não eles) Doutor Álvaro? (Ele levanta a cabeça, atendendo ao chamado.) O senhor não tem irmãs solteiras? (Ele baixa, novamente, o olhar.) Nessa idade indecisa das crisálidas!... Meninas já moças e moças ainda meninas, que vêm na vida, apenas, o reflexo dos próprios olhos mal abertos de adolescentes, cheios dessa pureza ingênua, dessa alegria viva, dessa esperança animadora que Deus dá a todos que começam a trilhar um caminho que não conhecem, andando sem saber para onde, à procura dessa grande ilusão que não sabem o que é, que nós sabemos que é nada e elas pensam que é tudo?... Tem irmãs assim, doutor?

ÁLVARO
(Quase num gesto) Tenho...

GABRIELA
(Contendo as lágrimas, docemente ferina) E que faria, se logo no início da caminhada, alguém um dia viesse mostrar-lhes que a ilusão é apenas um sonho que se transforma em desengano quando os olhos que viam o céu se abrem, de verdade, para a vida e baixam para a terra por onde caminhamos?

ÁLVARO
Esse alguém, irmã, às vezes é mais vítima que culpado... Vivo só... (E como Gabriela o olha com certo olhar de desprezo, ele troca, aos poucos, o tom humilde da desculpa pelo da veemência, delicada, mas firme, embora comovida, da própria defesa.) Pergunte ao seu Deus se não é justo ao homem a quem mostram na terra o desengano querer continuar a olhar o céu da grande ilusão a que se referiu; o ser que nasceu com vida procurar a vida que o próprio Deus lhe deu quando ela lhe foge para esconder-se nas sombras da estupidez infinita das convenções humanas... Pergunte-lhe, irmã, e não a mim!

GABRIELA
(Serena e firme) Quero apenas que o senhor responda! (Há uma pausa. Gabriela encara, com dureza, o rapaz, que sustenta, com certa sobranceira, o olhar que o condena. Depois hesita. Não pode mais. Puxa um lenço. Não chega, porém, a levá-lo aos olhos. Resiste. Não chora. As lágrimas saem-lhe, apenas, na voz.)

ÁLVARO
Irmã Gabriela: juro-lhe pela minha honra que... (Não pode continuar. E sai, arrebatadamente, para que não o

vejam chorar. A irmã de caridade está hirta. Apoia-se com mais força ao poço. Mestre Domingos, que desde o início da cena dançou, cantarolou e resmungou, tem, na sua inconsciência, um momento lícido: vem pôr o banquinho da D. B. junto da irmã, que, maquinalmente, como um autômato, se senta nele. Depois apoia os braços no poço e chora, silenciosamente. Pausa. Domingos cantarola e dança. O criado de Álvaro sobe a escada da casa do F. A noite continua a descer.)

LEONOR
(De dentro, chamando) Titia! Ó titiaaaaa! (Gabriela levanta a cabeça. Limpa os olhos. Leonor aparece e como quem ralha com uma criança teimosa.) Muito bonito, sinhá dona! Não foi à novena para não apanhar sereno e vem sentar-se no quintal, toda repimpadinha, não é? (Há uma claridade. Será luar ou reflexo do crepúsculo da tarde que desaparece nos contornos longínquos dos morros? Leonor, depois de reparar na tia) Que é isso? Chorou? Que fazia aqui? Está triste? (Infantilmente ameaçadora) Não quero tristezas, ouviu? (Chiquinho desce sorratamente as escadas do F. e, sem ser pressentido, entra na casa da D. M. com todas as precauções.)

GABRIELA
(Procurando esconder num sorriso toda a mágoa que sente) Não estou triste...

LEONOR
(Teimosa) Está.

GABRIELA
(Com uma ponta de emoção) E você, minha filha?

LEONOR
(Forçando a alegria, certa de que toda a tristeza da irmã de caridade se prende a ela) Eu? Não se preocupe comigo, titia. Não fique triste pensando que estou triste. Sou muito alegre e no calor da minha alegria a tristeza é como a chuva de verão: cai, forte, rápida, mas passa depressa...

GABRIELA
Então também estou alegre...

LEONOR
(Teimando, graciosa) Não está... Estão me dizendo que não está. Não ouve? (Imitando uma voz que vem de longe) "Tua tia está triste!"...

GABRIELA
(Sempre a sorrir, convencida de que ela se refere ao pássaro com quem costuma falar) É quase noite, minha filha...

LEONOR
(Torcendo-se de um lado para outro, com as mãos nas costas, infantil, pondo reticências nas palavras, como se tratasse de um enigma) Não sabe quem me está falando...

GABRIELA
Será o passarinho?

LEONOR
Não. Uma estrelinha. (Apontando) Aquela!... meio escondida ainda, espiando apenas com o rabinho de um olho para nós, não vê? Láááá looonge! É sempre a primeira que sai e a última que se recolhe. É velhinha que só vendo!... Toda enrugadinha, olhe! Há não sei

quanto tempo – disse-me ontem – vê, lá de cima, os dias e os homens cá em baixo morrerem e tornarem a nascer, nascerem e voltarem a morrer... Tem uma prosa agradável! É minha amiga, sabe? Converso com ela todas as noites...

GABRIELA

E já te disse alguma coisa hoje?

LEONOR

Já. Que não fosse boba. Que na minha idade não se deve pensar; deve-se, apenas, viver!

GABRIELA

(Risonhamente filosófica) E na minha, apenas pensar...

LEONOR

(Pondo a mão no ouvido em forma de concha) Heim, estrelinha? *(Olhando de soslaio para a tia)* Isso não lhe digo!

GABRIELA

Falou de mim?

LEONOR

(Mudando o tratamento, com mais intimidade e mais carinho) Que és uma boba...

GABRIELA

Por quê?

LEONOR

Porque pensas que as velhas devem pensar...

GABRIELA

E não devem?

LEONOR

(Sempre como se estivesse ouvindo a estrela) Não. Pensam que pensam, mas não pensam...

GABRIELA

Por quê?

LEONOR

Porque pensam somente no que não devem pensar, justamente como as meninas bobas...

GABRIELA

(Como que tirando um mau pensamento da cabeça)

Então vamos não pensar.

LEONOR

Ou pensar no que se deve pensar.

LEONOR

Que o mundo é bom como nós pensamos que ele é! Que a vida é alegre e linda, como este dia que morre, como esta noite que nasce!... Que somos felizes e podemos conseguir tudo quanto desejamos: ouvir estrelas e passarinhos, vestir-nos com as cores do arco-íris, banhar-nos com os perfumes das flores, comer os ares cheirosos das manhãs de sol e beber o sol quentinho das montanhas! *(Voltando-se para a estrela)* Não é? *(A Gabriela)* Diz que sim! *(Mirando, novamente, a estrela e falando para a tia)* Que sou feliz, que serei tudo, tudinho!... Que, se ficar na ponta dos pés e levantar os braços, poderei apanhá-la e guardá-la comigo! *(Fica na ponta dos pés. Levanta os braços para o ar. Corre até junto da tia. Abaixa-se, abaixando os braços. Une as mãos como se amparasse alguma coisa e agarra a cabeça de Gabriela, encostando-a no peito.)* Consegui!... *(Gabriela levanta os olhos para ela.)* Porque minha estrela és tu, titia, és a boa estrela da minha vida! E agora, alegria! Vamos brincar! *(Corre, como uma*

doida, e esconde-se atrás do poço.) Uh! Uh! Quem me pegar ganha um beijo! *(Gabriela levanta-se e contorna o poço à procura da pequena. Ela, agachada, dá a volta e, por trás de Gabriela, puxa-lhe o hábito. A irmã volta-se. Ela ri e corre. Mestre Domingos cerca-a. Ela desvia-se dele e puxa-lhe a camisa. Corre. Gabriela vem ao seu encontro. Ela desvia-se-lhe. Dá-lhe outro puxão no hábito. Afinal, fica entre a irmã de caridade e Mestre Domingos, que se aproximam para pegá-la, enquanto ela dá gritinhos e ri. Chiquinho sai da D. M. muito gordo e vai ganhar o portão. Mestre Domingos é o único que o vê.)*

MESTRE DOMINGOS

Oia ele! *(Chiquinho pára. Leonor e Gabriela voltam-se.)*

LEONOR

Venha brincar. *(Reparando)* Que é isso que você está tão gordo?

CHIQUINHO

Foi o viradinho que comi!

LEONOR

(Avançando para ele e segurando-o) Deixe-me ver, deixe-me ver. *(Chiquinho corre. Ela segura-lhe o casaco e fica com ele na mão.)* Que é isso, outro casaco? Deixe-me ver!

CHIQUINHO

Não, não!

LEONOR

(Abrindo-lhe o casaco) Três casacos. Três camisas...

CHIQUINHO

Toda a minha roupa está aqui...

LEONOR

E isso, o que é? *(Apalpa-lhe a barriga entumecida.)*

CHIQUINHO

É o meu travesseiro.

LEONOR

E isto? *(Apalpa-lhe uma espécie de corcunda que ele traz nas costas.)*

CHIQUINHO

São os meus sapatos...

LEONOR

Mas para quê?

CHIQUINHO

Peço perdão a todos. Mas não posso mais. Apanho muito!...

LEONOR

Vai fugir? Faz bem!

CHIQUINHO

Vou para o Rio...

LEONOR

Titia. Ele vai para o Rio! *(A Chiquinho, incrédula)* A pé?

CHIQUINHO

O doutor Álvaro vai me levar.

LEONOR

(Mudando de tom) O doutor Álvaro?!

CHIQUINHO

Sim, senhora. O criado já está arrumando as malas. Partimos de noturno. Não diga nada a ninguém. Ele não quer que saibam. Até um dia. *(Sai e some-se na casa do F.)*

LEONOR

(Volta-se para Gabriela) É possível, titia? *(Depois, como se não acreditasse, otimista)* Não, não pode ser.

GABRIELA

É verdade, minha filha. *(Leonor desata a chorar.)* Mas que tens?

LEONOR

Titia, não fica zangada comigo? Posso dizer?

GABRIELA

Não é preciso, minha filha. Mas... não pensemos mais nisso... Esquece-o.

LEONOR

Esquecê-lo?! *(Com uma ponta de revolta)* Não! Esquecê-lo por quê?

GABRIELA

Ele é casado. *(A um olhar interrogativo de Leonor)* Disse-mo ele próprio, há pouco. *(Leonor pára de chorar. Faz um grande esforço sobre si mesma. Enxuga as lágrimas com as mãos. Domina-se, orgulhosa. Ressentida. Pequena pausa. Gabriela desce. Ela fica ao fundo. Da igreja chegam, longínquas, as seis badaladas da Ave Maria.)*

GABRIELA

A Ave Maria!...

LEONOR

(Como um eco) A Ave Maria!... *(Mestre Domingos ajoelha-se. Gabriela sobe até onde está Leonor. Enlaça-a pela cintura.)*

GABRIELA

Estás triste, filhinha? A hora é doce, convida ao recolhimento e à prece. Pede a Deus que te dê ânimo e à estrelinha que te aconselhe. Nessa idade não se pensa, vive-se. A tristeza é como a chuva de verão, cai forte, mas passa depressa... Olha: *(Aponta a estrela.)* Quê? *(Põe a mão no ouvido em forma de concha.)* Heim? *(A Leonor)* Fala contigo, filha. Desabafa, querida. Ri, Leonor, ri e tudo passará. *(Leonor sorri.)* Isso. Assim. Mais alegre, alegre. *(Para a estrela)* Não é? *(Pausa. Ouve-se, ao longe, da igreja, o coro da Ave Maria e a voz do harmônio.)*

LEONOR

Tens razão, tia. Ele não merece...

GABRIELA

Não merece. *(Senta-se no banquinho junto ao poço. Leonor ouve, depois ri. Ri, ri muito, até cair chorando aos pés de Gabriela.)*

LEONOR

Não posso mais, tia, não posso mais!

GABRIELA

(Serena, sublime de bondade e de emoção) Que é isso, minha filha? Coragem. És moça, és linda, és boa, e, quando a gente é moça, bonita e boa, tem o direito de ser feliz. Coragem.

LEONOR

Não posso! Não sei o que sinto, agora. Tenho como que um vazio dentro de mim! Não imaginava que o quisesse tanto! Com a sua ingratidão, devia odiá-lo. Mas quero-o, quero-o mais agora! Sinto que meu amor aumenta!...

GABRIELA

Quanto mais a noite é escura, minha filha, tanto maior é o brilho das estrelas...

LEONOR

Não posso, não posso compreender por que... Por que,

titia, por que vim para este lugar horrível? Quero sair daqui! Leve-me para o colégio! Este lugar é feio, é horrível!

GABRIELA

(Acariciando-lhe os cabelos) Sossega. Nada é feio. Nada é bonito. Nossos olhos é que vêem as coisas feias ou bonitas, segundo o estado de nossas almas. Quando chegaste, viste tudo a sorrir... Espera, filha, e tornarás a ver... Tudo o que sentes agora não passará de uma chuva de verão... És ainda muito criança... As feridas, nas crianças, cicatrizam depressa. Espera e tudo passará... Verás... Toda esta aldeia, os morros ali, as estradas lá longe, as flores, o passarinho, a estrelinha, tudo enfim tornará a sorrir... E as lindas manhãs de sol de que tanto me falavas voltarão. Quando a gente é feliz, tem os olhos a sorrir... e tu serás feliz. Espera, minha filha: tudo voltará...

LEONOR

(Soluçando) Não, nunca mais! Minhas manhãs de sol não voltarão!...

MESTRE DOMINGOS

(Que parou um momento, contemplando o quadro, dirige-se para o portão do F., dançando e cantarolando. Leonor soluça. A Ave Maria é triste como a noite que desce devagar, juntamente com o pano.)

TERCEIRO ATO

(Terraço no bangalô de veraneio do advogado Renato de Gusmão, na Ilha do Governador. À D. A., a casa, circundada por uma varanda, onde há trepadeiras e vasos floridos. Duas pequenas escadas, com corrimão, levam à varanda praticável. Uma porta envidraçada dá entrada ao prédio. Duas janelas abrem-se sobre a varanda. No exterior, gaiolas e viveiros de pássaros. Grades de metal cromado, encimando pilastras praticáveis de cimento, circundam o terraço. À E. B., um portão, com um sino-campainha que toca todas as vezes que o abrem ou fecham. Entre o bangalô e a amurada, no F. esquerdo, há uma passagem para o interior da casa. Canteiros. Poltronas de vime. Uma mesinha e um guarda-sol, enorme, de praia. Ao fundo, o mar tranqüilo e um trecho longínquo da cidade. É à tarde. São passados oito anos. Renato, já instalado na vida, vestindo um traje de praia, brinca com duas garotas, suas filhas, de 6 e 4 anos respectivamente, ambas em maiôs de banho, enquanto uma criadinha, com os roupões de ambas num braço e um cachorrinho felpudo noutro, espera, risonha. Como se fosse também uma criança, o advogado, formando uma roda com as filhas, canta e salta com elas. Os pássaros cantam.)

Saropango da vingança

Toda a gente passarão
A lavadeira faz assim *(Imita)*
Faz assim, também assim!

Saropango da vingança

Toda a gente...

(O portão da E. abre-se, de repente. A campainha, sobre ele, retine ruidosamente e aparece, dentro de uma farda

elegantíssima de chofer de luxo... quem? A figura risonha e lépida do nosso maltrapilho Chiquinho. A transformação é completa. É outro nos modos, no andar, na expressão de felicidade que traz no rosto escanhoado. Os pássaros vão, aos poucos, deixando de cantar.)

CHIQUINHO
Dá licença?

RENATO
(Interrompendo a brincadeira) Que é?

CHIQUINHO
(Desenvolto) Ué? Não me conhece?

RENATO
(Reconhecendo-o) É o Chiquinho?!!

CHIQUINHO
Em carne e osso!

RENATO
(Expansivo) Dá cá um abraço!

CHIQUINHO
(Respeitoso, pretendendo esquivar-se) Seu doutor...

RENATO
(Rindo) Deixa disso. Tenho prazer em abraçar-te!
(Abraçam-se.) Abraçando-te, abraço Guararema inteira com a minha juventude junto.

CHIQUINHO
(Rindo) E eu todos os advogados do Brasil...
(Reparando nas crianças) Suas filhas?

RENATO
Apenas as meninas. O cachorro é meu neto. Filho das filhas... *(Acaricia as pequenas.)*

CHIQUINHO
O senhor não mudou nada!...

RENATO
(Rindo) Mudei de roupa...

CHIQUINHO
(Idem) Eu também...

RENATO
Os homens, desde que o mundo é mundo, mudam apenas de roupa, mas são sempre os mesmos...

CHIQUINHO
Para o senhor foi bom: continuou alegre.

RENATO
E você, simpático!

CHIQUINHO
(Saudosos) Como o tempo passa!... Esta...? *(Pousando a mão na cabeça da filha mais velha.)*

RENATO
Com quase 7, já! Casei-me cinco ou seis meses depois de teres fugido.

CHIQUINHO
(Acariciando as garotinhas) São duas bonequinhas. Sua senhora é loura? *(Ou morena, conforme o tipo das garotas.)*

RENATO
Não conheces minha mulher? *(Às pequenas)* Vão chamar mamãe.

AS DUAS
(Saem a gritar.) Mamãe! Mamãe! *(A criada as acompanha.)*

CHIQUINHO
(Encantado) Duas gracinhas!... Lindas!... O senhor sabe ser feliz.

RENATO
Pois não aprendi. Sou feliz por vocação...

CHIQUINHO
... e por merecimento.

RENATO
Obrigado.

CHIQUINHO
Estou doido para conhecer a sua senhora. Para ter duas filhas tão lindas e um marido tão alegre, deve ser bonita e boa como uma santa! *(Rindo-se)* Lembra-se da Ester? Escapou de boa, heim? Namoradeira!... Chegou a me namorar... Eu é que não liguei... E Sinhá, lembra-se? O senhor andou meio inclinado, não? Não era má de todo. Era até boazinha, coitada, mas tão caipira, meu Deus! Por qualquer coisa: Ahn, ahn, ahn! Chorava à toa!...

RENATO
(Rindo também) Era muito chorona...

CHIQUINHO
Muito! O senhor merecia coisa melhor, mais de acordo com a sua inteligência. Tive medo que o senhor levasse aquela espiga! Agora vejo que soube escolher, felizmente!

SINHÁ
(Aparecendo à D. M., ladeada pelas filhas, que a arrastam) Que é, Renato?

RENATO
(Mostrando Chiquinho) Não conheces? *(Chiquinho esfrega os olhos, sem acreditar no que vê.)*

SINHÁ
(Alegremente) Chiquinho!

CHIQUINHO
(Estupefato) Dona Sinhá! *(Situação)*

RENATO
(Perversamente brincalhão) Eu levava uma espiga, heim?

CHIQUINHO
(Atrapalhado) Seu doutor!...

SINHÁ
(Candidamente) Que é? *(A Chiquinho)* Como vai, Chiquinho? *(Estende-lhe a mão, que ele aperta, depois de ligeira hesitação.)*

CHIQUINHO
(Sempre atrapalhado, olhando para Renato, como a rogar-lhe que não conte nada) Não esperava que fosse a senhora...

RENATO
(Enlaçando a esposa) Era chorona, era. *(Chiquinho, angustiado, tosse.)* Mas é a melhor das esposas e a mais dedicada das mães.

SINHÁ
(Compreendendo e rindo) Ah! Ele lembrou-se do tempo em que eu “abria o berrador”, como dizias?

CHIQUINHO
A senhora desculpe. Seu Renato não me avisou nada... Nunca pensei que se tivesse casado...

SINHÁ
Pois já temos três filhos.

CHIQUINHO
Três?

RENATO
O outro está lá dentro? *(A Sinhá)* Já veio da escola?

CHIQUINHO

Já está na escola?

RENATO

Já. Sabe latim, francês, inglês. É um prodígio! Chama-se César, como o general romano!

SINHÁ

(Que olhava para o lado da casa) Ele vem aí. *(Aparece, no braço da criada, uma criança robusta, de alguns meses apenas.)*

RENATO

Ei-lo! É o César! *(Sinhá toma-o dos braços da empregada.)*

CHIQUINHO

(Rindo) É este que sabe francês, inglês e latim? *(Acariciando-o, enlevado)* É um encanto de criança!

SINHÁ

(À criada, que veste os roupões nas crianças) Leve as meninas à praia. *(Às pequenas)* Vão, minhas filhas. Até já! *(Beija-as.)*

A MAIS VELHA

Até já, mamãe! *(Ao pai, que a beija)* Papai? *(Sinhá beija a outra filha. Renato também. As garotas saem, alegremente, com o cãozinho.)*

AS DUAS

Até já, papaizinho! Até já, mamãezinha!

SINHÁ

(À criada) Quando elas quiserem entrar na água, me chame. *(A Chiquinho)* O mar a esta hora é manso, mas gosto de estar perto delas.

CHIQUINHO

(Comovido) Faz bem. *(Às crianças, que saem, gritando)* Até já! Até já! Até já! Que gracinhas! E este? Tem-se vontade de comer. É um leitão! Te como! Te como! Como é bonitinho este pequeno!

RENATO

Parecido comigo, não é?

CHIQUINHO

(Depois de uma ligeira comparação) Tem alguns traços. Os olhos são de dona Sinhá: uns olhinhos chorões...

SINHÁ

Engraçadinho!

CHIQUINHO

Estou brincando...

RENATO

Ela agora não chora mais... Vive rindo...

CHIQUINHO

Quem está com vontade de chorar sou eu... Às vezes – não sei! – tenho saudade daquele tempo. Lembram-se?

RENATO

Pois olhe que apanhavas como gente grande.

CHIQUINHO

Apanhava, não. Dava...

RENATO

(Rindo) Davas com a mão na palmatória...

CHIQUINHO

Por falar em palmatória... que fim levou dona Nhanhã?

RENATO

Está aqui.

CHIQUINHO

(Instintivamente amedrontado, procurando a saída) Aqui?!

RENATO

Não se assuste. Ela saiu com a Pequitota. E está modificada de gênio...

CHIQUINHO

Não me assustei. Foi precaução... E dona Pequitota já se casou?

RENATO

Ainda não. *(Brincando)* O único tolo que apareceu lá por Guararema fui eu...

SINHÁ

Engraçadinho!

CHIQUINHO

(Rindo-se) Olhe que ela é capaz de chorar...

SINHÁ

Não tem perigo. *(Outro tom)* E você, Chiquinho, até agora não nos contou por onde se meteu durante todo esse tempo, que nunca mais se ouviu pronunciar o seu nome.

CHIQUINHO

(Importância cômica) Vim para o Rio. Depois fartei-me do Rio e... *(Afetando uma naturalidade que não consegue esconder um certo tom de verdade)* fui para a Europa.

RENATO

Bravo!

SINHÁ

Que foi fazer lá?

CHIQUINHO

Uma viagem de recreio e de estudos profissionais. Eu não queria ir, mas o doutor. Álvaro insistiu tanto!...

SINHÁ

Ah! *(Há um curto silêncio de embarço. O nome de Álvaro causa um evidente mal-estar.)*

MARIA

(De fora, salva a situação, por acaso.) Dona Sinhá! As meninas querem entrar na água!

SINHÁ

Com licença. *(Sai, levando o pequeno ao colo.)*

CHIQUINHO

Fiz mal?

RENATO

Esse nome ainda produz um certo mal-estar na casa...

CHIQUINHO

E dona Leonor?

RENATO

É noviça.

CHIQUINHO

Irmã de caridade?

RENATO

Levei anos lutando para dissuadi-la. Não foi possível.

CHIQUINHO

E o passarinho?

RENATO

O passarinho – diz ela – ficou em Guararema...

CHIQUINHO

(Refletindo) Ficou em Guararema... *(Sorri como se tivesse uma idéia e estala os dedos.)*

RENATO

(Continuando) ... a estrela está de acordo. Passados os primeiros tempos, voltou a ser alegre, não sei se sincera

ou fingidamente. Apesar disso, teima. Ordena-se amanhã. Casa-se com Deus.

CHIQUINHO
(*Coçando a cabeça*) É o diabo!

RENATO
Por quê?

CHIQUINHO
O doutor Álvaro... não sabe?

RENATO
Ouvi dizer...

CHIQUINHO
Pois é... (*Ligeira pausa. Um suspiro*) Coitado, é tão bom!...

RENATO
Nunca mais me escreveu...

CHIQUINHO
Nem a ninguém. Mas, acredite, ele é muito seu amigo. A vida dele, porém, desde que saiu de Guararema – se o senhor soubesse!... Não falou mais com ninguém, não saiu. Passou seis meses trancado no laboratório, até receber o convite para ir à Europa. (*Importância cômica*) Aceitamos e embarcamos os dois para a Alemanha. Lá, durante quase sete anos, pode-se contar as vezes que saiu à rua. Vivia sempre fechado. (*Pluralizando, como fazem os caixeiros das grandes casas*) É que nós “estudava” muito.

RENATO
(*Irônico*) Estudavam?

CHIQUINHO
Não imagina! Fizemos experiências notáveis. Os meios médicos alemães tinham verdadeiro respeito pelos nossos trabalhos científicos! Não imagina o que nós fizemos!

RENATO
Imagino!

CHIQUINHO
(*Eloqüente e loquaz*) Até que recebemos uma carta da irmã dele contando aquilo que o senhor ouviu dizer. Embarcamos imediatamente. Chegamos há uma semana. Ele, então, me mandou indagar. Indaguei dali, indaguei daqui e soube: Ilha do Governador. Veraneando. Aqui deixei ele naquele hotelzinho e continuei a investigar. Descobri a casa. Descobri tudo!

RENATO
(*Irônico*) Tudo?

CHIQUINHO
(*Rindo-se*) Menos que o senhor se tinha casado com dona Sinhá... (*Riem-se.*)

RENATO
E o Álvaro?

CHIQUINHO
Não sabe da parte final: que levantei a caça...

RENATO
Que caça?

CHIQUINHO
O senhor.

RENATO
Heim?

CHIQUINHO
(*Justificando-se*) É um modo de dizer. Ofendeu-se?

RENATO
Não. Sabe quem levanta a caça? É o cachorro.

CHIQUINHO
Heim?

RENATO
Ofendeu-se?

CHIQUINHO
(*Rindo-se*) Não. E os cachorros?

RENATO
Também não. És fiel. Não envergonhas a classe...

CHIQUINHO
Então posso farejar?

RENATO
À vontade.

CHIQUINHO
(*Cheirando-o*) E...? (*Fita-o interrogativamente.*)

RENATO
Diga-lhe que me telefone. Continuo amigo.

CHIQUINHO
(*Num transporte*) Como o senhor é bom! A causa, entregue a dois advogados como nós, estará ganha. (*Íntimo*) Que pensa, colega?

RENATO
Que não devemos contar com o ovo que a galinha não pôs.

CHIQUINHO
Tenho confiança no senhor...

RENATO
Heim?

CHIQUINHO
E em mim também. Teremos o ovo. (*Ri. Outro tom. Importância displicente.*) Bem. A palestra está muito boa, muito agradável, mas vou-me retirando. (*Estende-lhe a mão.*) “Alfiderzen!”

RENATO
Alemão?

CHIQUINHO
(*Carregando muito nos rrr*) Estive na Alemanha!... Splenjidozer; zer guth; viguitz?; isteite zi? vi fili? – flacher bier, kató-fen, chopp-duplo!

RENATO
Au revoir.

CHIQUINHO
Oui, monsieur. (*Com um gesto exagerado de francês, como se cedesse a entrada de uma porta a uma dama*) Après vous, madame, après vous!... Je connais aussi Paris, mon Dieu de la France! E Londres!...

RENATO
Londres?!

CHIQUINHO
Yes, very good, sir. All right, foot-ball, goal. Light and Power, bife com batatas... (*Ri.*)

RENATO
E quando penso que te criavas analfabeto, apanhando pancada de criar bicho... Tens uma profissão, és vivo, inteligente... Deves ter um ódio de minha sogra...

CHIQUINHO
Ódio, por quê? Sou superior a essas coisas! (*Em tom de discurso*) Ela não é senão o produto de um ambiente de ignorância em que vivia mergulhada! Errava, pensando que acertava. A culpa é dos juizes que entregam o órfão

sem exigir que a criança seja educada para a vida. Quanto homem não se fez vagabundo ou ladrão por causa disso? Não saber, por ignorância, tratar de um órfão não é crime. Mas ter uma toga e dá-los como se dão cães é que é uma (*Gingando o corpo como um malandro*) mons-tru-o-si-da-de!...

RENATO
(*Que o olha com admiração cômica*) Que é isso, rapaz? Estou boquiaberto!

CHIQUINHO
(*Natural*) Isso não é meu, não. O doutor Álvaro diz isso sempre e eu decorei... (*Outro tom*) Bem, arrivederci.

RENATO
Estiveste também na Itália?

CHIQUINHO
Não. Mas como num restaurante italiano.

RENATO
(*Indicando-lhe a casa*) Queres sair pela frente?

CHIQUINHO
Não. O meu carro está ali e a linha reta é o caminho mais curto deste portão ao hotelzinho onde ele está. (*Ouve-se uma campainha dentro da casa.*) Estão tocando...

RENATO
Deve ser a minha sogra que chega.

CHIQUINHO
(*Num repêlo violento, tirando uma das mãos, a que Renato sustém, e saindo precipitadamente*) Até sempre... (*Renato acompanha-o com a vista, dando uma gargalhada. Ruído de automóvel que parte. Renato, com uma das mãos apoiada à pilastra do portão, ri ainda. Leonor surge à varanda. Veste o hábito das noviças. Tem oito anos mais. Sua fisionomia, entretanto, ainda é doce e jovial. Sente-se que ela procura tornar-se alegre, pelo menos exteriormente. Traz vários pacotes, que vai pôr sobre a mesa, desatando-lhes os barbantes.*)

LEONOR
(*Vendo Renato a rir sozinho*) Isso é sintoma de alegria ou de loucura?

RENATO
(*Voltando-se*) De loucura. Já chegou?

LEONOR
(*Graciosa*) Não. Ainda não cheguei...

RENATO
Engraçadinha. E os outros?

LEONOR
Também não. Estão todos lá dentro. Por que se ria?

RENATO
Uns dão para passar a vida alegres... outros (*com intenção*) para passar a vida tristes. Opto pela melhor loucura: a da alegria...

LEONOR
Isso é alusão?

RENATO
Você é louca?

LEONOR
(*Rindo-se*) Quem sabe?

RENATO
É triste?

LEONOR
Sou? (*Faz uma careta, caricaturando uma cara alegre.*) Olhe... Está vendo?

RENATO
Estou. O rosto, apenas.

LEONOR
O coração não lhe posso mostrar...

RENATO
Não é preciso. Basta ver esse hábito...

LEONOR
O hábito não faz o monge...

RENATO
Mas faz de você uma sombra da Leonor que conheci...

LEONOR
(*Demonstrando a vantagem que há em ser sombra*) Quem me dera! As sombras são insensíveis!...

RENATO
(*Afirmado*) E você não é...

LEONOR
Então não sou sombra...

RENATO
É como a vejo...

LEONOR
Sim, de...?

RENATO
... argúcia...

LEONOR
(*Rindo-se*) ... de loucura. E de loucura triste. (*Outro tom*) Onde estão Sinhá e as crianças?

RENATO
Na praia...

LEONOR
Agora compreendo: não era loucura, era ternura. Ria-se para a mulher e os filhos.

RENATO
Está enganada; olhando para a mulher e os filhos, ria-me de você...

LEONOR
(*Fingindo, sorridente, que pensa que ele está louco, afastando-se um pouco e como quem dissesse "Cuidado!..."*) Renato!...

RENATO
(*Como se simulasse loucura, a sorrir também*) Julieta de Capuleto. (*Ela arregala os olhos e afasta-se mais. Ele avança.*) Que tanto fizeste chorar quando saíste da pena de Shakespeare! Agora, entre os aviões e os rádios – perdoa a irreverência de um homem de hoje – és de um ridículo que causa riso!...

LEONOR
(*No mesmo tom. Sinhá aparece no portão.*) E você – Sancho Pança! – causa dó...

SINHÁ
Que é isso?

RENATO
É um drama. Assista, mas não interrompa. (*A Leonor*) És a última das românticas!

LEONOR
És o último dos idiotas...

SINHÁ
(*Rindo e aplaudindo*) Muito bem! Muito bem! (*E como*

Renato a olha) Não estou interrompendo. Estou aplaudindo. Gostei. Bravo! *(Bate palmas a rir, Renato agradece como um ator. Leonor ri também, embora sem o estouvamento da prima. As crianças irrompem alegremente, a chamar o cãozinho, que levaram, puxando-o pelo cordão que o ata. A criada acompanha-as com César no colo.)*

A FILHA MAIS VELHA
Vem, tutu, vem!

A MAIS NOVA
(Ao mesmo tempo) Tutu! Tutu! *(Ao verem Leonor, ambas se jogam, a rir, sobre a pequena, segurando-lhe as pernas e rodando em torno dela.)*

A MAIS VELHA
Leonorzinha! Leonorzinha! que trouxeste para a tua priminha?

A MAIS NOVA
Leonorzinha, minha priminha, onde está meu presentinho? *(Dizem isso aos gritos, ao mesmo tempo. Sente-se que lhes foi ensinado pela própria Leonor, que, cada vez que vem da rua, lhes traz algo.)*

SINHÁ
(Ajuda a algazarra.) Meu Deus, filhinhas! *(A Leonor)* Foste ensinar-lhes a pedir em verso! *(Ri.)*

RENATO
(A um tempo, junto com as crianças e Sinhá) Isso, filhas. Sejam interesseiras e vencerão na vida! *(Ri também.)*

LEONOR
(Fugindo das pequenas, que a perseguem, levantando os embrulhos com que entrou) Hoje não trouxe nada! Não trouxe presente para ninguém! Para ninguém...

AS CRIANÇAS
Trouxe! Trouxe!

A MAIS VELHA
Está nas suas mãos!

A MAIS NOVA
(Simultaneamente) Estamos vendo! *(E saltam ambas, para apanhar os embrulhos, procurando subir pelo corpo da prima como se subissem por uma árvore para apanhar um fruto.)*

AS DUAS CRIANÇAS
(Aos gritos) Me dá! Me dá! Me dá! Me dá!

LEONOR
(Pedindo socorro) Acudam! Acudam!

RENATO
(Fingindo de polícia) Prrrr! Estão presas! Estão presas! *(E segura uma das crianças, que se debate, a rir, porque ele lhe faz cócegas, enquanto Sinhá sustém a outra.)*

SINHÁ
(A criança, que, rindo, luta para desvencilhar-se dos seus braços) Espera, filhinha, espera!

LEONOR
Bem, vou entregar os presentes. Antes, porém, quero um de cada uma. *(Sinhá corre de um lado com a mais moça e suspende-a à altura de uma das faces de Leonor. Renato faz o mesmo com a outra, do lado oposto. E cada uma, ao mesmo tempo, beija Leonor, com força.)* Obrigada. *(E, rindo-se, tira a face, de repente, de maneira que as duas crianças sem querer se beijam, e corre para junto de César, a quem dá um beijo, exclamando:)* César,

Cézinho! *(Sinhá e Renato precipitam-se com as filhas para se agruparem em torno de Leonor, da criada e do pequeno.)*

RENATO
(Correndo) Vamos protestar!

AS FILHAS
Protesto! Protesto!

SINHÁ
(Simultaneamente) Protestamos!

RENATO
(Algazarra de alegria, com risos e gritos) César não a beijou!

LEONOR
Ele não foi beijar-me porque não anda ainda, e foi o menos interesseiro porque não pediu nada. *(Começa a desembulhar o presente.)*

A FILHA MAIS VELHA
Não pediu porque não fala, é!... *(Risos.)*

LEONOR
Primeiro para ele!

RENATO
A César o que é de César...

LEONOR
(Que acaba de desembulhar um lindo chocalho, agita-o.) Gostou?

RENATO
Toma, pega, filho!

SINHÁ
Olhe que bonito! *(E enquanto as duas meninas esperam, ansiosas, os presentes, Leonor entrega o chocalho ao garoto.)*

LEONOR
Tomá, meu amor. Toma. *(A Renato e Sinhá)* Está muito bonito este pedacinho de gente!...

RENATO
(Pondo as mãos na lapela do casaco como se as pusesse nas cavas do colete) Traste que não se parece com o dono é roubado...

LEONOR
Pretensioso!

SINHÁ
O Chiquinho achou-o parecido comigo.

LEONOR
(Chocada) O Chiquinho?

SINHÁ
Não sabes? Ele esteve aqui...

LEONOR
Esteve aqui? O Chiquinho de Guararema?!

SINHÁ
Esteve.

RENATO
(Ao mesmo tempo) Não esteve.

LEONOR
Como?

SINHÁ
(Ingênua) Então não esteve?

RENATO
(Procurando fazer compreender à mulher que não convém Leonor saber:) Não esteve.

SINHÁ

(Sem compreender) Como não esteve?! Todo bonito, fardado de chofer!...

RENATO

Não esteve, Sinhá, não esteve.

SINHÁ

(Começando a compreender) Não esteve?

RENATO

Não esteve

SINHÁ

É, não esteve..

A FILHA MAIS VELHA

Mentiroso! Esteve, sim. Esteve, Leonor. *(Situação)*

LEONOR

(Reprovando-lhe a mentira) Esteve, Renato. *(Afasta-se. Deixa os outros embrulhos sobre a mesa.)*

RENATO

(Atrapalhadíssimo, acompanha-a, depois de lançar um olhar feroz para a filha.) Vou explicar, esteve... esteve... fardado de chofer... *(Encontrando afinal a desculpa)* Esteve, mas não é o Chiquinho que você está pensando.

LEONOR

(Encarando-o) Renato?

RENATO

(Confessando) É o Chiquinho que você está pensando, mas juro – isto agora é verdade! Não admito que você duvide! – só o recebi porque ele deixou, na Europa, quem você sabe e voltou sozinho para o Brasil. Isso juro pelo que você quiser!

UM CRIADO

(Do patamar) Doutor? *(Renato volta-se.)* Telefone. Da parte do doutor Álvaro. *(Renato deixa cair os braços, desanimado. Sinhá leva a mão à boca, assustada. Leonor sorri ironicamente.)*

RENATO

(Ainda tenta salvar-se. Depois de ligeira pausa de embaraço, reage.) Você não sabe que estou veraneando e que não atendo a qualquer um? Por que respondeu que eu estava em casa? *(Sinhá anima-se.)*

CRIADO

Porque ele me disse que o senhor havia mandado recado pelo chofer dele para que ele lhe telefonasse. *(Sinhá desanima. Situação.)*

RENATO

(Sem mais recurso, impaciente) Está bem. Vá-se embora. Irei já. *(Criado sai. As duas meninas, aproveitando-se do ensejo, foram pé ante pé até junto da mesa e, à saída do criado, apanham, de repente, os embrulhos e desandam a correr para a praia. A criada, com César ao colo, vai-lhes ao encalço.)*

CRIADA

Meninas, venham cá! Venham cá. *(Sai. Ligeira pausa.)*

RENATO

(Em atitude de quem pede desculpas, a Leonor, que olha o mar) Leonor... *(Ela volta-se. Sorri-lhe, a um tempo irônica e ressentida.)* Quero explicar-te...

LEONOR

Não é preciso. A casa é tua. Podes receber quem queiras. Peço-te, somente, que esperes até amanhã.

Apenas algumas horas mais. A não ser que desejes que me vá agora.

RENATO

Leonor!

LEONOR

Prometes?

RENATO

(Depois de ligeira hesitação, tomando atitude, algo grotesca, de cavalheiro) Prometo! *(E sai, solene, disposto a não cumprir o que acaba de prometer... Pausa. Leonor desaba sobre a mesa, a soluçar.)*

SINHÁ

(Os olhos cheiros de lágrimas) Leonor!... *(Corre para ela. Um silêncio. As crianças, ruidosamente, entram a correr pela cena, a gritar, acompanhadas pela criada com o garoto ao colo.)*

CRIADA

(Ainda fora) Dêem-me os embrulhos! Dêem-me os embrulhos, meninas!

FILHA MAIS VELHA

(Simultaneamente, correndo, rindo e acabando de desembulhar) Não! Não! É meu!

FILHA MAIS NOVA

(Idem, ao mesmo tempo) Não dou! Não dou! *(Entram em algazarra, correndo.)*

SINHÁ

(Impondo silêncio) Psiu!... *(As pequenas olham. Silenciam.)*

FILHA MAIS VELHA

Que é isso? Você está chorando? E Leonor também?

LEONOR

(Que tem a cabeça entre os braços, levantando-se de repente e segurando as pequenas, que se aproximaram) Peguei! *(Ri.)*

FILHA MAIS VELHA

(Tentando escapar) Deixe-me!

FILHA MAIS NOVA

(Idem, ao mesmo tempo) Largue-me!

SINHÁ

(Ajudando Leonor a segurar as filhas) Caíram na ratoeira!...

FILHA MAIS VELHA

(Apontando, como as crianças fazem quando acusam) Estavam fingindo que choravam para nos pegar! É!...

LEONOR

Estávamos. Quem pode chorar quando vocês riem? *(Faz-lhe cócegas. A pequena ri. Leonor tira-lhe o embrulho já quase aberto, enquanto Sinhá faz o mesmo com a mais nova, e a criada, segurando a mãozinha de César, fá-lo agitar o chocalho.)*

FILHA MAIS VELHA

Qual é o meu? Qual é o meu?

FILHA MAIS NOVA

E o meu?

SINHÁ

Espere. Leonor vai escolher.

LEONOR

(Escondendo os presentes, desembulhados, atrás das costas) Não. Escolham vocês. Não há nada melhor no mundo do que a gente escolher o que vai ser nosso...

(Sinhá compreende-a. Olha-a e sorri enternecida, enquanto a filha mais velha salta e procura, curiosa, ver o que Leonor esconde.)

FILHA MAIS VELHA
Então mostre! Mostre!

FILHA MAIS NOVA
(Idem, ao mesmo tempo) Quero ver! Quero ver!

LEONOR
(Que, dando voltas para fugir da curiosidade das meninas e dando corda nos brinquedos, corre para um lado, levanta as mãos, mostrando o que escondia: uma caixa de música com os “três porquinhos” que dançam e o Pato Donald, que grita, ambos funcionando.) Pronto, vejam! (Há um silêncio. As crianças, enlevadas, admiram os brinquedos. Olham para um e para outro.)

FILHA MAIS VELHA
(Apontando para a caixa de música, corre para Leonor, que baixa as mãos.) Eu quero esse!

FILHA MAIS NOVA
Eu também quero! (E ambas pretendem a caixinha de música e a disputam. “É pra mim! É meu! Larga! Deixa! É meu! É meu!” A mais velha, mais ágil, consegue arrebatá-la: “Eu escolhi primeiro!...” e afasta-se correndo, enquanto a irmã agarra-se ao hábito de Leonor e esconde o rosto, amuada.)

LEONOR
(Alisando a cabeça da pequena, mas pensando noutra coisa) Não há nada melhor do que escolher, mas nunca se deve escolher o que já foi escolhido... Ela escolheu primeiro, filhinha...

SINHÁ
(Que torna a compreender a intenção das palavras de Leonor, aproxima-se e tenta consolar a filha.) Não fiques assim. Mamãe compra-te um brinquedo igualzinho.

FILHA MAIS NOVA
(Com o rosto ainda enfiado no hábito de Leonor) Não quero igualzinho, nada! Quero aquele!

SINHÁ
(Ameaçando uma palmada na filha) Malcriada!

LEONOR
(Detendo-lhe o gesto) Não. Deixe-a. Às vezes é assim mesmo. (Não conseguindo esconder a emoção) Não serve igualzinho: é, apenas, aquele...

SINHÁ
(Mirando-a e para alentá-la) Leonor!...

LEONOR
(Passa a mão nos olhos. Reage. Ri.) Estou precisando que me batas, não estou? (E imediatamente, sem se deter com o olhar de ternura que a prima lhe deita, à garota mais nova, alegremente, como se nada tivesse acontecido) Leonorzinha? Olhe, (Dando corda) este é mais bonito!... Faz quá-quá-quá que aquele não faz!... (A mais velha, que brinca com os porquinhos, presta atenção no que diz Leonor.) É o Pato Donald! Zangado!... Como você, mas que só ameaça como muita gente! Olha. (Coloca o pato sobre a mesa. O boneco anda e faz quá-quá-quá mecanicamente.) Estás vendo? (A outra vai-se aproximando.) Vês como é lindo. Queres?

FILHA MAIS VELHA
(Largando o brinquedo que tem nas mãos e apanhando o

outro) Eu quero! (Apanha-o e sai correndo para a direita do bangalô.)

FILHA MAIS NOVA
É meu! É meu! (Persegue-a.)

SINHÁ
Meninas! (À criada) Que não briguem! (A criada, que apanhava a caixinha de música e punha-a sobre a mesa, sempre com César ao colo, vai ao encalço das garotas. Se o cachorrinho estiver em cena e puder fazer o mesmo, melhor.) Depressa! Anda! Vamos! (Voltando-se para Leonor, sorrindo) Viu o que é criança?

LEONOR
(Sorrindo também) E, às vezes, crescemos e continuamos assim... (Renato, aparecendo, a esfregar as mãos, alegremente, como quem está contente consigo próprio, vem descendo, despreocupadamente, a escada. As duas voltam-se para ele. Ao reparar que é notado, muda instantaneamente de fisionomia, de andar, de atitude. Torna-se quase fúnebre.)

SINHÁ
(Rindo) Que cara é essa? (Renato, tristeza visivelmente simulada, olha para Leonor.)

LEONOR
(Idem) Estás com cara de cachorrinho que quebrou panela... (Sinhá ri mais forte. Leonor também. E apontam para Renato.)

RENATO
(Olha, ora para uma, ora para outra, e afinal também ri, dando a seguir várias piruetas.) Ah! ah! ah!

LEONOR
Que é isso?

SINHÁ
Estás louco?

RENATO
Estou alegre! (Salta.)

LEONOR
E precisas pular assim?

RENATO
Recalque. Estava alegre, mas como quando saí deixei vocês tristes, engarrafei a minha alegria com uma rolha de tristeza. Vocês riram. Ela estourou como o champanhe; pan! E derramou! Está derramando. (Ri.) Riam também! (Notando que Leonor não ri e se afasta, pára também de rir.) Que aconteceu?

SINHÁ
Foste lembrar-lhe...

RENATO
Lembrar quê?

SINHÁ
O Álvaro...

RENATO
Falei em Álvaro?! Falei em champanhe, em alegria! (Indo a Leonor e, segurando-a pelos ombros, fazendo-a voltar-se para ele, com energia) Leonor! (Ela volta-se. Ele a encara.) Estoure a sua rolha! Desengarrafe a sua alegria, viva a vida!

SINHÁ
(Numa reprovação) Renato?!

RENATO
(No mesmo tom) Que é?

SINHÁ

Você não tem sentimento?

RENATO

Tenho. Tenho sentimento e tenho inteligência, ouviu? Para que tornar a vida difícil, se ela é tão fácil de viver? Para que fazer drama, quando a comédia é tão leve, tão graciosa e tão humana? Por que não querer aquilo que se quer, repelir o que nos procura quando temos vontade de fazer justamente o contrário? Por que Leonor não se casa com Álvaro, por quê?

SINHÁ

Mas casar-se como? *(Leonor afasta-se novamente e vai ficar junto à mesa.)*

RENATO

Como toda a gente se casa! Pretoria, igreja, arroz na cabeça, felicitações. *(Gesto de cumprimentos)* Viajem de núpcias, sapatinhos, touquinhas. *(Como quem trabalha com agulhas de tricot)* Doutor chamado às pressas, filhos! *(Como se embalasse uma criança.)*

SINHÁ

(Escandalizada) Mas, Renato, o Álvaro é casado!

RENATO

Foi. *(Leonor volta-se, interessada.)* Sei disso há tempos, mas comia-se vivo quem falasse de Álvaro aqui!... Foi casado. Agora é viúvo.

SINHÁ

Viúvo? Então a mulher dele morreu?

RENATO

Não. Quem morreu foi a avó... *(Leonor apanha a caixinha de música sobre a mesa e mira-a pensativamente.)*

SINHÁ

(Num muxoxo) Ah! *(E um pouco pela comoção e outro tanto pela aspereza da resposta, depois de procurar conter-se um tempo, desata a chorar como no primeiro ato.)*

RENATO

Que é isso? Vou buscar a mamadeira do Cézinho... *(Volta-se, corre à mesa, apanha a mamadeira e repara em Leonor, a olhar os porquinhos, já com corda, que bailam. Volta. Chama a atenção da mulher. Sinhá vê. Pára aos poucos de chorar. Sorri. Segreda, no ouvido do marido, como se contasse a história da caixinha de música disputada pelas duas filhas e afinal abandonada. Compreendem que Leonor vê no brinquedo um símbolo do que lhe aconteceu na vida. Sorriem. Pausa. Olham. Depois aproximam-se na ponta dos pés. Leonor, com a caixinha de música funcionando nas mãos, fica entre os dois. Um momento. Os porquinhos dançam. A caixinha toca. Afinal ela percebe que está sendo notada. Quase sem mover a cabeça, apenas com o rabo dos olhos, observa um, depois outro. Sorri.)*

LEONOR

Que é?

RENATO

(Malicioso) Nada...

LEONOR

Por que me olham assim? Estão pensando quê?...

RENATO

(Mais maliciosa ainda) O mesmo que você... em ficar com esse brinquedo que já não tem dono...

LEONOR

(Corando até a raiz dos cabelos, entrega-o a Sinhá.) Toma.

SINHÁ

Não quero. *(Passando para o lado de Renato)* Já tenho o meu e gosto dele. É um "pedaço", não achas? *(Abraça o marido.)*

LEONOR

(Deixando a caixinha de música sobre a mesa) Engraçadinhos!... *(Afasta-se.)* Agora que compreendi...

RENATO

(Indo a ela) Mentira!

LEONOR

Juro-lhe...

RENATO

(Interrompendo-a) Mentira!

LEONOR

Quem pensa você que sou?

RENATO

Mulher...

LEONOR

E os homens não mentem?

RENATO

Mentem, mas não sabem mentir...

LEONOR

E como conhece, então, quando as mulheres mentem?

RENATO

Quando elas falam...

LEONOR

Eu, por que lhe menti?

RENATO

Porque falou.

LEONOR

(Apointa o lugar em que estivera silenciosa.) E quando não falava?

RENATO

Dizia a verdade...

LEONOR

Nesse caso, por que insiste, por que pergunta?

RENATO

Porque quero saber a verdade.

LEONOR

E qual é a verdade?

RENATO

O que você não diz...

LEONOR

E, se não digo, para que falar?

RENATO

Para mentir... porque a verdade é o avesso da mentira. *(Tomando, rapidamente o brinquedo e entregando-lhe, malicioso)* Tome. Fique com ele. É seu!

LEONOR

(Recusando) Não seja bobo, Renato, não o quero!

RENATO

(Triunfante, para Sinhá) Viste o avesso, minha mulher? "Renato, não perca tempo; vai buscá-lo. Quero-o como uma louca!" *(Sinhá ri.)*

LEONOR

(Veemente) Mentira!

RENATO

(Traduzindo) O avesso: verdade! *(Alegremente)* Vamos esperar o Álvaro!

LEONOR

Disse-lhe para vir aqui?

RENATO*(Transição de alegre a hipócrita, mentindo)* Eu? Não... Disse-lhe que não viesse...**LEONOR***(Irônica)* Não é preciso ver o avesso, Renato... Os homens nem mentir sabem... *(Encarando-o)* Disse-lhe para vir.**RENATO***(Confessando)* Disse...**SINHÁ***(Queixosa e escandalizada do cinismo do marido)* Ah! Renato!...**LEONOR***(Resolutamente)* Pois vá, imediatamente, dizer-lhe que não venha ou sairei, agora mesmo, de sua casa, para sempre. Vá.**SINHÁ***(Que mirava o marido com visível desprezo, intercepta-lhe os passos.)* Irei eu. *(Ao marido)* Nunca pensei que chegasses a tanto. *(Sai, resolutamente, para o bangalô.)***RENATO***(Depois de pequena pausa, quase humilde, sincero, a Leonor)* Desculpe-me. A minha intenção era...**LEONOR***(Mais brandamente)* Sei, Renato. Mas há coisas irremediáveis...**RENATO***(Reagindo)* Mas irremediável por quê?!**LEONOR**

Você não compreenderia...

RENATO

Sou imbecil?

LEONOR

É homem... E não toque mais no assunto!

RENATO*(Quase desesperado)* Não posso! Sou advogado! Vou até a última instância! *(Toma fôlego e volta a tratá-la de tu no entusiasmo da peroração.)* Não é possível, não entra na cabeça de ninguém com três dedos de massa cinzenta na cachola que estejas sendo sincera. Se não queres vê-lo é porque ainda o amas, senão que mal haveria em encontrá-lo? Tens medo de quê?**LEONOR***(Entre censura e pilhéria)* De ti. Estás ficando furioso...**RENATO**

Mentira! És uma recalçada. Estás com medo de ti mesma!

LEONOR

Que mau psicólogo és. Tenho pena de ti...

RENATO

Já sei. Agora sou imbecil...

LEONOR

Não. Continuas homem...

SINHÁ*(Entrando)* Pronto. Telefonei...**LEONOR**

É?

SINHÁ

Falei com ele próprio. Prometeu-me que partiria imediatamente.

LEONOR*(Levantando as mãos para o céu)* Graças a Deus!**SINHÁ**

Disse-lhe que não querias vê-lo nunca mais!

LEONOR

E ele...?

SINHÁ*(Como se respeitasse as palavras de Álvaro)* Pode dizer-lhe que sua vontade será feita: ela nunca mais me verá.**LEONOR***(Não podendo esconder uma ponta de aflição, que Renato nota, sorrindo)* E...?**SINHÁ**

E desligou...

LEONOR*(Sem poder conter-se, agarra os braços da prima, prestes a explodir em pranto)* E...?**RENATO***(Que sobe, como uma bala, as escadas, pára na varanda do bangalô e volta-se para a mulher.)* Qual o número do telefone do hotel?**LEONOR***(Reagindo)* Para quê?**RENATO**

Para dizer-lhe que venha correndo, que tu o amas!

LEONOR*(Com raiva)* Tenho dó de ti!...**RENATO***(Rindo-se)* Já sei. Sou um homem...**LEONOR***(Com rancor, os dois punhos cerrados)* Não. És um imbecil!**RENATO**Obrigado. *(Ela explode. Rebenta em soluços. Sinhá, comovida, alisa-lhe os cabelos. Renato chega-se aos poucos, levanta-lhe, docemente, a cabeça, olha-a nos olhos e depois, com ternura risonha.)* E tu, sabes que tu és?**LEONOR***(Tentando sorrir)* Uma imbecil?**RENATO***(Sincero)* Não. Uma mulher...**LEONOR***(Concordando)* Uma mulher como as outras... *(Com certa angústia)* E isto? *(Indica o hábito.)***RENATO***(Numa doce ironia)* O hábito não faz o monge...**LEONOR***(Dolorosamente)* Mas fez de mim uma sombra... uma sombra, apenas, de mulher...**RENATO**

Não, porque as sombras não sofrem...

LEONORE eu soffro, soffro muito!... E aí está a verdade que querias! *(Chora novamente.)***SINHÁ***(Pretendendo consolá-la)* Leonor!...

RENATO

Deixa-a chorar. Que desabafe. Ela, ao contrário do que aconteceu comigo, tinha apenas a rolha de alegria. A garrafa era de tristeza. Deixa que a derrame, que a esvazie toda para que se encha, depois, da alegria, da felicidade que a espera...

LEONOR

(*Levantando a cabeça e reagindo*) Não, não pode ser!

RENATO

(*Transformando a emoção em indignação irônica, voltando, portanto ao tom irreverente de sempre, caricaturando a dor de Leonor nas três primeiras palavras*) Não pode ser, por quê?

SINHÁ

(*Numa reprovação*) Renato!...

RENATO

(*Indignado*) Esta pequena é doida! (*Procurando um termo*) É... é...

SINHÁ

Uma mulher, Renato...

RENATO

Uma imbecil, Sinhá!...

SINHÁ

Renato!

RENATO

Mas não pode ser por quê?

LEONOR

Não compreenderias...

RENATO

Orgulho?

LEONOR

(*Movendo a cabeça*) Não.

RENATO

Medo?

LEONOR

(*Confirmando com a cabeça*) Medo.

RENATO

(*Mordaz*) Medo do que os outros digam, não é? Do escândalo social!... Quanta inferioridade! O escândalo é apenas o que acontece de anormal na vida dos outros... Na nossa não!

LEONOR

Pouco me importa o escândalo!

RENATO

Então, medo de quê? Fala!

LEONOR

De perder tia Gabriela.

RENATO

Mas trata-se da tua vida!

LEONOR

E da dela também! Ela morreria...

RENATO

E morrerá, porque todos morrem. É a lei natural da vida: morrer. O que não é justo é que se viva morta, como tu...

LEONOR

Nem que para viver se mate.

RENATO

Mas matar com quê?

LEONOR

Com desgosto.

RENATO

Desgosto não é arma. Não mata ninguém. Senão terias morrido...

LEONOR

Sou moça.

RENATO

És moça-velha. Tia Gabriela, ao contrário, é velha-moça. Tem mais ânimo que tu...

LEONOR

Mas não resistiria.

RENATO

Por quê?

LEONOR

Ela não o perdoaria.

RENATO

Por quê?

LEONOR

Ele não era livre.

RENATO

Mas agora é. (*Pilheriando*) Ao contrário de mim, que era e agora não sou. (*Olha para Sinhá.*)

LEONOR

Mas ele não era.

RENATO

E que tem isso?

SINHÁ

(*Escandalizada*) Oh! Renato!

RENATO

Vocês, mulheres, encurtaram os cabelos, mas as idéias não ficaram compridas... O homem se casa para ter o quê?

SINHÁ

Mulher...

RENATO

E o Álvaro tinha mulher?

SINHÁ

Não tinha, porque ela lhe fugiu.

RENATO

E se amanhã a nossa cachorrinha fugir e desaparecer, eu continuarei dono dela?

SINHÁ

Mas mulher não é cachorrinha!

RENATO

A dele era... E o crime é do dono ou da cachorrinha?

LEONOR

Não gastes os teus argumentos e o teu bom humor. Quero que faças justiça à minha inteligência...

RENATO

(*Interrompendo-a*) Faça...

LEONOR

... mas não se trata de mim, trata-se de tia Gabriela...

RENATO

Ele vai casar-se com ela ou contigo?

LEONOR

Não me interrompas. Penso como tu. Para mim o único crime de Álvaro – e seja este o meu último pensamento profano – foi ter fugido de mim...

RENATO

Quando devia ter fugido contigo...

SINHÁ

(*Escandalizada*) Renato!

LEONOR

(*Complacente, repetindo as palavras evangélicas, com certa ironia piedosa*) “Perdoa-lhe, pai...”

RENATO

Se eu te hipnotizasse, dirias que sim. Psicanálise, Freud!

LEONOR

Deixa Freud em paz e a mim também. Não será necessário hipnotizar-me. Ouve. E não tornes a insistir. Falo-te sinceramente e não brinques. Amo a Álvaro. Não renuncio a vida profana por ser uma romântica piegas. Há uma razão: sabes qual é...

RENATO

(*Sincero*) Sei: sentimentalismo. E, por isso, os moços persistirão nos erros dos velhos e as gerações novas continuarão antigas...

LEONOR

Não argumentes. De nada valerá. Tia Gabriela é, para mim, mais que mãe. É boa. É generosa. É nobre. É inteligente e tolerante. Mas tem setenta anos de idade, não te esqueças disso. Sei o que ela pensa e como aprendeu a pensar. Seu espírito, para a sua época, é avançado, mas para a que vivemos está tão longe como tu, com o teu egoísmo utilitário, de entender-me a mim. (*Com serena firmeza*) Prefiro morrer a beliscar, sequer, a sensibilidade dessa velhinha que me criou, que me educou, que me ama e seria capaz de fazer o mesmo por mim. E daí – quem sabe? – se não seria mais feliz professando? O mundo... (*Com amargura*) Conheces o mundo, Renato? O tempo passou e passará... Seremos velhos... (*Sonhadora*) Deixa-me levar para o claustro, como para um cofre, o amor tão puro, tão doce, tão poético dos meus dezessete anos. Deixa-me guardar, para que não envelheça (*Com os olhos cheios de lágrimas*), o amor daquela juventude despreocupada, com o passarinho e a estrelinha que me falavam e aquelas encantadoras manhãs cheias de sol, de perfume e de recordações de mim mesma...

RENATO

(*Limpendo uma lágrima, mas querendo ainda reagir*) Mas... isso é romantismo!

SINHÁ

(*Idem*) É tão lindo!...

LEONOR

(*Deixando de sonhar, reagindo contra – ela mesma não sabe contra quem – imperiosa, quase colérica*) Romantismo ou não, lindo ou feio, é assim que penso e assim que farei. E acabou! Não admito que me toques mais no assunto, ou farei uma loucura – entendeste? – farei uma loucura! (*Quase gritando*) E deixem-me – pelo amor de Deus, lhes peço!... – deixem-me em paz ou não sei o que farei! (*E afasta-se, debruçado-se na amurada, olhando o mar tranqüilo e azul, na tarde que desaparece. Renato e Sinhá ficam imóveis. Olham-se. De repente, Sinhá, como se se lembrasse de algo urgente, dá alguns passos apressados para a escada. Renato corre-lhe*

ao encaço e consegue detê-la por um braço, junto aos degraus que ela ia subir.)

RENATO

(*A meia voz*) Aonde vais?

SINHÁ

(*Idem*) Telefonar a Álvaro.

RENATO

Já não lhe telefonaste?

SINHÁ

Telefonei para ele vir... quero agora dizer que não venha. (*E notando o olhar de admiração do marido, como pedindo desculpas*) Que é? Não sabias que eu era capaz de pregar uma mentira?

RENATO

Sabia. (*Sincero*) O que não sabia é que eras tão inteligente...

SINHÁ

(*Olhando para o portão da E., leva a mão à boca, surpresa.*) Ah! (*Renato olha para o mesmo lado e sorri.*) E agora?

RENATO

E agora... vejo que estás em condição de ajudar-me. Vamos. (*Sobem a escada. Sinhá entra. Renato fica na varanda. Chiquinho entra, pé ante pé. O portão está entreaberto. Ele fica sem saber como agir para chamar a atenção de Leonor. Renato indica-lhe a campainha com um gesto. Que a faça funcionar. Chiquinho bate na campainha, que retina, e sai rápido pelo portão. Renato esconde-se atrás da balaustrada.*)

LEONOR

(*Volta-se e dá uns passos para o portão.*) Quem é?

ÁLVARO

(*Entrando pelo portão. Tem oito anos mais. Um pouco de branco nas têmporas.*) Sou eu! (*Emoção de ambos. Afinal ela resolve deixá-lo. Volta-se para sair. Ele reanima-se. Segue-a, enquanto Chiquinho, depois de contornar a amurada pelo lado de fora, ao chegar ao fundo salta por ela, silenciosamente, e vai ter um entendimento mudo com Renato, que o chama da varanda. E ambos, depois, se escondem: Renato, entrando para o bangalô, e Chiquinho, sumindo-se pelo corredorzinho da E. A., entre o prolongamento da amurada e um lado do bangalô.*) Não esperava ver-me?

LEONOR

(*Detendo-se, mas quase sem voltar-se*) Não. O senhor procura quem?

ÁLVARO

Leonor.

LEONOR

Leonor?

ÁLVARO

(*Emotivo*) Sim, uma menina que conheci em uma linda manhã de sol e que, nas manhãs seguintes, sentadinha num poço, ao mesmo tempo escutava um passarinho, ouvia-me tocar violoncelo e o que os meus olhos diziam aos seus olhos... E assim, durante três meses...

LEONOR

(*Interrompendo, num gesto de desânimo*) Não continue. Chegou tarde demais...

ÁLVARO

Não. Cheguei muito cedo. Devia ter-lhe escrito e preparado a minha volta.

LEONOR

Não adiantaria nada.

ÁLVARO

Por quê?

LEONOR

Porque a Leonor a que se refere já não existe. Morreu.

ÁLVARO

Morreu? Não acredito.

LEONOR

Se não morreu... está morta. Dê-me licença. Vou chamar pelo Renato.

ÁLVARO

Espera, peça-lhe. Não vim por ele. Vim por si, ou melhor, por mim... por nós, para dizer-lhe que, em oito anos de ausência, quanto mais meus passos me afastavam de Leonor, mais meu pensamento me aproximava dela; que, quanto mais diminuía a minha esperança, mais aumentava o meu amor, e que em meus olhos – olhos que adoro porque a viram! – nunca se apagaram os seus olhos ... *(Leonor não pode evitar e olha-o nos olhos.)* ... esses olhos que me falavam e... ainda me falam, como naquelas sadias, naquelas luminosas, naquelas encantadoras manhãs de sol. Lembra-se?

LEONOR

(Que, dormindo de olhos abertos, havia esquecido os olhos nos olhos dele, reage.) Deixe-me, peça. *(Afasta-se.)*

ÁLVARO

(Veemente, insistindo) Não pode ser!

LEONOR

(Desanimada, desiludindo-o) Não pode ser...

ÁLVARO

Sabe que posso fazê-la minha esposa?

LEONOR

Sei. Mas não quero porque não o quero. No que a menina julgava amor, a mulher viu, apenas, uma inexperiência, uma travessura. Não foi você, Álvaro, quem amei, amei em você, apenas, o amor que eu não conhecia... Sou uma desiludida. Não pode ser. Deixe-me. Adeus, Álvaro. *(Dando-lhe as costas e encaminhando-se para o fundo, apoia-se à balaustrada, de frente para o mar. Ele fica imóvel. Depois, lentamente, encaminha-se para o portão. O passarinho, aquele passarinho amigo de Guararema, rompe a cantar insistentemente. Ele pára. Ela presta atenção. E ambos procuram. E, procurando o passarinho que lhes desperta tantas recordações adormecidas, encontram os olhos um do outro. Um momento. Afinal ela volta-lhe as costas novamente. Ele pousa a mão no portão para abri-lo. O violino de Renato rompe, lá dentro, a mesma página que Álvaro tocava no violoncelo. Ele pára novamente. Ouve. Ela também. Um momento. Olham-se outra vez. E ele, notando naquele olhar que Leonor lhe mentira, vai lentamente a ela.)*

ÁLVARO

Ouve! Escuta! É a *Réverie* de Shumann, que tanta vez ouviste, o rosto cheio de sol, da janelinha da tua casa, lembraste?

LEONOR

(Suplicante agora) Álvaro, deixa-me! Peça-te por Deus!

ÁLVARO

Mas se é Deus que nos aproxima, não vês?

LEONOR

(Indicando o hábito) Não pode ser!...

ÁLVARO

Como não pode ser? Porque és noviça? Mas ainda não professaste. Escolhe a religião do amor e da família, que é a religião de Deus! *(As crianças, lá dentro, cobrindo o violino que vai baixando até desaparecer, brincam, cantando.)*

CRIANÇAS*(Dentro)*

Pai Francisco entrai na roda, olé!

Para ver como se dança, olá!

Chegou o delegado

Deu-lhe ordem de prisão

Como ele vem

Todo se requebrando

Na valsa ligeira

Ele vem dançando!

(Depois de pequena pausa) Ouves? As crianças... As crianças que cantam, a casa inteira que ri!... E foi para isso que Deus fez a mulher!

LEONOR

(Num transporte irreprimível) Álvaro!

ÁLVARO

(Tomando-a nos braços) Leonor! És minha!

LEONOR

(Recuando) Não! *(Justificando-se)* Ouve-me, tens que renunciar a mim e vou dizer-te por que...

ÁLVARO

(Toma-a novamente nos braços. Ela deixa-se enlaçar.)

Por quê?

RENATO

(Aparece na varanda e aperta o interruptor da luz. Acendem-se as lâmpadas.) Porque... quer mesmo saber? *(Os dois, assustados, se afastam.)*

CHIQUINHO

(Saindo do esconderijo) Ora, seu Renato, o senhor veio estragar o melhor da festa!...

RENATO

Não. Vim trazer quem responda àquele “por quê?”

GABRIELA

(Entrando a sorrir) Eu... *(Chiquinho contorna e vai ficar na extrema esquerda da cena, oposto ao bangalô. Renato corre a estreitar a mão de Álvaro. Sinhá aparece com as crianças na varanda. Tia Gabriela desce.)*

LEONOR

(Indo-lhe ao encontro) Titia, eu...

GABRIELA

Não me diga nada. Tudo quanto era possível dizer foi-me dito pelo seu advogado de defesa. *(Aponta Renato.)* Aliás, o juiz não lhe deu grande trabalho: a causa era justa e nobre. O meu corpo é velho, minha filha, mas meu espírito é moço...

RENATO

(Orgulhoso) Quem lhe disse isso fui eu.

GABRIELA

Foi, mas é verdade...

LEONOR*(Num transporte de reconhecimento)* Titia!!**ÁLVARO***(Idem)* Irmã Gabriela, como a senhora é boa!!!... *(Beija-lhe as mãos.)***CHIQUINHO***(Emoção cômica)* Vou-me embora, senão começo a chorar... Para essas coisas sou mole que nem jenipapo...**RENATO**

Fica. Tu foste um notável auxiliar de defesa...

SINHÁ

E eu?

RENATO

Também. Ficou até inteligente!

GABRIELA*(Como numa prece, a Álvaro e Leonor, um de cada lado, a última acariciando a cabeça das meninas, que correram ao seu encontro)* E que Deus misericordioso, que nos está vendo, dê-lhes em felicidade o que pagaram em abnegação. *(Comovida)* Uma casa ditosa como esta *(Aponta o bangalô.)*, que ria sempre pela boca do marido, da mulher e de muitos filhos. *(Leonor abraça-a de um lado, Álvaro de outro. As crianças chegam-se, carinhosas, à velha irmã de caridade. Renato e Sinhá, também comovidos, abraçam-se, beijando o filhinho no colo dela. Pequena pausa.)***CHIQUINHO***(Chorando)* Ahn, ahn, ahn. *(Voltam-se para ele.)* Sou eu... a carne é fraca. Não posso resistir a essas coisas. Assim, acabo sendo freira também...**RENATO**

Não é só você. Estamos todos chorando...

LEONOR*(Limpa as lágrimas)* É alegria. De alegria também se chora, não é, titiazinha? *(Limpa os olhos da irmã de caridade.)* Não é verdade? Não pensa como eu?**GABRIELA**

Penso... que quando se é feliz não se deve pensar. Deve-se apenas viver. Lembras-te da tua estrelinha? Lembras-te do que eu lhe disse? Tudo voltará.

LEONOR*(Radiante)* Sim, titia, as manhãs de sol voltarão para mim!...**RENATO**Só falta o passarinho. *(Olha com o rabo do olho para**Chiquinho, que enfia a mão no bolso.)***LEONOR***(Lembrando-se do que ouvira, mas não acreditando)* O passarinho? Não! Eu sonhava acordada, foi ilusão...**ÁLVARO***(Com exceção de Renato, todos olham, incrédulos, para os dois. Chiquinho, que tirou do bolso um aparelhinho de metal, põe-no na boca e começa a trinar como o passarinho de Guararema. Todos, surpresos, começam a procurar com os olhos, com exceção de Renato, que finge apenas que procura. Sinhá descobre a burla.)***SINHÁ***(Apontando para Chiquinho)* Olhem! É o Chiquinho! *(Todos se voltam. Chiquinho, como se batesse as asas, trina, alçando o corpo na ponta dos pés. Risos.)***LEONOR**

Ah! Foi você!

CHIQUINHOFoi Deus, "siá" Leonor, porque, se não fosse este passarinho, a alegria não cantaria agora aqui! Foi Deus, "siá" Leonor... *(E, pondo novamente o aparelho na boca, fica na ponta dos pés, como se voasse, e rodopia e trina. As crianças correm para ele, a pular e a gritar.)***FILHA MAIS VELHA**

Me dá! Me dá! Eu quero esse passarinho!

FILHA MAIS NOVA*(Ao mesmo tempo. Algazarra alegre.)* É pra mim! É pra mim! Vem cá, passarinho, vem cá!...**RENATO***(Para César, simultaneamente)* Olha o passarinho, o passarinho de Guararema. Olha, filhinho! *(Provocados pelos trinados, começam a cantar os pássaros dos viveiros e das gaiolas, formando um concerto alegre de manhã de campo. Chiquinho continua a piar, agora para provocar os passarinhos. Sinhá e Renato voltam-se para os pássaros, que cantam, beijando o filho. As crianças vêm para junto deles, formando um grupo carinhoso. Leonor e Álvaro olham-se com ternura. Gabriela, entre os dois, sorridente e feliz, junta-lhes as mãos desocupadas, pois eles enlaçam a irmã de caridade.)***GABRIELA**

É que Deus seja louvado!

ÁLVARO*(Como se sonhasse, a Leonor)* As tuas manhãs de sol!**LEONOR***(Idem)* As nossas manhãs de sol!...**FIM**

Obs.: Manhãs de sol foi representada pela primeira vez no Teatro Trianon, do Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 1921.

AS NOIVAS

COMÉDIA ROMÂNTICA EM TRÊS ATOS

Paulo Gonçalves

PERSONAGENS:

Angélica
Cecília
Teresa
Silvestre
Januário
Oscar
Lucas
Júlio

PRIMEIRO ATO

(Em Dores, Vila de Sergipe. Interior singelo. Ao fundo, porta ampla, deitando para um alpendre e ladeada por duas janelas de esteirinha, abertas para o terreiro, povoado de cajazeiros. À direita, duas portas de uma folha. Ao centro, sobre uma mesa, flores roxas em um vaso rústico e um moringue. À esquerda, uma janela e uma porta. Grande sofá de palhinha e cadeiras esparsas. No ângulo direito, uma rede.

Pleno dia. À direita, uma folhinha marca um dia de fevereiro.

Silvestre está dormindo na rede, com o rosto protegido por um jornal. Angélica, de frente para a cena, escreve uma carta, olhando às vezes para a sua almofada, armada à direita baixa. Teresa, fazendo renda à esquerda. Cecília arruma dois ternos de brim, e várias outras peças de roupa, na mala de mão).

TERESA

Era uma vez três princesas, noivas de três trovadores.

CECÍLIA

Isso no tempo em que havia angelíssimos amores.

TERESA

Três rapazes sonhadores, que se partiram um dia à conquista de riquezas.

ANGÉLICA

É apesar das incertezas, aventuras e surpresas que a jornada lhes abria, partiram todos confiantes na constância das princesas.

TERESA

É tão fiéis foram elas a essa paixão insensata, que um tardo fio de prata veio encontrá-las donzelas.

ANGÉLICA

Seus corações sofredores lembravam três sempre-vivas

ou três lâmpadas votivas que mantivessem acesas em louvor dos trovadores.

CECÍLIA

Era uma vez três princesas... *(Pausa)*

TERESA

Toda a vida os esperaram e os seus noivos não voltaram... *(Pausa)*

ANGÉLICA

Era uma vez três rendeiras, três raparigas do norte, cujos noivos acordaram em tentar juntos a sorte.

TERESA

Quantos perigos de morte nessas terras traiçoeiras! Pensavam as três rendeiras.

ANGÉLICA

Eram os três de alma forte, e sorrindo se apartaram das ingênuas companheiras...

CECÍLIA

Era uma vez três rendeiras...

TERESA

Até que um dia voltaram...

TERESA

Deixe de botar azar no pobre do Janu. Não pense nisso. Cuide do seu enxoval que é melhor... *(Pausa)* Ah! quem é esse moço que esteve aí há pouco à procura de nhô Silvestre?

CECÍLIA

É mesmo! Você conhece, Angélica?

ANGÉLICA

Conheço. É Júlio, do Engenho da Murta. Acabou os estudos na Bahia.

TERESA

Pois não conhecia, não.

ANGÉLICA

Pronto! Acabei a carta.

TERESA*(Levantando-se)* Acabou? Que é que você escreveu?**ANGÉLICA**Espere que eu já leio. Antes vou guardar o tinteiro aqui na banca de papai... *(Sai pela D. A.)***TERESA***(Tira do vaso uma flor, com que roça a cabeça do velho. Ele ergue as mãos em gestos irritados, de quem afugenta insetos. Ela ri e embala a rede, cantando.)*Bacia de prata
areada com sabão...**CECÍLIA***(Repreensiva)* Teresa! Que é isso?**SILVESTRE***(Acorda simultaneamente com a entrada de Angélica. Resmunga, depois sorri, exclamando:)* Ahn! Lucas já voltou da solta?**ANGÉLICA**

Ainda não, senhor.

SILVESTREAhn! Bem. *(Volta-se e ressona.)***CECÍLIA**Mas Teresa está ficando impossível de tão gaiata. Olhe que eu conto a titia! Nós não estamos em casa, pra você fazer das suas! *(Angélica sorri.)***TERESA**

Ora essa! Foi com isso que fiz cócegas. Se fosse com outra qualquer coisa, ainda vá, mas com uma flor! E ainda mais com quê: com um “meu amor é você”. Não é assim que isso se chama, Angélica?

ANGÉLICA

É, sim. “Meu amor é você.”

TERESA

Então! Bem, agora leia a carta.

ANGÉLICA

Leia você, Cecília; eu tenho vergonha.

CECÍLIA

Leio, mas depois a Teresa não vá dizer que eu sou abelhuda.

ANGÉLICA*(Num sorriso)* Ih! vocês nem parecem irmãs! São tão briguentas!**CECÍLIA***(Lendo)* “Armando – esta lhe vai ser entregue pelo Oscar. Papai e eu vamos passando bem, felizmente. Estimarei que a viagem lhe seja bastante agradável e que regresse logo. Aceite...”**TERESA***(Interrompendo-a)* Espere! Espere aí! Você escreveu aceite com “s”?**ANGÉLICA***(Espirando)* Ave Maria! Com “s”? Não! Onde está?**TERESA**

Ahn! Parece! Era muito engraçado...

CECÍLIAOra! Cale a boca! *(Continuando a ler)* “Aceite lembranças de sua sincera amiga Angélica.”**TERESA**

Hum! Acabou? Mas você levou tanto tempo para escrever só isso? E depois com essa frieza! Virgem! Isso não é carta de noiva!

ANGÉLICAMas vai assim mesmo. *(Em súbita tristeza)* Eu bem sei por que fiz a carta assim...**CECÍLIA***(Com mistérios)* Por causa de Leonor?**ANGÉLICA**

É, eu não tenho o direito de oferecer a minha amizade... Depois...

TERESA

Mas quem é essa Leonor?

ANGÉLICA*(Torcendo a ponta do avental)* ... e o meu medo é que ele não tenha força para resistir... Ficando perto dela de novo...**TERESA**

Mas, afinal, quem é essa Leonor? Mora em São Paulo? Gosta dele, é?

CECÍLIA

É, sim.

TERESAAh! você sabe! *(A Angélica)* Então você tem segredos que só Cecília pode saber, não é? Eu não mereço essa confiança... Pois vou tratar vocês da mesma forma, está aí!**CECÍLIA**

Ora, deixe-se de ciúmes...

ANGÉLICAVirgem, Teresa! Não foi por pouco-caso... Você também podia saber... O que não houve foi ocasião para lhe contar. *(Movimento de atenção de Teresa)* Leonor... é o nome da primeira paixão de Armando. *(Abaixa a fronte para contar a história.)* Uma leviana, fácil de se impressionar com as tentações do luxo... que não o compreendia, afinal... Armando a amou, como é capaz de amar alguém...**TERESA***(Sorrindo)* Como você sente-se amada, não é?**ANGÉLICA**Um dia, passou um outro no caminho dela. Passou... e levou-a. Armando não resistiu ao sentimento que isso lhe deu e foi por isso que tratou de sair de São Paulo. Não veio a negócios, não, como a gente supunha; veio distrair o que sofreu... com essa... surpresa... *(Comovese.)* Ele me confessou que a tinha esquecido, mesmo porque ela era assim... tonta... *(Desalentada)* Mas eu não creio que ele a tenha esquecido... Eu não devia...**TERESA***(Comovida)* Qual, Angélica! Naturalmente ele esqueceu.**ANGÉLICA**

Você acha?

TERESA

Naturalmente! Deve ter esquecido. Os homens, em matéria de amor, comem muito queijo...

CECÍLIA*(Voltando à tarefa)* Ora! Armando lhe quer bem, você não pode duvidar... Se até agora ele foi constante para a outra, será também para você.**TERESA***(Alisando os cabelos de Angélica, que se põe a trabalhar)* Claro! Você, Angélica, ele não esquece. Não esquece por

causa destes... por causa destes... Como é mesmo que ele chamou estes cachos, heim?... Ah! estes fios de sol...

ANGÉLICA

Agradecida. Vá fazer seu entremeio, que ainda está no princípio...

TERESA

... tão dourados... Ah! E por falar em ouro, que é do cofre?

ANGÉLICA

É mesmo. Eu prometi mostrar a vocês. Esperem um pouquinho. Está aqui no meu quarto... *(Sai à E.)*

TERESA

Que horas serão, Cecília? Janu disse que não demorava e parece que não sobra muito tempo! *(Numa explosão de contentamento)* Ih! Quando estivermos em São Paulo, que bom, não, Cecília! *(Angélica aparece com o cofre.)* Heim, Angélica! Quando estivermos em São Paulo, vamos morar juntas, não?

ANGÉLICA

(Pondo o cofre à mesa e abrindo-o) Se ele cumprir a promessa, por estes seis meses eu vou.

TERESA

Felizarda! Só seis meses! E nós? Quando chegará o nosso dia?

CECÍLIA

E o seu dote?

TERESA

(Olhando o conteúdo do cofre com grande admiração) Oh! Libras, Cecília! Aí tem cem contos, não, Angélica?

ANGÉLICA

Boba! Tudo isso não chega a dez. Ah! mas também todo vintém que papai me dá ou que consigo ganhar com a cria da Mimosa é para guardar aqui dentro. Depois, papai manda pedir a um amigo dele em Pernambuco para trocar dinheiro por libras...

TERESA

Olhe, Angélica, você ponha muito cuidado, porque este mundo...

ANGÉLICA

O quê?

TERESA

Há falsificadores de dinheiro... Antes de pôr as libras no cofre, você repare ou pergunte se não são falsas.

ANGÉLICA

(Rindo) Ora! *(Sai levando o cofre.)*

CECÍLIA

(Olhando para o alpendre) Teresa, eles já estão demorando.

TERESA

Ah! que é da carta de Angélica? *(Deitando com a carta na mesa)* Ah! está aqui. Pobre Armando! Então isto é carta que se escreva a um noivo? Ela trata Armando com muita indiferença, você não acha, não?

CECÍLIA

Se o gênio dela é esse!

TERESA

Mas nem um beijo! Assim numa distância de tantas léguas, que é um beijo? Não! Ao menos isto, que é bastante significativo. *(Tira do vaso um "meu amor é você" e mete-o no envelope.)* Meu amor é você! Pronto!

ANGÉLICA

(Entrando) Gente, parece que eles se encantaram no engenho da Esperança! *(Aparecem Januário e Oscar. Ambos vestem roupas simples e calçam perneiras e esporas. Oscar vem cantando o estribilho de um samba.)*

AS TRÊS

(Ao vê-los) Oh!

OSCAR

Viva!

TERESA

(Correndo) Oscar!

CECÍLIA

Janu!

OSCAR

O minha flor de jerimu!

ANGÉLICA

(Apontando a rede onde o velho tosse) Psiu! *(Silêncio)*

OSCAR

(Baixo) Psiu! Fica proibido ter alegria!

TERESA

Vocês já estão prontos?

JANUÁRIO

(Que tem o hábito de sacudir vinténs) Só nos falta despedir de nhô Silvestre. Está pronta a mala, Cecília?

CECÍLIA

Quase! Olhe, veja se ficou bem!

TERESA

Vocês passaram por casa?

OSCAR

Ainda não, e o pior é que daqui a três horas o trem sai de Capela. Até lá vão duas horas bem socadas... *(Carinhosamente)* Teresa, minha flor de macaxeira, você me promete que escreverá sempre?

TERESA

Prometo.

CECÍLIA

E você também, Janu?

JANUÁRIO

Por falta de vontade não será...

OSCAR

Por falta de vontade não será; só se for por falta de gramática.

JANUÁRIO

E o Lucas ainda não veio, não?

CECÍLIA

Ainda não. Foi à solta e à feira fazer compras.

OSCAR

Bonito! E agora quem é que nos vai servir de pajem?

ANGÉLICA

(À porta) Vocês me dão licença?

TODOS

Pois não.

ANGÉLICA

Vou tratar do jantar. Vocês jantam antes de ir?

OSCAR E JANUÁRIO

Não. Muito obrigado. *(Angélica sai à D. B.)*

OSCAR

(Tocando uma almofada) Olhe aqui, Janu, o nosso enxoval.

CECÍLIA

Nosso, não! O Janu não precisa do seu!

OSCAR*(Num repente)* Oh! Janu, em último recurso, podemos lançar essa moda em São Paulo, heim? Abre-se um negócio para vender ceroulas com bicos, paletós com entremeios, camisas com babados de renda... Assim se aproveita o serviço delas...**CECÍLIA**

Engraçado!

TERESA

Não é preciso esse recurso. Qualquer coisa aqui dentro me diz que você não demora a vir me buscar.

CECÍLIA

Assim seja! Mas eu creio que é Janu!

TERESA

Oscar é mais esperto, mais ativo...

OSCAR

Obrigado!

CECÍLIA

Mas Janu é mais econômico, mais inteligente...

OSCAR

Ah! Com esse hábito de jogar vinténs, ele vai longe.

TERESA*(Decidida)* Vamos fazer uma aposta?**CECÍLIA***(Resoluta)* Aposto!**JANUÁRIO**

Não falem alto que nhô Silvestre acorda!

TERESA

O enxoval!

CECÍLIA

O enxoval! Está direito. Se o Oscar voltar antes que o Janu, eu lhe faço presente de todas as minhas rendas.

TERESA*(Contente)* Ih! *(A Oscar)* Você veja lá, você me ajude, heim? Não gaste o seu dinheiro, para vir logo. Assim teremos dois enxovais.**OSCAR**Ajudo, sim. Até de silêncio vou fazer economia, uma vez que o silêncio é de ouro, como dizem. E depois de juntar dinheiro, venho a pé, que é para não gastar passagem. *(Lucas entra pelo F.)***TERESA***(Vendo-o entrar)* Olhe aí o homem tirador de samba.**OSCAR**

Oh! Até que enfim!

LUCAS*(É um vaqueiro moço ainda. Vem vestido de couro e traz uma cesta no braço.)* Bons dias!**TERESA**

Lucas vai servir de testemunha.

LUCAS

Eu? De quê?

CECÍLIA

Da aposta. Se o Oscar voltar primeiro que o Janu, a Teresa ganha o meu enxoval!

LUCAS*(A Teresa)* E sinhá dona apostou? Então, não se confie muito porque nhô Janu... pra mim... não se fonde, não, nhô Oscar!**ANGÉLICA***(Entra pela D. B.)* Ó Lucas!**LUCAS**Nhá Angélica! *(Tira o chapéu.)***ANGÉLICA**Deixe-me ver a cesta. *(Lucas lha entrega.)***CECÍLIA**

Como é, gente? O tempo está correndo!

OSCAR*(Numa resolução)* Vamos?**JANUÁRIO**

Vamos.

TERESA

Angélica, até!

OS OUTROS

Até!

ANGÉLICA

Até! Vocês não voltam!

OSCAR

Já voltamos aqui ao último sacrifício dos apertos de mão. Arre! Se a gente não se vexa um pouco, fica aí a semana toda, gastando a mão em cumprimentos. Até! Angélica.

ANGÉLICA

Até.

CECÍLIA

Já voltamos, Angélica. Eles não se despediram de titia. Ah! Angélica, você me faz um favor?

ANGÉLICA

Que é?

CECÍLIA

Prender as correias dessa mala?

ANGÉLICA

Pois não. Pode ir tranqüila. Até!

CECÍLIAAté. *(Saem.)***ANGÉLICA**

Não se esqueceu do gás, Lucas?

LUCAS

Do gás? Nhá, não, 'stá aí. Lamedô é que me esqueci de vê na botica.

ANGÉLICA*(Levando a cesta para a D. B.)* Sempre esquecido, seu Lucas! Bem. E como vai a Mimososa?**LUCAS**

Ah! A Mimososa vai que nem um brinco. Ainda mais leiteira agora. Bastou que sinhá olhasse pra ela, adespois da cria, pra botar tanto leite que espirra no fundo da cuia, e móia até minha cara.

ANGÉLICA*(Num contentamento)* É?**LUCAS**

Pruquê sinhá Angélica não vai lá na sôrta outra veis, só pra dá uma olhada na Mimososa?

ANGÉLICA

Pra quê?

LUCAS

Aquerdite que os seus óio dão leite...

ANGÉLICA

Virgem Maria!

LUCAS

(Emendando-se) Isto é: mal comparando... *(Enfiando a mão no bolso)* Ah! os espinhos de mandacaru que nhá me pediu...

ANGÉLICA

Ah! É mesmo! Para a almofada. *(Recebe-os.)*

LUCAS

(Enfiando a mão no outro bolso) E agora... se sinhá me dá licença... *(Tira duas flores roxas.)* estas duas lembrancinha...

ANGÉLICA

(Recebendo-as) Muito obrigada.

LUCAS

Faz de conta que nhá recebe estas jurubebas das mão de nhô Armando. Eu apanhei no tabuleiro pensando nele... *(Ela abaixa a frente e enfia as flores no seio, encaminhando-se para a D. B.)* Nhô Armando lhe quer bem de verdade, nhá. Ah! se ele vinhé este ano ainda, como disse! *(Alto)* Chi!

ANGÉLICA

Que foi?

LUCAS

Stá 'i um percurando nhô Silvestre! Eu me esqueci dele lá fora!

ANGÉLICA

Ah! É o moço da Murta, com certeza! Faça entrar que eu chamo papai.

LUCAS

(Do alpendre) Faz favô, sô moço.

ANGÉLICA

(Chamando) Papai! Papai!

SILVESTRE

(Num susto) Ahn! Que é?

ANGÉLICA

Visita.

LUCAS

Entre, faz favô, sô moço. Descurpe esperá, mas é que eu fiquei atordoado aqui com as compra de minhas bagatela...

SILVESTRE

(Compondo-se) Quem é? Ah! Lucas já voltou?

ANGÉLICA

Já, sim senhor.

SILVESTRE

Que é do outro pé dos sapatos?

ANGÉLICA

(Baixando-se e entregando-lhe um chinelo) Está aqui, papai.

SILVESTRE

Ah! Bem!

(Angélica torna a parar à D. com a cesta na mão. Júlio aparece pelo F. É moço. Veste-se com uma dose de apuro suficiente para tomar relevo no ambiente. É senhoril e discreto.)

JÚLIO

Bom dia.

SILVESTRE

(Breve pausa) Bom dia! Ah! É o Júlio?

JÚLIO

Sim, seu Silvestre. *(Abraçam-se.)*

SILVESTRE

Oh! meu filho, muito obrigado pela sua atenção. Isto quer dizer que hoje mesmo podemos fechar o negócio... Você está há poucos dias no engenho, não?

JÚLIO

Desde a semana passada, sim senhor. Mamãe me falou do negócio e se não vim antes foi porque a saudade dos meus prenderam-me em casa.

SILVESTRE

Natural! Natural! Sente-se. *(Reparando na filha)* Ah! Talvez não se lembre... *(Chamando)* Minha filha...

ANGÉLICA

(Tímida) Senhor...

SILVESTRE

Minha filha, este é o Júlio, filho de dona Mariana, da Murta. Eu conheci criança...

JÚLIO

(Aproxima-se e ela larga a cesta no chão para receber o aperto de mão.) Um criado às suas ordens, já nos tínhamos falado há pouco, quando procurei pelo senhor...

ANGÉLICA

(Olhando-o admirada, murmura:) Angélica...

SILVESTRE

Não repare, Júlio. Ela tem de sair... então já esteve aqui?

JÚLIO

Ela quis acordá-lo e eu lhe pedi que não o incomodasse.

ANGÉLICA

Com licença. *(Sai à D. B.)*

SILVESTRE

Sente-se. Não faça cerimônia, porque a casa é sua. Você vem jantar conosco. Não vem, não?

JÚLIO

Não senhor... muito agradecido.

LUCAS

(Que se veio aproximando) Nhô Silvestre...

SILVESTRE

Ahn! Lucas... foi à solta?

LUCAS

Nhor sim... *(Põe-se a alisar a aba do chapéu.)*

SILVESTRE

Não há novidades?

LUCAS

Nhor, não. Isto é, tem um recado do Migué pra vosmicê... Ele mandou dizê que aqueles marchantes estivero vendo o gado.

SILVESTRE

Bem, vá. Não está cansado?

LUCAS

(Rindo) Quá! Eu? Nhor, não.

SILVESTRE

Então depois me procure.

LUCAS

Mas... é que eu tenho de acompanhá os moço intê a Capela... e vou arriá outro animá, que o meu está todo pisado.

SILVESTRE

Ah! eu já nem me lembrava disso. Vá. Veja se tem carta pra mim lá no correio e volte logo, que hoje tenho um

negócio importante a resolver e preciso da sua presença.

LUCAS

Nhor, sim, então... Até. (*A Júlio*) Até.

JÚLIO

Até logo.

SILVESTRE

Não demore, Lucas!

LUCAS

Nhor, não. (*Sai pelo F.*)

SILVESTRE

Este é o Lucas, meu vaqueiro. Bom rapaz... Presta-me um servição, porque eu já não sirvo mais pra andar fiscalizando o gado todos os dias, e a solta é longe, como você sabe... Mas, afinal, que é que você me conta da Bahia? Que fez durante tanto tempo?

JÚLIO

Estudei, seu Silvestre. Quando terminei o curso no seminário menor, estava resolvido a estudar medicina. Perdi todo um ano sem me resolver a isso, até que vim para cá.

SILVESTRE

Ah! Mas ainda vai estudar...

JÚLIO

Não sei, não senhor. Estou ainda indeciso; não sei se me preparo para me matricular na escola de medicina, ou se contento mamãe, voltando para o seminário...

SILVESTRE

Voltar?

JÚLIO

Para o seminário, sim senhor, pela vontade de mamãe eu seria padre. E eu...

ANGÉLICA

(*Surge à D. B. e interrompe-o.*) Com licença?

JÚLIO

Pois não. (*Angélica vai fechar a mala.*)

SILVESTRE

Ah! minha filha, foi bom você aparecer. Júlio vai me permitir que eu calce as botinas e me arranje um pouco para sairmos e assinarmos a escritura... você concorda mesmo com aquelas condições?

JÚLIO

Pois não lhe mandei dizer que aceitava? Essas terras eu as recebi em adiantamento de legítima, quando andei com a idéia de criar...

SILVESTRE

Sim, como sua mãe me explicou. Bem, com licença... meu filho. (*Sai à D. A.*)

JÚLIO

(*Notando o esforço que Angélica faz para fechar a mala*) A senhora quer que a ajude?

ANGÉLICA

A mala está cheia demais...

JÚLIO

Então é preciso arrumá-la de novo. (*Aproxima-se.*)

ANGÉLICA

É, sim...

JÚLIO

Deixe que eu arrumo.

ANGÉLICA

Não. É incômodo para o senhor.

JÚLIO

Não pense nisso. Se consentir, é um prazer para mim...

ANGÉLICA

Então...

JÚLIO

(*Depois de tirar algumas peças de roupa e passar-lhas*) Seu nome... é muito expressivo. Creio que nunca a vi, nem em criança... (*Começam a arrumar de novo, curvados sobre a mala.*)

ANGÉLICA

Creio que não, senhor.

JÚLIO

Ontem, em casa, falaram muito na senhora... que o nome não era mais angélico do que a pessoa...

ANGÉLICA

(*Sorrindo*) Ave Maria! Não sou, não. É bondade. O senhor estudava, é? Para quê?

JÚLIO

Para ser talvez o vigário de um desses lugares perdidos aí no mato. Mas deixei...

ANGÉLICA

Ah! então é porque não é religioso!?

JÚLIO

Não. Pelo contrário... mas aqui fora a vida é tão... (*Tocam-se as mãos de ambos. Ele a fixa expressivamente.*)

ANGÉLICA

O senhor é o dono das terras, não é, não?

JÚLIO

Sim, senhora. Por quê?

ANGÉLICA

Porque papai falava sempre que precisava comprar suas terras para aumentar a solta.

JÚLIO

São vizinhas às dele.

LUCAS

(*Entrando*) Nhá Angélica!

ANGÉLICA

Que é, Lucas? Tire o chapéu...

LUCAS

Ah! Descurpe... (*Tira uma vela do bolso.*) Nhá Angélica, eu vinha pedi a vosmicê que me acendesse esta vela no seu oratório.

ANGÉLICA

Pois não. Deixe ver... Mas para que é isto?

LUCAS

Pra quê? Nhá não se lembra, não?

ANGÉLICA

(*Vivamente procurando a folhinha com os olhos*) Que dia é hoje? Ah! Sim... vou acender já. Com sua licença.

JÚLIO

Pois não. (*Ela sai à E. B. Ele dirige-se a Lucas.*) É alguma promessa que vai fazer?

LUCAS

Promessa? Nhor, não. Há muntos ano que eu principiei a gostá de uma moça bonita do Sítio do Meio. A graça dela era Jerusa. Mas como a família não queria o casamento, praquê tinha umas bagatela, e inté o pai andô espaiando que me dava um tiro, prumode dessa

cegueira, eu, que não tenho nem couro pra ninguém roer, um dia... furtei Jerusa...

ANGÉLICA
(*Aparecendo*) Pronto!

LUCAS
Furtei, joguei na garupa do meu cavalo e vim apeá aqui na casa de nhô Silvestre. Nhá Angélica conheceu ela, não é, não?

ANGÉLICA
Foi, sim. Tão simples, tão meiga...

LUCAS
Foi aí que o loroteiro do pai dela, danado com a história, veio aqui me insultá, mas não sei se vosmicê sabe que aqui em Sergipe, quando uma moça é guardada em uma casa, só sai adespóis de casada. E não se passou uma semana, que nós se casemo logo, sem que nos tivéssemos juntado numa. Mas eu queria mostrá ao pai dela que não estava dando relação ao dinheiro, e a prova é que no mesmo dia do casamento eu fui-me embora, tentá a sorte em Juazeiro, prumode vê se fazia minha independença pru lá.

JÚLIO
No mesmo dia?

LUCAS
Nhor, sim, no mesmo dia. Eu vivia sentido. Precisava mostrá vergonha. Mas, infelizmente, seis meses de amargura não chegou pra uma hora de alegria... (*Comove-se.*) ...pruquê, antes que eu amiorasse de vida, Jerusa... morreu. Fais hoje dois ano. (*Silêncio*) E foi assim que eu fiquei viúvo de uma donzela. (*Angélica abaixa a fronte. Júlio a olha enternecida e furtivamente.*) Bem, obrigado, nhá Angélica.

ANGÉLICA
De nada, Lucas. (*Lucas sai.*) Pronto? Podemos fechar agora, não?

JÚLIO
Vamos ver. (*Fecha a mala.*)

ANGÉLICA
Agora as correias. (*Ambos se aplicam nisso.*)

SILVESTRE
(*De fora, à D. A.*) Ó Júlio?

JÚLIO
Senhor?

ANGÉLICA
Pronto. Muito agradecida.

JÚLIO
De nada, dona Angélica.

SILVESTRE
(*Aparece da D. A.*) Ó Júlio, você já passou no tabelião?

JÚLIO
Já, sim, senhor. A escritura deve estar pronta às duas horas.

ANGÉLICA
Com licença. (*Sai à D. B.*)

JÚLIO
Pois não.

SILVESTRE
(*Suspirando*) Queira Deus, meu filho, que minha situação não se agrave com estes novos compromissos. Felizmente o gado vai-se vendendo. Olhe, ainda ontem,

uns marchantes de Propriá vieram me propor um negócio a prazo... Esses de que o Lucas me falou... Enfim, apesar de ser a prazo, como essa gente é séria, segundo as informações que me deram... (*O riso claro de Teresa, no interior, atalha a cena. Ambos voltam o rosto. Teresa entra, seguida de Cecília.*)

TERESA
(*Chamando*) Angélica?

SILVESTRE
Que é?

TERESA
(*Encaminhando-se rápida para a D. B.*) Desculpe, nhô Silvestre.

SILVESTRE
De nada.

TERESA
Nós vinhemos falar com Angélica.

SILVESTRE
Ela está lá dentro. Entrem.

CECÍLIA
(*Saindo*) Com licença.

TERESA
Obrigada.

SILVESTRE
Olhe, faça o favor de dizer a Angélica para pôr mais um talher na mesa, ouviu?

AMBAS
Nhor, sim. (*Saem pela D. B.*)

JÚLIO
Seu Silvestre, não precisa ter esse incômodo.

SILVESTRE
Ora essa!

JÚLIO
Bem, o seu desejo para mim é uma ordem. Essas moças são amigas de sua filha, não?

SILVESTRE
São. São duas órfãs, criadas por uma tia. Moram aqui perto. O povo diz que as mulheres são como as mangabas: de uma dúzia, só uma presta. Mas, com essas duas, eu creio que o ditado se enganou.

JANUÁRIO
(*Entrando*) Bom dia, nhô Silvestre. (*Júlio levanta-se.*)

SILVESTRE
Oh! Bons olhos o vejam. Então vão mesmo hoje?

JANUÁRIO
Sim, senhor.

SILVESTRE
E o Oscar?

JANUÁRIO
(*Olhando para trás*) Está aí. Oh! que é dele? (*Vai à porta e chama.*) Oscar! (*Volta-se.*) Viemos abraçá-lo, nhô Silvestre.

OSCAR
(*Fora*) Amarra aí, Lucas.

SILVESTRE
As meninas estão lá dentro com a filha.

OSCAR
(*Entrando*) Oh! nhô Silvestre! O senhor estava descansando há pouquinho, e eu não quis chamar... (*A Júlio, de longe*) Bom dia.

JÚLIO

Bom dia.

SILVESTRE

Estes dois partem hoje para o sul, Júlio. Vão tratar da vida.

JÚLIOAh! bem. Desejo que sejam felizes. *(Estende a mão a Oscar.)***OSCAR**

Deus o ouça.

JÚLIO*(No mesmo gesto a Januário)* Vão agora?**JANUÁRIO**

Sim, senhor.

SILVESTRE*(Saindo)* Querem casar... Andam por aí malucos, às voltas com essas meninas. Bem; vocês agora me dêem licença, que vou aqui ao quarto... escrever ainda umas linhas ao Armando.**TODOS**

Pois não.

SILVESTREFiquem a gosto. *(Sai à D. A.)***JÚLIO**

Então vão embora atrás da fortuna?

OSCAR*(Acanhado)* É... se ela não correr muito... nós pegamos, não é, Janu?**JÚLIO**

E vão sozinhos, à aventura?...

JANUÁRIO

Não, senhor. Vamos com o Armando, um moço do sul que passou por aqui há um mês.

JÚLIO

E ele já voltou para lá?

AMBOS

Não, senhor.

OSCAR

Foi primeiro a Pernambuco e daqui a cinco dias deve chegar à Bahia. Nós agora vamo-nos encontrar com ele na Bahia...

JANUÁRIO

... para irmos juntos.

JÚLIO

Ahn! Então são muito amigos?

OSCAR

Nós? Ah! Como cara e coroa.

JÚLIO*(Intrigado)* Como quê?**OSCAR**Como cara e coroa, sim senhor. Cara e coroa de vintém; um está sempre ao lado do outro. Eu sou o avesso dele. *(A Janu, que brinca com as moedas)* Ó Janu! Por falar nisto, veja se pára um pouco com essa matraca! Você assim gasta mais depressa esses vinténs.**JANUÁRIO***(Obedecendo)* O senhor desculpe. Isto é hábito...**JÚLIO**Ora essa! De nada. *(A Oscar)* Eu... parece que conheço

o senhor. De onde é que não estou muito certo... O senhor não é da Capela?

OSCAR*(Sorrindo)* Eu? Não; o senhor deve estar enganado. Eu sou de São Paulo Moleque.**JÚLIO**

Ahn! Bem!

OSCAR

Cara conhecida, não? Agora, é bem possível: do vintém a cara sou eu.

JÚLIO*(A Januário)* De certo vão cheios de esperanças! Mas por que não se casam e ficam aqui mesmo, nesta vida simples, perto dos parentes?... Preferem a cidade a esta vida?**JANUÁRIO***(Acanhado)* Ah! Isso era muito bom, sim, senhor. Mas ficar aqui, como? A bobagem que a gente ganha nos empregos por aqui não dá pra se sustentar família... E o remédio é a gente ir embora para o sul... Que se vai fazer?**OSCAR**

De mais a mais, o senhor compreende que os empregos aqui são poucos e as encomendas são muitas. Há noivos por aí à espera de colocação numa casa de negócios, que o senhor não imagina... Creio mesmo que em Sergipe há mais noivos que maridos... É uma praga! Ao menos se o governo pensasse no nosso sacrifício e inventasse uma penca de empregos públicos!

JÚLIO

Mas o que me admira é que vão assim à sorte, para uma cidade como São Paulo... Não levam nenhum plano pensado, ao menos?

JANUÁRIO

Nenhum, não, senhor. O Armando é que garantiu que nos colocava. Eu, por mim, espero... que...

OSCAR

Também por mim já disse ao Janu: se no primeiro mês não arranjar nada, ah! sento praça. Praça ou condutor de bonde.

JÚLIO

O senhor é decidido!

OSCAR*(Sorrindo)* Qual! Obrigado! Eu reparto o elogio com o Janu. *(Aparecem à porta da D. B. Teresa e Cecília.)***OSCAR**Olhe aí o motivo da viagem. *(Cecília volta o rosto.)***JÚLIO**

Ah! Vão por causa delas?

OSCAR

Sim, senhor. Somos noivos, isto é: eu, de Teresa, que é aquela, e o Janu, de Cecília, que é esta. Não repare, sabe? As duas são um pouco matutas... nós vamos antes que é para desbravar o acanhamento delas.

AMBAS*(Envergonhadas)* Ahn!**OSCAR**

Não apertaram ainda a mão deste moço?

TERESA

Não.

JÚLIO

Ora! Não é preciso.

OSCAR

Não, senhor, elas até que fazem muita questão disso. (*As duas lhe estendem a mão.*) É. Elas não gostam nada de que eu diga que são ainda um pouquinho tabaroas... mas pelo jeito não podem esconder...

JÚLIO

(*A ambas*) São rendeiras, não?

TERESA

Somos, sim, senhor.

CECÍLIA

Janu, você arrumou tudo? Os agasalhos também?

JANUÁRIO

Tudo. Você não se esquece de mim?

LUCAS

(*Ao fundo*) Nhô Janu!

JANUÁRIO

Oh! Lucas!

LUCAS

'Stá na hora.

OSCAR

Pronto! Olhem, não quero lágrimas; chorar é de mau agouro. (*Teresa entristece.*)

LUCAS

Os animá estão aí na cancelinha.

CECÍLIA

(*Indo ao fundo*) Onde? Vá, Lucas, eles não demoram.

LUCAS

É que é preciso a gente se avexá um pouquinho, senão... (*Sai.*)

TERESA

(*A D. B., chamando*) Angélica! (*Baixo*) Eles já vão embora...

OSCAR

(*Baixo*) Teresa, olhe a visita aí; não vá dar escândalo. Não me envergonhe, por favor.

SILVESTRE

(*Aparecendo*) Olhe aqui, Janu.

JANUÁRIO

Senhor?

SILVESTRE

Você me faz o favor de entregar essa cartinha ao Armando?

JANUÁRIO

Sim, senhor.

TERESA

(*A Angélica, que entra*) Angélica, e sua carta?

ANGÉLICA

Ah! deixei aí em cima da mesa.

JANUÁRIO

Bem, nhô Silvestre, então até à vista. A bênção.

SILVESTRE

Até à vista, meu filho. Deus o guie.

JANUÁRIO

Obrigado. (*A Júlio*) Até à vista.

JÚLIO

Até à vista.

JANUÁRIO

Um criado, que para nada serve, mas em todo caso, disponha...

JÚLIO

Passar bem. Que a fortuna o proteja e volte logo para casar.

OSCAR

Muito obrigado. Então, às suas ordens em São Paulo; parece que lá ficarei colocado... se não for para onde Judas perdeu as botas, como soldado de polícia... Assim mesmo, disponha... Meu endereço é na posta restante.

JÚLIO

Agradecido.

JANUÁRIO

(*Abraçando timidamente Angélica*) Adeus, Angélica. Você não se esqueça da gente...

ANGÉLICA

Não é preciso avisar...

OSCAR

(*A Silvestre*) Bem, nhô Silvestre... Então, até a volta. A bênção.

SILVESTRE

Até a volta, meu filho. Deus o abençoe. Seja muito feliz.

OSCAR

Muito obrigado. O senhor faça o favor de vigiar as duas, sabe, nhô Silvestre?

SILVESTRE

Sei... Sei...

OSCAR

Quando não enxergar bem, ponha os seus óculos. Se nós vamos passar a pão e laranja, num frio doido, lá em São Paulo, é só por causa delas... (*Ficam os dois pares ao F.*)

ANGÉLICA

(*A Oscar*) E eu não ganho um abraço de despedida?

OSCAR

Oh!

JANUÁRIO

Ah! a mala ia ficando?

CECÍLIA

É mesmo.

JANUÁRIO

(*Indo buscar a mala*) Onde é que eu estava com a cabeça!

CECÍLIA

(*Arrancando a folhinha*) Espere! Eu vou ficar com isso como lembrança deste dia.

ANGÉLICA

(*Ao fundo*) Olhe, faça o favor de entregar esta carta a ele. Guarde bem, heim?

OSCAR

Pois não. Posso pôr neste bolso, junto com os fósforos? Não tem pólvora, não.

ANGÉLICA

Ah! Oscar! Brincadeiras até nesta hora?

OSCAR

Se eu rindo, a Teresa já está chorando, imagine se eu chorasse! Se eu chorasse, ela caía aí com um ataque. (*Abrindo um pouco o envelope e dando com a flor*) Ih! Que quer dizer isto?

ANGÉLICA

Que é? Quem é que pôs essa flor na carta?

TERESA
Eu não fui.

OSCAR
Olhem por onde se pega a santa! Você assim vai obrigar o Armando a comprar um dicionário das flores, para entender os seus recados. (*Abraça Angélica.*) Adeus, Angélica, tome a flor. Você é capaz de não dormir por causa disto.

ANGÉLICA
Não.... Não faz mal, deixe. (*Coloca a flor dentro do envelope outra vez.*) Adeus! Até quando?

OSCAR
Até o dia 29 de fevereiro! (*Alto*) Adeus para todos!

SILVESTRE
Adeus! Olhem! Mandem logo notícias!

JÚLIO
Adeus!

CECÍLIA
(*Abraça Janu expressivamente.*) Olhe, Janu, se você precisar de dinheiro, mande dizer, porque eu vendo parte das minhas rendas, sabe?

JANUÁRIO
Sei... Sei, meu bem...

TERESA
Até, Angélica.

ANGÉLICA
Até. (*Saem Januário e Oscar.*)

TERESA
(*Alegremente*) Oh! Cecília! Que idéia! Vamos pedir a titia para ir na garupa com eles até a Capela, heim?

CECÍLIA
É... Mas depois, a volta, como é?

TERESA
A volta? O Lucas nos acompanha. O Lucas é o pajem deles. Vamos. (*Saem correndo.*)

ANGÉLICA
Teresa, não deixa de falar ao Oscar sobre aquela pessoa...

TERESA
(*Com voz apagada*) Como?

ANGÉLICA
Papai, eu vou até ali. (*Sai acompanhada pelo olhar de Júlio.*)

SILVESTRE
Vá. (*A Júlio*) Pobres de nós, meu filho, pobres de nós!

JÚLIO
Pobres por quê, seu Silvestre?

SILVESTRE
Por quê? Aqui não há recursos para que um rapaz desses se case... E você acha pouco isso? Se um deles cai na infelicidade de gostar de alguém, de se embarçar aí nas meadas de uma rendeira, pronto! É arrumar a trouxa e sair, sair por esse mundo afora, não para trabalhar, que para isso não era preciso pôr o pé fora de Sergipe... Aqui também se trabalha... Mas para ganhar dinheiro... (*Pausa*) Está vendo esses dois? Parecem dois passarinhos... parecem dois passarinhos, de tão alegres. Confiando em quê? Confiando numa coisa que é mais incerta do que a chuva para nós no verão. Dinheiro!... Mas o dinheiro não está onde a gente procura, e muitos

se enganam. Os que têm saúde, ou têm sorte, muito bem: lutam, resistem e voltam. (*Num sorriso amargo*) Hum! Infelizmente esses são poucos. Mas os que não têm sorte, ou não têm saúde, coitadinhos, vão ralar a mocidade nas privações, matam de saudade essas meninas, quando por lá não ficam num cemitério. Ah! meu filho!

JÚLIO
(*Cabisbaixo*) É verdade.

SILVESTRE
Ah! meu filho! Eu bem sei avaliar essas coisas! Bem sei avaliar essas coisas! É por isso que eu não gosto de ver essas despedidas. (*Ouve-se fora um estrupido surdo de cavalos que se afastam.*)

JÚLIO
O que admiro é essa coragem!

ANGÉLICA
(*Aparecendo e com voz triste*) Pai, eles já vão...

SILVESTRE
Deixe-me vê-los. Ao menos um aceno... (*Encaminhando-se para a porta do F, enquanto Angélica desce lenta e tristonha.*) Ao menos um aceno... (*Tira um lenço do bolso.*) Eu... eu... não enxergo mais... Onde vão eles? Lá perto do tabuleiro? (*Põe-se a acenar.*) (*Angélica fica junto à janela, tapando os olhos com o lenço. Júlio aproxima-se dela enternecidamente até tocá-lo a espádua, num abraço levíssimo.*)

ANGÉLICA
(*Surpresa*) Ah! É o senhor?

JÚLIO
(*Tentando sorrir*) Por que chora, Angélica? Eu...

SILVESTRE
(*Acenando*) Adeus, meus filhos! Que um anjo os acompanhe! Eu também fui obrigado a fazer a mesma coisa... Que um anjo os acompanhe!

SEGUNDO ATO

(*O mesmo cenário, à noite. Lanternas japonesas no alpendre. Sobre a mesa, um lampião de querosene. Presas às vigas do teto, pendem fitas a cujas extremidades estão estendidas rendas, enchendo parte da sala. Uma outra folhinha, no mesmo lugar, marca o dia 6 de junho. Lá fora, cintilam vaga-lumes. Teresa, em pé numa cadeira, prende às fitas uma peça de bicos largos, que Angélica desdobra cuidadosamente. Cecília trabalha em sua almofada.*)

TERESA
E estes para quê?

ANGÉLICA
Para os lençóis e as toalhas. Eu fiz uns lençóis de madapolão, e esses bicos assentam bem...

TERESA
Espere! Não estique muito.

ANGÉLICA
Não. Estes bicos foram feitos com aquele desenho que você trouxe da Capela; não se lembra?

TERESA
Ah! Lembro. Mas como ficaram diferentes! Até mais bonitos! Quem foi que disse que você não tinha talento, heim, Angélica?

ANGÉLICA

Desça, venha ver agora um outro entremeio para as anáguas.

TERESA

(*Descendo*) Mas você tem ainda bordados, além das rendas, não tem, não?

ANGÉLICA

(*Apontando a caixa*) Tenho, sim. Os bordados estão aqui nesta caixa. (*Tomando uma outra peça de renda*) Este agora, Teresa! Vamos prender este.

TERESA

Oh! que lindo entremeio! Assim como este eu não fiz! (*Subindo à cadeira*) Mas você tem um enxoval de princesa! Isto lá em São Paulo vai fazer barulho... vai deixar muita moça bonita embasbacada! (*Cecília suspira.*) Ih! a saudade anda aí rondando; falei em São Paulo, a Cecília suspirou! Não precisa avexar o Janu, não, que você vai. Por muito feliz que ele fosse, um ano ainda é muito pouco tempo para que ele pudesse voltar.

CECÍLIA

Eu estou vexada, mas é pelas cartas que o Lucas deve trazer.

ANGÉLICA

Quando? O Lucas demora; ele ainda ia passar na solta a mando de papai.

TERESA

Seu pai hoje está tão esquisito... Por que será?

ANGÉLICA

Não sei... Já perguntei e ele não quis dizer o que era.

TERESA

Quer ver que ele não anda gostando da amolação de nós duas nos metermos aqui todo o dia?

ANGÉLICA

Credo! Papai sabe que vocês duas são as únicas pessoas que me alegram um pouco! Pelo gosto dele, bem que vocês podiam morar aqui comigo.

TERESA

Aí é que a esbodegação seria completa, heim, Angélica!

CECÍLIA

Esbodegação! Que linguagem é essa, Teresa? Você, de uns tempos para cá, parece que está virando homem!

TERESA

(*Ofendida*) Não comece com as suas implicâncias, Cecília. Você já me conhece e sabe que eu não engulo respostas...

ANGÉLICA

Mas que é isso, Teresa? Vá continuar o seu entremeio...

TERESA

(*Resoluta*) E não engulo mesmo, pronto! Isto já vem de longe... Então você pensa que eu não enxergo?

ANGÉLICA

Que é isso, Teresa? Sente. Vamos trabalhar...

CECÍLIA

Deixe, Angélica, deixe...

ANGÉLICA

Ih!

TERESA

Então, sou alguma boba? Não percebo? Eu é que não vou ficar para zeladora, fazendo renda a vida inteira...

Muitos bicos para lençóis de noivos já fiz; agora chega!

CECÍLIA

(*Com calma irritante*) Tudo isso porque o Janu é mais feliz do que o Oscar, lá em São Paulo. E ela está com ciúme!

TERESA

(*Profundamente sentida*) Ah! Cecília! (*Leva as mãos ao rosto, chorando.*) Isto não depende da gente, não é?... Depende de Nosso Senhor...

ANGÉLICA

Está vendo? Está vendo? Venha cá, Teresa! Não chore.

TERESA

(*Entre soluços*) Eu... sou... sua... irmã... Você... não devia... fazer pouco de mim...

ANGÉLICA

Não chore. Você vai comigo, Teresa. Armando não demora a me vir buscar...

TERESA

E você jura que me leva, Angélica?

ANGÉLICA

Juro.

TERESA

(*Quase sorridente*) Mesmo que seja de terceira classe...

ANGÉLICA

Levo.

TERESA

Mesmo que seja para ir como sua cozinheira, Angélica... O que eu quero é ficar perto do Oscar, porque assim o ajudado, não é? E com a ninharia que eu receber e a ninharia que ele ganhar, podemos fazer alguma coisa. Duas ninharias já servem, não é, não?

ANGÉLICA

Que cozinheira! Tinha graça!

SILVESTRE

(*Entrando pelo F., pensativo, de botinas, boné e taca*) Boa!

TODOS

Boa!

SILVESTRE

Vocês não foram à novena de Santo Antônio?

ANGÉLICA

Não, senhor. Preferimos ficar trabalhando no enxoval.

SILVESTRE

Ahn! (*Vai sair à D. A.*) Que é da Cecília?

CECÍLIA

Ui! Estou aqui, nhô Silvestre.

SILVESTRE

Ah! Sua tia está chamando.

CECÍLIA

(*Levantando-se*) Está? Obrigada. Já é tarde, são mais de nove horas. (*Sai ao F.*)

TERESA

Nhô Silvestre está hoje triste, logo no dia dos meus anos... De que é?

SILVESTRE

(*Abatido*) Estou, minha filha; não posso esconder que estou.

ANGÉLICA

(*Dependo-lhe a mão no ombro*) Pai está sentindo alguma coisa?

SILVESTRE

(*Sempre à porta*) Não, não é doença, filha. Bem me dizia aqui dentro qualquer coisa que eu não devia fazer negócio a prazo com aqueles marchantes! Pela segunda vez, falha o pagamento. O da letra do mês passado e a deste, que se vencia hoje. O prazo era até as seis horas da tarde, e nada! Resta o recurso do protesto, mas eu não sou homem para essas coisas... Além disso, parece que anda uma febre má pela solta... (*Suspira.*) Enfim, vamos esperar as notícias. (*Tempo*) Você botou gás na candeia?

ANGÉLICA

Botei, sim, senhor. Tirei o murrão e pus outro pavio.

SILVESTRE

Bem. (*Tempo*) E eu, com compromissos... Mais esta! Tratar do gado custa dinheiro. Onde é que eu vou buscar dinheiro, assim, de surpresa? (*Passando a mão pela frente, como a acalmar-se*) Hipotecar as terras? Se hipoteco, onde é que vou parar? Ai, ai! Seja tudo pelos meus pecados! Bem, minha filha, ninguém me procurou?

ANGÉLICA

Não, senhor.

SILVESTRE

(*Lamentosamente, saindo*) Bem, até. (*Sai.*)

TERESA

Que pouca vergonha, Angélica!

ANGÉLICA

Mas papai é assim mesmo; toda a gente para ele é séria... Já não é a primeira vez... Põe o negócio na mão dos outros e depois se amofina...

TERESA

Bem razão tem o Janu de ser mão fechada... Mas diga uma coisa, Angélica: quando o Armando vier buscar você, seu pai vai também?

ANGÉLICA

Vai, sim. Foi no que primeiro pensei quando comecei a gostar dele. Depois perguntei a papai se ele tinha coragem de ir comigo, e ele respondeu que sim. Senão... eu dizia ao Armando que.. (*Enleia-se.*) que...

TERESA

Que não estava apaixonada?

ANGÉLICA

Naturalmente.

TERESA

E ficava sofrendo?

ANGÉLICA

Então? Guardava o segredo.

TERESA

(*Suspirando*) Qual! Eu é que não dava para essa espécie de paixão! Se titia fizesse questão de não se separar de nós e o Oscar estivesse no mesmo caso, eu dizia: "Não, minha flor de inhame, você fica. Fica porque eu não posso ir. Arranje aí um emprego de magarefe, de vaqueiro, de puxador de cana no engenho, mas fique". Ora essa!

ANGÉLICA

Mas se ele fosse de fora e sua tia não deixasse você ir?

TERESA

Ah! Aí... eu fugia.

ANGÉLICA

Não duvido. Você é maluca!

TERESA

Ah! Pelo Oscar, eu faço até mais, se for preciso!

LUCAS

(*Aparece ao F. vestido de couro, com duas caixas.*) Boa!

AMBAS

Boa!

ANGÉLICA

Espere aí, Lucas; papai quer falar com você. (*À porta da D., chamando*) Papai!

TERESA

Trouxe cartas, Lucas? Que embrulhos são esses, heim?

SILVESTRE

Ó Lucas! Seja bem-vindo! (*Angélica sai à E.*) Então, que me conta?

LUCAS

(*Fica indeciso sem saber a quem atender primeiro; depois a Teresa*) Nhá é moça, pode esperá, não é não? (*Depõe uma carta e as caixas na mesa.*)

TERESA

Oh! que bom! Então vou chamar Cecília! (*Sai correndo pelo F.*)

SILVESTRE

(*Tornando ao centro*) Mas anda, Lucas; estou aqui vexado pra saber o que há lá pela solta!

LUCAS

Ah! Nhô Silvestre! Não há precisão desse desconsolo! É a doença das unha mesmo, que está dando no gado, mas por flicidade deu só em dois garrote. Quando cheguei, já o Migué tinha apartado os dois lá no pasto do fundo. O resto não há perigo.

SILVESTRE

(*Que escuta interessadamente*) Mas não deu em mais nenhum? O gado não corre perigo mesmo, Lucas?

LUCAS

Ó nhô Silvestre! Acredite no meu dito. Eu posso não entendê das outras coisa, mas de boi, bicho que eu trabaiou desde menino, entendo. Não é farromba...

SILVESTRE

Já sei, já sei...

LUCAS

Agora... o Migué é que está derrubado de cama. Parece que apanhou a febre...

SILVESTRE

Que febre? Você não sabe que a febre aftosa só dá no gado? Bem, deixe de assombros. Você me tirou um peso do coração. Amanhã cedo, vamos à solta juntos. Vamos levar todo o gado de muda para a solta do Jupιά, entendeu?

LUCAS

Nhor, sim.

SILVESTRE

Toda a cautela é pouca. Às cinco horas, de pé! Quanto mais cedo melhor.

LUCAS

Nhor, sim. (*Tempo*) Nhô Silvestre, eu vim pedi um favô a vosmicê... Uma licença para hoje...

SILVESTRE

Licença pra quê? (*Angélica passa da E. para a D. A. com o cofre.*)

LUCAS

Licença para tirar um samba. Hoje fizeram uma casa de sapato ali na beira da estrada e eles vinheram me chamar pra sê o tiradô de samba.

SILVESTRE

E você não dorme? Olhe que nós temos de andar muito amanhã!

LUCAS

Quá! (*Angélica aparece à D. A.*) Isso é um calço da pura, não é nada! (*A Angélica*) Ahn! Nhá Angélica! Nem a propósito: a Mimosa é que nem a fulô do pasto: foi a primeira que o Miguê pôs de resguardo.

ANGÉLICA

Ainda bem.

LUCAS

Nhá nem imagina como eu ia com o tento nela no caminho. Também, quando sube que ela estava salva, pouco me importei com o resto... Pra mim, todo o gado podia ter morrido...

ANGÉLICA

Credo!

SILVESTRE

Deixe de patacoadas, Lucas! Vá-se embora. Divirta-se.

LUCAS

Nhor, sim, já vou. (*A Angélica*) Nhá sabe de uma coisa que eu ouvi lá na Capela?

ANGÉLICA

Não. Que foi? (*Cecília e Teresa entram ofegantes, pelo fundo.*)

TERESA

Ui! Fui e vim correndo, chamar a Cecília!

CECÍLIA

Que é das cartas?

LUCAS

Sube lá na Capela que chegou no trem um moço daqui de Dores.

ANGÉLICA E TERESA

Um moço?

CECÍLIA

Querem ver que é o Janu? Mas qual! Não pode ser. Deve ser o Armando, não, Angélica?

LUCAS

Eu não tive tempo de saber direito, não sinhora. Mas se for nhô Armando... se nhô Silvestre me deixá ir também pro sul...

SILVESTRE

(*Saindo*) Que é que você pretende fazer lá?

LUCAS

(*Convencido*) Ué! Lá não tem vacas? Não tem bois?

SILVESTRE

(*Sorrindo*) Está você bem arranjado. Até amanhã. (*Sai.*)

TERESA

(*Rindo*) Gente, a mania está pegando. Até o Lucas!

LUCAS

Ué! nhá! E pru que não? Não sou de carne e osso, também?

ANGÉLICA

Você ainda se esquece do samba, Lucas. Você é muito esquecido. Vá embora!

LUCAS

Já vou, sim, senhora. Então... Até minhã. (*Sai ao F.*)

ANGÉLICA

Até amanhã. (*Abraçando Teresa*) Teresa, deve ser o Armando! Deve ser o Armando, que vem me buscar, Teresa!

TERESA

É sim; ele disse que vinha em junho.

CECÍLIA

(*Junto à mesa*) Gente, olhe a carta aqui! E dois embrulhos! (*Parando subitamente*) Ah! uma carta só... para Teresa!

TERESA

Ah! (*Beija a carta.*) Carta de meu bem! (*Abre-a, aflita.*) Que será que ele me manda dizer? Que será?

ANGÉLICA

Olhe, Cecília, para mim... Esta caixa é para mim. Esta é de Teresa.

CECÍLIA

De Teresa? Ahn!

ANGÉLICA

Para você não veio nada, Cecília.

CECÍLIA

(*Tristonha*) É. Não veio.

TERESA

(*Enquanto Angélica desembulha a caixa*) Olhe aqui, Cecília. (*Lê*) "Santos, 28 de maio." Ah! de Santos! Como é isso? O Oscar agora está em Santos? "Teresa, minha flor de maxixe: muita saúde é o que desejo. Arranjei uma colocação de primeira ordem numa casa de despachos daqui. O Janu continua em São Paulo, brincando com níqueis de tostão e fazendo economia. Eu e o Armando resolvemos mandar presentes para vocês, idéia com que o Janu não concordou, dizendo que não ia na onda..."

CECÍLIA

Ah! Eu não queria nada mesmo! 'Stá 'i.

ANGÉLICA

Olhe, Teresa! O seu presente é um corte de vestido de seda!

TERESA

Oh! que lindo!

ANGÉLICA

Agora vou abrir o meu.

TERESA

Coitada da Cecília! Não ganhou nada, não? Você quer esse vestido, Cecília?

CECÍLIA

Não. Leia. Continue. Não sei por que o Janu desta vez não me escreveu...

TERESA

(*Rindo*) De certo para economizar tinta... Bem... (*Lê*) "Você e Angélica vejam qual é o presente mais bonito, porque um não sabe o que o outro mandou." Você já viu o seu, heim, Angélica?

ANGÉLICA

Estou abrindo.

TERESA

(*Lendo*) "Talvez por volta de São João vocês vão ter uma surpresa melhor..."

ANGÉLICA

(*Tirando um par de asas brancas da caixa*) Oh! Um par de asas!

TERESA

Um par de asas!

ANGÉLICA

(*Achando um bilhete*) E um bilhete. (*Lê*) "A infinita saudade do Armando." (*Mira-o enternecida, beija-o e põe-no dentro do seio.*) Meu amor! Eu o espero, meu amor!

TERESA

Mas o que é que o Armando quis dizer com esse par de asas?

CECÍLIA

Naturalmente que Angélica é um anjo. Já o nome está mostrando.

TERESA

Mas que lembrança do Armando! É, sim. Quer dizer que você é um anjo sem asas.

ANGÉLICA

(*Apertando-as no seio*) Meu bem! Que saudades eu tenho de meu bem!

SILVESTRE

(*Do interior, à D. A.*) Angélica!

ANGÉLICA

Senhor!

SILVESTRE

(*Aparecendo com o cofre na mão*) Angélica, minha filha...

TERESA

Bem, Angélica, vou mostrar a carta e o vestido a titia.

ANGÉLICA

Sim.

TERESA

Vamos, Cecília?

CECÍLIA

(*Tomando a caixa*) Vamos. Até.

TERESA E ANGÉLICA

Até. (*Teresa e Cecília saem pelo F.*)

SILVESTRE

(*Comovido*) Minha filha; tome o seu cofre, minha filha; tome o seu dinheiro... Muito obrigado. Então você teve acanhamento de me entregar? Foi preciso deixar o bilhete no meu quarto? Muito obrigado, minha filha...

ANGÉLICA

(*Já perto dele*) O pai não disse que precisava chamar o doutor, para ver a doença do gado?

SILVESTRE

(*Afagando-lhe a cabeça*) Disse, mas felizmente não é mais preciso, minha filha... (*Depõe o cofre na mesa.*) A febre só atacou dois novilhos, o gado todo está salvo... Guarde o seu dinheirinho, já que não posso dar um dote... O Armando não deve demorar por aí e, depois, o que é que você leva para a sua casa, minha filha? Você até me comoveu com essa idéia... Também eu já sabia que você tinha um coração assim.

ANGÉLICA

Não fiz mais que o meu dever, pai...

SILVESTRE

Pois cumprir o dever com alma... é que é raro, minha filha.

ANGÉLICA

(*Titubeante*) Pai, eu queria perguntar uma coisa ao senhor...

SILVESTRE

Que é, minha filha?

ANGÉLICA

O senhor não tem recebido cartas do Armando, não?

SILVESTRE

Tenho. Os bilhetes que lhe mostro. Por quê?

ANGÉLICA

Ele não lhe escreveu nada a meu respeito?

SILVESTRE

(*Intrigado*) A seu respeito? Como?

ANGÉLICA

(*Triste*) Ele não me escreve... Só agora recebi um bilhete dele... e para o senhor tem chegado tanta carta!...

SILVESTRE

Mandando lembranças, simplesmente... Você não tem lido? Mas por que faz essa pergunta?

ANGÉLICA

(*Baixando a fronte*) Parece que ele se arrependeu...

SILVESTRE

Mas, se arrepender como, minha filha? Sem pretexto?

ANGÉLICA

Sem pretexto, não, senhor. Ele teve um caso infeliz lá no sul.

SILVESTRE

Mas isso não quer dizer nada, minha filha... O Armando é um moço sério... Conheci a família dele, quando estive no sul... Ele não disse que vinha (*Lança um olhar à folhinha.*) por volta desta época?

ANGÉLICA

Disse, sim, senhor. O Lucas até acaba de nos contar que chegou um moço do sul à Capela. Eu penso que deve ser ele... Mas não sei... Tenho um pressentimento...

SILVESTRE

Pressentimento de quê, minha filha?

OSCAR

(*Fora*) Salve!... (*Ambos se voltam, surpresos. Ele entra pelo fundo, bem vestido, de perneiras e com uma pequena mala de viagem na mão.*) Salve!

SILVESTRE E ANGÉLICA

Oh!

OSCAR

A bênção, nhô Silvestre!

SILVESTRE

(*Abraçando-o*) Mas que milagre é esse?

OSCAR

Boa noite, Angélica. (*Abraça-a levemente.*) Surpresa! A surpresa de São João! Teresa não recebeu minha carta?

ANGÉLICA

Recebeu. Olhe aí o presente de Armando.

OSCAR

(*Falando depressa*) Mas só agora! Quantos dias! Quase que chega o susto antes do aviso! Que é da minha flor de maracujá?

ANGÉLICA

Saiu.

OSCAR

Vinha certo de que ela estava aqui. Mas como vão

todos? Como vai, nhô Silvestre? O seu gado está passando bem?

SILVESTRE

Eu e o gado vamos bem, obrigado.

OSCAR

Oh! mas que suplício é viajar nessa estrada de ferro! Venho com os miúdos fora do lugar. Sabe, nhô Silvestre? A sorte me protegeu! Felizmente! Hoje estou ganhando 800\$000 numa casa de despachos em Santos. Agora, consegui arranjar licença, mas só por um mês, de maneira que não demoro. Desculpe se eu falar uma nora inteira, mas é porque fui obrigado a fazer toda a viagem mudo, com cinqüenta coronéis jagunços que tomaram o trem na Bahia. Ah! mas seu Silvestre não imagina o frio que faz em São Paulo!... Ah! Angélica, parece que eu não lhe disse que venho me casar até o São João! O Janu deve aparecer também por esses dias. Eu não o quis esperar, porque senão ele me obrigava a vir como bagagem, por economia.

ANGÉLICA

E Armando?

OSCAR

(Ofegante) Ah! É mesmo! Muitas lembranças dele. *(Muito longe, a voz de Lucas canta um samba que se prolongará até o fim do ato. Oscar emudece. Pausa, depois ri.)* Olha o Lucas! Ai que saudade de um sambinha! *(Bate o pé, cantando o estribilho da dança.)* Adeus, nhô Silvestre! Adeus, Angélica! Vou ver onde anda minha flor de gravatá. *(Aproxima-se da porta ao F.)*

JÚLIO

(Ao F., descobrindo-se) Boa noite! Oh!

OSCAR

(Rápido) Oh! Como passa o senhor? Está bonzinho? Entre. Eu vou saindo. Isto aqui parece o desvio de Buquim. Mas não repare. Eu tomei um pileque de alegria. *(Sai.)*

SILVESTRE

(Sorrindo) Esse rapaz está maluco!

JÚLIO

(Cumprimentando) Boa, seu Silvestre.

SILVESTRE

Boa, Júlio. A estas horas por aqui?

JÚLIO

Sim, senhor. Desculpe o incômodo.

SILVESTRE E ANGÉLICA

Ora!

JÚLIO

(Tímido) Boa noite, dona Angélica.

ANGÉLICA

Boa noite.

SILVESTRE

(Sorrindo) Esse menino virou busca-pé de tão contente. Também não é pra menos, coitado! Afinal, a gente nem teve tempo de perguntar pelo Armando, saber como vai, quando vem, nada! Ó Júlio, sente. Você não deixa a cerimônia nesta casa!

JÚLIO

Muito obrigado, seu Silvestre.

SILVESTRE

Olhe, meu filho, eu quero pedir um favor a você.

JÚLIO

Às suas ordens.

SILVESTRE

Amanhã preciso acordar cedo para ir à solta fazer a mudança do gado para outra solta.

JÚLIO

Sim, senhor.

SILVESTRE

Você me dá licença que me recolha ao quarto, para ver se descanso um pouco... Como você é pessoa do nosso coração... esteja a gosto... Boa noite.

JÚLIO

Boa noite, seu Silvestre. Eu também não demoro, vinha avisar o senhor que amanhã vou para a Murta e talvez de lá volte para a Bahia...

SILVESTRE

Ah! É? E quando embarca?

JÚLIO

Daqui a três dias, provavelmente.

SILVESTRE

Ah! Bem! Antes disso eu irei até lá ainda, visitar sua mãe, que há muito tempo não vejo. Talvez amanhã mesmo, quando voltar da solta... Sou obrigado a passar por lá. Então, boa.

ANGÉLICA

A bênção, pai. *(Dando-lhe o cofre)* O senhor pode guardar isto pra mim?

SILVESTRE

Pois não, filha. Deus a abençoe. Vamos ver se deitando agora consigo dormir umas horas. Até amanhã. *(Sai à D. A.)*

JÚLIO

(Até amanhã. (Silêncio de expectativa. Angélica, sem olhar para Júlio, chega-se à mesa junto à qual ele está sentado e põe-se a embrulhar o presente.)

ANGÉLICA

Então o senhor vai deixar o Sergipe de novo?

JÚLIO

Sim, senhora; depois de uma ano e meio, quase. Vou obedecer à vontade de mamãe, entrando para o seminário maior... *(Tempo)* Você estava estendendo as suas rendas...

ANGÉLICA

Ah! Mas já acabei. Era para mostrar a Teresa.

JÚLIO

... e eu parece que a interrompi.

ANGÉLICA

(Meigamente) Não, senhor. *(Tempo)*

JÚLIO

(Num enleio) Angélica, perdoa-me uma indiscrição?

ANGÉLICA

Ora! Perdôo, sim, senhor. Qual é?

JÚLIO

Ainda é... noiva?

ANGÉLICA

(A medo) Sou, sim, senhor.

JÚLIO

(Angustiado, espaçando as frases) Ah! Desculpe fazer-lhe essa pergunta. Ouvi dizer que você ia se casar depois de seis meses e já faz um ano... Eu pensei...

ANGÉLICA

Armando ainda não veio, mas há de vir por todo este ano.

JÚLIO

(*Levantando-se*) Bem. Então... desculpe, Angélica.

ANGÉLICA

Olhe! (*Pausa, abaixa o rosto.*) Eu tenho pena do senhor, sabe?

JÚLIO

(*Num sorriso amargo*) Pena? É possível... É possível... Você é de uma candura, de uma pureza que me comove. O que sinto é ter chegado tarde, Angélica. Eu seria feliz se fosse amado por você... Creio que não soube esconder a afeição que você me despertou, nas visitas que fiz a esta casa, mas, também, esconder de que maneira? Eu não podia olhar os seus olhos, com medo de lhe denunciar a minha paixão, com medo de que você também me estivesse querendo bem... Era uma ilusão, sim, mas confesso que pensava nisso...

ANGÉLICA

Mas por que o senhor não procura outra moça? (*Comovidamente*) Acredite que eu tenho pena do senhor... O senhor precisa de alguém que o estime, alguém que poderia ser eu, se não estivesse comprometida. Não vá, seu Júlio. Fique. Olhe, espere mais alguns meses. Há muita moça mais carinhosa do que eu aqui em Dores, na Capela... (*Tempo*) A gente deve ser constante, não é? Senão, que valia querer bem? Depois, Armando jurou que não me esqueceria... Cria, seu Júlio, que eu tinha vontade de lhe querer bem, mesmo porque... o senhor é triste... triste como o Armando.

JÚLIO

(*Tomando-lhe as mãos*) Mas por que resistir, Angélica? Eu adivinho a sua afeição por mim... Ela vem numa aurora, que você tenta encobrir inutilmente aos meus olhos. Sim, é por timidez que você não se declara... Que mais espera? Você já está esquecida, Angélica. Depois, você não nasceu para viver numa grande cidade... São Paulo é um fantasma. Dá-me arrepios pensar na sua inocência entre as insídias desse monstro... E por isso abandona o seu pai? (*Ela, que mantivera o rosto voltado, encara-o, dominada.*) Fique, Angélica. Viveremos em nossa terra... (*E segura-lhe a cabeça para beijá-la.*)

TERESA

(*Aparece de súbito ao fundo e grita.*) Aqui! Aqui! Ele entrou! (*Corre à mesa e abaixa a torcida, apagando o lampião.*) Com licença, é um instante só. (*No primeiro plano, preso a uma renda, luciluz um vaga-lume. Ela vem à boca de cena, procurando-o.*) Com licença, Angélica, quero... ver... se acho... o vaga-lume... (*Dando com ele*) Está aqui, pronto, está aqui. Seu Júlio, faça o favor de acender o lampião. Pronto.

JÚLIO

Pois não. (*Risca um fósforo e obedece-a. A cena ilumina-se de novo. Angélica está cabisbaixa.*)

TERESA

Desculpe, seu Júlio. Eu quis pegar lá fora e ele fugiu aqui pra dentro. Apaguei o lampião, porque no escuro achava mais depressa. O que é isso, Angélica? Passe

aquela cadeira ali pra mim. (*Percebendo o mistério*) Olhe, seu Júlio, o senhor não embarace o coração da Angélica, heim, veja lá! Não embarace, não, que leva taboca. (*Júlio encabula.*)

ANGÉLICA

(*Salvadoramente*) Você vem de sua casa, Teresa?

TERESA

Venho; depois fui dar uma espiadela na igreja.

ANGÉLICA

Então não sabe quem chegou?

TERESA

(*Admirada*) Não!! Quem?!

ANGÉLICA

O Oscar! Agorinha mesmo!

TERESA

(*Num trasbordamento*) Virge! Por que não me disse antes de apagar a luz? (*Sai correndo pelo F.*)

JÚLIO

(*Depois de pausa, estendendo a mão a Angélica*) Passar bem, Angélica.

ANGÉLICA

(*Friamente*) Passe bem.

JÚLIO

(*Retirando-se, indeciso*) Em todo caso... esperarei três dias ainda no engenho. Se você... por acaso... quiser... lá estou; é só escrever, Angélica. Senão, tomarei o seu silêncio como uma sentença, e voltarei. (*Ouvem-se as vozes alegres de Teresa e Oscar.*)

ANGÉLICA

Passar bem, seu Júlio.

TERESA

(*Enamoradamente, aparecendo ao F. com Oscar*) Mas que saudade, Oscar! Por que você não avisou?

JÚLIO

(*À porta*) Boa noite, seu Oscar!

OSCAR

Oh! boa noite, seu Júlio.

TERESA

Boa noite. Até amanhã.

ANGÉLICA

Entrem. Eu vou levar o seu Júlio até a cancelinha... (*Sai com Júlio.*)

OSCAR

Pois não. Nós ficamos sozinhos... É isso mesmo que nós queremos, não é, Teresa? (*Comicamente, espia com Teresa para fora, como a esperar que se afastem; sorrisos.*) Teresa, minha flor de malícia! (*Abraçam-se.*)

TERESA

Oscarzinho do fundo do meu coração!

OSCAR

(*Forçando um beijo*) Ó Teresa, deixe-se de luxo! Você está morta por isso! (*Beija-a.*)

TERESA

(*Envergonhada*) Ah! Eu, não. Isso é idéia sua!

OSCAR

Recebeu o corte de vestido?

TERESA

Recebi, obrigada. Mas conte, Oscar! Como foi isso? A viagem; como é São Paulo; o Janu como vai; o seu novo emprego...

OSCAR

Bem, mas contar tudo de uma vez é impossível...

TERESA

Quando você chegou, eu estava na igreja, sabe?

OSCAR

Sei.

TERESA

E o Janu vem?

OSCAR

Vem até o fim do mês. Ele faz questão de nos casarmos juntos. Precisamos combinar com Cecília o dia certo. Eu e Janu marcamos para a véspera de São Pedro. O Janu é que teve essa lembrança, que é porque assim se economizam os doces!

TERESA

(*Abraçando-o pelo pescoço*) Meu Oscarzinho! No dia dos meus anos!

OSCAR

(*Engasgado*) Minha flor de sabugueiro!

TERESA

Você já falou com titia?

OSCAR

Já.

TERESA

Mas é bom não demorar muito aqui. Você não está com fome? Lá em casa tem ainda um cuscuz de milho e mingau de fubá, que sobrou da ceia. Mas conte, Oscar; como é São Paulo? E Santos, heim? É bonita?

OSCAR

(*Sorrindo*) Boba! Eu preferia ficar aqui em Dolores!

TERESA

E a garoa, heim? Como é?

OSCAR

Como é? Espere. Deixe eu procurar uma frase... (*Levanta os olhos e dá com as rendas.*) Ahn! A garoa é como isso... como essas rendas...

TERESA

Ah! É assim? Bem, e o Armando, heim?

OSCAR

(*Como a esconder um segredo*) Armando? (*Pausa*) Angélica não tem sentido falta de cartas dele?

TERESA

(*Numa inquietude*) Não, por quê? Que aconteceu?

OSCAR

Coisas da vida... (*Num suspiro*) Pobrezinha da Angélica! Não sei como lhe dê essa notícia... (*Resoluto*) Você, por este meu suspiro, não a vá pôr aflita, heim!

TERESA

(*Penalizada*) Vexada?... Não! Que esperança!

OSCAR

Vexada? (*Esboça um riso.*) Você não me vá soltar esse "vexada" lá no sul! Diga: aflita, ansiosa, outra palavra qualquer, mas esse vexada é que não. Assim como não me vá largar nenhum "nhor, sim," "nhor, não" por lá. Veja se isso tem propósito: chega um amigo meu e pergunta a você: "Minha senhora, gostou do Guarujá?" E você responde: "Eu? Nhor, sim..." Isso é preguiça de falar: sim, senhor; não, senhor; isso é que é linguagem de gente. Vocês têm de ir daqui civilizadas, porque de minha parte não quero assistir a ratas...

ANGÉLICA

(*Entrando pelo F.*) Mas, Oscar, você não me disse ainda uma palavra a respeito de Armando. Não trouxe nada para mim, não?

OSCAR

(*Numa confusão*) Ah, não... Mas ele não se esquece de você. Primeiro, quando eu trabalhava em São Paulo, estávamos sempre juntos; mas agora vivo em Santos... Você não recebeu um presente dele?

ANGÉLICA

Recebi.

TERESA

Um par de asas brancas, Oscar. Imagine!

OSCAR

O Armando é um homem que vive num mundo ideal...

ANGÉLICA

(*Misteriosa*) E ele não lhe falou nunca mais nessa Leonor?

OSCAR

(*Prontamente*) Qual! Nunca mais! Passou uma esponja por cima do caso.

ANGÉLICA

(*Vivamente interessada*) E você a conheceu, Oscar?

OSCAR

Conheci. Conheci numa noite, de passagem, na rua...

ANGÉLICA

Ahn! E é bonita?

OSCAR

(*Sorrindo*) Para que você pergunta? Você sabe que eu não posso dizer a verdade! Se disser que é bonita, você fica aí com ciúme do Armando; se disser que é feia, você desconfia...

ANGÉLICA

Não, qual! Eu sou indiferente a isso!

TERESA

Muito! Está se vendo!

ANGÉLICA

Mas, olhe, Oscar: você não sabe se os dois se encontram? Se ainda se...

OSCAR

Isso não sei, não; só sei que ela e a mãe caíram na miséria...

ANGÉLICA

Na miséria?!

OSCAR

Então! que espanto é esse? Da pobreza à miséria... (*Mostra a ponta de um dedo.*) vai a distância assim de uma unha. Que idéia vocês fazem da vida no sul? Também não adianta nada explicar! Vocês não entendem os termos de lá! Vocês não sabem o que é média, não podem entender! Há muita gente boa que vive só de médias...

TERESA

Uma coisa, Angélica: vamos até em casa? Vamos, é um pulo! Oscar nem conversou direito ainda com titia.

OSCAR

É. Vamos. A velha é tia, mas faz de conta que é sogra. Vamos, Angélica. (*Vão saindo.*)

ANGÉLICA

Bem, mais dois minutos só, porque não fica ninguém

em casa. *(A Cecília, que aparece ao F., sobraçando uma caixa)* Vamos, Cecília?

CECÍLIA
Aonde?

TERESA
Em casa. *(Saem todos, menos Cecília.)*

CECÍLIA
(No alpendre, chamando) Teresa!

TERESA
(Reaparece) Ui! Que é?

CECÍLIA
(Tornando à casa, numa perturbação) Uma coisa! *(Depondo a caixa na mesa)* 'Stá aí, Teresa. Pode ficar com o enxoval.

TERESA
(Surpresa) Ficar com o enxoval!!! Que é isso?

CECÍLIA
(Chorosa) Você não se lembra da aposta? Pois então! O Oscar chegou primeiro... Eu vim cumprir minha palavra...

TERESA
Mas...

CECÍLIA
(Rompendo em soluços) E eu quero... também... que você me perdoe...

TERESA
Que é, Cecília? Perdoar o quê?

CECÍLIA
O que lhe disse...

TERESA
Que foi que você me disse? Não chore!

CECÍLIA
Eu fiz pouco de você...

TERESA
(Comovendo-se) Não, minha irmã; guarde o seu enxoval, leve. Você não disse aquilo por mal...

CECÍLIA
(Soluçando sempre) Não, não disse...

ANGÉLICA
(Fora) Teresa!

TERESA
Ui! Já vou! *(A Cecília)* Vamos, Cecília, leve o seu enxoval. *(Entrega-lhe.)* Vamos embora.

CECÍLIA
Muito obrigada.

TERESA
(Esforçando-se por sorrir) Qual, obrigada! Também você! A gente nem se pode doer de uma coisa que você diga... derrete-se toda... *(Cecília sai.)* Vá, que eu já vou. *(Ela corre à mesa, tira uma flor do vaso, encaminha-se para a santa, suspensa à D., posta as mãos, olhando comovidamente o quadro, limpa uma lágrima na manga da blusa.)*

CECÍLIA
(Fora) Teresa!

TERESA
(Desfolha a flor aos pés da santa.) Já vou... *(Sai.)*

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, sem as rendas que ali estavam no ato anterior. As almofadas de Teresa e Cecília na mesa; a de

Angélica, armada à esquerda. A folhinha marca dia o dia 30 de junho. Ao fundo, pela porta e pela janela, ver-se-á claramente cair um crepúsculo violáceo. Angélica faz renda; Cecília conversa com ela de pé, junto à mesa. Veste um vestido escuro e blusa clara, extremamente singelos, e revela nos modos um certo ar de orgulho por causa do chapéu de palha de abas largas, apenas enfeitado com uma fita cor-de-rosa.)

CECÍLIA
Mas, assim, não. Também um casamento assim eu não queria! Um corre-corre, uma atrapalhão, um chamego, a casa sem se arrumar direito; pessoas que nós tínhamos o dever de convidar e não convidamos; tudo mal feito, tudo vexado... *(Tapa incontinenti a boca com a palma da mão e arregala os olhos.)* Chi! Oscar não quer que a gente fale mais como nortista! É mesmo!

ANGÉLICA
E você ainda se queixa!

CECÍLIA
Não... queixar-me, não. O que eu acho é que podia ser melhor...

ANGÉLICA
(Abandonando o serviço e suspirando) Não estou hoje com a menor disposição para trabalhar... Venha cá, Cecília.

CECÍLIA
Que é?

ANGÉLICA
Pegue ali aquela cadeira, que eu quero dizer uma coisa a você.

CECÍLIA
(Obedecendo e sentando-se perto dela) Que coisa séria é essa, Angélica?

ANGÉLICA
(Lançando um olhar rápido à porta) Olhe, Cecília, você me vai fazer um grande favor...

CECÍLIA
Pois não.

ANGÉLICA
Quero que, quando você chegar ao sul, arranje um meio de saber com certeza por que é que o Armando está demorando tanto.

CECÍLIA
Mas o Janu já não disse a você que é porque ele viajou? Que foi para o interior?

ANGÉLICA
Sei... sei... Disse, mas eu não creio que seja por causa disso. É tempo demais, Cecília! Armando não me escreve há mais de três meses! Só aquele bilhete, que veio com o presente. Antes disso, nada; nem uma linha, e eu desconfio que ele esteja guardando um segredo para não me desiludir.

CECÍLIA
Ora, Angélica, isso é o que você pensa...

ANGÉLICA
Porque há motivo para isso. O que eu lhe peço, Cecília, é que trate de saber a verdade.

CECÍLIA
Sim.

ANGÉLICA

Veja se consegue saber tudo e me escreva, entende? Mais tarde, mais cedo, você há de saber do que se está passando com ele. (*Entristece.*) Para mim... ele está preso de novo a essa Leonor...

CECÍLIA

Não se aborça, Angélica; descanse. Logo que saiba de qualquer coisa...

ANGÉLICA

(*Confidencial*) Olhe, Cecília, você não me está escondendo nada, não? O Janu não lhe disse nada a respeito do Armando?...

CECÍLIA

Não. Se dissesse... eu...

ANGÉLICA

Jura pela nossa amizade?

CECÍLIA

Pela nossa amizade, Angélica. Não era preciso jurar. Se ele me tivesse contado alguma coisa, eu lhe diria.

ANGÉLICA

(*Levantando-se, numa interrogação dolorosa*) Mas então... por que será? Por que não me diz com franqueza que se arrependeu? Por que não me diz? (*Vai em comovente crescendo.*) Eu vivia em paz aqui em casa... fazendo as minhas rendas para o casamento das outras, sem ninguém que me quisesse, é certo, sem ninguém que me achasse bonita, que me achasse boa, mas em paz – isso é que é verdade. Você lembra, Cecília? Ele se punha aí na rede, sem dizer uma palavra; depois, pedia licença para sentar aqui, junto da almofada, e ficava uma porção de tempo a olhar para as minhas mãos... a olhar para as minhas mãos... Parecia que estava sonhando... Você não o encontrou assim muitas vezes?

CECÍLIA

Encontrei.

ANGÉLICA

Então? A gente também tem alma, não é? Uma noite, papai foi-se deitar cedo, e nós dois ficamos sozinhos aqui na sala: eu trabalhando e ele perto de mim. Começamos a conversar em voz baixa, para não acordar papai, e por acaso eu perguntei: “Diga uma coisa, seu Armando; por que é que o senhor é assim tão tristonho?...”

CECÍLIA

É o que foi que ele respondeu?

ANGÉLICA

Não respondeu; ou, por outra, respondeu com esta pergunta: (*Imitando-o*) “A senhora já ficou apaixonada?”

CECÍLIA

E depois? Que disse você?

ANGÉLICA

(*Inocentemente*) Depois?... eu... comecei a pensar na pergunta...

CECÍLIA

Ahn! É o caso de Leonor, como foi?

ANGÉLICA

Ele me contou na outra noite. Mas aí, quando ele acabou de contar tudo o que aconteceu, e o que tinha

sofrido por causa dela, não sei, Cecília, não sei explicar o que senti; tive pena dele; pena e ciúme...

CECÍLIA

(*Imediatamente*) Pronto! Tinha caído no laço.

ANGÉLICA

Mas eu bem disse a ele que não. Não, porque eu já desconfiava de que ele nunca a poderia esquecer. Você não imagina com que sentimento ele pronunciava o nome... dela! Não: o desprezo a gente não esquece...

CECÍLIA

Mas não é caso para desanimar, Angélica. Se ele deu a palavra de que vinha...

LUCAS

(*Entra pela D. B., grotescamente vestido de brim; as botinas grosseiras são-lhe um estorvo; o colarinho torto, um suplício; o chapéu de palha, um remate ridículo ao vestuário. Traz um baú na mão.*) Boa, nhá Angélica. ‘Stou aqui pronto!

ANGÉLICA

Ahn! Lucas! Boa.

CECÍLIA

Bem, Angélica, eu já vou. Descanse, que não me esquecerei do seu pedido. Até.

ANGÉLICA

Não, Cecília, espere mais um pouco. É o último dia que nos vemos; fique.

CECÍLIA

(*Que ia sair*) É mesmo, Angélica. (*Expressivamente*) Quem sabe se nunca mais nos vemos!

LUCAS

(*A Angélica, depois de depor o baú na mesa*) Ah! Tenho um recado pra sinhá!

CECÍLIA

Lucas anda sempre com a cabeça no ar; no fim de tudo, ele sempre tem qualquer coisa que esqueceu de dizer.

LUCAS

É. Mas é bom nhá não começá com as implicações, porque senão me embaraiam as idéias, e eu esqueço outra veis.

ANGÉLICA

Mas afinal que é, Lucas?

LUCAS

É um recado desse moço que vinha aqui quase toda a semana.

ANGÉLICA

Que moço?

LUCAS

Esse moço da Murta.

ANGÉLICA

(*Sem poder conter a surpresa*) Júlio?

LUCAS

Sim, sinhá.

ANGÉLICA

Quando?! Quando é que ele mandou o recado?

LUCAS

Quando vim com o Migué da sorta.

ANGÉLICA

Mas quando?

LUCAS

Anteontem de minhã.

ANGÉLICA

Anteontem?

CECÍLIA

É impossível! Isso é mentira.

LUCAS*(Ferido, em tom sério, fechando a cara)* Nhá! Eu não mintô! *(Pausa)* Descurpe, nhá. Eu sou um bruto.**ANGÉLICA**

Mas o que é que ele me mandou dizer, Lucas?

LUCAS

Mandou lembranças pra sinhá.

ANGÉLICA

Para mim?

LUCAS

Sim, sinhá. Ele disse que ficou até anteontem esperando uma resposta. Foi ele mesmo que me mandou dizê assim, no caso de nhá perguntá pru que foi.

ANGÉLICA*(Revelando ter compreendido)* Ahn!**LUCAS***(Remexendo o colarinho)* Faz favô, nhá. Faz favô de vê se está direito?**ANGÉLICA***(Sem lhe dar atenção)* Está, sim, Lucas. *(Senta-se ao pé da almofada.)***CECÍLIA**

Deixe ver, Lucas.

LUCAS*(Voltando-se)* Ninguém vai fazê troça de mim, não, nhá Cecília?**CECÍLIA***(Sorrindo e arrumando-lhe a gravata)* Qual, Lucas! Espere! Deixe-me arrumar a gravata... Pronto! Assim está bem.**LUCAS**Eu não sei pru que o colarinho não assenta... Não sei se será por causa do pescoço... *(Mostrando-se)* O resto, não: a roupa, os sapatos, o chapéu... Só este colarinho é que está mangando comigo... Eu acho mió tirá, não, nhá Angélica?**SILVESTRE***(Entrando pelo F.)* Minha gente!**LUCAS***(Surpreso)* Ih! Nhô Silvestre já está de volta!**ANGÉLICA***(Levantando-se)* Boas, papai.**CECÍLIA**

Boa.

SILVESTRE

Então, Cecília, que é do Janu?

CECÍLIA

O Janu deve estar lá em casa, arranjando as malas com a Teresa. O Oscar é que foi ainda no engenho da Esperança.

SILVESTRE

Vocês já levaram tudo que tinham aqui?

CECÍLIA

Já, sim, senhor.

ANGÉLICA

Não. Faltam as almofadas.

CECÍLIA

Ah! É mesmo! As almofadas!

ANGÉLICA*(Dando-lhe uma)* Olhe, você leva esta, que eu levo a outra.**CECÍLIA**

Obrigada.

ANGÉLICA*(Saindo com a outra almofada)* Pai, eu vou até a casa de Cecília. Posso ir?**SILVESTRE**

Pode.

CECÍLIAEntão... até, nhô Silvestre. *(Saem ambas.)***SILVESTRE**Até. *(Tempo. A Lucas)* E você, Lucas, está mesmo decidido a ir embora?**LUCAS***(A medo, sem levantar os olhos)* Que se há de fazer, nhô Silvestre? É destino!**SILVESTRE**

Você enlouqueceu, Lucas, você enlouqueceu. Afinal que vai você fazer em São Paulo? Você lá imagina o que é São Paulo? Eu pensei que isso fosse brincadeira!

LUCAS

Mas eu não vou passar fome, nhô Silvestre. Nhô Oscar e nhá Teresa me dão um cantinho pra morá, na casa deles.

SILVESTRE

Incomodar os outros? Ou julga você que há-de lá ficar morando e comendo eternamente? Por acaso eles têm obrigação de o aturar? O Oscar é pobre, vive do seu trabalho...

LUCAS*(Sempre a medo)* Nhor, sim... já sei. Mas eu não vou pra chegá lá e caí na rede...**SILVESTRE**

Lá não há redes...

LUCAS

Nhor, sim: quero dizer: não vou sê vagabundo. Eu vou firme pra trabalhá...

SILVESTRETrabalhe aqui; aqui não lhe falta serviço. Depois, que espécie de trabalho você vai arranjar no sul? Responda! Você mal sabe soletrar... Leva meia hora pra escrever o nome, em garranchos... Que espécie de emprego pode você pretender? Ir para a roça, pegar na enxada? Para isso não é preciso sair... *(Em tom grave)* Ao menos se você tivesse por aí alguém, e fosse necessário ganhar mais, juntar uns cobres...**LUCAS***(Triste)* Isso não tenho, nhor não. Muié de senzala, moça branca, todas acham bonito os samba que eu tiro, mas na hora de entregá o coração... entregam pros outro...**SILVESTRE**Então?... *(Tempo)***LUCAS**

Mas eu quero ir, nhô Silvestre. Quem sabe se ainda não estou fora de tempo para me educá? Não acha, não?

Depois eu lá fico perto de nhá Cecília, nhá Teresa, e daqui há pouco também de nhá Angélica...

SILVESTRE
(*Vencido*) É, você tem razão; faça o que entender... Você não é mais criança... Eu ficarei sozinho... (*Tempo*)

LUCAS
Por falta de vaqueiro? Pois não fica o Migué com vosmicê?

OSCAR
(*Pelo F.*) Boa tarde, seu Silvestre.

SILVESTRE
Boa, Oscar. (*Lucas segura o baú.*)

OSCAR
Chí, Lucas! Você, nessa elegância toda, é capaz de botar a perder o coração das morenas.

LUCAS
(*Saindo*) Quá, nhô! Elas não dizem o mesmo! Meu coração é uma candeia sem gás.

OSCAR
Chí! Isso é verso de embolada? Eu só não concordo é com esse gás. Estou vendo que é preciso fazer uma revisão no vocabulário de vocês, porque senão temos atrapalhão lá no sul.

LUCAS
Então como é que se diz?

OSCAR
Gás é uma coisa muito diferente daquela que você está pensando. Diga querosene; meu coração é um lampião sem querosene, isto é, o querosene neste caso é amor. Não é?

LUCAS
Querosene?

OSCAR
Ou petróleo.

LUCAS
(*Sem entender*) Como?

OSCAR
Nada, Lucas; assim complicado, em vez de simplificar. Vá gastando o querosene por enquanto.

LUCAS
Nhor, sim. (*Sai à D. B. com o baú.*)

OSCAR
(*Voltando-se, rápido*) Ah! seu Silvestre, venho dizer uma coisa muito séria ao senhor... (*Chamando*) Ó Lucas!

LUCAS
(*Reaparece*) Sinhô?

OSCAR
Você pelo jeito parece que não está lá muito disposto a ir...

LUCAS
(*A contragosto*) Quá! Nhor, não! Vô mesmo!

OSCAR
Olhe lá que eu já mandei reservar a sua passagem na agência da Bahia, heim? Veja lá se me vai fazer perder o dinheiro...

LUCAS
(*Como acima*) Quá! Nhor, não.

OSCAR
Esse baú é a bagagem, não?

LUCAS
Nhor, sim.

OSCAR
Tudo?

LUCAS
Tudo.

OSCAR
(*Rindo*) Mas que é esse “tudo”? Aí quando muito pode caber um terno de roupa. Abra esse baú, Lucas! Ó seu Silvestre, o senhor quer ver que o Lucas leva a roupa de couro para São Paulo?

LUCAS
Quá! Levo os sapato...

OSCAR
Sapatos, não; chinelos. Sapato é outra coisa. Vamos lá, abra esse baú!

LUCAS
(*Disfarçando*) Pra quê, nhô Oscar? É os sapato... (*Emendando-se*) Ora, os chinelo...

OSCAR
Abra. (*Lucas obedece; tira do baú uma rede.*) Uma rede! (*Ri.*) Olhe aqui, seu Silvestre: é uma rede!

SILVESTRE
O que é que você ia fazer com essa rede, Lucas?

LUCAS
(*Enfiado*) Pra dormir, nhô. Rede é pra dormir... (*Oscar ri, Lucas fecha o baú.*)

SILVESTRE
Mas você vai para o sul trabalhar ou dormir?

LUCAS
Ué! Ao menos isso já estava seguro. (*Sai à D. B.*)

SILVESTRE
Por que é que vocês meteram essa viagem na cabeça do rapaz? Isso é uma loucura!

OSCAR
Eu não meti, não, senhor. Foi exclusivamente pela vontade dele.

SILVESTRE
(*Tirando o relógio*) Bem, e a que horas vocês se botam a caminho? Vocês vão pousar na Capela? Já são quatro horas...

OSCAR
Pousamos, sim, senhor. Mas antes de ir, preciso dizer uma coisa ao senhor, e aproveitei a ocasião em que as meninas estão lá entretidas com a arrumação das malas no carro de bois...

SILVESTRE
Pois diga lá.

OSCAR
(*Sentando-se perto dele*) Não vê o senhor que, quando vim, trouxe uma incumbência de Armando.

SILVESTRE
(*Interessado*) Do Armando?

OSCAR
Sim, senhor. Uma incumbência para a Angélica e... para o senhor também, naturalmente. Mas como o caso interessa mais a ela do que ao senhor, eu achei que devia falar primeiro à sua filha.

SILVESTRE
Sim; e o que é?

OSCAR

(*Com expressão*) É uma coisa triste. Por ser triste é que eu levei quase um mês à espera de momento para falar do assunto a Angélica, e aqui ao senhor confesso que não achava jeito... Não sei... perdia a coragem...

SILVESTRE

Pois então conte.

OSCAR

Não é preciso contar, seu Silvestre; o senhor me poupe esse sentimento. Eu gosto muito do Armando para não lhe fazer uma injustiça... É... Posso não saber contar o caso, que é bastante complicado, e depois o seu juízo pode ser outro...

SILVESTRE

(*Levantando-se*) Como diz?

OSCAR

‘Stá aí! Eu não dizia, seu Silvestre? Por minha boca é que bem pouco lhe vale saber... (*Dá-lhe uma carta.*) Tome, seu Silvestre; é ele próprio quem lhe vai explicar.

SILVESTRE

(*Toma a carta.*) Mas... que quer dizer isto? (*Dramático*) Menino! Nós nunca tivemos...

OSCAR

(*Num lance cômico, tentando acalmar o velho*) Ué, nhô Silvestre. Eu estou aqui para servir de testemunha.

SILVESTRE

(*Ainda dramático*) Não brinque comigo. (*Pausa; rasga o envelope.*)

OSCAR

(*Baixo*) Pois na hora triste é que a gente deve rir, seu Silvestre.

SILVESTRE

Se achou que não devia entregar a Angélica, por que então não me deu há mais tempo? (*Coloca os óculos.*)

OSCAR

A carta vem para ela. Bem que pedi ao Janu para entregar, mas o Janu também não teve coragem... Que ele não tinha cara para desiludir ninguém. (*Entram Janu e Teresa. Vendo-os*) Oh! eu já ia chamar vocês.

TERESA

(*Vem vestida como Cecília, mas em cor diferente.*) Também só agora é que acabamos a arrumação.

JANUÁRIO

E o Lucas, seu Silvestre, onde anda?

SILVESTRE

O Lucas? Meteu-se lá para dentro. Que é da Angélica?

JANUÁRIO

Já deve estar aí com a Cecília.

SILVESTRE

Bem. Com licença. (*Sai à D. A.*)

OSCAR

(*Certificando-se com o olhar de que o velho saiu*) Janu!

JANUÁRIO

Que é?

OSCAR

(*Sussurrando*) Dei a carta a seu Silvestre.

JANUÁRIO

(*Medroso*) É? E ele que disse?

OSCAR

Não disse: trovejou. O caso é sério.

TERESA

(*Comovida*) Pobre da Angélica! Nem supõe...

JANUÁRIO

(*Comovido*) É mesmo.

TERESA

Oscar, é melhor a gente ficar até amanhã. Eu tenho dó de Angélica; separar-se dela justamente neste dia, neste instante!...

JANUÁRIO

Ficar é perder as passagens, que já estão reservadas... Você paga outras?

ANGÉLICA

(*Entrando festiva*) Ó gente! Vocês assim vão chegar na Capela à meia-noite. (*Todos se tornam apreensivos com a sua chegada.*) Olhem aqui, eu quero dizer uma coisa íntima a vocês: o Armando não me escreveu, mas eu não lhe pago na mesma moeda. Vocês digam assim mesmo a ele, ouviram? (*Num sorriso*) Podem até dizer que ele é um ingrato... Que eu o espero, e ele não veio até hoje... (*Chega-se à E.*) Não acha, heim, Teresa? Nós podíamos ir agora todas juntas, não? Mas que é isso? Vocês viraram paredes? Ficaram todos mudos? Esperem um instante que é só para mandar lembranças... Não demoro nada. Ah! que cabeça a minha! O papel e a tinta estão na mesa de papai. (*Sai à D. A., pausa.*)

OSCAR

(*Acompanhando-a com o olhar*) Pronto! É agora! (*Tempo*) Ó Teresa!

TERESA

Heim?

OSCAR

Teresa, minha flor de mangaba, você me vai fazer um grande favor...

TERESA

Qual?

OSCAR

Tirar esse chapéu. Isso não é chapéu: é terrina de salada; tem folhas e flores de todas as qualidades...

TERESA

Oh! por quê, Oscarzinho?

CECÍLIA

Eu acho tão bonito!

OSCAR

Não, minha flor de pau d'arco, tenha a santa paciência: você não desembarca na Estação da Luz com esse balaio de verduras na cabeça!

TERESA

(*Tirando o chapéu, arrufada*) Ah! que mau...

ANGÉLICA

(*Aparecendo*) Ah! Papai está lendo uma carta ali dentro. Chegou aí algum portador do correio?

JANUÁRIO E OSCAR

Não.

ANGÉLICA

Então, de quem será? Teresa, olhe aqui: você é que me vai fazer o obséquio de entregar estas lembranças ao Armando.

TERESA

(*Tomando-lhe a carta*) Pois não, Angélica. E que digo?

SILVESTRE

(*Entrando da D. A.*) Angélica!

ANGÉLICA

Senhor? (*Silêncio*)

SILVESTRE

(*Sacudindo a carta*) Minha filha...

OSCAR

(*Percebendo tudo*) Com licença, seu Silvestre. Eu vou ali e já volto.

SILVESTRE

Aonde vai?

OSCAR

Preciso cuidar dos cavalos, que o tempo está voando.

SILVESTRE

Isso compete ao Lucas. Espere aí um momento, que a sua presença agora é necessária.

OSCAR

Sim, senhor; pois não.

ANGÉLICA

Que foi, pai? Alguma notícia?...

SILVESTRE

(*Pensativo*) É. Uma notícia bem desagradável!...

ANGÉLICA

(*Espantada*) Desagradável?!

SILVESTRE

(*Paternalmente e comovido*) Olhe, minha filha, esta carta foi o Oscar que trouxe para você, e eu a abri... Abri porque enfim você nunca teve segredos para mim, nunca tratou de esconder o que se passou entre você e o...

ANGÉLICA

(*Arregalando os olhos, num brado*) Armando?!

(*Ofegante*) Que houve, pai? (*Tempo*)

SILVESTRE

Não vem mais.

ANGÉLICA

(*Com maior angústia*) Morreu?!

SILVESTRE

Não, filha. Vai casar.

OSCAR

Já casou. (*Angélica encosta-se à mesa, profundamente ferida pela notícia.*)

SILVESTRE

(*Amparando-a numa cadeira à D. B.*) Angélica! Sente, Angélica, sente!

ANGÉLICA

Casou?... E a carta?...

SILVESTRE

Está aqui, filha, está aqui!

ANGÉLICA

Leia, pai, eu não posso...

SILVESTRE

(*Lentamente*) Ler? Eu também não posso...

ANGÉLICA

(*Chorando*) Pai, por que é que o Armando passou por aqui? Por que se comprometeu, se não queria ser constante? (*Reage; enxuga as lágrimas num lenço.*) Não, não devo chorar... Que é da carta, pai?

SILVESTRE

(*Entregando-lha*) Está aqui, minha filha.

ANGÉLICA

(*Deitando a cabeça para trás num suspiro*) Tome, Oscar, faça o favor de ler para mim.

OSCAR

Quer que leia já, Angélica? Por que não deixa para amanhã?... Você sentiu o choque da surpresa...

TERESA

Heim, Angélica, você amanhã está mais calma.

ANGÉLICA

Não!... É o último favor que lhe peço, Oscar. Leia. (*Silvestre alisa-lhe os cabelos.*)

OSCAR

Bem, leio. Mas você sorria, Angélica; o caso não é também tão fúnebre como você está vendo. Para momentos como este é que se inventou a alegria, não é? Então, escute: (*Lê, sorrindo levemente.*) “Angélica, esqueça-se de mim; eu não mereço nem sequer a sua saudade. Troco a sua mão puríssima pela de Leonor, e estou certo de que sua candura me absolve, de que sua inocência a perdoa da culpa involuntária de roubar a palavra e o coração que lhe pertenciam. Suplico-lhe que me esqueça, sem rancor, e que não a acuse por uma tentação que não houve. Eu próprio me comovo pela minha sorte, já que nunca mais lhe poderei dizer que a amo, Angélica, mas muito mais me dói a sua. Que amargura lhe dei por tê-la amado, minha amiga! (*Aqui o sorriso tenta pairar sobre a comoção e com esta se mistura.*) Lembra-se do nosso último encontro? Lembra-se por acaso dos meus olhos? Neles se devia refletir o meu pressentimento; sim, porque me parecia demais aquela felicidade. Eu queria fazer esta despedida, aí ao pé da cancelinha de sua casa, para lhe pedir perdão pela culpa de a haver iludido, meu infinito amor, para chorar, para a apertar num abraço longo de encontro ao peito, e ser também longamente abraçado. Hoje compreendo que aí fui por destino, como por destino aceito o dever de conduzir ao altar alguém que me fez sofrer. Tomara que por destino você ficasse aí por toda a vida, a urdir as suas rendas, na paz do seu lugarejo, com o coração virgem de outro afeto! Sim, Angélica, eu não tenho a sua nobreza; eu sou egoísta, chegaria a implorar que não amasse a mais ninguém, porque eu não sei se suportaria a mesma dor que lhe causo. (*Pausa*) E, nunca pense em vir, Angélica; recordo-me dos serões em que Cecília e Teresa punham-se a sonhar com você a maravilha de São Paulo. Não, meu grande amor, não pense nunca que este espetáculo, que este deslumbramento vale mais que a simplicidade bucólica, o sossego honesto de sua vila. Não. A cidade que você fantasia é um dragão cor-de-rosa, meu bem, que nos obriga a uma perpétua defesa, para não cairmos em pecado. Depois, eu tenho medo de que a arrebatem, Angélica, apavoro-me com a idéia de que você venha a pertencer a outro. Confesso-me a você que é santa, e beijo a ponta de seu vestido. Perdoe o seu Armando”.

SILVESTRE

(*Afagando-lhe ainda a cabeça*) Não faz mal, minha filha, não faz mal... Você ainda é moça, há de achar alguém que a queira...

ANGÉLICA

(*Levanta-se, apoiando-se na cadeira.*) Teresa!

TERESA

(*Docemente*) Que é, Angélica?

ANGÉLICA

Você me faz o favor de trazer o meu enxoval?

TERESA

Pois não.

CECÍLIA

Eu vou também, Angélica.

ANGÉLICA

É para dar a vocês... Está na caixa, logo em cima... na minha mala...

TERESA

Para nós? Mas não, Angélica.

CECÍLIA

Nós já temos, Angélica!

ANGÉLICA

(*A ambas, quase à porta*) Sei que têm, mas é uma lembrança minha.

SILVESTRE

(*Atentando no ruído do carro*) Esse não é o carro em que vocês vão?

OSCAR

Deve ser, sim, senhor. (*Chega-se à porta ao F.*)

ANGÉLICA

Não precisa, não; eu mesma vou buscar... Deixem...

SILVESTRE

(*Amparando-a*) Vamos, filha. (*Leva-a à E.*) Eu não sabia que vocês se estimavam desse modo... senão... o Armando, quando saiu daqui, já saía casado... (*Saem Silvestre e Angélica. Lucas entra.*)

JANUÁRIO

(*A Oscar, ao F.*) Então, vamos?

LUCAS

(*Sem ser notado, aparece à D. B. em sua roupa costureira.*)

CECÍLIA

(*Apontando-o*) Eh! Olhe aí!

TERESA

(*Admirada*) Virge!

OSCAR

Chi!

JANUÁRIO

Mas que é isso, Lucas?

OSCAR

Mas, então, Lucas?

LUCAS

(*Solene*) Então? É que eu não vou.

OSCAR

Como? Não vai?

LUCAS

Nhor, não. Não vou mais.

OSCAR

(*Violento*) Como é isso, seu tabaréu? Não pode ser. Há pouco era a Teresa que chorava para desistir da viagem; agora é você.

JANUÁRIO

Nós é que não podemos perder o dinheiro da passagem, seu Lucas! Compreendeu?

OSCAR

Você vai, nem que seja pra justificar a passagem.

JANUÁRIO

É. Isso não é direito.

LUCAS

(*Resoluto*) Eu pago. (*Admiração*) Eu pago o seu prejuízo, nhô Oscar, mas não vou.

JANUÁRIO

Por que não vai?

LUCAS

Vou acompanhá vosmicê inté a Capela, mas pra São Paulo, não. Me desculpem, mas eu pensei mió um pouco. Seu Silvestre me disse aí umas verdade, que me fizeram entrá em mim. E o véio tem razão: que é que eu vou fazê em São Paulo?

OSCAR

Trabalhar, ora essa!

LUCAS

Eu sou um vaqueiro matuto, nasci e fui criado no sertão... ia lá envergonhá vosmicê!

JANUÁRIO

Por isso, não. Todos nós o estimamos...

LUCAS

Sei, sei... Muito obrigado, nhô Janu, mas eu me reconheço. Prefiro ficar aqui, lidando com os meus bois que são todos mansos, a lidar com gente... que eu não sei se é braba... (*Sentido*) Depois, pensando bem, era inté uma ingratidão que eu ia fazê a nhô Silvestre... e afiná ele não merece isso de mim... Eu 'tava influído, mas agora assentei o juízo... Me desculpem, eu não vou mais... (*Move-se em direção ao F.*) As malas já estão no carro?

CECÍLIA E TERESA

Já.

TERESA

Olhe, Lucas... Mas é melhor arrear o cavalo deles primeiro.

CECÍLIA

É, nós resolvemos ir no carro.

LUCAS

'Stá bem, nhá. Eu arrei. Arreio e espero lá. Até.

SILVESTRE

(*Entrando com Angélica e dando com Lucas*) Ó Lucas! Que é isso? Você vai nesse gosto?

LUCAS

Eu arresolvi não ir, nhô Silvestre.

OSCAR

O Lucas teve medo do dragão.

ANGÉLICA

(*Repartindo as rendas*) Bem, Teresa, isto é para você. Não recuse, que tomo por desfeita.

TERESA

Se é assim... Obrigada.

ANGÉLICA

Isto é pra você, Cecília.

CECÍLIA

Obrigada, Angélica. (*Abraça-a, chorando.*) Então... adeus, Angélica.

TERESA

(*A Silvestre*) Adeus... a bênção, nhô Silvestre. O senhor

desculpe as nossas faltas.

SILVESTRE

Adeus, menina. Nada tenho a desculpar.

TERESA

(*A Angélica*) Angélica!

ANGÉLICA

Teresa! (*Abraçam-se em pranto silencioso.*)

LUCAS

(*Alto*) Vamos, gente!

OSCAR

É, não se esqueçam de que vocês vão no carro de bois, e que nós demoramos.

CECÍLIA

(*A Silvestre*) A bênção, nhô Silvestre; lá estarei às suas ordens. (*Lucas sai.*)

SILVESTRE

Adeus, Cecília. Muito obrigado.

OSCAR

Seu Silvestre, eu e o Janu não nos despedimos porque ainda voltaremos. Nós vamos depois a cavalo. Até. (*Saem Oscar e Januário.*)

SILVESTRE

Até.

ANGÉLICA

(*Acompanhando-as à porta*) Vocês arranjam as rendas no carro. Têm tempo.

TERESA

É, sim... (*Angélica pára subitamente e volta para a cadeira. Fora, cessa o ruído do carro.*)

SILVESTRE

(*Aproximando-se*) Que é, minha filha? Console-se...

ANGÉLICA

(*Reprimindo o choro em soluços secos*) Estou... consolada, papai.

TERESA

(*Ao alpendre, com Cecília*) Então...

ANGÉLICA

(*Chorando*) Teresa! Cecília! (*Ambas voltam.*) Vocês me perdoam uma coisa?

CECÍLIA

Ora!

TERESA

Que é que você quer?

ANGÉLICA

Se eu... me arrependesse de dar... o enxoval a vocês... vocês ficavam zangadas?

TERESA

Ora essa, Angélica! (*Depõe as rendas no regaço da amiga, no que é imitada pela irmã.*) Pronto!

ANGÉLICA

Obrigada. Agora... Dê-me aquela caixa.

TERESA

(*Entregando-lha*) Pronto!

ANGÉLICA

(*Recoloca as rendas e fecha.*) Olhem... vocês duas... me peçam ao Oscar... para entregar isto a Leonor, sabem? Ela está na miséria... Armando também é pobre... (*Ambas enxugam os olhos.*)

TERESA

Como você é boa, Angélica! (*Beija-lhe os cabelos.*) Vamos, Cecília?

CECÍLIA

Vamos. O carro já deu a volta. (*Chegam ao F.*)

TERESA

Olhe, Angélica... Nós mesmas entregamos, sabe?

ANGÉLICA

(*Levantando-se*) Sei. (*Teresa e Cecília saem. Expectativa. Ela leva a destra ao coração numa ansiedade.*)

SILVESTRE

Assim vai mal, filha, assim vai mal. Você é capaz de adoecer. (*Ouve-se de novo o chiar do carro de bois.*)

ANGÉLICA

(*Hesitante, indo até a mesa*) Não, não... Eu quero vê-las... (*Impotente para recalcar a angústia, solta uma exclamação.*) Mas tudo assim de um vez, é muito! (*Debruça-se na mesa, chorando convulsivamente.*)

SILVESTRE

Angélica, minha filha!... Angélica, minha filha!...

ANGÉLICA

(*Aos soluços*) Pai, elas vão ver o Armando... Elas vão ver o Armando...

FIM

CALA A BOCA, ETELVINA!...

COMÉDIA EM TRÊS ATOS

Armando Gonzaga

PERSONAGENS:

Libório
Adelino
Macário
Nestor
Manoel
Etelvina
Zulmira
Baronesa
Emília
Maria

PRIMEIRO ATO

(Uma sala de visitas moderna. Ao fundo, porta de entrada dando para o jardim; à direita, janelas que deitam para a rua; à esquerda, duas portas comunicando com o interior da casa. Ao levantar o pano, Zulmira, nervosíssima, está trepada em uma cadeira, arrancando uma fotografia da parede. Ouve-se a campainha do portão. Um tempo. Etelvina entra do interior da casa.)

CENA I

(Zulmira e Etelvina)

ZULMIRA

Telefonou para a casa de mamãe?

ETELVINA

Telefonei, sim, senhora.

ZULMIRA

Ela já saiu? *(A campainha insiste.)*

ETELVINA

Saiu agorinha mesmo. *(Dirigindo-se para a porta do jardim.)*

ZULMIRA

(Irritada) Aonde vai você?

ETELVINA

Vou ver quem está batendo.

ZULMIRA

(Descendo da cadeira) Deixe lá isso! *(Dando a fotografia a Etelvina)* Ponha também esta fotografia em minha valise.

ETELVINA

Sim senhora. *(Sai para o interior.)*

ZULMIRA

(Só) Que é mais?... *(Medita um pouco.)* Bem, aqui não há mais nada. *(Entra Manoel do jardim.)*

CENA II

(Manoel e Zulmira)

MANOEL

Patroa, está aí uma senhora...

ZULMIRA

(Furiosa) Diga que não estou... que saí... que morri... *(Sai para o interior.)*

MANOEL

(Espantado) Hom'essa!... Nunca vi a patroa assim... *(Sai. Um tempo. Entra Etelvina e vai à porta do jardim.)*

CENA III

(Etelvina e Manoel)

ETELVINA

(Que entra falando sozinha) Parece até coisa feita... *(À porta do jardim)* Ó Manoel!... Manoel!... *(Manoel aparece.)* Quem é que estava aí?

MANOEL

Era uma senhora de azul, mas a patroa mandou dizer que não estava em casa. Eu dei o recado e a tal senhora foi embora resmungando.

ETELVINA

Você disse que a patroa tinha mandado dizer que não estava em casa?

MANOEL

E então?

ETELVINA

Ainda mais esta. *(Ri.)*

MANOEL

Mas que é que tem a patroa, que anda hoje como uma fúria?

ETELVINA

Não se meta, Manoel; mas dona Zulmira, depois que seu Adelino saiu, telefonou para a casa de dona Emília, pedindo que ela viesse aqui a toda pressa. Depois, começou a encher a sua valise de roupas e outras coisas e preparou-se toda como quem vai sair...

MANOEL
Que será?

ETELVINA
Estou manjando ainda. Mas, para mim, ela brigou com o patrão.

MANOEL
O patrão saiu hoje daqui tão satisfeito... *(Filósofo)*
Quem diz mulher diz o diabo...

ETELVINA
Obrigada pela parte que me toca.

MANOEL
Eu não falo de você. Você não é mulher...

ETELVINA
(Espantada) Que é que eu sou, então?... Vá saindo...

MANOEL
Você é um anjo. É por isso que eu me vou casar com você. *(Abraça-a.)*

ETELVINA
Esse nosso noivado já está ficando xarope. Há mais de dois anos que você me pediu, até hoje, nada...

MANOEL
É verdade. Há mais de dois anos... Naquele tempo eu vendia verduras... Foi por sua causa que me fiz jardineiro e vim trabalhar aqui.

ETELVINA
É muito mais poético...

MANOEL
Lá isso é, mas o que eu queria era estar perto de você...

ETELVINA
O diabo é que o nosso casamento parece que vai enguiçar.

MANOEL
Como assim?

ETELVINA
Se a patroa for embora para junto dos pais, o patrão naturalmente desmancha a casa.

MANOEL
E que tem isso? Ele pode desmanchar a casa, mas não desmancha o nosso casamento. Mesmo porque, eu tenho agora em vista uma chácara de flores lá no Meyer, que há de dar para nos mantermos depois de casados. Você não precisará mais ser criada de servir.

ETELVINA
(Sonhadora) Isso é que era suco. Não ter mais patroa. Dona Zulmira é muito boa, mas implica por tudo. Quase que me obriga a andar de espanador na mão. Eu, com minhas criadas, não hei de ser assim tão ranzinza.

MANOEL
Você quer também criadas?

ETELVINA
E então? Sem criadas como é que se pode cuidar de uma casa?

MANOEL
Este negócio de criadas não estava no programa... Em todo caso...

ETELVINA
É bom que você decida isso, porque depois de casada eu não trabalho mais.

MANOEL
(Resoluto) Pois está decidido. Você terá criadas.

ETELVINA
(Saltando ao pescoço de Manoel) Assim é que eu te gosto, Manoelzinho.

MANOEL
Aperta, minha nega!... *(Ouve-se a campainha do portão.)*

ETELVINA
(Indo espiar quem é) São os pais da patroa. Cai fora, Manoel! *(Manoel sai para o jardim e Etelevina vai para o interior. Libório e Emília entram. Emília parece aflitíssima.)*

CENA IV
(Libório, Emília e logo depois Zulmira)

EMÍLIA
Eu estou até com medo de saber o que é. Zulmira parecia tão aflita quando me telefonou...

LIBÓRIO
(Calmo) Vá ver que é alguma banalidade. Com certeza ela descobriu à última hora que a nova moda é o cabelo à escovinha e a saia por cima dos joelhos... Zulmira só pensa em futilidades.

EMÍLIA
Quando ela me falou, tinha a voz entrecortada de soluços...

LIBÓRIO
Não quer dizer nada. Ela chora por dá cá aquela palha. *(Zulmira entra. Vendo os pais, toma uma atitude dramática.)*

EMÍLIA
(Assombrada) Que é, minha filha?

ZULMIRA
Ai! mamãe! *(Cai nos braços de Emília, soluçando.)*

LIBÓRIO
(Assustado) Que foi?

EMÍLIA
(A Libório) Eu não lhe dizia que se tratava de um caso grave?

LIBÓRIO
(A Zulmira) Mas que é, afinal? *(Zulmira redobra em soluços.)*

EMÍLIA
Fale, minha filha! Abra-se com seus pais... Você assim nos assusta...

LIBÓRIO
(A Emília) Ela vai é encharcar o teu vestido de lágrimas... Um vestido novo.

EMÍLIA
(Depois de um olhar terrível a Libório, muito carinhosa, a Zulmira) Mas que houve?

ZULMIRA
(Quase sem poder falar) A senhora não pode imaginar... Meu marido... *(Redobra em soluços.)*

EMÍLIA
Está doente?

ZULMIRA
Pior...

LIBÓRIO
Teria sido preso?

ZULMIRA
Muito pior...

EMÍLIA E LIBÓRIO

(*Ao mesmo tempo*) Morreu?!...

ZULMIRA

Antes tivesse morrido...

LIBÓRIO

Perdeu o emprego?

ZULMIRA

Perdeu coisa muito mais preciosa...

EMÍLIA

(*Num grito*) A razão?...

ZULMIRA

Não... (*Num esforço*) O que ele perdeu foi a vergonha...

LIBÓRIO

(*Num desabafo*) Ora, bolas!...

EMÍLIA

(*A Libório*) Você acha pouco?

LIBÓRIO

Acho apenas que Zulmira exagera. O Adelino é um excelente rapaz.

ZULMIRA

É um excelente rapaz, mas perdeu completamente a vergonha.

EMÍLIA

É preciso saber primeiro se ele algum dia possuiu esse dom.

LIBÓRIO

Vamos aos fatos. Como foi que você chegou a essa conclusão? Apanhou o seu marido em flagrante?

ZULMIRA

Não o apanhei em flagrante de coisa nenhuma, mas tenho absoluta certeza de que ele não me é fiel.

LIBÓRIO

Você não pode deixar de estar enganada.

ZULMIRA

A esse respeito não tenho a menor dúvida. Eu estava sendo miseravelmente enganada por meu marido.

EMÍLIA

Minha pobre filha!...

LIBÓRIO

Histórias... Não é possível que um homem, casado ainda não há um ano, já engane sua mulher. Seria o cúmulo...

EMÍLIA

Depois de um ano, você acha até natural que ele a engane, não é?

LIBÓRIO

Quem foi que disse semelhante barbaridade?

EMÍLIA

Foi o que eu entendi.

LIBÓRIO

Pois entendeu muito mal. (*A Zulmira*) Mas vamos aos fatos. Em que é que você se funda para fazer tão grave acusação a seu marido?

ZULMIRA

Um fato, entre um milhão deles: há mais de um mês que Adelino não janta em casa.

EMÍLIA

Passa as noites na rua?

ZULMIRA

Isso não, nunca chega depois das seis horas da tarde.

LIBÓRIO

E então?

ZULMIRA

Mas sempre que chega já vem jantado. A princípio, ele comia muito pouco ao jantar. Tão pouco que me causava espécie. Seria que ele não se desse bem com os temperos das nossas cozinheiras?

LIBÓRIO

Podia muito bem ser.

ZULMIRA

Foi o que eu supus. Princípiei então a substituir as cozinheiras. Em seis meses experimentei seguramente umas quarenta, entre as quais algumas excelentes. Vendo, porém, que não alcançava o menor resultado, resolvi ir eu mesma para a cozinha dirigir o preparo do jantar.

EMÍLIA

Veja quanto sacrifício!...

ZULMIRA

Pois foi precisamente nessa altura que Adelino deixou definitivamente de jantar em casa.

LIBÓRIO

Ainda haveria a hipótese...

EMÍLIA

(*Interrompendo*) Só há uma hipótese: o nosso genro perdeu realmente a vergonha. (*Meneando a cabeça*) Levar um mês sem jantar em companhia de sua esposa! Isso contando parece mentira...

ZULMIRA

Mais de um mês. (*Chora.*)

EMÍLIA

Um mês que fosse...

LIBÓRIO

Bem, isso não chega a ser uma desgraça. Vou entender-me com o Adelino...

ZULMIRA

(*Interrompendo*) É inútil! A minha resolução já está tomada.

LIBÓRIO

Que foi que você resolveu?

ZULMIRA

Abandonar definitivamente a casa de meu marido...

LIBÓRIO

(*Assustado*) Para ir para onde?

ZULMIRA

Para a sua casa.

LIBÓRIO

Você está louca!

ZULMIRA

O senhor recusa recolher-me?

LIBÓRIO

Isso é pergunta que você me faça?

EMÍLIA

É uma pergunta tão extravagante como a sua. Para onde queria você que a nossa filha fosse, deixando a casa do seu marido?

LIBÓRIO

Mas deixar a casa de seu marido como? Então essas coisas se fazem assim? (*A Zulmira*) Tenha paciência, minha filha, mas você enlouqueceu. Abandonar a casa do seu marido... É fantástico!...

ZULMIRA

Que quer o senhor que eu espere ainda para certificar-me de que meu marido é um monstro?

LIBÓRIO

Quero apenas que você reflita um pouco...

EMÍLIA

Refletir em quê?

LIBÓRIO

No escândalo que se vai dar se Zulmira persistir na sua insensatez.

ZULMIRA

É isso. Para o homem, se a mulher não se porta bem, impõe-se-lhe até o dever da honra de matá-la. Todo o mundo louva-lhe o gesto. À mulher, não se reconhece nem mesmo o direito de se afastar do homem que a engana e humilha.

LIBÓRIO

Mas você já pensou na situação a que fica exposta uma mulher separado do marido, mesmo pelo divórcio?

EMÍLIA

Situação muito pior é a de uma mulher enganada.

LIBÓRIO

Isso não tem a mínima importância...

EMÍLIA

Não tem importância? É você, um homem puro, que em vinte e cinco anos de casado nunca me deu o menor motivo de queixa, quem me vem dizer essa monstruosidade?

LIBÓRIO

(Quase vexado com o elogio) Eu quero dizer que as razões apresentadas por Zulmira não têm importância diante do que ela pretende fazer. Dando mesmo de barato que o homem, na sua eterna fraqueza, sujeito a todas as seduções, mereça ser punido quando erra, é preciso saber primeiro se o Adelino está nestas condições. De que é que Zulmira o acusa? De não jantar em casa há um mês. Nada mais do que isso. Se ela tivesse outra razão mais forte, naturalmente já a teria apresentado... Essa é que é a verdade.

EMÍLIA

E você acha decente que um homem passe um mês a fio sem jantar em companhia de sua esposa?

LIBÓRIO

Não digo isso.

ZULMIRA

Mas esse é o fato.

LIBÓRIO

Esse é o fato, mas não há efeito sem causa. *(A Zulmira)* Você conhece as causas que levaram o seu marido a deixar de jantar em casa?

ZULMIRA

Ele nunca m'as deu.

LIBÓRIO

Nem você indagou.

ZULMIRA

Decerto. Seria descer de minha dignidade.

LIBÓRIO

Pois fez muito mal. Até para os delitos punidos pelo Código Penal há causas dirimentes. Por que deixou o

Adelino de jantar em casa? Por quê?... Dolorosa interrogação...

ZULMIRA

Eu vejo é que estamos a perder um tempo precioso. A minha resolução já está tomada. Deixo agora mesmo a casa de meu marido.

LIBÓRIO

É preciso saber primeiro se ele concorda com isso.

EMÍLIA

Que não concorde.

ZULMIRA

A minha resolução é irrevogável. *(Decidida)* E se o senhor não me quiser receber em sua casa, diga francamente, porque irei bater a outra qualquer.

LIBÓRIO

É você a dar-lhe. A minha única preocupação é a sua felicidade. Apenas por isso é que faço o possível de chamá-la ao uso da razão. Agora, se você acha que para ser feliz precisa abandonar a casa de seu marido, siga-nos então hoje mesmo.

ZULMIRA

Já. É só o tempo de botar um chapéu e apanhar a minha valise. O resto mandarei buscar depois. Um momento. *(Vai sair.)*

LIBÓRIO

Olhe! Mande-me trazer uma canequinha de café! Por sua causa saí de casa em jejum...

ZULMIRA

A Etelvina vem já trazer. *(Sai.)*

EMÍLIA

Coitada da Zulmira!

LIBÓRIO

Qual coitada, coisa nenhuma. Coitado é de mim. Zulmira parece que ignora que vivo atualmente de meus vencimentos de aposentado. Se não fosse o Adelino, não sei aonde já teríamos chegado. E é justamente numa situação desta que ela se lembra de romper com ele. Nossa vida vai ser uma tragédia.

EMÍLIA

Não é tanto assim. Onde comem dois, comem perfeitamente três.

LIBÓRIO

É, mas onde não há, não come nem meio... *(Emília vai espiar pela fresta de uma janela.)* Eu é que não brigarei com o Adelino por causa disso. *(Entra Etelvina com o café.)*

CENA V

(Libório, Emília e Etelvina)

ETELVINA

O café!...

LIBÓRIO

(Tomando a xícara) Está fresquinho?

ETELVINA

Foi feito agora mesmo.

LIBÓRIO

(Mexendo o café) Botou bastante açúcar?

ETELVINA

Eu não sabia para quem era, botei açúcar a meu gosto...

LIBÓRIO

(Baixo, em tom velhaco) Então deve estar bom para

mim também... Os nossos gostos se combinam... (*Sorve o café com delícia exagerada.*)

EMÍLIA

(*Cuja atenção está presa ao que se passa na rua*) Aquele sujeito de roupa cor de macaco que estava junto ao poste quando chegamos ainda não arredou o pé do mesmo lugar. Aquilo deve ser arranjo da tal viúva do 57... (*Libório, ao entregar a xícara a Etelevina, pega-lhe a mão e puxa-a para si.*)

ETELVINA

(*Resistindo*) Que é isso, seu Libório! Olhe que dona Emília pode virar-se para cá e é uma encrenca.

LIBÓRIO

Não tenha medo. Ela agora está entretida com o que fazem os outros.

EMÍLIA

(*Sempre olhando para a rua*) Eu não dizia? Lá está a lambisgóia à janela. E está muito ancha... Quem não tem vergonha todo o mundo é seu...

LIBÓRIO

(*Puxando Etelevina*) Vamos, deixe de luxo...

ETELVINA

(*Debatendo-se*) Eu grito por sua mulher.

LIBÓRIO

É unzinho só. (*Tenta beijá-la.*)

EMÍLIA

(*Bisbilhotando*) Lá vão as filhas do general para a rua... Chi!... Como a generala está pintada! A sirigaita quer parecer mais moça do que as filhas... (*A um repelão de Etelevina, a xícara cai e Emília volta-se, espantada.*)

LIBÓRIO

(*Levantando-se de um salto*) Está aí o que você arranjou!... (*Etelevina apanha a xícara ou os cacos.*)

EMÍLIA

Que foi isso aí?

LIBÓRIO

Você não está vendo? Foi a Etelevina que deixou cair a xícara e quase me suja a roupa.

ETELVINA

A culpa não foi minha.

LIBÓRIO

(*Fazendo-se zangado*) Foi minha, com toda a certeza.

EMÍLIA

(*A Etelevina*) Você anda sempre com a cabeça no ar.

ETELVINA

Mas agora eu não tive culpa nenhuma.

EMÍLIA

Como não teve?

ETELVINA

Não tive mesmo.

LIBÓRIO

Bem, bem, vá lá para dentro. (*Entra Zulmira. Vem pronta para sair, trazendo uma valise.*)

CENA VI

(*Os mesmos e Zulmira*)

ZULMIRA

Pronto! Podemos ir. (*A Etelevina*) Quando Adelino chegar, diga-lhe que fui para a casa de papai.

EETELVINA

A senhora não volta mais?

ZULMIRA

Não.

EETELVINA

Que pena! (*Principia a chorar.*)

ZULMIRA

Olhe, para você não ficar muito triste, eu lhe faço presente daquele vestido verde que está no quarto lá de dentro.

EETELVINA

(*Alegre*) Aquele novo, que a senhora ainda não vestiu?

ZULMIRA

Aquele mesmo.

EETELVINA

Para mim ele deve ficar mesmo batuta. Vou já experimentar. (*Sai quase a correr.*)

EMÍLIA

Que vestido é esse?

ZULMIRA

É um presente do tio de Adelino.

EMÍLIA

Do tal que é fazendeiro?

ZULMIRA

É.

EMÍLIA

E você vai dar a essa rapariga?

ZULMIRA

É um vestido esquisitíssimo. O tio de Adelino parece que pensava que eu era também lá da terra dele. Só a senhora vendo o vestido...

EMÍLIA

Eu podia muito bem consertá-lo para mim...

ZULMIRA

Tenho alguns vestidos muito melhores que lhe posso dar. Quando eu mandar buscar o que é meu, veremos isso. Vamos.

LIBÓRIO

Espere, Zulmira, você não pode abandonar assim a casa de seu marido, deixando-lhe apenas um recado com a criada.

ZULMIRA

É para que ele sinta a firmeza da minha resolução.

EMÍLIA

Se ele quiser maiores explicações, que vá lá em casa.

ZULMIRA

Decerto.

LIBÓRIO

Não. Essa coisa não pode ser feita assim.

ZULMIRA

Mas é assim que eu as faço.

LIBÓRIO

Mas não está direito. Antes do mais, você está cometendo uma loucura...

ZULMIRA

Não faz mal.

LIBÓRIO

Não faz mal, não. Você não tem um motivo forte para fazer o que está fazendo.

EMÍLIA

Que é que você queria que ela fizesse, diante do procedimento do Adelino? Queria talvez que ela lhe beijasse... os pés?

LIBÓRIO

Queria apenas que Zulmira pensasse um momento na tolice que vai cometer. Quem tem um marido como o Adelino agarra-o com unhas e dentes.

ZULMIRA

Quando eles perdem a vergonha, é inútil agarrá-los de qualquer modo.

EMÍLIA

Apoiado. Só há uma arma aí: é o desprezo. (*A Libório*) Você vai ver como logo mais o Adelino está chorando lá na nossa porta, para fazer com que Zulmira volte. Se ela se mostrasse resignada é que ele mesmo nunca mais endireitaria. Eu conheço os homens...

LIBÓRIO

Eu pensei que você só me conhecesse a mim.

EMÍLIA

Por você julgo o resto...

ZULMIRA

Bem, mas vamos conversando pelo caminho. Daqui a pouco o Adelino está aí para almoçar e eu não quero mais encontrá-lo. (*Encaminha-se para a porta.*)

LIBÓRIO

Eu não sairei daqui sem primeiro me entender com ele.

EMÍLIA

Entender-se a respeito de quê?

LIBÓRIO

Quero comunicar-lhe o ocorrido e, sobretudo, saber o que ele pretende fazer.

ZULMIRA

Como quiser. Mas eu e mamãe vamos indo... (*Sai.*)

LIBÓRIO

Que, ao menos, se dê a esse rompimento uma forma menos grosseira.

EMÍLIA

(*Imperiosa*) Não deixe de ir para casa assim que sair daqui. (*Sai.*)

LIBÓRIO

(*Só*) Que situação horrível criou essa menina! (*Cai numa cadeira e fica pensativo. Entra Etelevina com um espalhafatoso vestido verde, mas por abotoar.*)

CENA VII

(*Libório e Etelevina*)

Etelevina

A patroa já foi?

Libório

(*Sem levantar a cabeça*) Já...

Etelevina

O senhor é capaz de me fazer o favor de ajudar a abotoar este vestido?

Libório

(*Levantando a cabeça*) Heim?...

Etelevina

É para me ajudar a abotoar o vestido. A coisa aqui atrás está mesmo encrencada...

Libório

Eu "desencreno"... (*Abotoa o vestido com certa dificuldade.*)

Etelevina

Que é isso, seu Libório, o senhor está tremendo?

Libório

É que eu não acerto com a casa.

Etelevina

Isso não tem casa; é colchete de pressão.

Libório

Então está faltando pressão...

Etelevina

Deixe isso, seu Libório. O senhor nem para abotoar um vestido serve.

Libório

Se fosse para desabotoar era mais fácil... Mas cá está. Custei, mas acertei.

Etelevina

Obrigada.

Libório

E agora?

Etelevina

Agora o quê?

Libório

Não se agradece o meu serviço?

Etelevina

Eu já não disse – obrigada?

Libório

É pouco...

Etelevina

Então, muito obrigada...

Libório

Ainda não chega.

Etelevina

Que é que o senhor quer mais?

Libório

Um beijo...

Etelevina

O senhor é uma fera, heim? Por causa de uma coisa tão à-toa, logo um beijo. Imagine se o senhor tivesse me dado o vestido...

Libório

Que mal faz um beijo? (*Tenta abraçar Etelevina, que se defende. Entra Manoel com um telegrama na mão.*)

CENA VIII

(*Libório, Etelevina e Manoel*)

Manoel

(*Espantado*) Que diabo é isso?

Libório

Não é nada... Sou eu que estou brincando.

Manoel

Que brincadeira!... (*Boquiaberto*) E eu que pensei que o senhor fosse sério...

Libório

(*Formalizado*) E eu não sou um homem sério?

Manoel

Se o senhor fosse sério não estaria brincando... Salvo se a brincadeira era séria...

LIBÓRIO

Era pura brincadeira... (Ri.) Você não viu logo?

MANOEL(A *Etelvina*) Que brincadeira é essa, heim, Etelvina?**ETELVINA**

Seu Libório é que sabe. (Sai.)

MANOEL

Será a célebre corrida de gansos?

LIBÓRIO(Bancando o *enérgico*) Bem, bem, que é que o traz aqui?**MANOEL**

A mim não me traz coisa nenhuma. Eu é que trago este telegrama para o patrão.

LIBÓRIO

Deixe ver. (Recebe o telegrama. Manoel vai sair.) Espere, leve o recibo. (Tira do bolso uma caneta-tinteiro, passa o recibo e entrega-o a Manoel.) Pronto! Entregue lá ao estafeta. (Mete o telegrama no bolso.)

MANOEL

Sim, senhor. (Vai sair, mas volta-se da porta.) Aí está o patrão. (Sai. Adelino entra muito alegre.)

CENA IX

(Libório e Adelino)

ADELINO

Oh! o senhor aqui, a esta hora? Que milagre é esse? (Aperto de mãos.) Como vai a minha respeitabilíssima sogra?

LIBÓRIO

(Contrafeito) Bem...

ADELINO

Ela também está aqui?

LIBÓRIO

Não.

ADELINO

(Reparando no ar contrafeito de Libório) Mas que tem o senhor?

LIBÓRIO

Nada... Ou por outra, tenho uma triste notícia a lhe dar...

ADELINO

Uma triste notícia?!

LIBÓRIO

Sim...

ADELINO

Que é?

LIBÓRIO

(Com certa dificuldade) Zulmira está convencida... de que você a engana...

ADELINO

De que eu a engano?! É boa essa! Onde está ela? (Encaminha-se para a porta do interior.)

LIBÓRIO

Saiu.

ADELINO

Saiu para onde?

LIBÓRIO

Foi para a nossa casa com a Emília.

ADELINO

Fazer o quê?

LIBÓRIO

Ela quer separar-se de você.

ADELINO

Separar-se de mim?! Mas por quê?

LIBÓRIO

Porque você há um mês não janta em casa. Ela acha que, se você não janta aqui, é porque tem jantado em outro lugar qualquer, e em melhor companhia...

ADELINO

Pois está Zulmira redondamente enganada. Não tenho jantado em companhia de ninguém.

LIBÓRIO

Tem jantado sozinho...

ADELINO

Não tenho jantado absolutamente. Mas a razão é muito simples.

LIBÓRIO

Seria interessante conhecê-la.

ADELINO

E por que não? Como o senhor sabe, Zulmira tem a mania das refeições copiosas...

LIBÓRIO

Em solteira, quando ela se metia a dirigir a cozinha, quase nos arrasava...

ADELINO

Os meus almoços nunca têm menos de doze pratos, e os jantares igual número... Ora, eu me prezo de ser um bom garfo; mas tudo tem o seu limite. Durante os primeiros meses de casado eu vivi abarrotado. Só por um milagre não apanhei uma congestão... O senhor compreende: um homem devorar doze pratos ao almoço, outros tantos ao jantar e... meter-se na cama para dormir...

LIBÓRIO

Uma imprudência.

ADELINO

Em muitos casos uma verdadeira loucura. Era preciso reagir. Mas de que modo? Dizer a Zulmira que ela mandava fazer comida demais poderia parecer que o que me apavorava era a despesa...

LIBÓRIO

Você podia tocar apenas nos pratos e não comer.

ADELINO

Foi o que passei a fazer, alegando que não me dava bem com o tempero das cozinheiras. Houve um dia, porém, em que Zulmira, cansada de substituí-las, resolveu ir em pessoa fiscalizar a cozinha. Que fazer então? O que me ocorreu foi comer-lhe os almoços, louvando-os entusiasticamente, mas fugir aos jantares... Parecia-me haver nisso duas vantagens: evitar uma congestão, que eu sentia fatal, e apresentar-me com melhor disposição à hora do almoço...

LIBÓRIO

É, mas o que você arranjou foi uma complicação de todos os diabos.

ADELINO

Estou convencido de que Zulmira, ouvindo a minha explicação, acabará até por me pedir desculpas.

LIBÓRIO

Pedir desculpas é exagero. Você sabe como Zulmira é

orgulhosa. Mas de que ela acabe por se tornar às boas não tenho a menor dúvida. É uma simples questão de tempo. O principal é você não se dar por achado... Se você cair na tolice de lhe ir dar explicações, ainda será pior... Deixe correr o marfim...

ADELINO
Mas por quanto tempo?

LIBÓRIO
Até que lhe passe o frenesi.

ADELINO
É o diabo isso!... Em todo caso...

LIBÓRIO
(*Metendo a mão no bolso*) Ah! é verdade. Um telegrama para você. Acaba de chegar agora... (*Dá-lhe o telegrama.*)

ADELINO
(*Aborrecido*) Que será mais? (*Abre o telegrama, lê rapidamente e solta uma exclamação.*) Ainda mais esta!...

LIBÓRIO
Que é? Alguma notícia desagradável?

ADELINO
Desagradável, propriamente, não é... Mas de me deixar em situação ainda mais difícil... (*Mostrando o telegrama*) É do meu tio, dizendo que me vem visitar.

LIBÓRIO
Que tio?

ADELINO
Tio Macário, o fazendeiro, o homem que me salva nas situações difíceis, que são quase mensais. Imagine que ele fazia questão fechada de assistir ao meu casamento. Como não lhe foi possível, vem agora para conhecer Zulmira.

LIBÓRIO
E como há de ser?

ADELINO
Era justamente o que lhe ia perguntar. Se tio Macário chega aqui e sabe que eu estou separado de Zulmira, é bem capaz de voltar imediatamente. É um homem lá da roça, cheio de preconceitos, que não compreende absolutamente essas coisas. (*Furioso*) Quer dizer que eu estou arriscado a perder a minha melhor fonte de renda por causa das tolices de Zulmira... Esta só pelo diabo!...

LIBÓRIO
Bem se diz que desgraça nunca vem só!

ADELINO
Corra até em casa e veja se convence Zulmira de que deve voltar, para ficar aqui, ao menos enquanto tio Macário não for embora...

LIBÓRIO
É inútil. Sabendo então que com a sua ausência criará novas complicações é que ela não virá mesmo. O seu gênio sempre foi assim.

ADELINO
O que me estava reservado no dia de hoje!

LIBÓRIO
Diga logo a verdade a seu tio...

ADELINO
Nem pode ser de outra maneira. Mas ou muito me engano, ou com essa verdade vou cavar a minha ruína. Agora mesmo, se não fosse o que acaba de acontecer, eu poderia arrancar-lhe uns cinco ou seis contos.

LIBÓRIO
E seria um achado, porque eu também ando agora em grandes dificuldades de dinheiro... Preciso de dois contos como quem precisa de água.

ADELINO
Pois eu lhe arranjo os dois contos. Mas, pelo amor de Deus, vá buscar a Zulmira, ainda que seja arrastada...

LIBÓRIO
Só com o auxílio da polícia. (*Fonfona um auto fora.*)

ADELINO
Um automóvel! Quer ver que é tio Macário?... (*Vai à porta.*)

LIBÓRIO
Era só o que faltava.

ADELINO
(*Da porta, desesperado*) É ele mesmo!... (*Sai por um momento.*)

LIBÓRIO
Bonito! (*Etelvina entra.*)

CENA X

(*Libório, Etelvina e logo depois Adelino e Macário*)

ETELVINA
Chegou um velho aí, de automóvel...

LIBÓRIO
Chegou...

ADELINO
(*Aparecendo à porta, mas falando para fora*) Entre por aqui, meu tio. Deixe as malas que o Manoel se encarrega delas.

MACÁRIO
(*Fora*) Cuidado, rapaz. Nessa mala pequena tem coisa de quebrar. (*Entra.*)

ADELINO
Eu não fui esperá-lo na estação porque só agora recebi o seu telegrama...

MACÁRIO
Se fosse, perdia o tempo. Nós chegamos com um atraso de mais de quatro horas. (*Reparando em Etelvina*) Mas, esperem. Esta aqui é que é a minha sobrinha.

ADELINO
(*Espantado*) Heim?

MACÁRIO
É ela mesma. (*Alegre, a Etelvina*) Venha cá, menina. Dê um abraço no seu tio. (*Indecisão de Etelvina.*)

LIBÓRIO
(*Intervindo*) Ande... abrace o seu tio!... (*Etelvina abraça Macário.*)

ADELINO
(*Baixo a Libório*) Como é isso?!

LIBÓRIO
(*Baixo*) Agora tem de ser assim mesmo.

MACÁRIO
(*A Etelvina*) Há dez meses que eu lhe devia este abraço... Mas que é que eu havia de fazer? O meu fígado não me deixava...

ETELVINA
O senhor sofre do fígado?

MACÁRIO
Oh! Você não sabia?

ADELINO

(*Tirando Macário de perto de Etelvina*) Venha cá, meu tio. Quero apresentar-lhe meu sogro, o sr. Libório Teixeira...

MACÁRIO

Ah! é o sogro? Muito gosto em conhecê-lo.

LIBÓRIO

Eu é que tenho imenso prazer em conhecê-lo pessoalmente...

ADELINO

(*A Macário*) Mas como foi o senhor de viagem?

MACÁRIO

Foi uma coisa danada. Só em Cruzeiro a gente perdeu mais de três horas... (*Senta-se.*)

ADELINO

Veja que horror!...

ETELVINA

(*Baixo, a Libório*) Que “escrita” é essa de sobrinha?

LIBÓRIO

(*Baixo*) Depois eu lhe digo como é. Fique firme!...

ADELINO

(*A Macário*) O senhor deve ter chegado com fome.

MACÁRIO

Era bem capaz de comer alguma coisa. Eu nunca como em viagem.

ADELINO

Pois eu tinha vindo em casa justamente para almoçar. O senhor almoça comigo.

LIBÓRIO

Almoçaremos todos juntos. Eu também ainda estou de jejum... (*A Etelvina*) Ande, Etelvina, vá ver se o almoço já está pronto.

ETELVINA

(*Baixo*) Que embrulho é esse, seu Libório?

LIBÓRIO

(*Baixo*) Depois eu te explico. (*Etelvina sai.*)

MACÁRIO

Etelvina?! Mas minha sobrinha não se chama Zulmira?!

LIBÓRIO

Zulmira, pois é... Zulmira Etelvina... Ela tem dois nomes próprios: Zulmira Etelvina... Eu me acostumei chamá-la Etelvina...

ADELINO

E eu também...

MACÁRIO

Zulmira não é mais bonito?

LIBÓRIO

Mas o que se há de fazer? Ela gosta mais que a chamem Etelvina. Questão de gosto... Tenha a bondade de sentar-se.

MACÁRIO

Se é assim, fica sendo Etelvina para mim também. (*A Adelino*) Ah! Você sabe quem viajou comigo desde a Barra do Pirai?

ADELINO

Quem foi?

MACÁRIO

A baronesa de Santa Isabel. Ela tem agora uma fazenda em Valença.

ADELINO

Há mais de cinco anos que não a vejo. Ela sempre foi tão minha amiga.

MACÁRIO

Eu também não via a baronesa há muito tempo. Ela nem sabia que você tinha casado.

ADELINO

Eu não lhe participei meu casamento porque ignorava onde ela morava.

MACÁRIO

Mas a baronesa não se zangou, não. O que ela quer é conhecer a Zulmira, quer dizer, a Etelvina. Amanhã ou depois ela vem aqui para lhe trazer um presente. (*A Libório*) Deve ser uma coisa cara, porque a baronesa é muito rica e só tem um filho de criação, o Nestor. Ela gosta muito de Adelino. (*A Adelino*) Para mim, quando ela fizer o testamento, você entra também...

ADELINO

Se ela me quiser contemplar com uns duzentos contos...

LIBÓRIO

(*Baixo, a si mesmo*) É canja!...

MACÁRIO

Duzentos só? Eu acho que ela lhe pode deixar muito mais... (*Velhaco*) E não é coisa para muito tempo, não. A baronesa está mais pra lá do que pra cá...

ADELINO

(*Apreensivo*) É o diabo tudo isso...

MACÁRIO

(*Espantado*) O diabo?!...

LIBÓRIO

O diabo é se ela morre antes de fazer o testamento...

MACÁRIO

Se for assim, ninguém herda coisa nenhuma, nem mesmo o Nestor... Eu, por mim, já fiz o meu há mais de cinco anos...

LIBÓRIO

Está visto que o seu principal herdeiro é o Adelino.

MACÁRIO

Por enquanto, é.

LIBÓRIO

Por enquanto?

MACÁRIO

E então? O mundo dá tanta volta...

ADELINO

E depois, graças a Deus!, o senhor está ainda muito forte.

MACÁRIO

É, mas há dez meses eu andei arranhando a sepultura... Houve um dia que pensei mesmo que ia morrer... Felizmente, escapei.

LIBÓRIO

(*Distraído*) Que pena!

MACÁRIO

Que pena?!

LIBÓRIO

Que pena seria para mim se o senhor morresse antes de conhecê-lo. Porque nós havemos de ser muito amigos, não é verdade?

MACÁRIO

Assim o espero. (*Outro tom*) O senhor sabe jogar xadrez?

LIBÓRIO

É o meu jogo predileto.

MACÁRIO

E joga bem?

LIBÓRIO

Só lhe posso dizer que já venci o dr. Mendes.

MACÁRIO

O dr. Mendes é o maior jogador de xadrez que eu conheço...

LIBÓRIO

Pois eu já o venci uma vez...

ADELINO

Olhe que tio Macário é um grande jogador de xadrez...

MACÁRIO

Depois do almoço, o senhor vai jogar uma partida comigo.

LIBÓRIO

(*Assustado*) Heim?! (*Tranquilizando-se*) É impossível, não temos tabuleiro aqui.

MACÁRIO

Mas eu tenho. Trouxe um em minha mala.

LIBÓRIO

(*Baixo*) Ó diabo. (*Alto*) Mas o senhor vai dar um partido.

MACÁRIO

Partido?!

LIBÓRIO

Sim, quero a rainha, as duas torres, os dois cavalos, os dois bispos...

MACÁRIO

Foi assim que o senhor venceu o campeão de xadrez?

LIBÓRIO

(*Com uma cara estúpida*) O senhor não me entendeu... Eu venci o campeão de xadrez, mas foi numa partida de bilhar... (*Etelvina entra.*)

CENA XI

(*Libório, Macário, Adelino e Etelvina*)

ETELVINA

O almoço está pronto. Posso mandar tirar?

MACÁRIO

Espere um pouco. Eu queria primeiro lavar o rosto e escovar a roupa.

ADELINO

Venha comigo. Vou alojá-lo num quarto fora da casa, onde o senhor ficará mais à vontade. É um quarto excelente, feito especialmente para hóspedes. O senhor lá encontrará tudo.

MACÁRIO

Eu estou bem em qualquer parte. Só não quero é dar trabalho à minha sobrinha.

ADELINO

Vamos. (*Sai.*)

MACÁRIO

Até já. (*Sai atrás.*)

ETELVINA

(*A Libório*) Como é agora esta joça?

LIBÓRIO

É isso. Você é sobrinha do homem.

ETELVINA

Mas sobrinha como?

LIBÓRIO

Sobrinha do Macário, esposa do Adelino, dona da casa e... minha filha... (*Desesperado*) Minha filha!

ETELVINA

Quer dizer que eu vou bancar agora a patroa?

LIBÓRIO

O destino assim o quis... Enquanto o tio do Adelino aqui estiver, você fará as vezes de Zulmira...

ETELVINA

(*Alegre*) Que farra!...

LIBÓRIO

Mas espere, Etelvina... Veja se na câmara escura de seu cérebro entra um fiapinho de luz. Você entendeu bem a situação? O tio de Adelino pensa que você é Zulmira. Mas para isso você deve comportar-se de maneira a não levantar a menor suspeita. Percebeu? Quando ele for embora, o Adelino lhe dará um conto de réis e você irá arranjar outro emprego.

ETELVINA

Não preciso mais emprego. Eu vou me casar.

LIBÓRIO

Vamos agora ao que você deve fazer para não levantar suspeita sobre sua identidade.

ETELVINA

Sobre minha quê?

LIBÓRIO

Sobre sua pessoa.

ETELVINA

Ahn!...

LIBÓRIO

Primeira condição: você não fala mais...

ETELVINA

E quando me perguntarem as coisas?

LIBÓRIO

Você responderá com o menor número de palavras possível, e evitando, com o maior cuidado, o emprego desses termos de gíria de que você tanto abusa.

ETELVINA

Já sei. O senhor quer que eu banque aqui a dama distinta. Pra mim é canja.

LIBÓRIO

(*Com as mãos na cabeça*) Que horror! Se você principia assim, vai tudo por água abaixo!

ETELVINA

Não tenha medo, seu Libório. Eu entendi tudo o que o senhor me disse. O que o senhor quer é fazer uma tapeação em cima do velho, não é isso? Pois eu entro também com o meu jogo, e o zinho tem mesmo que entregar os pontos. Não tenha a menor dúvida. "Braço é braço"...

LIBÓRIO

(*Desanimado*) Qual! Modificar o seu palavreado é impossível. O que você tem a fazer é mesmo não falar. Dizer apenas: "sim"... "não"... "é"... e nada mais. Assim mesmo, quando lhe perguntarem alguma coisa.

ETELVINA

Isso também não. Se eu entrar de “sim”... “não”... “é”... o velho pode pensar que eu sou trouxa.

LIBÓRIO

Deixe lá pensar o que quiser. O essencial é que você não fale... Não fale e tenha modos mais de acordo com sua nova posição. Você agora é a patroa, aqui em casa... Interinamente, é verdade, mas a patroa.

ETELVINA

(*Orgulhosa*) A patroa!... Os outros empregados é que vão estrilar...

LIBÓRIO

Por isso mesmo eu vou botá-los todos na rua. Amanhã virão outros.

ETELVINA

O Manoel também?

LIBÓRIO

Esse vai ser o primeiro.

ETELVINA

Cheirava-te! O Manoel tem de ficar aqui.

LIBÓRIO

Tem de ficar aqui por quê?

ETELVINA

Porque eu quero.

LIBÓRIO

Você lá tem querer!

ETELVINA

Eu sou ou não sou a dona da casa?

LIBÓRIO

(*Furioso*) Você é a dona da casa, mas quem vai dirigir tudo aqui sou eu.

ETELVINA

(*Rindo*) Bem, eu estou brincando. Não precisa dar o desespero. Eu quero apenas os arames no fim dessa encrenca toda. No resto, “eu passo”...

LIBÓRIO

A esse respeito, pode ficar tranqüila. O que é preciso é que você não faça nada sem me consultar primeiro.

ETELVINA

Eu agora almoço também na mesa?

LIBÓRIO

Você está maluca! Se os outros criados vissem você à mesa, seria um escândalo.

ETELVINA

É, mas esse negócio de ficar sem bóia é muito pau.

LIBÓRIO

Mas quem foi que disse que você vai ficar sem bóia? Por hoje, quando formos para a mesa, você dirá que não pode comer, porque está com uma forte dor de cabeça. Essa dor de cabeça é até providencial, porque você pode meter-se na rede do Adelino que está no escritório e passar a maior parte do dia de papo para o ar...

ETELVINA

Mas sem comer...

LIBÓRIO

Por que sem comer? Depois do almoço, eu distraio o Macário e você pode entulhar-se à vontade.

ETELVINA

É depois do jantar?

LIBÓRIO

É depois do jantar também.

ETELVINA

Assim, sim.

LIBÓRIO

Amanhã, então, com criados novos, você poderá figurar à mesa.

ETELVINA

Figurar só não. Boiar também.

LIBÓRIO

Naturalmente. Mas sem meter a faca na boca, lamber os dedos, deitar-se em cima da mesa...

ETELVINA

O senhor pensa que eu não sei comer numa mesa? Lá na cozinha, com as outras, é que a coisa é à beça. Mas, quando a zona é distinta, o macaco é outro.

LIBÓRIO

Vamos ver...

ETELVINA

(*Num tom velhaco*) Outra coisa, seu Libório... E logo mais, quando chegar a hora de dormir?

LIBÓRIO

Que é que tem isso?

ETELVINA

Para onde é que eu vou?

LIBÓRIO

Para o seu quarto, está visto. Para onde queria ir você?

ETELVINA

Não queria ir para lugar nenhum; queria apenas saber... Tudo agora mudou...

LIBÓRIO

(*Refletindo*) Você não deixa de ter razão... O Macário bem podia reparar... Mas não tem nada... Ele vai ficar no quarto lá de fora. O que você tem a fazer é não se recolher antes dele.

ETELVINA

E de manhã? Essa gente da roça acorda com as galinhas...

LIBÓRIO

Pois você se levante mais cedo.

ETELVINA

Às quatro horas da madrugada?

LIBÓRIO

Às três, se for preciso. O que se deve evitar é que ele descubra que você dorme em um quarto e Adelino em outro.

ETELVINA

O que eu estou vendo é que um conto não paga o trabalho que vou ter.

LIBÓRIO

Você terá dois contos.

ETELVINA

O senhor garante?

LIBÓRIO

Garanto... (*Baixo*) Garanto que falarei ao Adelino. (*Adelino entra.*)

CENA XII

(*Libório, Etelevina e Adelino*)

ADELINO

Pronto! O tio já está à mesa. Como vai ser agora?

LIBÓRIO

A Etelevina não almoça, porque está com dor de cabeça.

Ela vai recostar-se um pouco aí no seu escritório...

ADELINO

E se o tio exigir a sua presença?

LIBÓRIO

Seria o cúmulo. Eu me encarrego de distraí-lo durante o almoço.

ETELVINA

E depois do almoço também. Eu já estou com uma fome cachorra. *(Vai entrar no escritório.)*

ADELINO

Que horror!

LIBÓRIO

Agora é agüentar firme... Zulmira quis assim...

ETELVINA

(Voltando-se) É verdade, patrão, como é que devo chamar o senhor?

ADELINO

Adelino... Que é que se há de fazer?...

ETELVINA

(A Libório) E o senhor?

LIBÓRIO

A mim? *(Depois de um momento de indecisão)* Papai...

ETELVINA

Está bem!... *(À porta do escritório, dizendo um adeusinho carinhoso a Libório)* Até logo, papai...

LIBÓRIO

(Entre dentes) Adeus, minha filha... *(A Adelino)* Vamos almoçar!

SEGUNDO ATO

(O mesmo cenário do primeiro ato. Ao levantar o pano, Etelvina, elegantemente vestida, de lorgnon, examina o serviço da nova arrumadeira, uma rapariga recém-chegada de Portugal.)

CENA I

(Etelvina, Maria e depois Libório)

ETELVINA

(Assentando o lorgnon) Você tornou a espanar bem esses móveis?

MARIA

Está tudo tão limpinho que, com perdão da palavra, a senhora pode até passar a língua. É a quinta vez que arrumo tudo...

ETELVINA

Nesse negócio de passar a língua eu passo.

MARIA

Pode passar...*(Retifica a arrumação da sala.)*

ETELVINA

Eu quero essa geringonça hoje como um brinco. Vem aí uma baronesa e essa gente é toda cheia de nós pelas costas. Para uma trepação eles estão sozinhos. *(Um tempo.)*

MARIA

A patroa é a princesa, não é?

ETELVINA

Princesa, eu?! Ora, Maria, respeite as caras. Princesa é coisa do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça...

MARIA

Como eu ouvi a senhora dizer hoje à cozinheira que o patrão era um príncipe!...

ETELVINA

É um príncipe em questões de arames. O criado aqui que andar na linha leva mesmo o seu pedaço.

MARIA

Ahn!... *(Ouve-se a campainha do portão.)*

ETELVINA

(Depois de dar alguns passos em direção à porta, detendo-se) É verdade, agora não sou eu. *(A Maria)* Veja quem está aí. *(Maria dirige-se à porta, mas recua à entrada de Libório.)*

ETELVINA

(Vendo Libório) Já de volta, papai?

LIBÓRIO

Fui só até em casa para ver se havia alguma novidade. *(Maria sai.)* O Adelino saiu?

ETELVINA

Não. Papai quer falar com ele?

LIBÓRIO

(Furioso) Bem, essa história de papai é para quando estivermos em presença de estranhos. Fora disso, trate-me como sempre me tratou. Já me irrita ouvi-la chamar-me papai...

ETELVINA

Foi o senhor que mandou. Para mim tanto faz chamar o senhor de papai como de outro troço qualquer. É à beça...

LIBÓRIO

(Desesperado) Esse palavreado!... *(A Etelvina)* Você, quando a baronesa chegar, não dê uma palavra, está entendendo?

ETELVINA

Oh! O senhor já está ficando pau com esse negócio! O melhor é quando essa gaja der a cara eu cair no mangue...

LIBÓRIO

Seria o ideal. O diabo é que ela vem aqui justamente para conhecê-la. *(Irônico)* Para conhecê-la... Para conhecer a esposa do Adelino... *(Com desprezo)* E a esposa do Adelino que ela vai conhecer é você...

ETELVINA

Quem é bom já nasce feito... *(Sai a se bandear para o interior da casa.)*

LIBÓRIO

Enfim... *(Adelino sai do escritório.)*

CENA II

(Libório, Adelino e depois Macário)

ADELINO

Então, foi em casa?

LIBÓRIO

Fui.

ADELINO

Há alguma novidade?

LIBÓRIO

A novidade que há é que Zulmira já está muito modificada. Ela tinha como certo que você, mal chegasse em casa e desse pela sua falta, corresse a procurá-la...

ADELINO

(Vitorioso) Mas como eu não apareci...

LIBÓRIO

Ficou desapontadíssima...

ADELINO

Do desapontamento ao arrependimento é um pulo...

LIBÓRIO

Anteontem, quando voltei para casa, ela nem queria saber o que tinha havido. Quem me veio sondar foi Emília. Mas hoje quis por força que eu lhe dissesse qual tinha sido a sua atitude ao ter notícia de que ela abandonara o lar.

ADELINO

E que foi que o senhor disse?

LIBÓRIO

Disse-lhe que você se tinha mostrado naturalmente surpreso com o ocorrido, mas que se havia conformado imediatamente.

ADELINO

E ela?

LIBÓRIO

Disfarçou com uma gargalhada... mas foi lá para dentro chorar... Se ela romper por aqui nestas vinte e quatro horas mais próximas, você não tenha a menor surpresa.

ADELINO

Antes do tio ir embora, seria uma espiga...

LIBÓRIO

Era o que vinha pensando pelo caminho. Precisamos arranjar um meio de despachá-lo o mais depressa possível... Onde está ele?

ADELINO

Está aí no escritório, lendo os jornais.

LIBÓRIO

Vamos convencê-lo de que deve ir embora.

ADELINO

Convencê-lo como?

LIBÓRIO

Dizendo-lhe que, depois que ele chegou aqui, está emagrecendo de causar medo.

ADELINO

É uma idéia... (*Macário entra.*)

LIBÓRIO

Olhe o bicho aí!...

MACÁRIO

A baronesa está demorando... Ela disse que estava aqui às oito horas...

ADELINO

Salvo se aconteceu alguma coisa.

LIBÓRIO

É bem capaz... As pessoas de uma certa idade, quando saem dos seus hábitos, sofrem sempre um grande abalo... Não vê o senhor?

MACÁRIO

Eu?!

LIBÓRIO

O senhor, sim... Eu tenho notado que nos poucos dias que o senhor está aqui no Rio já perdeu, no mínimo, uns dois quilos. O senhor está emagrecendo a olhos vistos...

MACÁRIO

(*Rindo*) Ao contrário. Nunca me senti tão bem como agora... Por isso mesmo, em lugar de alguns dias,

como eu tencionava, vou ficar aqui, pelo menos, uns dois meses...

LIBÓRIO

Dois meses! Dois meses o senhor não agüenta. (*Ouve-se a campainha do portão.*)

MACÁRIO

Mas se eu me sinto melhor!

LIBÓRIO

É o que o senhor pensa. Todos nós temos observado que o senhor já não é o mesmo depois que chegou aqui...

MACÁRIO

Isso é verdade. Sinto-me muito outro... Sinto-me outro, mas sempre para melhor. Eu me pesei no dia que cheguei aqui. Se eu me for pesar outra vez, o senhor vai ver que estou muito mais pesado... (*Nova campainhada*)

LIBÓRIO

(*A si mesmo*) Pesado ando eu...

MACÁRIO

Antes de dois meses eu não saio daqui. (*Resoluto*) Não saio, não.

LIBÓRIO

Eu digo isso porque tenho um grande interesse por sua saúde. Eu só o vi, pela primeira vez, há três dias; mas antes disso já era seu amigo... (*A campainha insiste.*)

ADELINO

(*Indo à porta que dá para o interior e gritando irritadíssimo*) Etelvina! Etelvina!... (*Voltando-se para os outros*) Esse diabo parece que não ouve...

MACÁRIO

Que modos são esses, Adelino?!

LIBÓRIO

(*Entre dentes*) Você parece que se esquece que ela é sua esposa.

ADELINO

(*Caindo em si*) Eu não me refiro à Etelvina; refiro-me à criada.

MACÁRIO

Isso é outro caso. (*Etelvina entra.*)

CENA III

(*Os mesmos, Etelvina e depois Maria*)

ADELINO

Onde se meteu essa criada, que não atende aos chamados? A campainha do portão está chamando há mais de meia hora.

ETELVINA

Aposto que está lá na cozinha fazendo trancinhas. É por isso que eu dou o estrilo com essa gente. (*Maria aparece.*)

ADELINO

(*A Maria*) Você não estava ouvindo a campainha do portão?

MARIA

Eu, não senhor.

ETELVINA

Então é porque você estava metida na cozinha a mexericar, como é costume de todas as criadas.

MARIA*(Ofendida)* Eu não tenho esse costume, não senhora.**ETELVINA**Mas já sabe. Aqui em casa não há disso não. Eu sacudo qualquer uma lá fora, sem perguntar quem está de guarda. *(Nova campainhada)***ADELINO***(A Maria)* Ande, vá ver quem está aí. *(Maria sai para o jardim. Adelino vai até a porta.)***ETELVINA**

Querem ver que é a tal de baronesa?

MACÁRIOCom certeza é. *(Vai até a porta.)***LIBÓRIO***(Baixo a Etelevina)* Quando a baronesa chegar, você já sabe: boca fechada.**ETELVINA**

O senhor está muito impressionado com essa baronesa. Vá ver que é aí algum xaveco, sem a menor cotação.

LIBÓRIO

Cala a boca, ouviu, Etelevina?

MACÁRIO*(À porta)* É ela mesma.**ETELVINA**

Agora é que se vai dar a melodia!...

LIBÓRIO*(Baixo)* Cala a boca, Etelevina!...**MACÁRIO***(Falando para fora)* Que demora foi essa? *(A Baronesa e Nestor entram seguidos de Maria, que atravessa a Cena e vai para o interior, lançando um olhar rancoroso para Etelevina.)***CENA IV***(Os mesmos, a Baronesa e Nestor)***BARONESA***(Quase insolente)* A demora foi em abrirem o portão. Eu já ia até voltar...**ADELINO**

É que a campainha parece que tem defeito. Só agora foi que se ouviu.

ETELVINA*(A Libório)* A “zinha” entrou logo ranzinzando...**LIBÓRIO***(Baixo)* Cala a boca, Etelevina!...**BARONESA***(A Adelino)* Como vai você? *(Abraça-o.)***ADELINO**Felizmente bem. *(Outro tom)* Mas deixe-me fazer as apresentações. *(Puxando Etelevina)* Minha esposa... A senhora baronesa de Santa Isabel...**BARONESA***(Abraçando Etelevina)* É bem simpática.**ETELVINA***(Sensibilizada)* Modéstia...**ADELINO***(Tirando Etelevina dos braços da Baronesa e mostrando-lhe Nestor)* O Nestor, filho da baronesa.**NESTOR***(Estendendo a mão a Etelevina)* Imenso prazer. *(Um tanto atrapalhado)* Creia que tenho imenso prazer...**ETELVINA***(Em tom de deboche)* Então eu não sei?...**ADELINO***(A Libório)* Chegue-se, meu sogro! *(Apresentando)* O meu sogro... A senhora baronesa de Santa Isabel...**LIBÓRIO**Muita honra... *(Aperto de mãos.)***BARONESA***(A Libório)* O senhor tem uma filha bem interessante...**LIBÓRIO***(Sem saber o que responder)* Interessantíssima... *(Faz uma cara horrível.)***BARONESA***(Sentando-se)* Com licença... Eu não posso estar muito tempo de pé.**LIBÓRIO**À vontade, senhora baronesa... À vontade... *(Ajuda-a a sentar-se.)***BARONESA**

Dia a dia me sinto pior...

MACÁRIO

Não diga isso... A senhora ainda há de viver muitos anos...

BARONESA

Não é o que diz o dr. Borges...

LIBÓRIO

Que é que ele diz?

NESTOR*(A Baronesa)* Quer tomar uma de suas cápsulas? Já está na hora. *(Tira do bolso uma caixinha.)***BARONESA**

Depois eu tomo...

NESTOR

Depois de quê? A senhora vai tomar é agora.

BARONESA

Você não me deixa em paz com essas drogas.

NESTORSe é preciso... *(A Etelevina)* É capaz de me mandar arranjar meio copo d'água?**ETELVINA**

Gelada?

BARONESA

Que horror! Eu não posso tomar gelo.

MACÁRIOEu mesmo vou buscar a água. *(Sai por um tempo.)***LIBÓRIO***(A Baronesa)* Mas que é que diz o dr. Borges sobre o seu estado?**BARONESA**

Diz apenas que eu posso morrer de um momento para outro. Assim como estou, conversando muito bem, posso cair para trás e... pronto.

ETELVINA*(Assombrada)* Papagaio!...**LIBÓRIO***(Baixo)* Cala a boca, Etelevina!...**ADELINO**

Deve haver exagero da parte do dr. Borges.

BARONESA

Só o futuro poderá dizer...

NESTOR

(*A Baronesa*) Dindinha bem podia, em vez de uma, tomar duas cápsulas. Há mais de quatro horas que a senhora não toma nada.

BARONESA

Não, basta uma...

LIBÓRIO

(*Baixo a Adelino*) Se esse dr. Borges não é uma besta, você está com a vida feita...

BARONESA

(*Falando para todos*) Já gastei uma fortuna em remédios sem o menor resultado.

ETELVINA

Esse negócio de remédios não tem futuro. (*A Baronesa mostra-se um tanto espantada.*) Eu vou mais pelas rezas.

LIBÓRIO

(*Baixo*) Cala a boca, Etelevina!...

ADELINO

(*À Baronesa*) O que estou vendo é que a senhora é muito desanimada!

BARONESA

É que sinto que vou morrendo aos poucos. (*Resignada, a Libório*) Que hei de fazer?

LIBÓRIO

(*Distraído*) O testamento... (*Sentindo a gafe que acaba de cometer, volta-se para Etelevina.*) Cala a boca, Etelevina!...

ETELVINA

(*Espantada*) O senhor está bestando!

MACÁRIO

(*Entrando*) Aqui está a água!

NESTOR

Deixe ver. (*Toma o copo e ministra a cápsula à Baronesa.*)

ETELVINA

(*A Libório*) Esta velha está aqui, está batendo trinta e um de cara.

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!...

BARONESA

Não sei por quê, mas depois que tomo essas cápsulas ainda me sinto pior...

NESTOR

É a reação...

BARONESA

A reação vocês hão de ver qualquer dia destes... Felizmente morro com minha consciência tranqüila. Nunca fiz mal a ninguém e lego uma boa parte do que possuo para obras de caridade...

LIBÓRIO

(*Sem se conter*) A senhora já fez o seu testamento?

BARONESA

Antes de embarcar... (*A Adelino*) Mas vou retificá-lo... Quero contemplar você também.

ADELINO

Oh! senhora baronesa!...

BARONESA

Vou deixar-lhe quatrocentos contos...

ETELVINA

Oh! canja!

LIBÓRIO

(*Para Etelevina*) Comidas, minha santa! (*Caindo em si.*) Cala a boca, Etelevina!

BARONESA

Mas imponho uma condição. (*A Adelino*) Quero que você mande dizer uma missa por mim todos os anos.

LIBÓRIO

Mandaremos dizer quatro, seis, uma dúzia...

BARONESA

Uma é suficiente. Eu não vou assim tão carregada de pecados.

MACÁRIO

Isso é que não vai mesmo. A baronesa é uma santa...

LIBÓRIO

Um anjo!

MACÁRIO

(*A Baronesa*) E Deus há de conservar-lhe a vida por muitos anos...

LIBÓRIO

É o desejo de nós todos...

BARONESA

Acredito... (*Pondo a mão no peito com ar sofredor*) Esperem...

(*Todos ao mesmo tempo*)

LIBÓRIO

Heim?

MACÁRIO

Que é?

ADELINO

Baronesa!

NESTOR

Dindinha!

ETELVINA

Chegou a hora da onça beber água!

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!...

NESTOR

(*A Baronesa*) Que é que a senhora tem?

BARONESA

(*Recobrando o alento*) Nada... nada...

MACÁRIO

Não é melhor chamar um médico?

LIBÓRIO

É um tabelião também...

BARONESA

(*Mais animada*) Não... não... já passou. Deve ser cansaço... Não tem a mínima importância...

NESTOR

Eu bem dizia que a senhora não devia fazer essa viagem...

MACÁRIO

Foi uma imprudência.

BARONESA

Eu vim ao Rio para me consultar ao dr. Madeira.

NESTOR

Era preferível que ele fosse lá.

BARONESA

E os seus banhos de mar?

NESTOR

Eu podia vir sozinho.

BARONESA

Para eu ficar lá aflita? Ainda se houvesse uma pessoa conhecida que o acompanhasse.

NESTOR

Dindinha pensa que eu ainda sou uma criança. Eu tenho vinte e cinco anos...

BARONESA

Para morrer afogado a questão não é de idade. Você não sabe nadar...

NESTOR

Que é que tem isso?

ETELVINA

Que é que tem isso? O camarada não sendo seguro está na mão.

BARONESA

(*Espantada*) Como?

LIBÓRIO

(*Baixo*) Cala a boca, Etelevina!...

ADELINO

Ela está dizendo que o Nestor tem bastante juízo para não ir tomar banho em lugar que não dá pé...

MACÁRIO

É isso mesmo. O Nestor é um moço ajuizado...

BARONESA

Felizmente, até hoje, ainda não me deu nenhum desgosto...

NESTOR

Mas nem assim a senhora me deixa arredar pé de junto de suas saias.

BARONESA

Quando você se casar, eu o deixarei em liberdade.

NESTOR

A senhora diz isso porque sabe que eu não penso em me casar.

ETELVINA

Faz muito bem. O casamento é uma encrenca.

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!...

BARONESA

É quê?

ADELINO

É um modo de dizer aqui da cidade...

MACÁRIO

A Etelevina fala de um modo que a gente quase não entende.

ETELVINA

É porque o senhor ainda não está treinado.

LIBÓRIO

(*Baixo*) Cala a boca, Etelevina!...

NESTOR

(*Baixo a Adelino*) Vamos passar ali para a varanda, porque quero tirar uma fumaça e a velha não consente que eu fume cigarros.

ADELINO

Vamos. (*Saem disfarçadamente.*)

BARONESA

(*A Macário*) O senhor disse "Etelevina"?...

ETELVINA

É o meu nome.

BARONESA

Pensei que fosse Zulmira.

LIBÓRIO

Zulmira Etelevina. O nome dela é Zulmira Etelevina...

BARONESA

Ah! bem...

MACÁRIO

Eu também não sabia disso. Só soube quando cheguei.

BARONESA

(*A Etelevina*) Pois olhe, minha filha, eu lhe trouxe uma pequena lembrança.

ETELVINA

Estou lá...

BARONESA

Está lá, onde?

MACÁRIO

É um modo de dizer aqui da cidade.

BARONESA

Sim... (*A Etelevina*) É uma pulseira, com o seu nome gravado. Mas, como eu pensava que você era apenas Zulmira, foi esse o nome que mandei gravar. (*Tirando uma caixa da bolsa*) Está aqui. (*Entrega a caixinha.*) Se você quiser, pode mandar gravar o outro nome.

ETELVINA

É a conta... (*Abre a caixinha.*)

BARONESA

A conta?!...

MACÁRIO

É um modo de dizer aqui da cidade. (*A Baronesa faz um gesto de que aceita.*)

LIBÓRIO

(*Baixo*) Cala a boca, Etelevina!...

ETELVINA

(*Tirando a pulseira e mostrando-a*) Que belezinha!... Isso deve ter custado os tubos.

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!...

ETELVINA

(*Mostrando a pulseira a Libório*) Mas veja só como é bonita!

LIBÓRIO

(*Baixo*) É... é muito bonita, mas não lhe pertence. Pertence a Zulmira...

ETELVINA

T'é besta!... (*Discutem baixo.*)

BARONESA

(*Baixo a Macário*) Eu conheço muita gente aqui da cidade, mas nunca ouvi falar assim como essa menina.

MACÁRIO

Eu também não...

ETELVINA

(*Dirigindo-se a Macário*) Quando a Bonifácia me vir com essa pulseira, vai ficar chupando uma barata.

MACÁRIO

Quem é a Bonifácia?

ETELVINA

É a ama seca ali do dr. Machado.

MACÁRIO

O dr. Machado ainda tem ama seca?! (*Libório põe as mãos na cabeça.*)

ETELVINA

A ama seca do filho, seu Macário... O senhor agora comeu mosca...

LIBÓRIO

(Baixo) Cala a boca, Etelevina!...

BARONESA

(Espantada) Mas você, minha filha, vive em luta com os criados da vizinhança?

ETELVINA

Eu não. Elas é que querem se meter na minha vida. Mas não arranjam nada, porque, nessas coisas, eu tenho o corpo fechado.

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!... *(Adelino e Nestor entram.)*

CENA V

(Os mesmos, Adelino e Nestor)

ADELINO

(À Baronesa) A senhora não quis jantar conosco, mas vai tomar, ao menos, uma xícara de chá...

BARONESA

Uma xícara de chá eu aceito.

ETELVINA

É um pedaço de bolo também.

BARONESA

O bolo eu dispenso.

ETELVINA

A senhora vendo o bicho não resiste. É um bolo mesmo batuta que mandei fazer hoje...

BARONESA

Pudesse eu... Vontade de comer não me falta... Mas o dr. Borges quer apenas que eu passe a caldo de frango. *(Saudosa)* Sabem o que eu comeria com imenso prazer, se me fosse permitido? Uma postazinha de peixe. Há mais de dez anos que eu não como peixe...

ETELVINA

Pois se a senhora viesse jantar hoje aqui, podia tomar um fartão. Mandei assar um peixe desta idade... *(Dá um tamanho exagerado.)*

LIBÓRIO

Cala a boca, Etelevina!

BARONESA

Como foi que você conseguiu saber a idade do peixe? *(Sorri.)*

ETELVINA

A senhora está pensando que é presepada? O “esqueleto” ainda está lá dentro. Se quiser vou buscar.

BARONESA

Não, não é preciso.

ETELVINA

Seu Macário viu.

MACÁRIO

Era grande, sim; e estava muito bem feito.

ETELVINA

Estava mesmo o suco.

ADELINO

(Baixo a Libório) Que coisa horrível!

LIBÓRIO

(Baixo) É, mas agüente agora você, porque eu já não posso mais. *(Alto)* Com licença. *(Sai para a varanda.)*

ETELVINA

Essa cozinheira agora é um número... *(Maria aparece.)*

CENA VI

(Baronesa, Macário, Adelino, Etelevina, Nestor e Maria)

ADELINO

(À Maria) Pode servir o chá.

MARIA

Já está na mesa, sim, senhor.

ADELINO

Olhem, o chá já está na mesa. Vamos entrar? *(Oferece o braço à Baronesa.)*

ETELVINA

E a mim, quem é que dá o braço?

NESTOR

(Oferecendo-lhe o braço) Se a senhora permite... *(Saem todos, à exceção de Macário, que vai à porta chamar Libório.)*

MACÁRIO

(À porta) Ó seu Libório!... Seu Libório!... *(Libório aparece.)*

CENA VII

(Macário e Libório)

LIBÓRIO

Que há?

MACÁRIO

Não quer tomar chá?

LIBÓRIO

Obrigado. Estou um pouco indisposto...

MACÁRIO

O chá talvez lhe faça bem.

LIBÓRIO

Não, prefiro ficar aqui tomando fresco. Faça o favor de me desculpar junto à baronesa.

MACÁRIO

Está bem. *(Sai.)*

LIBÓRIO

(Só) Esta mulher vai acabar perdendo tudo... *(Vai sair novamente, mas encontra Zulmira e Emília, que vêm entrando.)*

CENA VIII

(Libório, Emília e Zulmira)

LIBÓRIO

(Assustado) Vocês aqui?

EMÍLIA

Por que esse espanto?

LIBÓRIO

Naturalmente. Não foi isso que combinamos.

ZULMIRA

O que combinamos foi que o senhor, mal chegasse aqui e falasse a Adelino, nos telefonaria.

LIBÓRIO

Pois não foi possível. Ainda não tive ocasião de ficar a sós com o Adelino. O tio não o larga... E agora, para maior azar, chegou aí uma baronesa... a tal baronesa de Santa Isabel, de que Adelino tanto falava.

EMÍLIA

Ah! a baronesa também está aí?

LIBÓRIO

Estão todos lá dentro tomando chá.

ZULMIRA

De maneira que o senhor ainda não disse a Adelino que estou disposta a perdoá-lo?

LIBÓRIO

Ainda não.

EMÍLIA

Você assim mesmo é um bom moço de recados... (A *Zulmira*) Está vendo?

ZULMIRA

Eu não queria descer da minha dignidade, voltando para casa sem que o Adelino fosse me buscar...

LIBÓRIO

Mas, como não foi, você desceu a escadaria da dignidade...

ZULMIRA

Porque imagino o que ele terá sofrido!... É isso que não quero. Afinal, Adelino é um bom rapaz... Está tudo acabado. Vou dizer-lhe isso agora mesmo.

EMÍLIA

(*Enternecida*) É um anjo de bondade nossa filha...

LIBÓRIO

Agora mesmo é impossível.

ZULMIRA

Impossível, por quê?

EMÍLIA

(*Escandalizada*) Hom'essa!

LIBÓRIO

O melhor que você tem a fazer é ir para casa e esperar que o Adelino vá buscá-la.

ZULMIRA

Há três dias que eu o espero.

EMÍLIA

Nem ao menos ele teve a gentileza de nos telefonar.

LIBÓRIO

Ele não tem saído de casa.

ZULMIRA

Por que não telefonou daqui?

LIBÓRIO

Eu já não lhe disse que o telefone está desarranjado?

EMÍLIA

E por que não o consertaram ainda?

LIBÓRIO

Já se pediram providências à Companhia... Mas voltem! Voltem para casa para não complicar mais as coisas...

ZULMIRA

Agora, que eu já estou aqui, não sairei sem falar a Adelino.

LIBÓRIO

E você a dar-lhe. Eu já não lhe disse que hoje não é possível?

ZULMIRA

Mas não é possível por quê?

EMÍLIA

Sim, por quê?

LIBÓRIO

Vocês querem saber por quê? Pois lá vai toda a verdade.

ZULMIRA

Há alguma verdade oculta?

LIBÓRIO

Há apenas uma complicação de todos os diabos arranjada por seu excesso de nervos. É o que há.

EMÍLIA

Que complicação pode ser essa?

LIBÓRIO

(A *Zulmira*) Para explicar a sua ausência no dia em que chegou o tio, o Adelino teve de lhe dizer que você estava viajando...

ZULMIRA

E ele acreditou?

LIBÓRIO

Naturalmente.

EMÍLIA

E que é que tem isso? Ela estava viajando e chegou hoje.

LIBÓRIO

Para vir em três dias, de onde estava, nem de aeroplano.

ZULMIRA

Onde foi que Adelino me colocou?

LIBÓRIO

Na Europa. A esta hora você deve andar pela Suíça.

ZULMIRA

Mas para que essa mentira?...

LIBÓRIO

Mentira de quem?

ZULMIRA

De Adelino.

LIBÓRIO

É muito boa!... O Macário desaba lá dos confins de Minas, especialmente para abraçar o sobrinho pelo seu casamento. Aqui chegado, havia de receber a notícia de que esse casamento já dera em pantanas... Que é que ele iria pensar de vocês ambos?

ZULMIRA

Ora... Se o tio de Adelino fosse capaz de pensar, teria estranhado que eu, casada há apenas dez meses, andasse a passear pela Europa...

LIBÓRIO

Mas quem foi que lhe disse que você está na Europa a passeio? Você está em tratamento, num hospital suíço...

ZULMIRA

Sozinha, nem ao menos a sua companhia?

LIBÓRIO

Sozinha, como? Você está em companhia do seu irmão.

EMÍLIA

(*Intrigada*) Que irmão?

LIBÓRIO

Um irmão que se arranjou aí, à última hora...

EMÍLIA

(*Aliviada*) Ainda bem.

LIBÓRIO

Você pensa mesmo que Zulmira tivesse algum irmão?

EMÍLIA

Tudo é possível...

LIBÓRIO

Possível como, se nós dois só temos uma filha?...

EMÍLIA

Nós dois...

ZULMIRA

Afinal, Adelino fez uma trapalhada absolutamente desnecessária.

LIBÓRIO

Como desnecessária? Você não sabe que esse Macário, além de ser uma herança em perspectiva, é quem salva o Adelino em momentos difíceis? E se o homem, aferrado lá aos seus preconceitos, não concordasse com o que você fez e exigisse o divórcio? Sim, porque se o Adelino lhe fosse dizer a verdade, teria que dizer também que a culpada era você.

EMÍLIA

O que não é verdade...

LIBÓRIO

Vê você que a verdade é uma questão de ponto de vista.

ZULMIRA

Adelino podia contar ao tio a história que quisesse, contanto que não me pusesse lá na Suíça. Eu podia perfeitamente ter ido para Caxambu...

EMÍLIA

Era muito mais simples.

LIBÓRIO

Não há dúvida que seria mais simples. Mas, se as coisas simples ocorressem com tanta presteza, a humanidade não levaria não sei quantos séculos para descobrir as virtudes do soro de macaco. Agora, Zulmira está na Suíça, de onde só pode voltar, no mínimo, dentro de quinze dias.

ZULMIRA

E se um dia eu me encontrar com o tio de Adelino, como lhe hei de falar dessa Suíça, que conheço apenas de nome?

LIBÓRIO

Não é preciso falar-lhe de Suíça nenhuma. Você foi lá por estar abalada das faculdades mentais.

EMÍLIA

Oh! mas isso é demais!

LIBÓRIO

Não sei se é de mais ou se é de menos. Foi o que se pôde arranjar.

ZULMIRA

(Prendendo as lágrimas) E agora, como vai ser?

LIBÓRIO

É você ter paciência e esperar...

ZULMIRA

(Resoluta) Não! Não espero mais nada. Quero acabar com isso hoje mesmo. *(Encaminha-se para a porta do interior.)*

LIBÓRIO

(Assombrado) Que é que você vai fazer?!

ZULMIRA

Apresentar-me ao tio de Adelino e contar-lhe toda a verdade.

LIBÓRIO

(Dramático) Se você fizer isso, causará mais vítimas do que um terremoto! Além do tio, está lá dentro a baronesa, que acaba de prometer ao Adelino contemplá-lo com quatrocentos contos no seu testamento. Lembre-se de que vai jogar com a sorte de

seu marido, com a sua própria, com a minha, com a de todos os entes que lhe são caros...

ZULMIRA

(Decidida) Melhor! O que eu não posso mais é continuar separada de meu marido. *(Vai sair.)*

EMÍLIA

(Agarrando-a) Espere um pouco, Zulmira! *(A Libório)* A baronesa deixa quatrocentos contos a nosso genro?

LIBÓRIO

Talvez mais. É coisa que não pode demorar muito.

EMÍLIA

(A Zulmira) Se é assim, não convém qualquer movimento precipitado. Ouça primeiro seu pai. Trata-se de sua felicidade.

LIBÓRIO

Da nossa felicidade.

ZULMIRA

(Chorando) Eu não vim aqui por causa de heranças. Quero é meu marido.

LIBÓRIO

Pois você terá o seu marido. Hoje mesmo eu o levarei lá em casa.

ZULMIRA

O senhor promete?

LIBÓRIO

Prometo. Assim que a baronesa sair e o tio se recolher, levarei o Adelino lá em casa.

EMÍLIA

É muito melhor assim.

LIBÓRIO

Mas vão. Vão de uma vez, que parece que eles já acabaram de tomar o chá...

ZULMIRA

Veja lá, papai. Eu espero o Adelino hoje lá em casa. Vou até preparar uma ceia...

LIBÓRIO

Pode ir descansada.

EMÍLIA

Vamos, Zulmira.

ZULMIRA

Até já. *(Saem as duas.)*

LIBÓRIO

Até logo. *(Sozinho)* Parece que encontrei uma boa solução para o caso... *(Etelvina entra.)*

CENA IX

(Libório e Etelvina. Depois Adelino)

ETELVINA

O senhor não quis tomar chá?

LIBÓRIO

(Mal humorado) Não.

ETELVINA

Pois não sabe o que perdeu. Aquele bolo estava um caso muito sério. Também o pessoal voou para cima dele, que não deixou nem a parte das moscas... Até a baronesa!... Agora, babão!, se o senhor quiser chá, tem mesmo de ser com biscoitos...

LIBÓRIO

O que eu queria era que você não me aborrecesse, ouviu? Assim que o tio de Adelino for embora...

ETELVINA

O senhor tem que me passar dois contos. É da escrita.
(*Adelino entra.*)

LIBÓRIO

(*A Adelino*) Tenho uma grande novidade.

ADELINO

Que é?

LIBÓRIO

(*Depois de olhar para Etelevina*) Ó Etelevina, vá ver se eu estou aí na varanda...

ETELVINA

O senhor quer que eu dê o fora?

LIBÓRIO

É...

ETELVINA

Então vou lá para dentro.

LIBÓRIO

Mas fique calada, sim?

ETELVINA

Eu não vou conversar com a velha, não. Vou botar a vassoura atrás da porta para ver se ela cai no mangue. Já estou roxa para meter o focinho na palha. (*Sai.*)

ADELINO

Mas que é que há?

LIBÓRIO

Sabe quem esteve aqui?

ADELINO

Quem foi?

LIBÓRIO

Zulmira.

ADELINO

Zulmira?!

LIBÓRIO

Eu não lhe dizia? Ela está arrependidíssima do que fez e quer voltar para casa...

ADELINO

(*Assustado*) E como há de ser?

LIBÓRIO

Não se assuste. Eu tive uma idéia que é um verdadeiro presente da Providência.

ADELINO

Vejamos.

LIBÓRIO

Espera! Aí vem a baronesa. Vamos para a varanda que eu o ponho ao corrente de tudo. (*Saem para a varanda. A Baronesa e Macário entram.*)

CENA X

(*Macário e a Baronesa. Depois Adelino e Libório*)

BARONESA

(*Vendo que está só com Macário*) Mas diga-me com toda a franqueza. Onde foi o Adelino encontrar essa menina?

MACÁRIO

Não sei, baronesa. Ele me mandou dizer que se casava com uma moça de boa família, pobre, sim, mas honesta e muito bem educada...

BARONESA

Quanto à honestidade, nada posso ainda dizer; mas a respeito de educação, o que me parece é que ela a recebeu no meio da rua.

MACÁRIO

E rua das mais baixas. Não viu os seus modos agora na mesa? Pois é sempre assim...

BARONESA

E a linguagem que ela fala? Eu nunca ouvi coisa igual.

MACÁRIO

O pai, no entanto, parece um homem de certa educação.

BARONESA

É, mas está-se vendo que ele esqueceu de transmiti-la à filha... E a mãe dela? Ela não tem mãe?...

MACÁRIO

Tem, mas ainda não veio aqui.

BARONESA

Vá ver que é da mesma força da filha... (*Desalentada*) Com que gente se foi meter o Adelino!...

MACÁRIO

(*Resignado*) Agora o mal já está feito... É ter paciência... Felizmente, parece que ela é honesta...

BARONESA

E o Adelino gosta muito dela?

MACÁRIO

Homem, baronesa, para falar com franqueza, não sei... Eu já estou aqui há três dias, e ainda não vi os dois trocarem um carinho. Eles quase que vivem afastados.

BARONESA

Quer ver que o Adelino já está arrependido? Esses casamentos assim não duram muito tempo.

MACÁRIO

A escolha foi dele.

BARONESA

Fantasia de rapaz... (*Uma pausa. Adelino e Libório entram.*)

ADELINO

(*Que vem falando a Libório*) Vamos ver se é possível.

LIBÓRIO

Não foi uma bela idéia?

ADELINO

De primeira ordem. O diabo é a tal ceia...

MACÁRIO

(*Aos dois*) Que é que vocês estavam fazendo no jardim?

LIBÓRIO

Fomos fumar um cigarro.

BARONESA

(*A Adelino*) Você também fuma cigarros?

ADELINO

Uma vez ou outra...

BARONESA

(*A Libório*) E o senhor?

LIBÓRIO

É o meu vício...

BARONESA

Eu acho o cigarro uma coisa horrível.

LIBÓRIO

Detestável... Mas eu não sou propriamente um viciado... Fumo apenas um maço por dia.

BARONESA

E o senhor acha pouco?

LIBÓRIO

Às vezes nem isso... Eu fumo por simples distração...

BARONESA
Gosta de charutos?

LIBÓRIO
(*Horrorizado*) Que horror! O charuto eu não trago...

BARONESA
Mas o charuto é outra coisa. As pessoas que apreciam o fumo não deviam fumar senão charutos. Meu marido quase que não tirava o charuto da boca. É muito mais distinto.

LIBÓRIO
Não há a menor dúvida. Eu só não fumo charuto porque fica muito caro. Mas sou um grande apreciador...

BARONESA
O senhor não disse agora mesmo que não tragava o charuto?

LIBÓRIO
A senhora entendeu mal. Eu disse que não trazia. Mas não trago apenas por falta de meio... Se não fosse isso, eu seria como o barão. Era um charuto atrás do outro. (*Conversam baixo.*)

MACÁRIO
(*Baixo a Adelino*) Escute cá, Adelino. Sua sogra não visita vocês?

ADELINO
Visita-nos, pois não.

MACÁRIO
Então por que não veio ainda aqui depois que eu cheguei?

ADELINO
É porque ela está doente... (*Conversa baixo.*)

BARONESA
(*A Libório*) Isso não; meu marido fumava dia e noite e morreu com setenta anos.

LIBÓRIO
Eu sinto que não chegarei até lá... Minha mulher, sim, é que é muito forte. Basta dizer que, em vinte e cinco anos de casado, ainda não a vi doente... nem uma simples dor de cabeça...

MACÁRIO
(*A Adelino, alto*) Mas é grave?

BARONESA
(*Voltando-se para Macário*) Que é que é grave?

ADELINO
O estado de saúde de minha sogra.

BARONESA
(*A Libório*) O senhor não acabou de me dizer que sua senhora nunca esteve doente?

LIBÓRIO
(*Atrapalhado*) Sim... a não ser agora... É a primeira vez... (*Baixo, a Adelino*) Cala a boca, Adelino!... (*Nestor e Etelvina entram.*)

CENA XI
(*Os mesmos, Nestor e Etelvina*)

NESTOR
(*Que vem falando a Etelvina*) Pois está combinado. Iremos todos juntos.

ETELVINA
Está certo.

LIBÓRIO
(*Baixo a Adelino*) Que combinação será essa?

NESTOR
(*A Baronesa*) Sabe, Dindinha, já arranjei companheiros. O Adelino e dona Etelvina também estão tomando banho de mar.

ADELINO
É... mas justamente agora eu ia suspender os banhos a conselho médico.

NESTOR
(*A Etelvina*) A senhora também?

ETELVINA
Eu não. Comigo é à beça.

NESTOR
Então a senhora me fará companhia.

ETELVINA
À toa!...

BARONESA
(*A Etelvina*) E você sabe nadar?

ETELVINA
Eu? Nado como gente grande.

NESTOR
Vamos principiar depois de amanhã. Amanhã vou comprar uma roupa.

BARONESA
Bem, Nestor, vamos para casa, que já é tarde...

MACÁRIO
Já?

LIBÓRIO
(*Sem refletir*) E então? O senhor acha pouco? (*Caindo em si*) A baronesa é doente e uma noitada assim pode fazer-lhe mal... (*À Baronesa*) A senhora deve estar cansadíssima.

BARONESA
Não, eu agora estou até me sentindo bem.

NESTOR
E abusou, comendo não sei quantos pedaços daquele bolo.

BARONESA
Mas não sinto nada... Ao contrário... Estou até mais bem disposta do que estava...

MACÁRIO
Então fique mais um pouco.

BARONESA
Não posso...

LIBÓRIO
(*A Macário*) Ela não pode...

BARONESA
Não posso porque tenho de me levantar amanhã muito cedo para ir ao médico.

LIBÓRIO
E então? (*À Baronesa*) Quer que vá buscar um automóvel?

BARONESA
Não é preciso. O meu carro está aí. (*Esclarecendo*) O carro que o dr. Castro pôs à minha disposição. Eu não ando de automóvel. Para falar a verdade, nunca entrei numa dessas máquinas infernais.

ETELVINA
Que trouxe!... Eu por mim sou maluca por uma chispada.

LIBÓRIO

(Baixo) Cala a boca, Etelvina!

NESTOR

É verdade, os cravos que dona Etelvina me ofereceu.

ETELVINA

Eu vou buscar. (Sai.)

NESTOR

Não é preciso incomodar-se. Eu mesmo vou. (Sai atrás.)

BARONESA

Nestor anda sempre com a cabeça no ar...

ADELINO

(À Baronesa) Quando teremos a senhora novamente aqui?

BARONESA

(Fazendo-se de vítima) Eu não sei se viverei até amanhã!...

MACÁRIO

Assim, a senhora nunca mais ficará boa; é preciso ter confiança em Deus...

BARONESA

Vamos ver o que diz o dr. Madeira. Dizem que ele tem feito curas milagrosas.

LIBÓRIO

(Baixo, a Adelino) Se ele acerta ainda uma vez, adeus Joana. (Ouve-se uma forte alteração lá dentro, entre Etelvina e Maria, e imediatamente o rumor de luta com louças quebradas, cadeiras aos trambolhões, o diabo.)

MACÁRIO

(Espantado) Que é isso?

BARONESA

E Nestor lá dentro...

LIBÓRIO

(A si mesmo) Fechou o tempo! (Adelino vai sair, mas encontra-se com Nestor, que entra espavorido.)

CENA XII

(Libório, Macário, Adelino, Baronesa e Nestor. Depois Etelvina)

BARONESA

(A Nestor) Que é?

NESTOR

Foi dona Etelvina que se pegou com a criada.

LIBÓRIO

Misericórdia! (Cai numa cadeira. Etelvina entra com um aspecto horrível.)

ADELINO

(Desesperado) Que é que você foi fazer, rapariga?!

ETELVINA

Não fiz nada demais. A Maria saiu fora da linha e eu sapequei-lhe o braço... Foi só isso... (Espanto geral)

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário dos atos anteriores)

CENA I

(Adelino e Libório)

ADELINO

O senhor não disse a Zulmira que eu tenho andado com dor de dente? Só por isso é que eu não fui vê-la.

LIBÓRIO

Disse-lhe que, além de dor de dente, você tem tido dor de fígado, dor de estômago, dor de rins, dor de baço... compliquei todas as vísceras; mas nem assim ela se conformou. Quer, por força, vir embora. Foi um trabalho para contê-la...

ADELINO

Que maçada!...

LIBÓRIO

Estou vendo que isso não acaba mais...

ADELINO

Sei lá. Hoje, quando saiu para o seu passeio matinal, tio Macário me comunicou que até o fim da semana talvez fosse embora. Ele ainda não sabe ao certo.

LIBÓRIO

Já é uma esperança...

ADELINO

Mas que adianta isso, se temos agora o Nestor aqui metido?

LIBÓRIO

E eu que pensei que com aquele escândalo promovido pela Etelvina a Baronesa tivesse saído daqui zangada...

ADELINO

(Aborrecido) Qual nada! Se ela saísse zangada, não deixaria aqui o Nestor. (Farto) Eu abriria mão do que ela me prometeu deixar, contanto que essa situação tivesse um fim...

LIBÓRIO

Ela fez sempre a retificação do testamento?

ADELINO

Como hei de saber? Depois que voltou para a fazenda ainda não nos escreveu uma linha.

LIBÓRIO

Nem ao afilhado?

ADELINO

A ninguém. E isso há já oito dias.

LIBÓRIO

Quem sabe se ela não piorou?

ADELINO

É bem possível...

LIBÓRIO

Se a retificação do testamento já estivesse feita, seria até um achado.

ADELINO

O mais provável, entretanto, é que ela já se tenha esquecido do que me prometeu.

LIBÓRIO

Isso é que seria uma espiga.

ADELINO

Eu admiro é a calma do Nestor. Ele vive absolutamente tranqüilo...

LIBÓRIO

Já está dentro do queijo...

ADELINO

Só vendo a alegria com que ele saiu para o banho de mar, em companhia da Etelvina... Pouco se lhe dá a ausência de notícias da baronesa...

LIBÓRIO

Para ele, viva ou morta, a baronesa é um alto negócio. Nunca vi um sujeito de tanto pêlo... (Ouvem-se risadas na rua, de Nestor e Etelvina.)

ADELINO

Lá vêm eles. Eu até vou sair daqui, porque a minha vontade é de enganar os dois. *(Entra no escritório.)*

LIBÓRIO

(Só) Só a chicote!...

(Etelvina e Nestor entram, a correr. Vêm ambos em roupa de banho. Etelvina traz também uma touca de borracha.)

CENA II

(Libório, Etelvina e Nestor)

ETELVINA

Vimos “flechados” desde a praia até aqui. Mas cheguei na ponta...

LIBÓRIO

Vocês vão é molhar a sala toda.

NESTOR

Eu, por mim, já estou seco.

LIBÓRIO

Eu sei que você está seco... mas é melhor entrar lá por dentro. *(A Etelvina)* Esses banhos de mar já estão ficando irritantes.

ETELVINA

Não é preciso o senhor ranzinzar por causa dos banhos. Hoje foi o último.

NESTOR

O último, por quê?

ETELVINA

Porque o senhor está muito “fundo” nessa coisa de banhos de mar.

NESTOR

Eu já nado um bocado.

ETELVINA

Que nada, nada! *(A Libório)* Por um triz que ele hoje se estrepa todo.

NESTOR

Mas eu me defendi.

ETELVINA

Defendeu-se agarrando as minhas pernas.

NESTOR

O seguro morreu de velho.

ETELVINA

Tive que dar tudo para rebocar seu Nestor para a praia.

NESTOR

Mas eu também ajudei.

ETELVINA

(A Libório) Ajudou... O que ele fez foi unhar-se às minhas pernas e abrir o berrador. Eu estava vendo a hora em que dava o prego também.

LIBÓRIO

(A si mesmo) Só a bala!...

ETELVINA

(Mostrando as pernas a Libório) Olhe só como eu fiquei!...

NESTOR

Foi o que encontrei à mão, quando vi que me faltava o pé.

ETELVINA

Bem, vou mudar essa roupa para não me constipar. *(Sai.)*

LIBÓRIO

Você ainda não tem notícias de sua madrinha?

NESTOR

Não. Depois que ela foi embora nunca mais me escreveu.

LIBÓRIO

Quem sabe se ela não está pior?

NESTOR

É o que parece.

LIBÓRIO

E você não pensa em ir vê-la?

NESTOR

(Indiferente) Se houver alguma novidade a gente há de saber...

LIBÓRIO

Eu achava bom você voltar para a fazenda. Pode ter acontecido alguma coisa...

NESTOR

Eu estou tão bem aqui... O senhor não imagina como aquela fazenda é pau. No Rio, sim, é que se vive... Você escrever hoje a dindinha dizendo que, se não houver novidade, ficarei com o Adelino pelo menos até o fim do verão.

LIBÓRIO

(Sem se conter) Você está maluco!

NESTOR

Maluco, por quê?

LIBÓRIO

Você pensa então em viver afastado de sua madrinha?

NESTOR

Por dois ou três meses, não tem importância... E depois, ela está tão doente, que pode muito bem morrer de um momento para outro... Se ela morrer, nós não temos mesmo de “viver” afastados? Portanto... *(Ouve-se a campainha do portão.)*

LIBÓRIO

(Indo à porta e falando para fora) Que é?... Venha até cá... Ah! é um telegrama? *(Recebe um telegrama de alguém de quem só se vê o braço.)*

NESTOR

Telegrama?... *(Aproxima-se.)*

LIBÓRIO

(Voltando-se a ler o endereço) E é para você. *(Dá-lhe o telegrama.)*

NESTOR

Que será? *(Destacando o recibo e dando-o a Libório)* Faça o favor de passar o recibo, que eu não tenho lápis aqui...

LIBÓRIO

Dá cá. *(Passa rapidamente o recibo.)*

NESTOR

Estou até com medo de abrir esse telegrama. *(Principia a tremar.)*

LIBÓRIO

Deixe de mariquices. *(Vai à porta e fala para fora.)* Olha o recibo! *(O mesmo braço aparece e toma o recibo.)*

NESTOR

(Enchendo-se de coragem) Ora... *(Abre o telegrama e vê a assinatura.)* É do administrador da fazenda...

LIBÓRIO

É o que ele diz?

NESTOR*(Lendo, aflito)* “Baronesa partiu para o além”... *(Num grito que não se sabe se é de dor ou de alegria)* Dindinha morreu!**LIBÓRIO**Morreu?! *(Abraçando-o)* É com o maior prazer que lhe dou os meus pêsames.**NESTOR**

E agora?

LIBÓRIO

Agora é você entrar na parte que lhe cabe na herança e não se esquecer de que sempre fomos amigos.

NESTOR

Tenho que partir para a fazenda hoje mesmo. Que maçada!

LIBÓRIO

Vamos todos juntos. O Adelino e o Macário naturalmente irão também.

NESTOR

E, vamos juntos. Eu pago as despesas. A viagem será mais alegre.

LIBÓRIOVou chamar o Adelino. *(Batendo na porta do escritório)* Adelino!... Adelino!... *(Adelino aparece.)***CENA III***(Libório, Adelino e Nestor)***ADELINO**

Que há?

LIBÓRIO

Morreu a baronesa!

ADELINO

Morreu!?

NESTORAqui está um telegrama do administrador dizendo que dindinha partiu para o além... *(Dá o telegrama a Adelino.)***LIBÓRIO**

O além é o paraíso... ou o inferno...

ADELINO*(Passando os olhos pelo telegrama)* Mas quem foi que leu aqui “partiu para o além”?**NESTOR**

Não é o que está escrito?

ADELINOO que eu leio aqui é simplesmente isto: *(Lê)* “Baronesa partiu para aí”.**LIBÓRIO**Heim?! *(Toma o telegrama e lê.)* É. “Baronesa partiu para aí”.**NESTOR***(Com ar estúpido)* Como foi então que eu li “para o além”?**LIBÓRIO**

Foi a aflição...

NESTORO pior é que não se diz quando ela partiu... Em todo caso, vou me vestir para esperá-la na estação. *(Sai.)***ADELINO**

Que é que a baronesa vem fazer aqui, depois de já ter ido embora para sua fazenda?

LIBÓRIO*(Apreensivo)* Quer ver que ela volta para o Rio porque melhorou?**ADELINO**

Daí talvez esteja ainda pior e tenha resolvido vir morrer aqui.

LIBÓRIO

Se a retificação do testamento está feita, é negócio.

ADELINO

E Zulmira?

LIBÓRIO

Zulmira que espere mais um pouco. Não foi ela que arranhou tudo isso?

ADELINO

E se eu aproveitasse a vinda da baronesa e contasse toda a história, tanto a ela como a tio Macário?

LIBÓRIO

Você perdeu o juízo! Para chegar a esse resultado não valia a pena despende tanto esforço.

ADELINO

Não há dúvida. Mas eu já estou farto de toda essa coisa.

LIBÓRIO

Você se esquece também de que Zulmira não conhece ainda o embrulho que arranjamos.

ADELINO

A Zulmira eu vou contar tudo hoje mesmo. Já não posso mais.

LIBÓRIO

E ela concordará em que a Etelvina continue a substituí-la, enquanto permanecer a situação?

ADELINO

Se não concordar, melhor. Eu quero acabar com isso de qualquer maneira.

LIBÓRIO

Calma, rapaz! Calma!... O seu tio já disse que vai embora até o fim da semana; a baronesa, se não morre nesses dias mais próximos, naturalmente irá também. Vamos dizer-lhe agora que o seu mal não tem mais cura, que ela está morrendo a prestações, que o que ela precisa fazer, depois de retificar o testamento, está claro, é meter-se em sua fazenda, recomendar-se a Deus e esperar tranquilamente a morte. Ela parece que gostou aqui da casa, porque nós todos a animamos.

ADELINOE, enquanto isso, a Etelvina ficará fazendo aqui o que entende. Eu já nem posso mais olhar para a cara dessa rapariga... *(Fonfona um automóvel à porta.)***LIBÓRIO**Quem será, de automóvel? *(Vai à porta e mostra-se espantado.)* É a baronesa?! Não é possível... Mas é a baronesa mesmo...**ADELINO**Se é a baronesa, vamos ajudar a carregá-la. *(Vai também à porta.)***LIBÓRIO**Não é preciso. Ela já desceu do automóvel e está abrindo o portão. *(Falando para fora)* Salve!

ADELINO

(*Espiando por cima do ombro de Libório*) Não é a baronesa... (*Um tempo. A Baronesa aparece. Vem forte e sacudida, em traje de viagem, carregando uma valise.*)

CENA IV

(*Libório, Adelino e a Baronesa, depois Etelvina*)

BARONESA

(*Muito alegre*) Não contavam comigo, não é? (*Abraça Adelino.*) Como vai, senhor Libório? (*Aperto de mãos.*)

LIBÓRIO

Como a senhora está mudada!... Ninguém dirá que é a mesma que saiu daqui há oito dias.

BARONESA

(*A Adelino*) Vocês estão abismados, heim?

ADELINO

Realmente...

BARONESA

Vocês não podiam pensar em me ver aqui, não é verdade?

LIBÓRIO

Nós não podíamos pensar que a senhora tivesse melhorado tanto. Quanto à sua vinda, não. Já sabíamos.

BARONESA

Sabiam?

ADELINO

Sabíamos.

BARONESA

Como, se eu não mandei dizer nada? Eu queria surpreendê-los com a minha presença aqui.

ADELINO

O administrador da fazenda enviou um telegrama a Nestor comunicando a sua partida.

BARONESA

Que idiota!...

LIBÓRIO

Por sinal que o telegrama nos causou um grande susto. Ou melhor, o que nos assustou foi a maneira por que o Nestor o leu.

BARONESA

Que dizia o telegrama?

LIBÓRIO

Dizia simplesmente: “Baronesa partiu para aí”; mas o Nestor leu: “partiu para o além”...

BARONESA

Tem graça...

ADELINO

Nós não fomos esperá-la na estação porque recebemos o telegrama agora mesmo e não sabíamos a que horas a senhora chegava.

BARONESA

A minha decepção ainda seria maior, se os encontrasse na estação...

LIBÓRIO

Mas como foi esse milagre?

BARONESA

Um verdadeiro milagre, não?

LIBÓRIO

A senhora que se dizia às portas do túmulo...

BARONESA

Pois estou completamente curada.

ADELINO

Mas que é que a senhora tinha, afinal?

BARONESA

O que eu tinha? Coisa muito grave: uma profunda neurastenia, complicada pela assistência clínica do dr. Borges. O homenzinho, além das drogas que me impingia, ainda me matava de inanição. O que eu precisava era comer... Comi, fiquei boa.

LIBÓRIO

Ainda há quem diga que não se morre de fome...

BARONESA

É verdade... O pior é que levei quase dez anos a caldinhos de frango!... Nada mais do que isso...

LIBÓRIO

O que a senhora podia ter comido durante esse tempo todo...

BARONESA

Felizmente salvei-me.

ADELINO

E nós aqui assustados com a falta de notícias. Nem ao menos a senhora escreveu para o Nestor.

BARONESA

Este patife era um perfeito cúmplice do dr. Borges. Foi por isso que eu o deixei aqui quando o dr. Madeira me recomendou que voltasse para minha fazenda, abandonasse todos os remédios e, principalmente, comesse à vontade.

ADELINO

A senhora não teve medo, a princípio, de adotar esse novo regime?

BARONESA

Não, porque nas poucas vezes em que comi senti-me sempre melhor. Na noite em que estive aqui, eu abusei daquele bolo apesar dos protestos do Nestor. Pois fiquem sabendo que nunca dormi tão bem. Nunca dormi tão bem, durante a minha moléstia, entenda-se...

LIBÓRIO

(*Retificando*) A sua fome...

BARONESA

Porém, agora não. Agora, eu durmo oito horas a seguir, com a maior tranqüilidade... Também as minhas refeições são sempre de sete ou oito pratos.

LIBÓRIO

(*A Adelino*) Zulmira é que se daria bem com a baronesa.

BARONESA

Quem?

LIBÓRIO

(*Atrapalhado*) Dona Zulmira... uma senhora de nossas relações...

BARONESA

Gosta de comer bem?

LIBÓRIO

Gosta, sobretudo, de ver os outros comerem.

BARONESA

Então deve ser uma excelente pessoa. Apresentem-me a essa senhora.

LIBÓRIO

Fica para a primeira oportunidade.

ADELINO

Escute, baronesa, a senhora pretende ficar muito tempo aqui?

BARONESA

Não sei ainda. Se me der bem, ficarei alguns meses...

LIBÓRIO

(A si mesmo) Era fatal!

BARONESA

(Mudando de tom) Vocês naturalmente ainda não almoçaram.

ADELINO

Nós estamos acostumados a almoçar ao meio-dia...

BARONESA

Ao meio-dia ainda? É muita coisa...

ADELINO

Mas eu vou ver se se apressa o almoço hoje.

BARONESA

Não, não é preciso apressar nada. Basta que você me mande arranjar uma coisinha qualquer até a hora do almoço.

ADELINO

Que há de ser? Um chazinho?

BARONESA

Qual chá! Eu quero quatro ovos quentes e meia garrafa de leite. É só para fazer uma bucha.

LIBÓRIO

(Baixo) Livra!

BARONESA

(Mudando de tom) Outra coisa...

LIBÓRIO

Quer também uma canja para rebater?

BARONESA

Não. Outra coisa que vou dizer. Como eu sei que estou causando uma grande decepção aos meus herdeiros, com o meu novo estado de saúde, resolvi dar um prêmio a cada um, para evitar lamentações... *(Etelvina aparece e fica espiando.)*

LIBÓRIO

Muito bem...

BARONESA

(A Adelino) A você vou dar duzentos contos...

ADELINO

Oh! baronesa...

BARONESA

(A Libório) E ao senhor, como é uma boa pessoa...

LIBÓRIO

E um amigo...

BARONESA

Darei cinqüenta contos.

LIBÓRIO

(Pegando-lhe a mão) Consinta que lhe beije a mão. *(Beija-a.)*

ADELINO

Vou mandar preparar o seu lanche. Seis ovos e uma garrafa de leite, não é?

LIBÓRIO

Não. Uma dúzia de ovos e dois litros de leite.

ADELINO

(Ao sair, dando com Etelvina) Que é que você está fazendo aí?

ETELVINA

Estou só tirando um fiapo... *(Adelino sai.)*

BARONESA

(Vendo Etelvina) Oh! Como vai você?

ETELVINA

(Aproximando-se) Como vai, dona aquela?

LIBÓRIO

(Baixo) Cala a boca, Etelvina!...

ETELVINA

(Abraçando a Baronesa) A senhora está gorda...

BARONESA

Você também... *(Velhaca)* Então, já fez as pazes com sua criada?

ETELVINA

Com a Maria? Que esperança! Desde aquela noite que ela comprou bicicleta e ainda está correndo...

LIBÓRIO

(Baixo) Cala a boca, Etelvina!... *(À Baronesa)* Venha, baronesa! Eu quero ter a honra de servi-la. *(Ouve-se a campainha do portão.)*

ETELVINA

Podem ir, que eu já vou. *(Dirige-se para a porta do jardim.)*

LIBÓRIO

Não é preciso. *(Sai com a Baronesa.)*

ETELVINA

(Espionando para fora) Quem é? *(Vendo quem é)* Ah! é você?... *(Um tempo, Manoel aparece.)*

CENA V

(Etelvina, Manoel e depois Macário)

MANOEL

Como vai, heim?

ETELVINA

Que é que você está fazendo?

MANOEL

Voltei a vender verduras... O patrão me mandou embora não sei por que... *(Reparando)* Mas você está agora por cima!...

ETELVINA

Você, vírgula... Trate-me melhor porque eu já não sou da mesma zona.

MANOEL

Está-se a ver...

ETELVINA

Quem manda agora neste mafuá sou eu.

MANOEL

Você?! *(Emendando-se)* Quer dizer, a senhora?...

ETELVINA

Não sou digna?

MANOEL

E a patroa?

ETELVINA

Você não sabe que a patroa deu o fora?

MANOEL

E não voltou mais?

ETELVINA

Voltar para quê? Eu não estou aqui fazendo as vezes dela?

MANOEL

Ah! é você que faz as vezes?

ETELVINA

E hei de fazer enquanto Deus não mandar o contrário...

MANOEL

(Sentido) Eu não sabia que você era assim perjura...

ETELVINA

Era quê?

MANOEL

Perjura.

ETELVINA

Troque isso em miúdos, que eu não “capisco” a sua língua.

MANOEL

Eu estou dizendo que nunca pensei que você fosse tão ingrata.

ETELVINA

Ingrata por quê? Eu trato apenas de me defender...

MANOEL

E eu que estava tão contente... O meu negócio da chácara de flores deve estar feito dentro de um mês.

ETELVINA

E então? A coisa aqui também está por pouco. Quando o tio do patrão for embora, eu faço as minhas contas e fico livre...

MANOEL

E casa comigo?

ETELVINA

A correr. Eu não posso ficar desempregada.

MANOEL

(Louco de alegria) Ah! Etelvinazinha do meu coração! *(Abraça-a.)*

ETELVINA

Espere, que você assim me suja toda.

MANOEL

Não faz mal... *(Aperta-a. Macário aparece e fica petrificado.)*

MACÁRIO

(Depois de tomar fôlego) Que pouca vergonha é essa aí?

ETELVINA

Cai no manguê, Manoel! *(Foge para dentro.)*

MACÁRIO

Desavergonhada! *(Olha Manoel com ódio.)*

MANOEL

(Tremendo) Eu agora sou verdureiro, sim, senhor... O cesto está lá fora.

MACÁRIO

E que é que estava fazendo aqui?

MANOEL

Vinha saber se a patroa queria verduras...

MACÁRIO

Ponha-se lá fora!... *(Ergue o guarda-chuva.)*

MANOEL

(Recuando, espantado) Com licença de “vossoria”... Com licença de “vossoria”... *(Sai.)*

MACÁRIO

(Caindo numa cadeira) Nem honesta ela é!... *(Fica um tempo a falar sozinho.)* Quem havia de dizer que meu

sobrinho... Qual! É o primeiro caso em nossa família... *(Libório entra.)*

CENA VI

(Macário e Libório)

LIBÓRIO

Ora! Já está de volta?

MACÁRIO

(Seco) Estou...

LIBÓRIO

(Estranhando o modo de Macário) Que é que o senhor tem? Veio da rua zangado?...

MACÁRIO

O senhor bem mostra que não sabe o que eu sei...

LIBÓRIO

Que é que o senhor sabe?

MACÁRIO

Que é que eu sei? *(Resoluto)* Pesa-me muito dizer, porque o senhor é que deve sofrer mais do que eu... *(Furioso)* Mas eu não posso guardar...

LIBÓRIO

Pois desembuche logo de uma vez!...

MACÁRIO

Muito bem. Fique o senhor sabendo que sua filha, a esposa de meu sobrinho, é uma perdida...

LIBÓRIO

(Num salto) Como se atreve o senhor a dizer uma coisa dessas! De quem ouviu semelhante infâmia? Diga-me quem foi, porque quero estrangular o patife!...

MACÁRIO

Ninguém me disse nada.

LIBÓRIO

Ninguém lhe disse nada? É então invenção sua?...

MACÁRIO

(Ofendido) Invenção minha?! Eu estou dizendo o que acabo de ver.

LIBÓRIO

Que é que o senhor viu?

MACÁRIO

Vi sua filha abraçada com o Manoel, agora mesmo, aqui nesta sala...

LIBÓRIO

(Num grito de supremo alívio) Ora sebo, meu amigo!...

MACÁRIO

(Espantado) Sebo?!

LIBÓRIO

(Calmo) Isso não tem a menor importância...

MACÁRIO

(Assombrado) Não tem importância?!

LIBÓRIO

Nenhuma, absolutamente... *(Entra no escritório.)*

MACÁRIO

(Desorientado) Que homem, minha nossa Senhora!... *(Fica um tempo bestificado, mas depois resolve-se.)* Não! Meu sobrinho tem de saber de tudo... *(Adelino entra.)*

CENA VII

(Macário e Adelino)

ADELINO

(Vendo Macário) Sabe quem está aí? A baronesa...

MACÁRIO*(Com uma cara horrível)* Deixe lá a baronesa...**ADELINO***(Assustado)* Que é que o senhor tem? Está sentindo alguma coisa?**MACÁRIO***(Abraçando Adelino)* Ah! meu filho! Que desgraça!... *(Rompe a chorar.)***ADELINO**

Que é, meu tio?!

MACÁRIO

A maior desgraça que podia acontecer... Chore comigo, meu filho!...

ADELINO

Eu não sei do que se trata...

MACÁRIO

Eu sei que você não sabe. Ah! quando você souber, a coisa não fica assim. É o primeiro caso em nossa família...

ADELINO*(Apavorado)* Mas que é, afinal?**MACÁRIO**

Coragem, meu filho, mas é preciso que você saiba.

ADELINO

Estou ansioso por isso.

MACÁRIO

Pois lá vai! A sua mulher... não lhe é fiel...

ADELINO*(Assombrado)* Minha mulher?!**MACÁRIO**

É o que lhe estou dizendo. E tudo de conchavo com o pai, esse velho sem-vergonha que está aí dentro do escritório.

ADELINO

O senhor está enganado...

MACÁRIO

Eu?... O enganado é você...

ADELINO*(Desorientado)* Mas venha cá, meu tio, conte-me esse negócio com maior clareza. Como foi que o senhor soube disso?**MACÁRIO**

Eu não soube de ninguém... eu vi...

ADELINO

Viu?!

MACÁRIO

Com esses olhos que a terra há de comer...

ADELINO

Mas viu quando? onde? como?

MACÁRIO

Aqui nesta sala, agorinha mesmo...

ADELINO*(Respirando com satisfação)* Ah!... Aqui nesta sala?**MACÁRIO**

Sim. Apanhei aqui sua mulher, abraçada com Manoel...

ADELINO*(Aliviado)* Ora, meu tio, o senhor me pregou um susto enorme, sem o menor motivo...**MACÁRIO***(Assombrado)* Como é?**ADELINO**

Isso não vale nada...

MACÁRIO

Não vale nada?!?!...

ADELINOPelo menos não me interessa... *(Procurando lembrar-se)* Até me esqueci do que vinha fazer aqui... *(A Macário, que olha entre assombrado e enojado)* O senhor vê como anda a minha cabeça?**MACÁRIO***(Intencional)* Estou vendo...**ADELINO***(Recordando-se)* Ah! Vim buscar a valise da baronesa. *(Apanha a valise,)* Venha, meu tio, venha ver como a baronesa está outra... *(Sai. Fonfona um auto lá fora.)***MACÁRIO**Sim, senhor!... É o primeiro caso em nossa família, mas é completo!... *(Tomando uma resolução brusca)* Qual! Eu não fico mais aqui nem um minuto. Vou já preparar minhas malas... *(Saindo)* Isto não é uma casa, é... *(Sai. Um tempo. Libório sai do escritório ao mesmo tempo que Emília aparece à porta do jardim.)*

CENA VIII

*(Libório e Emília; depois, Baronesa e Adelino)***LIBÓRIO***(Danado, à Emília)* Você outra vez aqui!**EMÍLIA**

Foi Zulmira que me obrigou a vir...

LIBÓRIO

Que é que ela quer?

EMÍLIA

Quer que eu leve o Adelino à sua presença.

LIBÓRIO

Você volte já para casa e diga a Zulmira que deixe de tolices.

EMÍLIA

Se o Adelino não for lá agora, ela virá aqui. Deixei-a já pronta para sair.

LIBÓRIO

Neste momento ele não pode sair de casa. A baronesa está novamente aí.

EMÍLIAEntão não sei como há de ser. Ela me deu quinze minutos para resolver este caso. Eu o entrego a você... *(Vai espiar pela fresta da janela.)***LIBÓRIO**É fantástico!... Isto tudo justamente no dia em que a baronesa me faz aquela promessa!... *(Senta-se, pensativo.)***EMÍLIA***(Espiondo)* Oh! senhor! Não é que o homem da roupa cor de macaco permanece no mesmo lugar!...**LIBÓRIO***(A si mesmo)* Não haverá um meio de evitar que Zulmira venha hoje aqui?... *(Para Emília, distraída em ver o que se passa na rua)* Você não tem uma idéia?... *(Irritado, depois de uma pausa)* Vamos. Emília, deixe essa janela e ajude-me a encontrar um meio de evitar que Zulmira apareça hoje aqui.

EMÍLIA

Que meio pode ser esse? Você sabe perfeitamente como Zulmira é... *(Volta a espiar.)*

LIBÓRIO

(Irritadíssimo) Mas largue essa janela, com todos os diabos! Você ainda tem ânimo para bisbilhotar a vida alheia numa situação dessa ordem?

EMÍLIA

Eu não estou bisbilhotando a vida de ninguém... *(Sai da janela.)*

LIBÓRIO

Que é que lhe ocorre para evitar a catástrofe?

EMÍLIA

A mim não ocorre nada. Estou vendo apenas que o tempo vai passando e você não anda nem desata. Daqui a pouco Zulmira está chegando.

LIBÓRIO

(Quase chorando de raiva) Justamente no momento psicológico! *(Súplice)* Vamos, Emília, corra lá em casa e atire-se aos pés de Zulmira! Diga-lhe que, se ela vier hoje aqui, eu me suicidarei. Mova-lhe os sentimentos de piedade filial!...

EMÍLIA

No estado em que Zulmira está, não haverá argumento que a convença...

BARONESA

(Que entra falando a Adelino) Agora, sim, já posso esperar o almoço...

ADELINO

(Vendo Emília) Minha sogra aqui!

BARONESA

Sua sogra?

LIBÓRIO

(Apresentando Emília) Sim, é minha mulher... *(A Emília)* É a senhora baronesa... *(Aperto de mãos)*

EMÍLIA

(Espantada) Mas você não me disse que a baronesa estava gravemente enferma?

BARONESA

Estive. Felizmente já estou completamente curada... A senhora também ficou boa?...

EMÍLIA

Eu nunca estive doente. *(A Baronesa olha para Libório.)*

LIBÓRIO

(Olhando para Emília) Então você não esteve doente ainda a semana passada?

EMÍLIA

(Compreendendo) Uma coisa passageira...

BARONESA

(Irônica) Tenho apreciado muito a sua filha... É um encanto...

EMÍLIA

(Espantada) Minha filha?!...

BARONESA

Sim, a esposa do Adelino...

EMÍLIA

A senhora a conhece?

BARONESA

Se a conheço?!

ADELINO

Venha ver o tio Macário, baronesa. Ele parece que lhe quer falar...

BARONESA

Eu não lhe falei porque ainda não o vi.

ADELINO

Ele acaba de chegar agora da rua.

BARONESA

Então vamos. Com licença... *(Saindo, baixo, a Adelino)* Sua sogra parece que é idiota...

ADELINO

(Baixo) Mais ou menos... *(Saem.)*

EMÍLIA

(A Libório) A baronesa conhece Zulmira?!

LIBÓRIO

Se ela diz que conhece...

EMÍLIA

Mas conhece de onde, se a Zulmira nunca esteve com ela em lugar nenhum?

LIBÓRIO

Isso agora é que eu não sei...

EMÍLIA

(Em dúvida) Não, Libório, aqui há tramóia...

LIBÓRIO

Tramóia como?

EMÍLIA

Não sei como, mas não pode deixar de haver tramóia...

LIBÓRIO

Deixe-se você também de coisas...

EMÍLIA

Mas não faz mal. Zulmira deve andar por aí e é ela quem vai dizer de onde conhece a baronesa...

LIBÓRIO

(Baixo) Oh! buraco!...

EMÍLIA

É questão de alguns minutos...

LIBÓRIO

(Resolvido) Você quer saber de uma coisa? Vou contar-lhe toda a verdade.

EMÍLIA

A respeito de quê?

LIBÓRIO

A respeito do que se tem passado aqui. Venha cá para o escritório... *(Leva Emília para o escritório e fecha-se por dentro. Um tempo. Adelino entra, falando sozinho.)*

CENA IX

(Adelino e logo depois Zulmira. Depois Libório)

ADELINO

Isto hoje acaba mal... *(Reparando que a sala está deserta)* Onde se meteram eles? Querem ver que meu sogro saiu pela porta fora e minha sogra atrás dele? *(Encaminha-se para a porta do jardim, mas estaca à entrada de Zulmira, que fica também indecisa ao dar com ele.)*

ZULMIRA

(Depois de um momento de indecisão, atirando-se aos braços de Adelino) Adelino!

ADELINO

Zulmira!

ZULMIRA

Eu perdôo tudo o que você fez...

ADELINO

E eu também, meu amor...

ZULMIRA

Quantos dias separados!...

ADELINO*Quantas noites!... (Ficam um tempo abraçados. Abre-se a porta do escritório e Libório aparece. Os dois separam-se.)***LIBÓRIO***(Vendo Zulmira) Oh! você já está aí?***ZULMIRA**

É mamãe?

LIBÓRIO

Está aí dentro. Entre um pouco que ela tem uma história muito interessante para lhe contar.

ZULMIRA

Eu já estou farta de histórias.

LIBÓRIO

Mas ouça mais essa, que parece que é a última.

ZULMIRA*Vejamos. (Entra no escritório.)***ADELINO**

Que nova notícia é essa?

LIBÓRIO

Contei tudo a Emília, e ela vai fazer o mesmo com Zulmira.

ADELINO*(Ansioso) E que é que minha sogra fez?***LIBÓRIO**

Achou até graça. Achou, sobretudo, imensa graça quando eu lhe disse que a baronesa vai dar duzentos contos a você e cinquenta cá ao degas.

ADELINO

Resta saber agora se Zulmira aceita também entrar no complô.

LIBÓRIONão pode recusar; trata-se da salvação geral... *(Outro tom) Vou para o jardim esperá-las... Parece que está tudo resolvido...***ADELINO**

Mas, Zulmira, que é que ela fica sendo no meio de tudo isso?

LIBÓRIO

Não fica sendo nada. Ela vai já para casa e não voltará aqui, enquanto não se restabelecer a ordem. Eu vou levá-las...

ADELINO*Eu tenho medo que Zulmira, com seu gênio... (É interrompido por uma gargalhada de Zulmira.)***LIBÓRIO***(Chamando a atenção de Adelino) Olhe, Zulmira também aderiu! Eu estou no jardim. (Sai. Emília e Zulmira saem do escritório.)***CENA X***(Adelino, Zulmira e Emília)***ADELINO***(Vendo Zulmira) Perdoe, sim?***ZULMIRA***(Resignada) Que se há de fazer?...***EMÍLIA**

Onde está Libório?

ADELINO

Já está no jardim...

EMÍLIAVamos então, Zulmira... *(Sai.)***ZULMIRA***(A Adelino) Logo mais lá em casa, heim!...***ADELINO***Naturalmente. (Abraçam-se e ficam assim um tempo. A Baronesa aparece.)***CENA XI***(Adelino, Zulmira e a Baronesa)***BARONESA***Oh!... (Os dois se afastam.)***ADELINO**

Baronesa...

BARONESA*(Sorrindo) Eu sei perfeitamente que você não pode amar sua mulher... É muito explicável... Agora, o que não me parece explicável é que você nem ao menos respeite o seu lar...***ADELINO***(Atrapalhado) Perdão, baronesa...***BARONESA***É inútil defender-se... Essas coisa não têm defesa... (Assestando o lorgnon para Zulmira, que está sem saber o que fazer) Aliás, a pequena é bem interessante... Mas nem assim eu o perdôo.***ZULMIRA***(Enchendo-se de coragem) Eu lhe juro, baronesa...***BARONESA***(Interrompendo) Que não gosta deste rapaz?...***ZULMIRA**

Não é bem isso. Mas a senhora está fazendo uma grande confusão a meu respeito...

BARONESA

Vamos a saber: a menina gosta ou não gosta do Adelino?

ZULMIRA*(Firme) Gosto...***BARONESA**

Ignora que ele é casado?...

ZULMIRA*(Depois de um momento de indecisão) Não...***BARONESA**

Sabe que esta aqui é a casa de sua esposa?...

ZULMIRA*(Quase maquinalmente) Sei...***BARONESA**

Então...

ZULMIRA

Mas, baronesa...

BARONESA*(Sem lhe dar atenção, voltando-se para Adelino) Há pouco seu tio dizia-me umas coisas a seu respeito, que não consegui entender muito bem... Estou percebendo agora... Ele tem razão em não querer mais relações com você.*

ZULMIRA

(*A Adelino*) É preciso explicar tudo à baronesa...
(*Macário e Nestor entram.*)

CENA XII

(Os mesmos, Macário, Nestor e, sucessivamente, Libório, Etelvina e Emília)

NESTOR

(*Que entra falando a Macário, que parece furioso*) Mas por que, se isto aqui é tão bom?... (*À Baronesa*) Olhe, dindinha, seu Macário embarca hoje para a fazenda.

MACÁRIO

Hoje, sem falta. Nunca pensei que tivesse um parente assim. (*Senta-se sem dar mesmo atenção a Zulmira e fica pensativo.*)

BARONESA

Eu fico ainda algum tempo no Rio... (*Intencional*) Mas na casa do dr. Castro...

LIBÓRIO

(*Entrando*) Vamos ou não vamos? (*Vendo os outros, fica um pouco atrapalhado e indaga a esmo.*) Que há?...

ADELINO

(*Aproximando-se da Baronesa*) Baronesa, eu me vejo na contingência de lhe contar tudo... (*Etelvina aparece.*)

BARONESA

(*Impondo-lhe silêncio*) Silêncio!... Poupe ao menos um desgosto à sua esposa...

ETELVINA

(*Depois de vacilar um pouco, vendo Zulmira*) Bom dia...

BARONESA

(*Mostrando Zulmira a Etelvina*) Não conhece? (*Libório faz sinal a Etelvina para dizer que não.*)

ETELVINA

(*Sem se incomodar com os sinais de Libório*) Ué!...

BARONESA

Pois vou apresentar-lhe: uma de minhas amigas que me veio visitar...

ETELVINA

(*Voltando ao seu natural*) Ora, baronesa, pra cima de "moi"? (*Emília entra e fica sem compreender.*)

LIBÓRIO

(*Baixo*) Cala a boca, Etelvina!...

BARONESA

(*A Etelvina*) Que diz você?

ETELVINA

Pois então a senhora quer me apresentar dona Zulmira, a minha patroa?... (*Espanto da Baronesa.*)

NESTOR

A sua patroa?!...

ETELVINA

Minha patroa, sim, mulher de seu Adelino e dona dessa caranguejola toda...

MACÁRIO

(*Levantando-se*) Heim?!...

LIBÓRIO

(*Pondo as mãos na cabeça*) Deu-se a catástrofe!...

EMÍLIA

(*Abrindo os braços a Zulmira*) Minha filha!

ZULMIRA

(*Caindo-lhe nos braços*) Mamãe!

MACÁRIO

(*A Adelino*) Como é isso, Adelino?!...

ADELINO

É assim mesmo, meu tio...

BARONESA

Assim mesmo, como?...

ADELINO

Minha esposa é ali Zulmira. A Etelvina é apenas nossa criada.

MACÁRIO

(*Mostrando Etelvina*) Você não é marido da Etelvina?...

ADELINO

Nunca fui. (*Vai juntar-se a Zulmira.*)

LIBÓRIO

Nem eu o pai...

NESTOR

Hom'essa!...

LIBÓRIO

(*A Macário*) Mas eu lhe explico o que houve...

MACÁRIO

Não precisa explicar mais nada. Basta o peso que tirei da consciência... Era o primeiro caso em nossa família...

LIBÓRIO

(*Voltando-se para a Baronesa*) Mas à baronesa eu faço questão de explicar.

BARONESA

O principal eu já sei e alegre-me bastante...

MACÁRIO

(*A Zulmira*) Venha cá, minha filha, abrace o seu tio!

ZULMIRA

Com imenso prazer. (*Abraçam-se.*)

LIBÓRIO

(*A Baronesa*) Não, baronesa, eu faço questão de me explicar com a senhora...

BARONESA

O senhor se explicará como entender, mas depois do almoço... (*A Zulmira*) Agora, um abraço para mim... (*Abre-lhe os braços.*)

ZULMIRA

Baronesa!... (*Abraça-a.*)

ETELVINA

(*Baixo, a Libório*) O senhor tem de se explicar é comigo...

LIBÓRIO

Que é que você quer?

ETELVINA

Os dois contos que o senhor me prometeu...

LIBÓRIO

(*Furioso, entre dentes*) Cala a boca, Etelvina!...

FIM

Obs.: Cala a boca, Etelvina! Foi apresentada pela primeira vez no Teatro Trianon do Rio de Janeiro, em 9 de junho de 1925.

PEÇAS PUBLICADAS NA TEATRO DA JUVENTUDE

Edição 01 (Agosto de 1995)

História do Barquinho _____ Ilo Krugli
 A Pilula Falante _____ Monteiro Lobato – Adap. Júlio Gouveia
 A Sopa de Pedra _____ Tatiana Belinky
 Tratível de pragmatifitotinelux _____ Roberto Freire
 Lambe-Beijos e seu Criado Cata-Farelos _____ Fábio Gaia
 A Moreninha _____ Miroel Silveira

Edição 02 (Outubro de 1995)

Pinóquio – Collodi _____ Texto de Alceu Nunes
 O Gigante _____ Walter Quaglia
 Os Dois Timidos– Eugéne Labiche _____ Trad. Osmar Cruz
 Uma Consulta _____ Arthur Azevedo*
 Cena de Natal _____ Renata Pallottini
 Boa Noite, Felipe _____ Jair Therezinha Aguiarsky Dânia
 O Segredo de Natal _____ Hagar Aguiar Caruso

Edição 03 (Dezembro de 1995)

Tremembé Jones contra Kong-Kong _____ Chico de Assis
 Tronocrono _____ Gabriela Rabelo e José Rubens Siqueira
 Fofo, meu amor _____ Ricardo Gouveia
 Aves exóticas voam para Vazabarris _____ Décio Gentil e Adir de Lima

Edição 04 (Fevereiro de 1996)

Cegonha boa de bico _____ Marilu Alvarez
 Soltando o verbo _____ Zecarlos de Andrade
 Buchicho _____ Gilda Vanderbrande
 Este ovo é um galo _____ Lauro Cesar Muniz

Edição 05 (Abril de 1996)

O Castelo de Mulumi _____ Jurandyr Pereira
 Feitiço da Vila _____ Zeca Capellini e Cláudia Dalla Verde
 Capital Federal _____ Arthur de Azevedo*

Edição 06 (Junho de 1996)

A flautinha de Uirá _____ Stella Leonardos
 Cupido e Stanislavsky _____ Ricardo Gouveia
 Arena conta Tiradentes _____ Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

Edição 07 (Agosto de 1996)

E as bruxas foram à Lua _____ Roberto Rocha Coelho
 O palhaço do Planeta Verde _____ Hilton Have
 Parlapatões, Patifes e Paspalhões _____ Hugo Possolo
 Maldita Parentela _____ França Júnior*
 Quem casa, quer casa _____ Martins Pena*

Edição 08 (Outubro de 1996)

Quem casa quer casa – ou não? _____ Tatiana Belinky
 A ver Estrelas _____ João Falcão
 Farsa da boa preguiça _____ Ariano Suassuna*

Edição 09 (Dezembro de 1996)

O palhacinho triste e a rosa _____ Maria Cecilia Oliveira Marques
 Canção de Assis _____ Júlio Fisher
 Canção de Natal _____ Ricardo Leite
 As aventuras de Ripió Lacraia _____ Chico de Assis

Edição 10 (Fevereiro de 1997)

Libel e o Palhacinho _____ Jurandyr Pereira
 Somos todos do jardim da infância _____ Domingos de Oliveira
 Uma vendedora de recursos _____ Gastão Tojeiro*
 Uma lição longe demais _____ Zeno Wilde

Edição 11 (Abril de 1997)

O ovo de Páscoa trincado _____ Sylvia Lee
 Colombo – O novo mundo _____ Walter Quaglia
 Em moeda corrente do país _____ Abílio Pereira de Almeida

Edição 12 (Junho de 1997)

Um certo patinho feio _____ Gilda Vanderbrande
 Enquanto se vai morrer _____ Renata Pallottini
 Mumu, uma vaca metafísica _____ Marcílio Moraes

Edição 13 (Agosto de 1997)

Crocodilo do Nilo _____ Zeca Capellini, Cláudia Dalla e Lica Neaime
 O Violino Mágico _____ Júlio Fischer
 Feitiço dos Deuses _____ Marilu Alvarez
 Nó de quatro pernas _____ Nazareno Tourinho

Edição 14 (Outubro de 1997)

Praça de Retalhos _____ Carlos Meceni
 Festa de Natal _____ Maria Vera Siqueira
 A magia dos brinquedos _____ Rita Marta Mozetti
 A história de Tião Bolero _____ Hugo Possolo
 O evangelho segundo Zebedeu _____ César Vieira

Edição 15 (Dezembro de 1997)

Mestre Esopo e seus bichos muito loucos _____ Anay A. Pinto e Maria Eugénia Di Domenico
 O Testamento do Cangaceiro _____ Chico de Assis
 Eles não usam black-tie _____ Gianfrancesco Guarnieri

Edição 16 (Fevereiro de 1998)

Miss Canil, um Besteiro Infantil _____ Ewa Procter
 Aleijadinho aqui e agora _____ Lafayette Galvão
 O macaco da vizinha _____ J. Manuel Macedo*

Edição 17 (Abril de 1998)

Viagem ao faz de conta _____ Walter Quaglia
 Namoro _____ Índer Miranda Costa
 Uma Rosa para Hitler _____ Roberto Vignati e Greghi Filho
 Pedro e Domitila _____ Ênio Gonçalves

Edição 18 (Junho de 1998)

Chapéu, Chapelão & Cia _____ Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior
 Cala a boca já morreu _____ Luís Alberto de Abreu
 Como se faz um deputado _____ França Júnior*

Edição 19 (Agosto de 1998)

Lampião e Maria Bonita no reino divino _____ Annamaria Dias. Letra/Música Gilda Vanderbrande
 De manhã é mais gostoso _____ Izaías Almada
 Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela _____ Leilah Assunção

Edição 20 (Outubro de 1998)

Os Magos de Belém _____ Gilda Vanderbrande
 Apolo & As super-gatinhas _____ Hermes Altemani & Nery Gomide
 Pedro Mico _____ Antonio Callado
 Você tem medo do ridículo, Clark Gable? Ou Somos o que somos _____ Anay A. Pinto
 Novo Othelo _____ J. Manoel de Macedo*

Edição 21 (Dezembro de 1998)

A lira dos vinte anos _____ Paulo César Coutinho
 O crime da cabra _____ Renata Pallottini
 A receita _____ Jorge Andrade

Edição 22 (Fevereiro de 1999)

Doação faz Quitutes _____ Fábio Gaia
 O Namorador ou A Noite de São João _____ Martins Pena*
 O Líder _____ Lauro César Muniz
 Barbosinha Futebol Crubi _____ César Vieira

Edição 23 (Abril de 1999)

Na Festa de São Lourenço _____ José de Anchieta*
 Guerras do Alecrim e da Manjerona _____ Antônio José, O Judeu*
 Leonor de Mendonça _____ Gonçalves Dias*

Edição 24 (Junho de 1999)

O Noivo _____ Martins Pena*
 A Torre em Concurso _____ Joaquim Manoel de Macedo*
 O Demônio Familiar _____ José de Alencar*

Edição 25 (Agosto de 1999)

Lição de Botânica _____ Machado de Assis*
 Caiu o Ministério _____ França Júnior*
 O Mambembe _____ Arthur Azevedo e José Piza*

*Peças de domínio público.

TINSI
 SÉDEALENCARMACHAL
 EVEDOFRAÇA JUNIOR
 AOTOJEIROJORACYCAMARGO
 JRADESILVEIRASAMPAIONELSON
 ILIODEALMEIDAJORGEANDRADE
 NIERFODUVALDOVIANNAFILH
 SARMUNIZARIANOSUASSUNASÉ
 SGOMESJOÁOBITENCOURT
 APALOTINICONSUELODF
 OISABELC MARAJO
 EBIANTONIÓBIVARM
 TAIDEMARIOPRATA
 JOSÉDEANCHI
 SMARTINSPE
 SÉDEA
 AZEVED
 TAOT
 AP

500 Anos de Dramaturgia Brasileira

